

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

Jessica Gonçalves Santomauro

**Entre o *Ser* e o *Pertencer*:
a Intelectualidade Negra Uruguaia e a Revista *Nuestra Raza* (1933-1948)**

Belo Horizonte

2023

Jessica Gonçalves Santomauro

**Entre o *Ser* e o *Pertencer*:
a intelectualidade negra uruguaia e a revista *Nuestra Raza* (1933-1948)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção de título de Mestre em História

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Regina de Freitas Dutra.

Belo Horizonte

2023

989.5
S237e
2023

Santomauro, Jessica Gonçalves.
Entre o "ser" e o "pertencer". [manuscrito] : a
intelectualidade negra uruguaia e a revista Nuestra Raza
(1933-1948) / Jessica Gonçalves Santomauro. - 2023.
198 f. : il.
Orientadora: Eliana Regina de Freitas Dutra.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. História – Teses. 2. Imprensa dos negros - Teses.
3. Intelectuais - Teses. 4. Uruguai – História - Teses. I. Dutra,
Eliana Regina de Freitas. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"Entre O 'Ser' e O 'Pertencer': A Intelectualidade Negra Uruguaia e A Revista Nuestra Raza (1933-1948)"

Jessica Gonçalves Santomauro

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Eliana Regina de Freitas Dutra - Orientadora
UFMG

Profa. Dra. Ana Frega
Universidad de La Republica UDELAR - UY

Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa
UFMG

Belo Horizonte, 10 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Regina de Freitas Dutra, Professora do Magistério Superior**, em 10/03/2023, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Aparecida Vidal Costa, Professora do Magistério Superior**, em 05/04/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Frega Novales, Usuária Externa**, em 11/04/2023, às 17:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2122103** e o código CRC **46A4B6C4**.

Para Marina, com amor.

Agradecimentos

“Acredito que nascemos filhos dos dias, porque cada dia tem uma história e nós somos as histórias que vivemos...”. Começo esses agradecimentos com uma frase atribuída a Eduardo Galeano pois sei que aqueles que vou citar aqui, merecem dizeres melhores do que eu tenho a oferecer – e acho que o meu escritor favorito é uma ótima escolha de começo. Todo o processo de escrita é solitário, mas o mestrado não se faz só da escrita (felizmente, arrisco dizer!). Então, se essa dissertação foi possível, muitas pessoas foram fundamentais.

Agradeço ao meu pai, Jorge, o argentino mais brasileiro desse mundo, de quem eu herdei um senso de humor peculiar e quem me ensinou a ser curiosa, questionar a vida, a política, a cultura... e que também me ensinou um excelente “portunhol”, muito útil nessa pesquisa. Dentre muitas idas e vindas, cruzando o Rio da Prata de lá para cá, aprendi como o tempo é relativo e que a saudade machuca, mas o reencontro é uma das melhores sensações que existe. E por falar em saudades, agradeço a minha mãe, Luana, que infelizmente não pode acompanhar eu me tornar adulta, me formar, fazer pós-graduação, mas que está em cada detalhe do que eu sei e sou. À minhas irmãs, Nicole e Michele, por estarem em cada etapa da minha vida. Que sorte eu tenho em ter vocês! À minha madrinha, Libéria, que muitas vezes acreditou mais em mim do que eu mesma. Obrigada por ser essa grande inspiração. Aos meus sobrinhos, Daniel e Eduarda, que me mostram como essa geração não tem nada de perdida – ou tem, e qual o problema?

Agradeço de todo o coração a todos os professores que passaram na minha vida: desde a primeira, que me ensinou a segurar um lápis, aos tantos que me acompanharam ao longo da vida, especialmente na graduação em história da UFMG e no programa de pós-graduação em história da mesma instituição. Nesse sentido, primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora, Eliana Dutra, pela inteligência impressionante, o rigor, a sagacidade, mas, principalmente, pela generosidade, compreensão e carinho. À tão querida Regina Horta Duarte, agradeço por tanto que nem caberia em uma frase. À Kátia Gerab Baggio, pelas aulas e conversas maravilhosas que fizeram crescer o meu interesse pela história da América Latina. À Ana Paula Sampaio Caldeira, por me ensinar tanto, por todos os conselhos, orientações e, claro, pela paciência. À Adriane Vidal Costa, por ouvir sobre essa pesquisa desde quando ela era uma semente e que esteve presente em todas as fases dela, até o seu florescer. A outros professores da UFMG, Miriam Hermeto, Cristina Campolina, Heloísa Starling, Luiz Arnout, Rodrigo Patto e tantos outros que nem caberiam em um só texto. Aos professores que estiveram na banca de qualificação, Matheus Fávaro Reis e Adriane Vidal, pelas contribuições fundamentais para a elaboração do texto final e também as professoras que me deram a honra de participar da banca

de defesa, a professora Ana Frega, por quem possuo profunda admiração e, novamente, a professora Adriane Vidal. A secretaria de pós-graduação em história, principalmente ao Maurício, por toda a sua dedicação e paciência, e ao então coordenador Rafael Scopacasa.

Aos amigos Carol, Lucas, Miguel, Léo, Olga, e aos colegas que a UFMG me presenteou e que tanto me ensinaram nesse processo, Júlia Cassão, Leda Batista, Nathalya Ferreira, Marlon Marcelo, Elvis Diana e Thiago Prates. E, claro, não poderia deixar de citar a “dupla de três” desde a graduação, amigas do coração, Giovanna Fernandes e especialmente a minha amiga-irmã, Débora Andrade: entramos juntas na graduação, entramos juntas no mestrado, nos orientamos, nos ajudamos, nos cuidamos, rimos, choramos... E assim será, sempre.

Aos colegas da Fundação João Pinheiro (FJP), lugar onde tive a honra de fazer um estágio ainda na graduação e, depois, já formada, voltar a trabalhar por um período. Meu agradecimento especial a Maria Marta Araújo, a Martinha, por ter me ensinado tanto, sempre de forma tão doce e com extremo profissionalismo. Estendo o meu agradecimento ao Renato Somberg Pfeffer, com quem tive a honra de aprender tanto.

À Universidade Federal de Minas Gerais, que me acolheu, foi meu lar e transformou a minha vida. Vida longa e próspera à universidade pública e para todos! Agradeço, ademais, ao projeto de extensão Revista Varia Historia (UFMG), que mudou o rumo da minha graduação e pós-graduação. Ao projeto Brasiliana (UFMG) e a Coleção Mineiriana (FJP). Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que me cedeu uma bolsa do mestrado; A Biblioteca Nacional de Uruguay, por todo o material – afinal, essa dissertação foi desenvolvida, em boa parte, a distância em razão da pandemia mundial de Covid-19, e tudo precisou ser recalculado.

Essa dissertação fala sobre uma coletividade incrível, transformadora, da qual eu sou extremamente grata por me permitir contar nem que seja um pedacinho de sua história.

E por último, a Marina, por simplesmente ser quem é. Por todo o amor, companheirismo, confiança, conversas e cuidado. Como cantou Chico, “serás o meu amor, serás a minha paz”. Essa dissertação foi por e para você. Para você e para os que ainda vão vir.

E a cada um que dedicar um pouco do seu tempo para ler, a minha sincera gratidão.

*Deixo entregue aos bambas de verdade
Que estão nos morros da cidade
Peço a benção pra passar...*

Maria Rita, Samba meu.

*No te olvides que a nosotros hemos sido combatidos siempre.
No te olvides que a nosotros nos costó mucho llegar a ser
alguien acá. Porque hemos sufrido desprecios, hemos
sufrido todo ese problema que no lo entiendo ni lo entenderé
jamás.*

Lágrima Rios in Porzecanski & Santos, 2006.

Resumo

Essa dissertação se propõe a pensar, a partir da revista *Nuestra Raza*, produzida por intelectuais negros uruguaios na primeira metade do século XX, de que forma os ativistas intelectuais envolvidos nesse projeto político, social e cultural, reunindo demandas de um movimento já existente desde o século XIX, buscavam contrariar o discurso vigente no período em que o Uruguai seria composto apenas por um crisol de “raças brancas”, e que tentava ignorar a presença e contribuição da população negra na construção nacional. Esse grupo buscava, ademais, melhorar cultural, política, econômica e socialmente a situação da coletividade negra no país. *Nuestra Raza* aparece, então, como um espaço de convergência das muitas ações de um grupo articulado que, para além da mudança social de seus pares, tentava incluir o passado e presente negro no repertório nacional. Tornou-se, desse modo, um espaço capaz de reunir intelectuais negros uruguaios, internacionais, além de ter sido berço de uma das mais importantes ações políticas realizadas pelo movimento intelectual negro uruaio no século XX: a criação de partido político próprio. Nesse sentido, pretendo mostrar o que precedeu a revista e proporcionou a sua criação, seu círculo de ativistas, o que diziam suas páginas, bem como analisar de que forma esse movimento intelectual negro, utilizando das pautas colocadas pelo próprio projeto republicano uruaio, tentou alcançar transformações da realidade em que viviam.

Palavras-chave: revista *Nuestra Raza*; imprensa negra; Uruguai; América Afro-Latina. intelectualidade negra; movimento intelectual negro.

Resumen

Esta disertación tiene como objetivo reflexionar sobre cómo los activistas intelectuales involucrados en el proyecto político, social y cultural de la revista *Nuestra Raza*, producida por intelectuales negros uruguayos en la primera mitad del siglo XX, buscaron contradecir el discurso prevalente de la época, que afirmaba que Uruguay estaba compuesto únicamente por un crisol de “razas blancas” e intentaba ignorar la presencia y contribución de la población negra en la construcción nacional. Además, este grupo buscaba mejorar la situación cultural, política, económica y social de la comunidad negra en el país. *Nuestra Raza* surgió como un espacio de convergencia de muchas acciones de un grupo articulado que, más allá del cambio social de sus pares, intentaba incluir el pasado y el presente negro en el repertorio nacional. Se convirtió en un espacio capaz de reunir a intelectuales negros uruguayos e internacionales, y fue la cuna de una de las acciones políticas más importantes llevadas a cabo por el movimiento intelectual negro uruguayo en el siglo XX: la creación de su propio partido político. En este sentido, intento mostrar lo que precedió a la revista y llevó a su creación, su círculo de activistas, lo que decían sus páginas, y cómo este movimiento intelectual negro, utilizando la agenda establecida por el proyecto republicano uruguayo, intentó lograr transformaciones en la realidad en que vivían.

Palabras clave: Revista *Nuestra Raza*. Prensa negra. Uruguay. América Afro-Latina. Intelectualidad negra. Movimiento intelectual negro.

Abstract

This dissertation aims to reflect on how the intellectual activists involved in the political, social, and cultural project of the magazine *Nuestra Raza* produced by Uruguayan black intellectuals in the first half of the 20th century sought to contradict the prevalent discourse of the period, which claimed that Uruguay was composed only of a melting pot of “white races” and tried to ignore the presence and contributions of the Black population in national construction. Additionally, this group aimed to improve the cultural, political, economic, and social situation of the Black community in the country. *Nuestra Raza* emerged as a space of convergence of many actions of an articulated group that, beyond the social change of their peers, tried to include the Black past and present in the national repertoire. It became a space capable of bringing together Uruguayan and international Black intellectuals and was the cradle of one of the most important political actions carried out by the Uruguayan Black intellectual movement in the 20th century: the creation of their own political party. For this reason, I intend to show what preceded the magazine and led to its creation, its circle of activists, what its pages said, and how this Black intellectual movement, using the agenda set by the Uruguayan republican project, attempted to achieve transformations in the reality in which they lived.

Keywords: *Nuestra Raza* magazine. Black press. Uruguay. Afro-Latin America. Black intellectuality. Black intellectual movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - 1ª edição do jornal <i>La Conservación</i>	50
Figura 2 - Anúncio do jornal <i>La Acción</i> feito em <i>Nuestra Raza</i>	57
Figura 3 - Texto publicado no periódico <i>Acción</i> anunciando uma campanha para novos sócios no Centro Uruguay.....	58
Figura 4 - Trecho distribuído nas páginas do periódico, convidando os <i>conrazaneos</i> a associar-se ao Centro e a trazer novos sócios.....	58
Figura 5 - Outro trecho convidando os <i>conrazaneos</i> a associar-se ao Centro e a trazer novos sócios..	59
Figura 6 - Capa da <i>Revista Uruguay</i>	60
Figura 7 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i>	69
Figura 8 - Monumento al “Aguatero”	73
Figura 9 - Página da edição n. 01 da revista <i>Nuestra Raza</i> em sua primeira fase	79
Figura 10 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i> com uma das caricaturas de Méndez	85
Figura 11 - Editorial do periódico <i>Acción</i> prestando uma homenagem aos dois anos da revista <i>Nuestra Raza</i> , descrita como a cabeça, guia do movimento	87
Figura 12 - Nota publicada na primeira edição do periódico <i>Orientación</i>	88
Figura 13 - Propaganda nas páginas de <i>Nuestra Raza</i> de um dos empreendimentos de Méndez	89
Figura 14 - Cobrança aos assinantes da revista <i>Nuestra Raza</i> que estavam inadimplentes	90
Figura 15 - Propaganda de Sandálio de Puerto, colaborador de <i>Nuestra Raza</i>	90
Figura 16 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i> , caricatura feita por Mario Rufino Méndez	94
Figura 17 - Chamada entre um artigo e outro da revista	98
Figura 18 - Texto exaltando um <i>conrazaneo</i> por seu triunfo educacional	100
Figura 19 - Booker Washington estampando a capa da revista.....	101
Figura 20 - A imagem Lino Suárez Penã acompanhada de um texto o parabenizando por sua ascensão no trabalho.....	104
Figura 21 - Outro trecho apresentando a ascensão no trabalho por membros da coletividade	104
Figura 22 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i> , parte da série “los abolicionistas”	107
Figura 23 - Valorização por parte da revista <i>Nuestra Raza</i> ao <i>conrazaneo</i> que triunfa nos estudos... ..	112
Figura 24 - Anúncio do lançamento da antologia de Nancy Cunard	117
Figura 25 - Trecho antes da transcrição do texto de Nancy Cunard	117
Figura 26 - Capas com a imagem de Guillén, à esquerda e de Hughes, à direita.....	119
Figura 27 - Trecho anunciando o retorno de <i>El Iris</i> , de Maurício Obelar	122
Figura 28 - Ato cultural envolvendo a obra de Jorge Amado	130
Figura 29 - Capa com a imagem e pequena biografia de Rene Maran.....	131
Figura 30 - Anúncio de quando a revista <i>Rumbos</i> começa a circular	132
Figura 31 - Anúncio de Pilar Barrios como colaborador do periódico <i>Acción</i>	133

Figura 32 - Nota com algum dos colaboradores do periódico <i>Acción</i> em 1947.....	133
Figura 33 - Poema de Pilar Barrios para o periódico <i>Orientación</i>	134
Figura 34 - Anúncio do lançamento do livro <i>Piel Negra</i> , de Pilar Barrios	134
Figura 35 - Anúncio de que Mario Méndez havia sido eleito o primeiro presidente da Casa de la Raza	140
Figura 36 - Texto que anuncia o Comité Central Ejecutivo da nova entidade política: o Partido Autóctono Negro.....	149
Figura 37 - Trecho da revista com a circular de aceitação do registro do PAN na Corte Eleitoral.....	151
Figura 38 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i> número 44.....	154
Figura 39 - Capa da revista <i>Nuestra Raza</i> trazendo o folheto com os candidatos do PAN	156
Figura 40 - Trechos convocando os leitores de <i>Nuestra Raza</i> a votar	157
Figura 41 - Outro trecho estimulando os leitores da revista <i>Nuestra Raza</i> a votarem nos candidatos do PAN.....	157
Figura 42 - Coluna dedicada ao <i>Nueva Vida</i>	167
Figura 43 - Exemplo de coluna dedicada a divulgações dos Centros Sociales	168

LISTA DE SIGLAS

AIAPE/A.I.A.P.E. -	Agrupación de Intelectuales, Artistas, Profesionales y Escritores
ACSU -	Asociación Cultural y Social Uruguay
ACSUN -	Asociación Cultural y Social Uruguay Negro
BNU -	Biblioteca Nacional de Uruguay
CIAPEN/C.I.A.P.E.N. -	Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros
FNB -	Frente Negra Brasileira
OMA -	Organizaciones Mundo Afro
PAN -	Partido Autóctono Negro
PIC -	Partido Independiente de Color

LISTA DE MAPAS

Mapa da região pesquisada	195
---------------------------------	-----

SUMÁRIO

Introdução	17
 Capítulo I – Os <i>outros</i> uruguaios	34
1.1. Uma nova forma de ver o mundo e a construção da cidadania da população negra	35
1.2. Um debate possível: o associativismo e a “imprensa negra”	47
1.3. A “nação branca” e a “população negra”	62
 Capítulo II – Nuestra Raza: uma revista cultural, política e social	75
2.1. “De la raza, por la raza y para la raza”. O nascimento da revista e seu contexto	76
2.2. O que diziam essas páginas	97
2.2.1. Educação: a favor da instrução coletiva e contra o analfabetismo	97
2.2.2. O mundo do trabalho	103
2.2.3. A (re)construção da memória	105
2.2.4. A cultural intelectual, as artes e a participação política	108
2.2.5. Aquilo que é fundamental: a raça	110
2.3. Caminhos letrados: um pequeno mapa dessa rede intelectual	113
 Capítulo III – Ativismo em movimento: a construção de espaços diversos	136
3.1. Uma “Casa” para toda “la raza”	137
3.2. Das páginas, para as urnas: o Partido Autóctono Negro	145
3.3. Comitês, clubes sociais, bailes e círculos culturais	161
 Considerações finais – Não é sobre fins, é sobre começos	173
 Fontes e Referências Bibliográficas	180
Mapa	195
Anexos	196

Introdução

*Con mi candombe te evoco,
Con mi candombe te canto
Porque hoy los negros son libres
En esta tierra Oriental.*

Trecho do poema “Navidad Palermitana”, de **Virgínia Brindis de Salas**.

Ao passar pelos bairros montevideanos Sur e Palermo¹ em dias festivos, é comum ouvir os sons do candombe uruguaio. Tocado especialmente, mas não exclusivamente, durante a época do carnaval, o candombe é uma expressão cultural e artística que foi fundamental para a resistência da cultura negra no país. Em 2006, uma lei uruguaia instaura o Día Nacional del Candombe, la Cultura Afrourugaya y la Equidad Racial, e, de acordo com Lamborghini (2015), em 2009, a data é reconhecida por órgãos internacionais, como a UNESCO. O candombe, se apropriando de elementos nacionais e africanos, tornou-se um dos grandes símbolos do país, levando turistas de toda a parte do mundo para prestigiar os seus desfiles. É curioso pensar que uma Nação, que por tanto tempo buscou ser representada como “branca” e europeia, atualmente, tem como um de seus principais símbolos culturais uma manifestação de raiz “negra” e africana. Mas a história da comunidade negra no Uruguai vai muito além do candombe.

A presença forçada dos africanos e seus descendentes na região do Rio de la Plata, tal como indica Gustavo Goldman (2015), se deu a partir do último terço do século XVIII, e transformou consideravelmente a estrutura social e econômica da região. Após a abolição da escravidão, no entanto, a postura do país foi de tentar ignorar a presença da população negra: reconheciam que estiveram ali no passado, mas ignoravam boa parte de suas contribuições e não os incluíam na construção das narrativas nacionais.

Há poucos anos, na busca por informações sobre a poesia negra da América Latina, encontramos Virgínia Brindis de Salas, mulher negra e uruguaia, que teria sido a primeira autora negra latino-americana a publicar um livro no país, em 1946. Instigados por sua obra e história, decidimos nos aprofundar nas produções intelectuais da comunidade negra do país, assunto, até então, praticamente desconhecido por nós. Foi quando nos deparamos com uma larga produção cultural, artística e uma trajetória de periódicos que datavam desde o século XIX, além de

¹ Sur e Palermo, juntamente com Cordón, são os bairros de Montevideu em que historicamente residem a maior parte da população negra da capital. Ver: CHAGAS, STALLA & BORUCKI (2012).

manifestações políticas pioneiras dentro dessa comunidade. Nessas pesquisas, descobrimos que a primeira metade do século XX, segundo o pesquisador George Reid Andrews (2010), foi uma das mais intensas e produtivas do movimento racial uruguaio. Tratando-se da imprensa negra, se equiparada a outros países da América, proporcionalmente, como apresenta Andrews, foi uma das maiores atrás apenas de Cuba e Brasil. De acordo com o pesquisador Nei Lopes, já no século XIX, o país viu surgir uma combatente imprensa negra que lutava pelos direitos de sua comunidade (LOPES, 2004). Dentre essas produções, a que mais nos chamou a atenção, até por ter Brindis de Salas como colaboradora, foi a revista *Nuestra Raza*. Por conseguinte, decidimos que pesquisariamos acerca dessa comunidade intelectual tão rica, entendendo suas origens e lutas.

Esse texto se propõe, portanto, a apresentar um estudo acerca dessa comunidade durante a primeira metade do século XX, mais precisamente o seu ativismo intelectual. Para tanto, nosso principal suporte documental foi a revista cultural *Nuestra Raza*, ponto nuclear de um projeto político, social e cultural do movimento intelectual negro uruguaio. Percebemos que essa revista, além de ser interessante para analisar os homens e mulheres envolvidos em seu desenvolvimento, fundou um importante espaço à atuação de um movimento de intelectuais negros e negras que utilizavam de suas publicações para dar visibilidade a uma agenda cultural e política. Por meio dela, também, se propuseram a lutar pela inserção dos negros na sociedade uruguaia, contrariando o discurso histórico “oficial” estabelecido de que o país seria composto por uma nação integralmente branco-europeia, e que ignorava as contribuições e presença dos negros, e também dos indígenas, no decorrer da história nacional. A revista aparece, então, não somente como um veículo de reivindicações, mas como um espaço de convergência das muitas forças de atuação dentro desse grupo articulado e com um largo histórico de lutas dentro da sociedade uruguaia, em diálogo com as pautas colocadas pela própria nação.

A partir do estudo de *Nuestra Raza*, pensando em seus integrantes e na rede envolvida nesse projeto, outros jornais e revistas que participavam desse círculo intelectual, bem como nos espaços criados ao redor de sua produção, o que sustentamos é que a revista foi um espaço político, um lugar de atuação de intelectuais negros articulados, que carregava um histórico de lutas dentro da sociedade e que foram visibilizadas pelas páginas do periódico. Por meio da análise dessa produção, o que esperamos poder demonstrar é que uma das principais estratégias desse grupo para alcançar um lugar no imaginário simbólico da nação, foi apresentar uma agenda cultural que apoiasse a melhoria de vida da população negra por meio de diversas atividades: culturais, clubes sociais, associações, bailes, comitês e festividades. O tema

principal da dissertação é, portanto, a articulação e atuação desses intelectuais negros que podem ser observadas a partir desse espaço-revista.

Para isso, inicialmente foi preciso compreender de que forma a comunidade negra se fez no Uruguai, o espaço que ocupava, suas formas de organização e resistência. Dentro dessa lógica, observar, também, os nexos do projeto republicano no país, pensando como essa comunidade, outrora escravizada, faria parte daquela sociedade que ajudaram a construir; destacar que o projeto político, social, cultural e racial que encontrará *Nuestra Raza* como ponto de centralização de muitas ações, vem de um histórico de lutas dentro da comunidade negra no país que utilizava dos próprios caminhos nacionais, tal como a educação, para constituir o seu espaço de legitimidade.

A produção de um periódico no começo do século XX, ao mesmo tempo em que era fundamental para estabelecer um diálogo com a sociedade, era algo custoso e complicado, especialmente em um setor que sofria diversos preconceitos e que, em sua maioria, estava marginalizado economicamente. Mais difícil ainda do que produzir o material, era fazer com que essa produção circulasse, fosse lida, debatida e que durasse um tempo mínimo. Diversos jornais e revistas foram publicados pela comunidade negra uruguaia entre os anos 1900 e 1950. Poucos, no entanto, tiveram vida longa, o que também diz muito sobre nossa fonte principal.²

Outra forma interessante de pensar nesse ativismo intelectual foi analisar como *Nuestra Raza* congregava e dava visibilidade a distintos espaços de atuação, feitos por uma comunidade heterogênea de pensamentos político, culturais e que ocupavam espaços variados dentro da sociedade uruguaia, mas que tinham em comum a experiência do racismo e da exclusão. Quais são essas muitas linhas de atuação? Como se relacionavam com a proposta do projeto *Nuestra Raza*? E de que forma elas vão aparecer em suas páginas? Nos interessa observar, então, que a Agrupación *Nuestra Raza* possuía uma pauta política de cunho racial e social, que existia sob a liderança de um grupo destacado de intelectuais que atuavam nas mais diversas áreas.

O projeto da revista, publicada principalmente em Montevideu, durou aproximadamente quinze anos e pode ser dividido em duas fases. Fundada pelos irmãos Barrios em 1917, a revista nasceu na cidade de San Carlos, departamento de Maldonado, circulando por alguns meses e

² Em um levantamento feito por María Cristina Burgueño (2018), só nesse período destacaram-se as produções: *El Eco del Porvenir* (1901), *La Propaganda* (1911-1912) *La Verdad* (1911-1914), *Vanguardia: Órgano defensor de los Intereses de la Raza Negra* (1928-1929), *Nuestra Raza* (1917 e 1933-1948), *Acción* (1934-1935 e 1944-1952), *Rumbos* (1938-1945), *Ansina* (1939-1942), *Orientación* (1941-1945), *Rumbo Cierto* (1944-1954) e *Revista Uruguay* (1945-1948).

encerrando suas atividades no mesmo ano. Foi retomada em sua segunda fase, em 1933, dessa vez na capital do país, onde circulou sem interrupções até 1948. Nesse momento, podemos observar o ecletismo do grupo envolvido no projeto e suas publicações. É principalmente durante a segunda fase, que demonstramos as principais formas de atuação do grupo, uma vez que a rede se amplia e se internacionaliza. Por meio dessa revista, vimos nascer as mais diversas frentes políticas, culturais e sociais desse grupo, como a criação da Casa de la Raza e do Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N.). Além disso, *Nuestra Raza* foi o palco principal da criação do Partido Autóctono Negro (PAN), o terceiro partido político negro criado na América Latina.³

Nuestra Raza foi a revista de maior duração em seu período, sendo editada por um grupo de intelectuais negros, homens e mulheres, os quais já possuíam experiência dentro do ramo das publicações. Seus debates cruzavam as fronteiras nacionais, sendo profundamente internacionalistas e preocupados com a questão da “raça negra” em todo o mundo, especialmente na Europa Ocidental e países da América, com destaque para Estados Unidos, Cuba, Haiti, El Salvador, Brasil e Argentina. Além disso, a revista resgata uma ancestralidade africana, reconhecendo o continente como a origem da comunidade negra do país, bem como o defendendo de simplismos, generalizações e preconceitos, a exemplo da argumentação – comum no período – de que o continente seria uma “terra de selvagens”, que precisariam ser “civilizados”.

O recorte temporal escolhido para esta pesquisa foi o tempo de duração da revista, entre 1933 e 1948. Ainda que a revista tenha sido publicada em duas fases, sendo a primeira em 1917, entendemos que as discussões principais que buscamos trazer vão ser concretizadas em sua segunda fase. Isso não descarta a presença e importância da primeira ao longo de texto: foi ali que os editores construíram o projeto e iniciaram a rede de colaboradores. Além disso, a escolha de manter o nome, mesmo com um intervalo de dezesseis anos entre as fases, indica que tentaram preservar a memória daquele periódico. No Uruguai, o período delimitado foi intenso; foi um momento de modernização do país, viveu sob dois governos ditatoriais – o primeiro, comandado por Gabriel Terra e o segundo, por Alfredo Baldomir – e, no âmbito internacional, enfrentou as consequências da quebra da bolsa de valores em Nova York, além de ter abarcado a Segunda Guerra Mundial do início ao fim.

³ A saber, os dois primeiros foram o cubano Partido Independiente de Color (1908-1912) e a Frente Negra Brasileira (1931-1938), dos quais falaremos um pouco no capítulo 3. Ver: (ANDREWS, 2010).

Esse período também foi um momento muito importante na história do movimento racial no país. De acordo com Eduardo Palermo (2019), citando Martín Delgado Cultelli, o movimento negro no Uruguai dos anos 1930 floresceu com a resistência ao fascismo. Ainda na esteira de Delgado Cultelli (2018), o autor descreve que o ativismo da década de 1930, que durou um pouco além do fim dela, até aproximadamente 1944, foi um dos períodos de maior fermentação do ativismo negro até a década de 1990. O que observamos ao longo da dissertação é que são as páginas da revista *Nuestra Raza*, que compreende em todo o recorte feito por Delgado Cultelli, que vão mostrar muitos dos passos dados pelo movimento intelectual negro.

Para trabalhar com a revista e pensar no grupo envolvido em seu projeto, o qual muitas vezes utilizamos a nomenclatura dada por eles mesmos, “Agrupação Nuestra Raza”, é preciso fazer algumas considerações. A primeira e mais fundamental é saber que se trata de um grupo minoritário – e de pensamentos e correntes políticas heterogêneas – dentro da comunidade negra do país. Ao longo da dissertação, esperamos conseguir demonstrar que são indivíduos, os quais ocupavam uma posição econômica distinta em relação à maioria da população negra e que se propunham a falar pela comunidade. Isso, de forma alguma, diminui o valor dessas produções: suas demandas condensavam a maioria das necessidades da população proveniente da diáspora africana no país.⁴ É muito importante reforçar que a história da comunidade negra uruguaia não começa e nem termina apenas na imprensa negra, mas seu estudo permite observar uma das vias que esse movimento articulou para lutar pela inclusão social, além de entrar na disputa de narrativa nacional aberta no período.

Sobre a “imprensa negra” no Uruguai, utilizamos neste trabalho, além da revista *Nuestra Raza* em suas duas fases, fonte principal, alguns outros periódicos produzidos na época, ou um pouco antes, que nos ajudaram a compreender quem é o público intelectual leitor dentro da comunidade negra uruguaia, e os diálogos entre as publicações e ações desses intelectuais. Essas outras publicações, que ademais, nos permitem encontrar o rastro das muitas instituições e organizações realizadas por esse grupo, são as que chamamos de fontes complementares e foram fundamentais para sustentar o argumento central.

⁴ Paul Gilroy (2002) traz a noção de diáspora como um processo multifacetado. Originalmente, ela foi usada para tratar da dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, o mesmo termo é usado para referir-se aos movimentos de povos africanos dentro ou fora do continente (Santos, 2008). Apesar de não ser um termo utilizado na época, o conceito de diáspora africana aparecerá, ao longo do texto, pensando no fenômeno da imigração forçada de indivíduos do continente africano para outras partes do mundo com a finalidade de estabelecer regimes escravistas entre os séculos XV e XIX.

Dentre as muitas opções, por se tratar de um período em que a imprensa negra estava muito ativa no país, foram consultadas algumas outras fontes a que tivemos acesso. Uma delas foi o jornal *La Conservación*, de 1872, única produção anterior ao período estudado, cuja publicação foi a primeira de que se teve notícia, feita pela população negra do país. A leitura de *La Conservación* é fundamental para que pensássemos não só na origem da chamada “imprensa negra”, mas das demandas da classe intelectual da comunidade. Outras fontes foram o periódico *La Propaganda* (1911-1912), que nos trouxe a luta por um espaço social e a ideia da Casa de La Raza, concretizada nas páginas da revista *Nuestra Raza*; a *Revista Ansina* (1939-1942), publicação anual que reunia homenagens ao soldado de mesmo nome, herói da população negra do país, e que trazia textos e entrevistas dos mais seletos membros da comunidade intelectual negra; a revista *Acción* (1944-1952), uma das únicas listadas não produzida em Montevideu, e que mantinha um laço estreito com a *Nuestra Raza*, assim como sua “revista irmã”, que também será citada, *Orientación* (1941-1945); e a *Revista Uruguay* (1946-1948), órgão oficial da Asociación Cultural y Social Uruguay (ACSU) e que me permitiu, juntamente com *Nuestra Raza*, encontrar informações sobre o C.I.A.P.E.N.⁵

Evidentemente todo o estudo feito com as fontes complementares receberam o mesmo rigor de investigação que a fonte principal, mas vale ressaltar que não é o objetivo principal desconstruir essas fontes da mesma forma com que fizemos com a *Nuestra Raza*. Foram utilizadas, como o nome já indica, para complementar o argumento principal. Além das publicações, algumas outras fontes também foram trabalhadas, como o *El libro del Centenario del Uruguay*, produzido, publicado e vendido entre 1925 e 1930. Ele apresenta um pensamento comum da sociedade uruguaia naquele período e algumas leis que explicam a posição e reconhecimento estatal acerca da população negra do país.

Trabalhar com uma documentação em língua espanhola, especialmente que as trazem alguns erros tipográficos e gramaticais, se tratando de alguns periódicos, foi um desafio. Optamos por fazer a atualização da pontuação e correção de palavras escritas erroneamente, sempre sinalizando qualquer alteração feita por mim. Diferente das citações de obras que traduziremos livremente ao longo do texto, sempre deixando isso evidente, escolhemos por manter todas os trechos retirados de jornais e revistas da época em seu idioma original nas notas

⁵ Dos periódicos citados, possuímos a coleção completa de *La Conservación* em sua fase única; da *Revista Ansina*, em seus quatro volumes. De *Acción*, periódico melense, possuímos a coleção praticamente completa em todas as suas fases. De *Orientación*, também da cidade de Melo, a coleção praticamente completa. Da *Revista Uruguay*, a coleção completa. O único dos citados que possuímos apenas algumas unidades é o periódico *La Propaganda*.

de rodapé. Fizemos a mesma opção em todas as fontes primárias. A escolha se deu para manter a linguagem da época, e também para não correr o risco de fazer traduções ou modificações nas falas desses sujeitos que pudessem perder o sentido próprio de seu idioma original. Apresentar as duas versões, original e traduzida, portanto, é uma tentativa de permitir ao(a) leitor(a), se for de sua vontade, fazer a análise da fonte em sua língua de partida, uma vez que toda tradução exige alguma adaptação de sentido. Ao mesmo tempo, a opção pela tradução foi feita para que o público leitor brasileiro não encontre dificuldades na hora de ler o texto completo.

Ainda sobre as citações, normalmente foram transcritas, porém, em alguns casos, optamos por incluir o texto original em forma de imagem, tanto para não ficar cansativo, quanto para trazer para as páginas da dissertação as revistas trabalhadas. Estas, as imagens, virão sem tradução. A maioria das imagens das revistas, fotografias, dentre outras, foram colocadas ao longo do texto em vez de apresentá-las apenas no final, em forma de anexos ou apêndices documentais. Isso foi feito por escolha metodológica, uma vez que acreditamos ser mais fluida a leitura se colocado dessa forma.

O trabalho com a imprensa negra do Uruguai traz outro desafio à parte: o material não era de tão fácil acesso. Quando iniciamos a pesquisa do mestrado, em 2019, a coleção da *Nuestra Raza* ainda não estava disponível digitalmente. Para acessá-la, era preciso ir à Biblioteca Nacional de Uruguay (BNU), no ano seguinte, porém, o mundo foi atravessado por uma pandemia, e assim, a viagem para o Uruguai tornou-se impossível. Felizmente, com a ajuda de pesquisadores locais, conseguimos ter acesso a todo o material, que agora se encontra digitalizado, em suas duas fases, no site da BNU. Fora a *Nuestra Raza*, alguns outros periódicos estão disponíveis digitalmente. Além do site da BNU, foi fundamental o site *autores.uy*, não só por apresentar informações sobre os colaboradores, mas por conter alguns materiais fundamentais,⁶ bem como o site *Anáforas*, organizado pela Facultad de Información y Comunicación – Instituto de Comunicación. Também merecem destaque o site da *Casa de la Cultura Afrouruguaya*, que contém diversos materiais, livros e informações.⁷

Outra informação encontrada na BNU, e que muito nos diz sobre a história da *Nuestra Raza*, é a data de quando as revistas foram disponibilizadas para consulta. Segundo

⁶ Existe um detalhe sobre o site que vale ser destacado: apesar de apresentar autores e muitos conteúdos interessantes, como citado, a maioria dos autores negros não estão catalogados. Isso também diz muito sobre o processo de invisibilidade da comunidade negra no país.

⁷ A Casa de la Cultura Afrouruguaya, de acordo com o próprio site, é uma instituição sem fins lucrativos que promove a contribuição histórica da comunidade negra, por meio da sua valorização, do seu conhecimento e da divulgação do seu acervo histórico. Disponível em: <<https://casaafrouguaya.org/>>.

informações, o material entrou no catálogo da biblioteca perto da sua época de produção, mas só foi digitalizada recentemente, diferente de diversos outros materiais que já se encontravam digitalizados. Certamente isso se deu em razão de que, atualmente, as pesquisas acerca da comunidade negra no país têm aumentado muito, por isso, a demanda por esse material se tornou maior.

A produção acadêmica acerca da história e trajetória da população negra no Uruguai tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Ainda que o assunto tenha sido trabalhado desde o começo do século XX, tendo como pioneiro no tema o escritor Ildefonso Pedra Valdés, só nos últimos anos isso tem sido debatido de maneira mais ampla e atravessado as fronteiras do país. Alex Borucki (2006) descreve que a bibliografia sobre a escravidão e os afrodescendentes é de larga data, extensa, mas que não foi incorporada ao *corpus* da historiografia uruguaia.⁸ De acordo com Borucki, Ildefonso Pedra Valdés⁹ foi o primeiro pesquisador uruguaio que analisou as rotas do tráfico de escravos e as formas de chegada dos africanos no país (2006, p. 312). Suas produções históricas começam a ganhar corpo nos anos 1930.

Ao pensar nas primeiras produções escritas acerca do tema “raça negra”, no Uruguai, é interessante pontuar as que foram feitas pela própria comunidade e que datam do começo do século XX, como os artigos escritos por Elemo Cabral e Marcelino Bottaro, que compuseram o livro *Negro*, uma antologia publicada em 1934 por Nancy Cunard, e o manuscrito de Lino Suárez Peña, *Apuntes y datos referentes a la raza negra en los comienzos de su vida en esta parte del Plata*, publicado em 1924, cuja intenção era de repensar a contribuição dos negros para a formação da nação (RODRÍGUEZ, 2019). Esse trabalho foi importante para que esse autor pudesse pensar no folheto que seria produzido por ele alguns anos mais tarde, em 1933, *La raza negra en el Uruguay. Novela histórica de su paso por la esclavitud*. Dos três nomes citados, um foi o diretor de *Nuestra Raza* e os outros dois, colaboradores.

⁸ Cabe ressaltar uma informação importante trazida pelo autor a respeito da historiografia. Durante as primeiras décadas do século XX, a historiografia sobre a escravidão e os negros enfrentou os mesmos problemas que afetavam todos os estudos históricos no Uruguai: não existiam espaços acadêmicos de formação em História naquele período, o que fez com que a tarefa de historicizar o passado fosse feita de forma artesanal. Dessa forma, prossegue o pesquisador, surgiram autores que tinham alguma formação em profissões liberais ou na prática intelectual e que estavam vinculados a partidos políticos. Borucki ainda acrescenta que o campo historiográfico foi parcialmente modificado nas décadas de 1940 e 1950, quando surgiram no Uruguai historiadores semiprofissionais que abordavam o passado para “resgatar” a identidade nacional, promovida e apoiada pelo Estado. (BORUCKI, 2006, p. 311).

⁹ Sobre esse autor, trataremos um pouco mais adiante.

Acerca de historiografias mais recentes sobre a população negra no Uruguai, nos parece interessante citar algumas referências, até como forma de localizar onde pretendemos contribuir com essa dissertação. A professora Ana Frega é uma dessas referências. Frega organizou eventos e publicou importantes e pioneiros estudos sobre a população negra no país, abrindo portas para diversos outros investigadores da área, trabalhando, inclusive, com outros pesquisadores referência no tema, como Karla Chagas, Natalia Stalla e Alex Borucki, sendo este último, fundamental para compreender a historiografia dos negros no Uruguai. Seus trabalhos mais conhecidos são voltados, principalmente, para o século XIX, especialmente no que diz respeito à escravidão na Região do Rio da Prata, cidadania, trabalho e identidades negras.

Foi Alex Borucki quem escreveu, em 2006, o artigo citado anteriormente, o qual recorreu à produção historiográfica sobre os membros da diáspora africana no Uruguai desde os anos 1930. Isso nos permitiu perceber que pouco citar a presença dos negros na história nacional, não se deu apenas por uma falta de produção de livros, trabalhos, pesquisas – os quais, conforme demonstrado, e embora não fosse muitos, são produzidos desde o começo do século XX –; mas, sim, por outras questões, como a construção de uma identidade baseada em padrões estabelecidos por uma época ainda bastante influenciada pelo racismo científico. E, mais, que entendia que quanto mais branca e eurocêntrica fosse, mais civilizada seria aos olhos do mundo.

Alex Borucki, além disso, juntamente com Florencia Thul Charbonier, coordenou o dossiê “Afrodescendencia, cultura y sociedad en el Cono Sur, 1760-1960”, publicado na revista *Claves – Revista de Historia*, em 2019. O dossiê contou com oito artigos, sendo alguns deles produzidos por nomes importantes na bibliografia referente ao estudo da comunidade negra no Uruguai, como Hernán Rodríguez, María Elena Oliva e Mónica García Martínez.¹⁰ Nos artigos dos três autores citados, todos trabalham, de alguma forma, com os integrantes ou com a revista *Nuestra Raza*, mas não é a intenção de nenhum deles realizar o que propomos nessa dissertação:

¹⁰ Rodríguez, além do artigo, possui muitos outros trabalhos sobre o tema, com destaque para a tese *Revolviendo los escombros del pasado: usos del pasado e identidad en el discurso de los letrados negros de Montevideo (1872-1901)*, defendida na Universidad de la República (UDELAR), em que o pesquisador se propõe a analisar, a partir do estudo de determinados jornais, como os letrados negros utilizaram do passado para produzir as representações identitárias que moldaram a comunidade negra que imaginaram (Rodríguez, 2018, p.VI). Oliva, por sua vez, oferece uma bibliografia para pensar os intelectuais descendentes de africanos na América Latina. Já García, produziu alguns trabalhos voltados à imprensa negra, como o artigo “Autodesignaciones de las y los afrouuguayos en su prensa (1872-1952)”, publicado em 2018, e sua tese, *La identidad afrodescendiente en los periódicos de Montevideo y Buenos Aires a fines del siglo XIX*, defendida em 2014 na Universidad Nacional Autónoma de México.

analisar o ativismo político e social da comunidade negra no Uruguai por meio da revista *Nuestra Raza*.

O pesquisador norte-americano George Reid Andrews também é uma importante referência sobre a temática racial no Uruguai, especialmente com a obra *Afro-Latin America (1800-2000)*, publicada em 2004 e com o trabalho *Blackness in the white nation. A history of Afro-Uruguay*, publicado em 2010. O livro é uma das mais importantes obras sobre o assunto, particularmente no que diz respeito à produção intelectual da comunidade negra. Além dele, também cabe destacar Alejandro Gortázar, pesquisador importante para tratar do assunto da raça no Uruguai – inclusive para pensarmos nas publicações produzidas pela comunidade –, assim como da presença da comunidade negra na literatura uruguaia. Outra importante referência é Gustavo Goldman, particularmente no que diz respeito aos tipos de sociabilidade associativa em que participaram os descendentes de africanos na região do Rio da Prata.

As pesquisas referentes à comunidade negra uruguaia, sobretudo aquelas que dizem respeito ao que chamamos de movimento intelectual negro no país conta, ademais, com outros nomes importantes, como o professor Eduardo Palermo, que em 2019 escreveu um importante artigo sobre a relação do Partido Autóctono Negro (PAN) e a revista *Nuestra Raza*.¹¹ Ao estabelecer essa relação entre o partido e a revista, bem como outros importantes dados trazidos pelo autor, é possível conhecer um pouco da organização política do grupo. Sobre a organização social, um dos nomes de maior peso é o pesquisador Jorge Bustamante, que também é secretário da Casa de la Cultura Afrouuguayaya.

Todos os autores citados, e aqueles que surgem ao longo do texto, compõem uma crescente bibliografia sobre o tema a qual, mesmo que há muito seja produzida, atualmente tem encontrado mais espaço, pesquisas e interesses dentro e fora do ambiente acadêmico. A proposta desta dissertação é somar a esses trabalhos, trazendo como diferencial o olhar no ativismo desse movimento intelectual negro por meio da revista *Nuestra Raza*, bem como no grupo de intelectuais que, fazendo parte de uma minoria política e populacional, buscou, através de um espaço-revista, lutar por sua coletividade dentro da história e da memória nacional, conquistar melhoria cultural, econômica e social de um povo que sofreu, e ainda sofre, as consequências do horror que foi a escravidão. A partir disso, procuramos demonstrar que a

¹¹ PALERMO, Prensa y política afro uruguaya: Nuestra Raza y el Partido Autóctono Negro – Primera mitad del siglo XX. *Revista Prâksis*, n. 1, p. 7-31, 2019.

proposta desses intelectuais, suas pautas e lutas, buscavam reconhecimento dentro de um sistema do qual faziam parte e que não seria justo serem excluídos em razão da “raça”.

A maior parte das produções referentes à questão da raça no Uruguai foram publicadas dentro do próprio país ou por pesquisadores uruguaios. A respeito da história dos negros do Uruguai, a historiografia brasileira ainda tem um vasto campo a aprender. A maioria dos poucos estudos acerca do tema se concentram na região sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul, com destaque para a pesquisadora Fernanda Oliveira da Silva. Há um vazio, assim sendo, nas outras regiões do Brasil em estudos dentro dessa temática, e esperamos poder contribuir, também, nesse sentido. Ademais, o estudo das comunidades negras no país vai muito além do estudo de jornais e revistas. É território fértil de diversas manifestações culturais, políticas e sociais.

Ao iniciar qualquer discussão acerca da questão racial, especialmente na utilização do termo “raça”, é preciso deixar claro algumas afirmações que já se tornaram canônicas entre os estudiosos do assunto: quando utilizamos o termo *raça/raza*, não pensamos em um termo biológico, mas em uma categoria de análise social. Sabe-se que não existem raças humanas, todavia, não podemos descartar que a ideia de raças exista dentro das construções sociais. Aqui, concordamos com a explicação de Oliveira Silva (2017), quando a autora afirma que a raça é uma construção social e que, a partir do momento em que se pressupõe a existência de diferenças, são criadas hierarquias sociais que operam na sociedade gerando ambiguidades e divisões (OLIVEIRA, 2017, p. 13). Essa é a argumentação do antropólogo britânico Peter Wade (2000). Muitos biólogos, geneticistas e antropólogos chegaram à conclusão de que biologicamente as raças não existem. Mas, também, nas palavras de Wade:

Portanto, muitos cientistas naturais e a grande maioria dos cientistas sociais concordam que as raças são *construções sociais*. A ideia de raça é apenas isso: uma ideia. A noção de que existem raças com características físicas definíveis e, mais ainda, de que algumas raças são superiores a outras é o resultado de processos históricos particulares que, pode-se argumentar, têm suas raízes na colonização de outras áreas do mundo pelos povos europeus. (WADE., 2000, p. 20). [Traduzido do espanhol; grifo do autor].

Para Stuart Hall (2017), “raça” é um desses grandes conceitos, ou conceitos mestres, que organizam os grandes sistemas classificadores de diferenças que operam as sociedades humanas (HALL, 2017, p. 48). À vista disso, o que o autor demonstra, é que a raça é o eixo central de um sistema gerador de diferenças. Nesse sentido, ela vai operar as relações culturais e sociais, e isso irá se espelhar nas ações do grupo envolvido no projeto da revista *Nuestra Raza*

– que já traz em seu título o conceito. Raça negra/*raza negra/raza de color* foi um termo apropriado por esses sujeitos e se tornou uma forma de identificação entre eles.

George Andrews (2007), além de reforçar que a ideia de *raça* utilizada nas pesquisas atualmente não se vincula a fins genéticos e científicos, ainda acrescenta, tal como a ideia imposta por Hall, que as sociedades latino-americanas têm utilizado dessa ideia para fins de manter as riquezas e o poder político daqueles membros definidos como “brancos”. No sentido da colocação de Andrews, acrescentamos que esse poder pode ser político, cultural ou simbólico; os vários casos de racismos vividos por pessoas negras em espaços majoritariamente frequentados por “brancos”, por exemplo, é um dos muitos momentos em que se impõe simbolicamente quem deve frequentar ou não determinados espaços, sejam eles públicos ou privados, se baseado na ideia de “raças”.

Em relação ao termo, é importante falar sobre a noção de *raça* trazida pela própria revista – algo que será discutido ao longo da dissertação. A questão racial foi o tema fundamental para os criadores de *Nuestra Raza*. Eles reconheciam a existência de divisões raciais, até aquele momento ainda muito pautada por argumentos supostamente biológicos, mas rejeitavam a hierarquização causada por ela. Ainda que fossem diferentes, todas as raças tinham iguais condições de alcançar méritos próprios e, além disso, todas eram responsáveis pela criação do que seria a “nova raça” uruguaia, composta por brancos, negros e indígenas. Ao se reconhecerem enquanto “raça negra”, geravam familiaridade entre os membros da comunidade diaspórica em todo o mundo.

A raça, enquanto tema principal, pode ser observada em todo o projeto da revista: no seu nome, nos textos publicados, nas múltiplas ações e páginas sociais. O objetivo principal, afinal, era a melhoria social, cultural, política e econômica da “raça negra” no país. Portanto, ainda que não existam as “raças biológicas”, como tentou impor o racismo científico, é impossível negar a existência da ideia de raças como construções sociais e culturais, como apresentado por Wade, Hall e Andrews, uma vez que o conceito foi, e ainda é fundamental para transformar a existência de determinadas pessoas.

Ainda na esteira de pensarmos nesses termos e categorias de análises que atravessam nosso estudo, utilizamos ao longo da dissertação o termo *negro*, diferente de *afro-uruguaios*, como fazíamos no início da pesquisa e fizemos em produções anteriores.¹² Aqui concordamos

¹² Aqui nos referimos a apresentações, congressos e publicações anteriores Ver: (SANTOMAURO, 2019).

com a argumentação de Hernán Rodríguez (2018), que utilizando o critério de Ada Ferrer, descreve que na dificuldade de encontrar uma linguagem para escrever sobre a “raça negra”, o ideal é aplicar as categorias empregadas pelos próprios protagonistas do período estudado. É evidente que certos termos, como “homens de cor”, dentre outros, que são considerados ofensivos, não serão utilizados a não ser em citações originais da época. George Reid Andrews (2010) destaca que o termo mais utilizado na imprensa do período foi exatamente *negro*. O mesmo termo que ele emprega em seu livro *Blackness in the White Nation: A History of Afro-Uruguay*. Voltando a Rodríguez, o autor se referindo ao termo *afro-uruguayos* afirma que

Não considero adequado empregar categorias de construção mais recentemente como “afro-uruguayos” ou “afrodescendentes” porque não eram categorias usadas pelos protagonistas para se definirem, mas, ademais, traduzir “negro” ou “de color” como “afro-uruguaio” ou “afrodescendente” implicaria em, como afirma Ferrer, “ocultar distinções claramente estabelecidas no momento em que as palavras se escreveram” e “que os protagonistas históricos parecem ter observado. (RODRÍGUEZ, 2018, p. 6).¹³ [Traduzido do espanhol].

A colocação feita por Oliveira Silva (2017) sobre utilizar o termo *negro* em sua tese, também se encaixa no caso desta dissertação. Nas palavras da pesquisadora

... para o período histórico aqui investigado, a palavra afrodescendente não enuncia a questão da racialização vivenciada pelas pessoas negras e, tampouco, evidencia a forma como os grupos utilizaram a nomenclatura e a dotaram de significado social. Afrodescendente, para referir pessoas de pele pigmentada e outros códigos lidos socialmente como negros, cumpre às vezes da etnia em lugar da ideia de raça e dilui no discurso algo que tinha (e ainda tem) uma existência social dotada de significados relacionados com a hierarquização social pautada em uma ideia de raça, problemática cara aos estudos do pós-abolição e de fundamental importância para a escrita da história. Nomear também é um ato de poder e o politicamente correto, como o caso do termo afrodescendente, pode bem invisibilizar uma história repleta de forças contrárias à emancipação de um grupo de pessoas marcado pela cor da pele. (OLIVEIRA, 2017, p. 34-35).

Outra categoria utilizada é a de *intelectual*. A discussão sobre a sua definição de intelectual e as muitas interpretações do termo já é algo constante na maioria dos trabalhos que tratam do assunto, e não é a nossa intenção repetir muito do que já foi dito. Fazemos essa pequena consideração, uma vez que chamamos esses ativistas de intelectuais – e na maioria das vezes eles também se denominam dessa forma –, sendo, portanto, uma questão conceitual. O que estamos chamando de *intelectual* se aproxima da conceituação feita por Antonio Gramsci, em razão de pensarmos o intelectual como aquele que busca articular a política e a cultura,

¹³ A referência citada por Rodríguez é: Ferrer, Ada. Cuba insurgente. Raza, nación y revolución. 1868-1898, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011.

representando as classes às quais pertencem, e fazemos isso por essa ser uma definição que melhor representa a forma com que o próprio movimento entendia esse conceito.¹⁴

É, portanto, fundamental melhor pensar em qual era a noção de *intelectual* trazida pelos próprios produtores da revista *Nuestra Raza*. Na concepção desses ativistas, essa definição também variou bastante, mas existia um ponto comum em quase todas as argumentações: o intelectual tinha um dever moral e social com a comunidade a qual pertencia. Mario L. Montero escreve em 1939, que considera intelectual aquele indivíduo, estudante ou estudioso, profissional ou autodidata, eclético, dono de uma cultura geral intensiva, perfeitamente assimilada, cuja a ânsia de saber esteja constantemente insatisfeita e cuja personalidade ou hierarquia cultural constitui uma autoridade de palavras, de influência técnica real e positiva na sociedade ou no círculo em que atua.¹⁵ O autor prossegue questionando se há ou não intelectuais dentro da coletividade negra, e termina com uma resposta ambígua. Sim e não; há tudo para que se tenha intelectuais negros, mas os elementos cultos não se unem. Falta, na concepção de Montero, esse laço honroso de mútua solidariedade. Se essas pessoas se unissem, poderiam orientar e lutar pelo bem social sendo, então, intelectuais.

Em uma proposta semelhante, na edição de julho de 1936, um artigo não assinado faz um chamado a todos os intelectuais negros para elevar o nível cultural da coletividade negra, que, até então, viviam em desamparo. O texto ainda acrescenta que a elevação cultural não pode ser solitária; é preciso elevar o conjunto.¹⁶ Essa noção de intelectual e sua função têm relação com aquilo que era fundamental para os elaboradores da revista: a solidariedade racial e melhoria cultural de toda a comunidade negra do país.

Na concepção desses ativistas, esse era não só o dever do intelectual, mas o dever do periodismo de um modo geral. Nas primeiras edições da revista, esse propósito ficava ainda mais evidente. Em 1934, Lino Suárez Peña escreve um texto para *Nuestra Raza*, no qual escreve sobre o periodismo e sua missão. O autor apresenta que um porta-voz, seja qual for sua estrutura, tem, por fim, a missão cultural de fomentar o progresso social dentro do seu

¹⁴ Cada região produz os seus próprios intelectuais, influenciados pela política e cultura do local, bem como pelo momento histórico no qual estão inseridos. A discussão acerca do conceito de “intelectual” já foi amplamente debatida por estudiosos do tema. Nas palavras de Thiago Tolentino (2016), o conceito varia, desde sua acepção mais ampla, como produtor de bens simbólicos ou em concepções mais precisas, normativa e “heroica”, como a de Edward Said. Seja ele “heroico” ou “orgânico”, tendo que dizer a “verdade”, o intelectual não dispensa a atuação Midiática (p. 46). Ainda na esteira de Tolentino sobre o assunto, o conceito de intelectual passou e passa por várias compreensões, não sendo hoje um problema afirmar a imprecisão da palavra (Idem, p. 41).

¹⁵ Revista *Nuestra Raza*, n. 74, p. 9.

¹⁶ Revista *Nuestra Raza*, n. 36, p. 2.

ambiente.¹⁷ *Nuestra Raza* foi uma revista fundada por um movimento de intelectuais negros que tentava se incluir no repertório nacional, buscava melhoria cultural, social e política de sua comunidade e, além do mais, procurava mudar a forma com que, até então, essas pessoas viviam dentro da sociedade à qual pertenciam, indo de encontro, assim, à ideia inicial do que seria um intelectual e qual a sua função.

Nomear esses homens e mulheres intelectuais é, também, lembrá-los e honrá-los dentro da memória nacional e internacional. Por essa razão, buscamos organizar notas biográficas, sempre que possível, acerca da história dos ativistas que ilustraram as páginas de *Nuestra Raza* e que são a razão desta pesquisa. O estudo também é, afinal, acerca das pessoas que compunham esse espaço-revista. Evidentemente não se trata de um estudo biográfico, mas é fundamental dizer quem eles são e de onde falam. Tais notas começam a aparecer a partir do capítulo um, ou seja, esta introdução ainda não conta com elas.

Esta dissertação se divide em três capítulos, cada um apresentando três subtítulos. Em todos eles, pretendemos argumentar, a partir da leitura das fontes, sobre o tema principal: o ativismo político do movimento intelectual negro uruguaio da primeira metade do século XX a partir da revista *Nuestra Raza*, um espaço político de convergência das muitas ações desse grupo de intelectuais que carregava um histórico de lutas e atuações.

O primeiro capítulo, “Os outros uruguaiois”, foi planejado para trazer um panorama geral da presença negra no Uruguai. Pensar suas origens, processos, demandas, e especialmente, falar sobre trajetória da imprensa negra que permitiu a criação da revista *Nuestra Raza*. É um capítulo que objetiva localizar esse grupo na história nacional. Começamos tratando sobre o início do pós-abolição da escravidão no Uruguai. Julgamos ser importante partir daí, pois as formas de a comunidade negra adquirir a liberdade e, posteriormente, a qualidade de cidadãos, diz muito sobre o lugar desses sujeitos na história e sobre as razões de luta dessa comunidade. Por essa razão, também buscamos mostrar um panorama do projeto republicano uruguaio, afinal, o grupo buscava se inserir na sociedade por dentro do sistema vigente.

Em um segundo momento, trabalhamos com a tradição associativista da comunidade, assim como do nascimento da imprensa negra no país. Dali surgem as primeiras movimentações da comunidade, ações e demandas da sociedade negra, bem como as primeiras organizações e, posteriormente, os primeiros periódicos. Esse é um ponto fundamental para apresentar as reivindicações que vão ser concretizadas no espaço da revista *Nuestra Raza* por meio das ações

¹⁷ Revista *Nuestra Raza*, n. 8, p. 14.

dessa agrupação. A imprensa negra no Uruguai teve um papel extremamente relevante. Ainda que em um número muito baixo se comparada à imprensa tradicional, foi profundamente importante e combativa. Por último, realizamos uma discussão sobre a “nação branca” e “população negra”, encerrando, assim, o capítulo.

Toda essa discussão acerca do associativismo da comunidade e sobre a imprensa negra tem a intenção de demonstrar como as diversas demandas trazidas pelo movimento negro uruguaio ao longo dos anos podem ser sintetizadas no projeto da revista *Nuestra Raza*, especialmente em sua segunda fase. Tendo esclarecido isso, no segundo capítulo, “*Nuestra Raza: uma revista cultural, política e social*”, entramos efetivamente no espaço da revista desde sua fundação. Esse é o momento da dissertação em que pensamos na criação da revista em si, sua produção, páginas, temáticas, intelectuais envolvidos. Primeiramente, trabalhamos com o nascimento da revista, desde San Carlos até sua retomada em Montevideú, sua produção e circulação. Aproveitamos esse momento, ademais, para falar do contexto em que a revista é fundada e retomada, uma vez que se trata de um período muito conturbado, como anteriormente citado, no qual esses intelectuais estão em diálogo com essa sociedade.

Em seguida desdobramos, no mesmo capítulo, alguns subitens, para tratar das temáticas e discussões trazidas para as suas páginas: as pautas principais definidas por esse movimento intelectual. Por último, dentro do segundo capítulo, ainda seguindo a proposta de desconstruir a revista para compreendê-la, apresentamos os intelectuais negros envolvidos em seu projeto, tanto nacionais, como internacionais. Buscamos demonstrar a internacionalização e o prestígio que *Nuestra Raza* conquistou com outros intelectuais provenientes da diáspora africana pelo mundo. Isso é importante para mostrar de onde essas pessoas falam e quem são as pessoas que leem essa produção e, portanto, têm acesso aos múltiplos espaços ali expostos.

E, por último, no terceiro capítulo, “Ativismo em movimento: a construção de espaços diversos”, buscamos demonstrar como o histórico de reivindicações, que foram temas de *Nuestra Raza*, e que desde o início do pós-abolição já se faziam presentes, vão convergir em espaços políticos e sociais que poderão ser vistos nas páginas dessa revista que se tornaria uma das principais porta-vozes desse movimento intelectual negro. A intenção foi analisar de que modo a revista, especialmente em sua segunda fase, tornou-se uma forma de visualizar as atuações desse grupo de intelectuais negros uruguaios. Ela nasce como um estratégico projeto político-cultural, criado por um conjunto de pessoas que, apesar das muitas diferenças, possuem crenças, sentimentos, valores e identidades partilhadas, e que estavam dispostas a dar significado ao seu passado em comum e transformar a sociedade. Criar uma revista aos moldes

da *Nuestra Raza*, pensando no espaço ocupado pelos negros na sociedade naquele período e indo na contramão da maioria dos periódicos escritos na época, não foi só uma produção cultural: foi um ato político.

Começamos essa discussão trazendo a proposta da Casa de la Raza, mas pensando não só na instituição fundada, e sim na ideia de se ter um espaço próprio que ajudasse na melhoria cultural da comunidade negra. Isso vem desde o tradicional associativismo, o qual será trabalhado no primeiro capítulo. Na sequência, dedicamos um espaço ao Partido Autóctono Negro (PAN), sua fundação, sua participação nas eleições gerais e seu vínculo com a revista. O PAN foi uma das principais frentes de atuação do projeto *Nuestra Raza* e tem ligação direta com os seus diretores. No último momento do capítulo, trataremos de outros muitos espaços de atuação, como os comitês, clubes sociais, associações, círculos culturais e festividades. Em seguida, uma breve conclusão com os apontamentos finais.

Para concluir essa introdução, cabe uma última ressalva. Como brevemente citado, essa foi uma dissertação escrita durante a pandemia mundial de Covid-19, algo que ninguém poderia ter previsto e que mudou qualquer tipo de cronograma ou planejamento existente em qualquer área de atuação. Isso significa que, infelizmente, todo o trabalho que incluía se mobilizar de um país a outro, de uma cidade a outra, foi impedido por motivos de força maior. Fazemos esse comentário não só para justificar possíveis ausências em decorrência disso – sempre haverá ausências, de qualquer forma – mas para registrar o momento que nos atravessou, nos trazendo medos e incertezas. Que a próxima pesquisa nos permita mais encontros.

I – Os Outros Uruguaios

*Tal el señor que con énfasis,
petulancia y rigidez,
me señalara con mofa
la negrura de mi ser.*

*¿Acaso soy yo culpable
o debo sentir vergüenza,
por el color que medio
la Madre Naturaleza?*

Trecho do poema “Negra”, de **Pilar Barrios**.

A trajetória da comunidade negra no Uruguai começa, tal como na maioria dos países da América, com a ascensão da escravidão moderna: fomentada pelo tráfico negreiro e pelo estabelecimento do trabalho forçado, milhares de africanos foram trazidos forçadamente de seu continente. Por mais que, se comparado ao Brasil, o Uruguai tenha recebido um fluxo menor de indivíduos a serem escravizados, o pequeno país no sul da América também sofreu o processo da escravidão e suas consequências. O processo de abolição e construção, ou reconstrução, da cidadania de ex-escravizados é ponto fundamental para entender que projeto de nação estava nascendo naquele momento e quem poderia fazer parte dele.

A disputa por pertencimento se deu muito cedo no país. A comunidade negra uruguaia se organizou desde a abolição para lutar por espaço na política, na cultura e na memória da nação. Das muitas formas de organização possíveis, aqui destacamos a ação dos intelectuais negros, por meio de suas formas associativas como clubes e outras instituições, mas, especialmente por meio de suas publicações. Dentro desses espaços, vemos nascer uma combativa imprensa negra, que foi capaz de expressar as demandas desse grupo e traçar um histórico de luta desde fins do século XIX.

O crescente movimento intelectual negro que germinava em fins do século XIX, floresce, então, no século seguinte. A primeira metade século XX contou com um movimento intelectual heterogêneo e organizado, diversos clubes e associações e com uma vasta imprensa feita por e para a comunidade negra do país. Nesse sentido, foi possível se utilizar das páginas de revistas e jornais para ler a expressão desse múltiplo ativismo, que buscava fazer parte do projeto de nação consolidado naquele período e usufruir da igualdade prometida nos discursos nacionais. Como veremos adiante, esse movimento intelectual tentou se inserir dentro das pautas do projeto republicano do país.

O que o título desse capítulo sugere é um pensamento construído no período de consolidação nacional: existem os uruguaio, que são os herdeiros da Europa, do caudilhismo, da cultura gaúcha, “brancos”, e *outros* uruguaio, a população negra e as populações indígenas que não contemplavam a ideia de nação, estava sendo construída naquele momento. A ideia de “outro” buscava afastar quaisquer contribuições ou participação dessas populações nas narrativas nacionais, não os ignorando por completo, mas colocando-os como figuras passageiras dentro da construção do país. Dentro dessa parte, vamos trazer um panorama geral da presença da população negra no Uruguai. Pensar suas origens, processos, demandas, e especialmente, falar da trajetória da imprensa negra que permitiu a criação da revista *Nuestra Raza*. A revista é, afinal, consequência de um movimento que surgiu muito antes de sua criação.

1.1. Uma nova forma de ver o mundo e a construção da cidadania da população negra

Para que seja possível compreender o processo uruguaio de construção nacional, gestado desde meados do século XIX, e profundamente intensificado nas comemorações do Centenário da Nação, entre 1925 e 1930, além de perceber em seu interior a presença dos *outros* uruguaio, é preciso pensar em algumas questões.¹⁸ Diferentemente das comunidades indígenas as quais, como se sabe, já habitavam as terras americanas, a população de origem africana foi trazida à força para o continente a fim de estabelecer o regime escravista, que perdurou no território oriental até a metade do século XIX. Durante a época colonial e até meados do século XIX, os africanos e seus descendentes sempre estiveram sob a vigilância da cidade letrada, não só por meio da escravidão, mas, também, por instituições como a Igreja, por meio das Cofradías, o Exército, por Batallones de Pardos y Morenos e a Polícia, que supervisionava as Salas de Nación. Essa situação perdurou até o final do século e mudou, apenas, por conta das novas regras impostas pelo mundo do trabalho e exercício da cidadania (GORTÁZAR, 2003).

As Cofradías foram instituições coloniais vindas de autoridades eclesiásticas e monárquicas com a intenção de evangelização. Surgiram antes das Salas de Nación e, a partir do surgimento delas, ambas coexistiram (GARCÍA, 2014, p. 15). Já os Batallones de Pardos y Morenos, eram alas do exército destinadas a população não-branca militarizada. Sobre as Salas

¹⁸ Os dois principais partidos políticos do Uruguai, o Partido Nacional (*Blancos*) e o Partido Colorado, disputavam qual ano marcaria o aniversário da pátria. Os *Blancos* exigiam que fosse em agosto de 1825, data em que encabeçavam o processo de independência. Já os *Colorados*, em julho de 1830, ano em que um de seus líderes revisou a primeira Constituição do país. Até hoje, o país celebra dois feriados pátrios. (Andrews, 2010).

de Nación, como veremos mais a frente, eram associações que serviram, excepcionalmente, para preservar e continuar com expressões culturais, artísticas, costumes, bem como reforçar laços familiares e de amizade (*Ibid.*, p. 22). Elas existiram antes e após o período do pós-abolição.

O processo de consolidação do projeto republicano uruguaio se deu ao longo do século XIX e teve o seu ápice no primeiro terço do século XX, como trataremos mais adiante. O Uruguai do século XIX pode ser descrito por uma grande instabilidade política, muitos conflitos políticos, e, sobretudo, podemos caracterizá-lo por lutas simbólicas e de narrativas. Ao falar do período, María Inés de Torres expõe que

[...] o século XIX pode ser pensado como um vasto território heterogêneo onde há uma tensão permanente em torno das questões de quem e como a nação é construída: uma tensão entre armas e letras, entre disciplinar pela educação ou extermínio pela violência; entre a retórica da Pátria como grande família patriarcal e a da Pátria como temível exército aniquilador; entre as reflexões sobre se estender as fronteiras da cidade letrada ou se opor a elas; entre afirmar um sujeito culto e letrado ou consolidar um sujeito híbrido e *criollo*. Todo esse território de dignidade em disputa é, em última análise, a própria nação. (TORRES, 2000, p. 125). [Traduzido do espanhol].

O nascimento de uma cultura política uruguaia pode ser visualizado desde os discursos de José Gervasio Artigas. De acordo com pesquisadora María Inés de Torres, o discurso artiguista adquire um caráter de discurso fundacional da nação. Artigas foi um político e militar nascido em Montevideu que lutou pela autonomia da então chamada Banda Oriental, sendo reconhecido como um dos libertadores da América e herói nacional uruguaio.

Ainda na esteira de Torres, no discurso de Artigas a palavra escrita é tão relevante quanto a dos campos de batalha: ele aposta nos escritos como fonte de legitimação. Em um projeto de constituição artiguista, o cidadão ideal seria aquele que soubesse tanto ler, quanto empunhar uma arma. Esse foi um tema de extrema relevância na construção do projeto republicano. Em relação à escravidão, o discurso artiguista apresentava uma posição contraditória. Ao mesmo tempo em que os negros, em sua maioria livres, podiam incorporar as campanhas militares, sendo esse, inclusive, como veremos adiante, um caminho de liberdade, e que muitos negros livres teriam sido beneficiados no Reglamento de Tierras¹⁹ de 1815 de Artigas, o discurso não era necessariamente emancipatório.

¹⁹ Segundo a pesquisadora Rachel da Silveira Caé, o Reglamento de Tierras, de 1815 previa “o confisco e a distribuição de terras de latifundiários, especialmente as dos espanhóis, à população rural desprovida e disposta a cultivá-las e torná-las produtivas. Dentro desse grupo favorecido pelas medidas de Artigas, incluíam-se negros livres e índios, além dos *criollos* pobres. Devido a isso, o movimento ficou conhecido por promover uma ampliação dos direitos civis. Essas medidas não foram aceitas por parte da população oriental, especialmente representada nos grandes comerciantes e fazendeiros, que se colocou a favor do fim do programa de reformas do artiguismo e

Em 1816, após uma aliança política dos dirigentes portenhos da *Revolución del Plata* e diplomatas portugueses da região do Brasil, houve uma invasão militar no território oriental com a finalidade de eliminar não só a influência artiguista, mas o movimento independentista (GONZÁLEZ, 2001). O apoio de parte da elite rural foi muito relevante. O movimento artiguista foi vencido em 1820, e Portugal, posteriormente o Brasil independente, instalaram sua autoridade política no território até 1828 (GONZÁLEZ, 2001). Com a ocupação dos luso-brasileiros no território uruguaio, pensando na força da escravidão para o Brasil, a questão da emancipação dos escravizados encontrou dificuldades para ser melhor discutida naquele momento.

Durante a ocupação luso-brasileira na comunidade oriental, formou-se, em 1825, um movimento denominado a *Cruzada Libertadora*, liderado por Juan Antonio Lavalleja, Manuel Oribe e Fructuoso Rivera. Os três haviam feito parte de uma das primeiras milícias artiguistas (GONZÁLEZ, 2001). De acordo com a pesquisadora Carolina González Laurino (2001), o pronunciamento militar inaugurado pela *Cruzada Libertadora* iniciou uma guerra entre *Provincias Unidas del Río de la Plata* e o Império do Brasil, conflito este que culminara na criação do Estado Oriental del Uruguay, em 1828.

A primeira constituição uruguaia nasce em 1830, mesmo ano em que o país celebra as primeiras eleições. Logo nesse pós-independência já podemos observar elementos de uma certa *urugualidad* que serão retomados durante o nascimento do Uruguai moderno na segunda metade do século XX, e na consolidação do projeto republicano no começo do século XX, tais como a integração da sociedade na vida política, a educação e a pouca influência clerical. Outro grande marco do país recém independente foi a abolição do tráfico de escravizados, seguido da própria abolição da escravatura no país, como veremos na sequência. A criação do Estado Oriental, no entanto, não seria capaz de solucionar todas as tensões políticas da região. Como demonstra o pesquisador John Lynch acerca do pós-independência:

O Uruguai, após a independência, tinha uma economia pecuária, comércio exterior, um porto internacional e uma constituição liberal. Essas vantagens ativas foram primeiro desperdiçadas e depois saqueadas. Os uruguaios começaram a lutar entre si para controlar os recursos de seu país. Houve um duro confronto para se desfazer das terras, pois os fazendeiros mais velhos queriam manter suas propriedades e os recém-chegados lutavam para ter acesso a elas. Os homens se colocaram sob as ordens dos caudilhos locais e estes sob as ordens dos caudilhos mais importantes, formando as facções dos dois candidatos ao poder, os *colorados* e os *blancos*. O resultado foi a Guerra Grande, que começou como um conflito entre os dois mais importantes caudilhos – Manuel Oribe (*blanco*) e Fructuoso Rivera (*colorado*) – pelo controle do

apoiou a incursão luso-brasileira na região.” (Caé, 2012, p.28). Sobre essas e outras reformas de Artigas, ver: CAETANO, 2020; CAÉ, 2012; CAETANO & RILLA, 1994.

Uruguai e que após a queda de Oribe em outubro de 1838 se transformou em guerra internacional. (LYNCH, 2000, p. 300-301). [Traduzido do espanhol].

O Uruguai sancionou duas leis abolicionistas, ambas dentro do contexto da Guerra Grande (1839-1851), conflito internacional que assolou o Estado Oriental. Apesar disso, é ponto comum considerar como o ano de abolição da escravidão no Uruguai, 1842.²⁰ Nesse contexto belicoso, diversas forças militares e políticas atuaram na região e nos limites fronteiriços, inclusive no que dizia respeito ao fim do tráfico e da escravidão. A primeira lei que abolia a escravidão foi promulgada em 1842 pelo colorado Fructuoso Rivera, radicado em Montevideú. Já a segunda, em 1846, pelo governo radicado no interior e liderado por Manoel Oribe.²¹ De acordo com Borucki (2009), os discursos escravistas e abolicionistas demonstravam como eram complexas tanto a continuidade, quanto a ruptura da escravidão naquele período. Os argumentos favoráveis à abolição passavam pelos ideais de liberdade e igualdade gerados durante a revolução francesa, e iam em contrapartida com a suposta escassez de mão de obra e a mentalidade do período.

A lei de Rivera, promulgada em 12 de dezembro de 1842, estabelecia que:

“Escravidão (1)

A sua abolição em todo o território da República, e prevendo que os que tenham sido escravos sejam destinados ao serviço das armas. [...]

Que em nenhum caso é mais urgente o reconhecimento dos direitos que estes indivíduos têm da natureza, a Constituição e a opinião ilustrada do nosso século, que nas atuais circunstâncias em que a República necessita de homens livres, que defendam as liberdades e a independência da Nação, decretam:

Artigo 1º — Desde a promulgação desta resolução, **não há escravos em todo o território da República.**

2.º — O governo destinará os homens úteis que tenham sido escravos, colonos ou pupilos, qualquer que seja sua denominação, ao serviço das armas pelo tempo que julgue necessário.

3.º — Os que sejam inúteis para o serviço militar, e as mulheres, serão mantidos na classe dos pupilos ao serviço dos seus amos, com sujeição por agora à lei pátria sobre pupilos ou colonos africanos.

4.º — Os direitos que se considerem prejudicados pela presente resolução serão indenizados por leis posteriores. [...]

²⁰ A título de comparação, a abolição dos escravizados no Chile foi em 1823 e na Argentina em 1853, sendo que a província de Buenos Aires só o fez em 1860, quando passou a fazer parte da república (Halperín Donghi, 2000, p. 38). Em seguida, temos Colômbia (1850), Peru (1854), Venezuela (1854) e Paraguai (1870). Por último, em 1888, o Brasil, uma das últimas sociedades escravistas do Novo Mundo.

²¹ Sobre as leis especificamente, ver: OLIVEIRA, 2019 e BORUCKI, 2009.

(República Oriental del Uruguay. **Ley nº 242**, 1842).²²

As intenções da lei são claras, uma vez que o texto traz uma demanda urgente do bélico século XIX uruguaio: a necessidade de homens que lutem pela república, não precisamente de homens livres. Isso fica ainda mais evidente quando analisamos os artigos. A lei em questão institucionalizava a obrigatoriedade do serviço militar aos homens negros pelo tempo que fosse preciso, além de instruir aos negros não aptos a essa função de soldados, a prestação de serviço aos seus antigos senhores, na forma de patronato (OLIVEIRA, 2018). Além disso, a lei também previa indenizações aos “senhores” pelo fim da escravidão. O processo de abolição foi lento e doloroso e, apesar da fundamental participação de soldados negros em conflitos no território oriental e da importância dessas ações para aproximar esses sujeitos à sensação de pertencimento da nação, eles não conquistavam a cidadania alcançada pela população “branca”. Não eram mais escravos, mas tampouco eram livres.

Entretanto, dos caminhos para liberdade que se abriram para os escravizados no processo de independência da Banda Oriental, a inserção militar nas tropas foi um dos mais significativos e que mais aproximou o grupo de negros do acesso à cidadania (CAÉ, 2012). A “militarização” de parte da população negra como forma de liberdade é muito cara a longo prazo para as comunidades provenientes da diáspora africana no país, e esse discurso irá repercutir ao longo dos anos sendo, inclusive, ponto fundamental para a reconstrução da história da população negra oriental e para o discurso de pertencimento nacional. Afinal, estavam os negros lutando ao lado dos “brancos” pela libertação e reconhecimento da nação, ou em outras batalhas significativas ao longo dos anos.

²² “**Esclavitud** (1)

Su abolición en todo el territorio de la República, y disponiendo que los que han sido esclavos sean destinados al servicio de las armas. [...]

Que en ningún caso es más urgente el reconocimiento de los derechos que estos individuos tienen de la naturaleza, la Constitución y la opinión ilustrada de nuestro siglo, que en las actuales circunstancias en que la República necesita de hombres libres, que defiendan las libertades y la independencia de la Nación, decretan:

Artículo 1º — Desde la promulgación de la presente resolución, **no hay esclavos en todo el territorio de la República.**

2º — El Gobierno destinará los varones útiles que han sido esclavos, colonos o pupilos, cualquiera que sea su denominación, al servicio de las armas por el tiempo que crea necesario.

3º — Los que no son útiles para el servicio militar, y las mujeres, se conservarán en clase de pupilos al servicio de sus amos, con sujeción por ahora a la ley patria sobre pupilos o colonos africanos.

4º Los derechos que se consideren perjudicados por la presente resolución serán indemnizados por leyes posteriores. [...]

(República Oriental del Uruguay. Ley nº 242, 1842).

Ainda que a participação da comunidade negra nos conflitos de independência e outros durante o século XIX tenha sido importante, essa contribuição foi praticamente esquecida pela narrativa nacional. Os conflitos também foram responsáveis pela diminuição da população negra do território oriental. Um levantamento feito por Alex Borucki (2009), pensando nas estimativas de Andrés Lamas, demonstra que em 1835 viviam cerca de 23.404 pessoas em Montevideu, e a população de origem africana estaria entre 20% e 25% desse número.²³

Sobretudo em razão da militarização da população negra, o processo de emancipação dos escravizados já ia acontecendo gradualmente no território oriental. Segundo Borucki (2009), o decreto de 18 de maio de 1829, completado por outro de 10 junho do mesmo ano, regularizava a situação de escravizados alistados que haviam participado da guerra contra o Brasil, desde que tivessem servido às forças armadas por pelo menos três anos. Os que não atingissem o período, deveriam voltar às condições de escravizado, exceto aqueles que ganhassem algum mérito particular, facilitando a emancipação de muitos que ainda não haviam concluído o período indicado.²⁴ Socialmente, muitos homens que lutavam ao lado de soldados negros, ou mesmo chefes de batalhão, também se posicionavam contra a ideia de seus colegas de campo voltarem à condição de escravizados. Aos poucos, apesar das controvérsias, a militarização acabou sendo uma forma de incorporar alguns desses homens na sociedade.

Pouco se fala sobre um movimento abolicionista no Uruguai. Talvez pela falta de um movimento popular organizado, de documentação que permita estudar o assunto, ou talvez, em casos pontuais, devido à tentativa de minimizar a violência que caracterizou o processo de escravidão no país. Mas em alguns casos específicos, podemos pensar não em um movimento abolicionista, tal como vimos no Brasil, mas em indivíduos que foram abolicionistas. Um desses sujeitos poderia ser o intelectual Ventura de Molina. Jacinto Ventura de Molina foi um homem negro nascido livre no Brasil, na segunda metade do século XVIII. Ele viveu durante toda a sua vida no território oriental. Foi educado por seus pais, o que lhe permitiu tornar-se um escritor e

²³ O autor apresenta que durante a década de 1830, “o tamanho da população negra deve ter variado notadamente devido à continuidade do tráfico negreiro, com a chegada de ‘colonos’ africanos e escravos ‘de serviço’”, e que, além disso, “a Grande Guerra gerou uma diminuição neste percentual, entre outros fatores, devido à forçada ‘militarização’ dos afrodescendentes”. (BORUCKI, 2009, p. 15).

²⁴ O governo provisório ficaria encarregado de pagar o valor da alforria desses soldados aos seus senhores. (Borucki, 2009).

autodidata em direito (GARCÍA, 2014). Além disso, foi um dos primeiros intelectuais negros a ser reconhecido e respeitado pela sociedade de Montevideu (FREGA *et al.*, 2008).²⁵

Durante a vida, Molina se encarregou de refutar os argumentos escravistas em seus escritos, sejam estes políticos, sociais, econômicos ou religiosos. Analisou em 1830, por exemplo, os fundamentos bíblicos sobre a escravidão, sustentando que os africanos não descendiam de Caim, uma das alegações utilizadas pela igreja, dentre outros escritos acerca do assunto. Para Molina, a escravidão não poderia ser moralmente tolerada, mas se fosse permitida, a escravidão hereditária que submeteu os filhos de escravos a terem o mesmo destino, não deveria ser consentida (BORUCKI, 2009). Além dos diversos escritos claramente influenciados por uma literatura abolicionista, Molina ainda foi representante legal de diversos homens negros, tendo trabalhado, em razão de seus conhecimentos jurídicos, como defensor, frente às autoridades, nos casos desses homens. Molina viveu e atuou durante boa parte de sua vida na região que faz fronteira com o Brasil.

Se a situação era complexa para a comunidade negra instalada em Montevideu, no interior ela encontrava ainda mais desafios. Historicamente a presença negra no país é intensa nas cidades fronteiriças com o Brasil, especialmente onde hoje estão os departamentos de Rocha, Rivera, Artigas, Cerro Largo e Tacuarembó – não por acaso, como veremos adiante, muitas iniciativas importantes realizadas pela comunidade negra do país nasceram nessas regiões (Ver Mapa anexo p.195). A própria movimentação do tráfico negreiro no país se deu especialmente nesse espaço fronteiriço. Essas regiões foram, além do mais, palco de diversos conflitos bélicos e diplomáticos. As relações estabelecidas entre a fronteira Brasil-Uruguai são fundamentais para fazer algumas considerações que podem ser úteis para as argumentações desenvolvidas mais adiante no texto. De acordo com estudo organizado por Ana Frega, Óscar Montaña, Karla Chagas e Natalia Stalla, a fronteira:

[...] mais do que uma realidade geográfica, foi uma região construída a partir de relações sociais que implicavam tanto convivências como conflitos, caracterizada como uma zona de permeabilidade que permitiu o constante fluxo de bens e pessoas. (FREGA *et al.*, 2008, p. 15). [Traduzido do espanhol].

No norte do país, inicialmente, a maioria dos proprietários brasileiros na fronteira conseguiu burlar a lei de 1842, uma vez que dizia respeito ao governo estabelecido em Montevideu. Foi a lei de abolição de 1846, decretada pelo governo de Oribe, que causou maior

²⁵ O arquivo de produções de Molina conta com mais de mil folhas que podem ser consultadas na Biblioteca Nacional e no Archivo General, de Montevideu (NAVASCUÉS, 2011).

impacto. Nesse momento, a situação se tornava mais complexa para os estancieiros brasileiros. O governo do Brasil reclamava que escravizados fugiam do sul do território brasileiro para o Uruguai, buscando encontrar sua liberdade e queriam ser indenizados por sua perda (PALERMO, 2008). Ademais, de acordo com Palermo (2008), a condição de ex-escravizados continuava a pesar fortemente na projeção social desses sujeitos no norte do país, mesmo após o processo de abolição. A maioria dos negros da região, ainda de acordo com o autor, continuou no trabalho rural em condições de servidão, situação que só começou a melhorar em fins do século XIX e começo do século XX.

As estatísticas oficiais sobre o passado uruguaio são imprecisas e aproximadas até pelo menos a primeira metade do século XX, sobretudo no que diz respeito a aspectos relativos à população e à educação (FREGA *et al.*, 2008, p. 51). Saber a porcentagem exata da população negra no Uruguai, portanto, é um desafio, tanto em regiões específicas quanto nacionalmente. George Andrews (2010) apresenta que desde 1884 até o fim do século XX, o Estado uruguaio deixou de coletar dados relacionados com a “raça” e, quando voltou, somente nas pesquisas nacionais de 1996 e 2006, negros e pessoas de “raça mista” foram contabilizados em categorias à parte da população branca. O trabalho citado ainda acrescenta que em algumas pesquisas se considerava os habitantes africanos e seus descendentes entre os estrangeiros.

Dentro dessa realidade, de acordo com o levantamento de dados realizado por George Andrews (2010), em 1852 encontramos um percentual de 5% de negros, 3,8% de mulatos, em contraste com 64,1% de brancos. Além dos 8,8% de negros e “mulatos”, a pesquisa ainda apresenta 27,1% na categoria de outros ou sem especificação. A categoria de “raça” aparece novamente no censo municipal de Montevideu de 1884: nele, encontramos um percentual de 0,6% de negros e de 0,3% de mulatos. O pesquisador ainda ressalta que a queda expressiva do número de negros e “mulatos” se deve, dentre outros fatores, à massiva imigração europeia que o país recebe nesse século; além disso, Andrews também demonstra que isso pode se explicar por tratar-se de um censo específico de uma única região. Outra hipótese do autor é que os pesquisadores do censo de 1884 estariam mais dispostos do que os do censo anterior, a contar “mulatos” como brancos. A ausência de dados concretos que perpetuou até a década de 1990, também nos diz muito sobre a própria percepção oficial do país sobre a presença negra em seu território. A população, por menor que indicasse a porcentagem, não era sequer contabilizada oficialmente.

O fim legal da escravidão no Uruguai, assim como no Brasil, Argentina, e em outros países atravessados por esse cruel processo, trouxe consigo uma nova forma de ver o mundo.

A questão dos direitos de cidadania dos libertos, os pensamentos raciais que surgiam nas novas nações em construção, assim como suas relações com os cânones do ideário liberal e com as variadas conjunturas históricas em que as diferentes sociedades escravistas viveram o processo da emancipação escrava ao longo de todo o século XIX,²⁶ são fundamentais para pensar na formação desses Estados. Os indivíduos que sofreram com a escravidão não são agentes passivos moldados pela sociedade na qual foram inseridos forçadamente. Essas sociedades são, também, construídas a partir de ações desses sujeitos, que viriam a se tornar cidadãos.

É preciso, portanto, pensar em como era essa sociedade. A pesquisadora Carolina González Laurino (2001), ao tratar da modernização capitalista e construção nacional do país, demonstra que no último quarto do século XIX, o modelo econômico que sustentava o Uruguai *caudillo* manifestava sinais de esgotamento. A substituição do patriciado *criollo* na direção econômica do país havia começado. Nas palavras de González Laurino:

Preservando a preponderância no plano político e a direção da elite universitária, esse setor letrado tentou reorientar o país na experiência de um liberalismo político radical, em um esforço para superar a herança sangrenta da luta de divisas. Mas os novos setores dirigentes – urbanos e rurais – não toleraram os desvios líricos desses jovens imberbes e, diante do vácuo de poder gerado pela hesitante perplexidade do governo em canalizar a luta entre principistas e tradicionalistas, exigiram o estabelecimento da ordem nas mãos de um governo forte. (GONZÁLEZ, 2001, p. 58-59). [Traduzido do espanhol].

A construção da necessidade de um governo forte pode ser observada nos quase dez anos de governo militar naquele período – e aqui nos referimos ao período governado por Lorenzo Latorre (1876-1880) e Máximo Santos (1882-1886). Foi no governo de Latorre, inclusive, que ocorreu uma das mais importantes reformas educacionais, como trataremos mais à frente. Nesse ponto, podemos observar a formação de uma primeira modernização capitalista. A ideia de Uruguai ou “*urugualidad*” nasce de um projeto republicano, moderno e que integrava a sociedade dentro das discussões políticas e sociais. Essa integração foi feita, especialmente, por meio da educação e das práticas cidadãs – e esse projeto, consolidado nas primeiras décadas do século XX. Naquele momento, além disso, existia a necessidade de ocupar o território ainda esvaziado. Era, portanto, um período de grande estímulo de imigração europeia que, como vimos anteriormente, mudaria a composição demográfica do país. Fomentar a imigração de origem europeia no período de construção do país, buscava determinar quem seria a população daquela região. Seriam provenientes da Europa, “branca” e “civilizada”.

²⁶ MATTOS; RIOS. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas, 2004, p.173.

A comunidade negra buscou encontrar formas de consolidação de sua cidadania e liberdade, reforçar o seu pertencimento à nação, bem como organizar tramas de sociabilidade, espaços de cultura, política e luta contra o preconceito racial. Como anteriormente citado, a nossa intenção é demonstrar as mobilizações causadas pelo grupo que chamamos de elite intelectual negra do Uruguai. Para que fosse possível a criação de uma comunidade negra leitora e escritora no país, a “via de mão dupla” – ao mesmo tempo em que influenciam a sociedade, são influenciados por ela – foi essencial.

A criação dessa comunidade intelectual só foi possível em razão dos processos de escolarização feitos no país, que permitiram a alguns integrantes das comunidades de baixo nível econômico, onde se encontrava a maior parte da população negra, que frequentassem as escolas. Esses processos começaram em fins do século XIX, quando José Pedro Varela promoveu uma reforma educativa que universalizou o ensino primário no Uruguai (PALERMO, 2019). A Reforma Vareliana, como ficou conhecida, estabeleceu que a educação primária fosse laica, obrigatória e gratuita.

Entusiasmado pelo “progresso” e o “grau de civilização” alcançados pelo novo paradigma mundial do desenvolvimento econômico, José Pedro Varela seguiu a cartilha de “adaptações” do argentino Domingo Faustino Sarmiento, para a realidade rio-platense, reproduzindo fielmente a fundamentação do novo modelo (GONZÁLEZ, 2001, p. 237-238). Varela chegou a conhecer pessoalmente Sarmiento, quem entusiasmou o jovem Varela com a necessidade de dedicar esforços para transformar o sistema escolar uruguaio (BRALICH, 2011, p. 48).²⁷

O ensino público e gratuito assegurava a difusão das ideias e dos códigos de conduta da vida moderna da comunidade nacional, enquanto a laicidade²⁸ ampliava a participação integrada de uma população heterogênea (GONZÁLEZ, 2001). A educação era um projeto nacional e uma das mais importantes culturas políticas da república. Nesse sentido, concordamos com González quando ela afirma que

[...] a reforma educativa valeriana é um instrumento vital no processo da criação nacional; como ferramenta política, a obra de Varela transcende a primeira formulação histórica da nacionalidade para se converter em um elemento perene no

²⁷ A figura de Domingo Sarmiento em torno não só do mundo da leitura, mas também da instrumentação bibliotecária na Argentina intensa e avassaladora (PLANAS, 2017). José Varela era leitor e admirador do político argentino.

²⁸ A laicização é um processo que marca profundamente a experiência social da “urugualidade” (GONZÁLEZ, 2001).

processo histórico da construção nacional ao lardo de suas distintas formulações. (GONZÁLEZ, 2001, p. 229). [Traduzido do espanhol].

Esse impulso de progresso educacional prosseguiu durante os governos reformistas do colorado José Batlle y Ordoñez (1903-1907 e 1911-1915), como veremos brevemente mais adiante. Sob a liderança de Batlle, além das reformas educacionais, o governo sancionou um conjunto de leis e programas sociais muito progressistas para a época (ANDREWS, 2010). O sufrágio universal masculino veio desse período, enquanto o feminino foi entre fins da década de 1920 e meados da década de 1930.

Apesar da proposta de universalização desde meados do século XIX, na prática, a comunidade negra encontrou dificuldades para ter acesso à educação. De acordo com Andrews (2010), em fins do século XIX, as escolas ainda eram supervisionadas pelo Ministério da Guerra, fazendo com que muitas famílias temessem que o recrutamento forçado se repetisse. Não somente, no decorrer dos anos, houve muitas denúncias de maus-tratos e recusas de professores a ensinar crianças e jovens negros, falta de vagas nas escolas, além dos próprios obstáculos financeiros que acabavam privando a população: nem sempre valia a pena estudar, uma vez que precisavam contribuir financeiramente em casa, sem contar com a dificuldade de comprar materiais escolares.²⁹

Muitos dos nomes que serão citados ao longo do texto, não chegaram a concluir o ensino fundamental, mas estudaram o suficiente para se alfabetizarem e ensinar a outros membros da comunidade. Muitos foram, também, autodidatas. O que cabe ressaltar é que a comunidade percebeu na educação uma forma real de transformar as próprias vidas. A educação, então, mesmo com as dificuldades de acesso, seria o grande passo para superar questões sociais, financeiras e culturais.

Ter que trabalhar em vez de ir para a escola não era garantia de um acesso fácil da comunidade negra ao mundo laboral. Na segunda metade do século XIX, a população negra precisou se adaptar em um “Uruguai moderno”. A economia começava a ser urbanizada e industrializada, além disso, se caracterizava pela grande oferta de mão de obra, especialmente de imigrantes do meio rural e de imigrantes estrangeiros (FREGA *et al.*, 2008). O preconceito vigente durante as contratações era algo grave e que aparecia frequentemente nas páginas da

²⁹ Essas dificuldades de acesso à educação, em razão do racismo por parte de educadores, vulnerabilidade financeira, distância das escolas disponíveis, vagas, dentre outros citados no trecho, prevaleceram até meados dos anos 1960. Por mais que a comunidade negra não encontrasse obstáculos na lei, os obstáculos “informais” ainda eram enormes (ANDREWS, 2010).

imprensa da comunidade negra. Nesse sentido, os trabalhadores acabavam por executar trabalhos independentes e informais, como artesãos, jornaleiros, estivadores, soldados, serventes, vendedores, pintores, ou mesmo trabalhos domésticos.³⁰ Outras funções que acabaram sendo executadas por uma parte significativa da comunidade negra, especialmente a de Montevideu, foi a de operário e, claro, soldados do exército.

A presença da comunidade negra no operariado é muito relevante para compreender a origem de pensamentos políticos, especialmente por vínculos com os sindicatos, por exemplo. De acordo com o estudo realizado por Ana Frega *et al.* (2008), durante o reformismo realizado pelo primeiro batllismo, foi fomentado o crescimento do setor público a partir das estatizações e nacionalizações. A partir disso, novos espaços foram criados e o número de funcionários públicos, ampliado. Alguns membros da comunidade negra ingressaram no setor, especialmente em vagas indicadas para cidadãos que não possuísem uma formação escolar completa. A estabilidade e salário no setor público de alguns desses indivíduos foi fundamental para proporcionar melhores condições materiais.

Além da busca por inclusão social por meio da educação e do mundo do trabalho, existe um outro ponto relevante na trajetória da construção da cidadania da população negra uruguaia que não pode deixar de ser citada: a participação política, em particular no que se refere à eleição de candidatos e propostas que entendessem a comunidade. De acordo com Zeballos:

A primeira Constituição do Uruguai de 1830 estabeleceu um regime republicano-unitário que projetou o ideal de ordem política liberal e institucionalizou o regime censitário para o exercício da cidadania, dispensando a criação de partidos políticos. Nesse quadro, não podiam exercer a cidadania, os *servientes a sueldo*, *los peones jornaleros*,³¹ os analfabetos, aqueles indivíduos que mantinham dívidas com o Estado e as mulheres. Podiam votar apenas os homens maiores de 20 anos, a não ser que fossem casados desde os 18. (ZEBALLOS, 2015, p. 139). [Traduzido do espanhol].

Aparentemente, após as leis de abolição, já na segunda metade do século XIX, alguns integrantes da comunidade negra também poderiam exercer o direito à cidadania, desde que cumprissem os requisitos citados acima.³² Mas, para que a participação política fosse efetiva,

³⁰ De acordo com os dados levantados por Ana Frega, Óscar Montañó, Karla Chagas e Natalia Stalla no livro organizado por Scuro Somma (2008), em Montevideu, no ano de 1853, por exemplo, funções como serventes, lavadeiras, cozinheiros e amas de leite eram ocupadas majoritariamente por pessoas “de color”, usando o termo utilizado nas fontes originais. A título de exemplo, ocupando a função de lavadeira, os dados encontram 197 brancos em relação a 721 pessoas não brancas (2008, p. 53).

³¹ As palavras correspondentes em português seriam “diaristas” e “peões jornaleiros”. Pelo receio de não traduzir essas funções corretamente, preferimos manter no idioma original do artigo.

³² O que nos leva a afirmar isso são jornais da “imprensa negra” da década de 1870, que convidavam a comunidade a votar. Trataremos desse material ainda neste capítulo.

era preciso que os representantes políticos estivessem alinhados com os interesses da comunidade, sendo um desafio à parte. A primeira tentativa da comunidade de se integrar politicamente foi ainda no século XIX. A mais significativa aconteceu em meados do século XX, contando, inclusive, com a criação de um partido próprio. O sufrágio universal masculino só foi alcançado no Uruguai em 1918, especialmente em razão da reforma na Lei Eleitoral em 1915, o primeiro passo para a democratização do sistema político do país (ZEBALLOS, 2015).

A breve trajetória traçada buscou apresentar uma questão muito complexa e que encontrará especificidades em cada região: se temos um novo mundo após a emancipação dos escravizados, onde esses sujeitos irão se encaixar socialmente, politicamente e culturalmente enquanto homens livres? Quais caminhos podem seguir esses *outros* cidadãos? No caso específico do Uruguai, observamos como a “militarização” foi um artifício importante – ao mesmo tempo em que era cruel, uma vez que foi feita forçadamente, e que não garantia todos os direitos recebidos pelos militares “brancos”. Além disso, como vimos, a universalização da educação foi outro ponto relevante encontrado por essa comunidade.

Mas, embora o Uruguai tenha mantido o discurso de igualdade para todos os cidadãos sem nenhum tipo de distinção, e mesmo com suas leis muito progressistas para a época, se comparado aos países vizinhos – especialmente durante os governos de Batlle y Ordóñez (1903-1907, 1911-1915) –, na prática, a sociedade levaria mais tempo para incorporar os uruguaios provenientes da diáspora africana. Como demonstra Lélia Gonzales (2020), a afirmação de que todos são iguais perante a lei, acaba assumindo um caráter meramente formalista nas sociedades afro-latino-americanas. Nesse sentido, quem melhor buscou formas de reverter essa situação, incorporando a comunidade negra na vida política e cultural do país foram os mais interessados: os próprios negros, que desenvolveram uma série de estratégias para resgatar sua ancestralidade, memória e cidadania. Das mais relevantes, certamente podemos destacar as formas associativas.

1.2. Um debate possível: o associativismo e a “imprensa negra”

Como anteriormente citado, o fim da escravidão trouxe a busca pela incorporação da população proveniente da diáspora africana nas estruturas sociais, políticas e econômicas do Uruguai. De acordo com Gustavo Goldman (2016), nesse contexto, formas associativas de caráter religioso ou étnicos que já existiam, começaram a ser reconfiguradas e substituídas por

novas formas de associações, sobretudo em razão do processo de modernização do país. A tradição associativista da coletividade negra³³ existia desde meados do século XIX, graças à necessidade de falar sobre e para si, definir pautas políticas e culturais, formar espaços de sociabilidade e resistência, de conquistar e, posteriormente, consolidar a cidadania da população negra do país. Podemos observar essa dinâmica desde as *Salas de Nación*, ou *Naciones*, que funcionaram principalmente na primeira metade do século XIX.

As *Naciones* eram grupos de africanos e seus descendentes, que se reuniam para expressar suas crenças, sentimentos e ancestralidade. Cada *Sala* cultuava suas próprias entidades religiosas, festividades, e era regida por normas particulares. Elas realizavam ações em prol da defesa de direitos dos africanos e seus descendentes (GOLDMAN, 2015), além de permitir a reconstrução da identidade desses sujeitos a partir de uma origem africana. A partir do início do pós-abolição, as antigas Cofradías religiosas e as Salas de nación começaram a se transformar em novas formas associativas (GOLDMAN, 2016, p.176). As *Salas*, com o passar do tempo, tornaram-se associações e clubes sociais. Muitos clubes deram origens a movimentos e também a revistas e jornais.

Em fins da década de 1870, contexto que o historiador Gustavo Goldman (2016) descreve como “explosão associativa”, alguns grupos de negros da capital começaram a criar associações com fins específicos, sejam políticos, culturais ou recreativos. Nesse sentido, é possível perceber como se tratava de uma comunidade organizada e ativa. O clubismo era uma prática comum não só entre a população negra, mas também na sociedade como um todo. Algo recorrente era que nem sempre os cidadãos negros eram bem vindos nos bailes sociais, clubes ou associações “tradicionais”, portanto, se fez fundamental a criação de seus próprios espaços de sociabilidade.³⁴ Ao transformar espaços como as *Salas de Nación* em clubes que buscavam similaridade com clubes da elite “branca” montevidense, a coletividade tentava se inserir na dinâmica social republicana e “civilizada” do país, demonstrando como caminhava ao lado da modernização nacional. Como também demonstra Goldman:

³³ *Coletividade negra*/Coletividade negra é um termo largamente utilizado por grande parte dos intelectuais negros do período para se referir à própria comunidade negra, e ainda é muito comum nos dias de hoje. Na época da revista, por vezes, a expressão vinha acompanhada “de color” (*Coletividade de color*) – complemento que não é mais usado atualmente. Utilizamos o termo “coletividade” ou “coletividade negra” ao longo do texto em um sentido muito próximo à “comunidade negra”, grupo social, um sistema de pessoas dentro de uma sociedade. Fizemos isso para evitar repetições e para utilizar as denominações dadas pelos próprios membros da coletividade.

³⁴ Em muitos desses bailes, era proibida a entrada de “pessoas de color”. Ao longo dos anos vários relatos são trazidos por meio da imprensa da comunidade negra.

Seguir o caminho do progresso significava educar-se, cultivar as artes e associar-se voluntariamente. A lei do progresso adquiriu no século XIX no Ocidente um caráter de validade universal que moldou uma ideia de civilização. Participar como cidadão em uma sociedade que a cada dia se tornava mais complexa significava tomar uma série de decisões e projetar uma nova – tomando as palavras de Benedict Anderson (1991) – comunidade imaginada, adotando alguns comportamentos, rejeitando outros e construindo um novo universo simbólico. Desta forma, formou-se e multiplicou-se em Montevideu um associacionismo afro do tipo culto que se caracterizará pela diversidade e especialização de acordo com os propósitos de cada grupo. (GOLDMAN, 2015, p. 55). [Traduzido do espanhol].

Os clubes e associações tiveram as mais distintas finalidades. Certos clubes foram criados para realizar bailes e eventos, e acabaram se convertendo em espaços de resistência e luta contra o preconceito racial. De um modo geral, alguns clubes e sociedades tiveram fins políticos, ou se mantiveram com ideias de solidariedade e união, tal como eram as sociedades de mútuo socorro; outras, tinham vertentes sociais, culturais, promoção à educação e leitura ou mesmo espaços de recreação e bailes de carnaval (GOLDMAN, 2015). É importante sinalizar que em razão de uma exclusão, velada ou não, a comunidade negra conseguiu estruturar espaços para mobilizar as camadas da vida social e se integrar à comunidade uruguaia. Os clubes, além disso, expressavam as demandas trazidas pelo movimento.

A expansão desse impulso associativista foi responsável por desencadear o nascimento da “imprensa negra” no país. Por meio dela, a elite intelectual negra buscava abrir um diálogo não só com a comunidade negra que não tinha os mesmos acessos à educação, cultura e política, mas também com a sociedade como um todo. Para visualizar isso, podemos pensar no que, até então, é considerado o primeiro periódico publicado pela comunidade negra uruguaia: o jornal *La Conservación*, fundado no ano de 1872 pelos editores Andrés Seco, Marcos Padin.³⁵ *La Conservación* contou com 17 números publicados entre agosto e novembro do ano anteriormente citado, e expressava as demandas do Club Igualdad, importante clube negro de Montevideu. Segundo Gortázar (2006), a relação do jornal com o clube pode ser lida como parte de um mesmo projeto político e cultural.

³⁵ Falando da materialidade do periódico, *La Conservación* é uma publicação de diagramação simples e não possui imagens ou figuras. Suas poucas edições contavam com quatro páginas – com exceção da edição número 15, publicado em outubro de 1872, que contou com cinco – que eram divididas em três colunas em que encontramos artigos escritos pelos editores, e também crônicas, poemas, sonetos, algumas propagandas voltadas a empreendimentos de membros da comunidade negra. Normalmente, a última página era voltada para anúncios desses serviços da comunidade e também de bailes ou eventos da coletividade.

DOMINGO 4 AGOSTO MONTEVIDEO AÑO 1872 NÚM. 1

REDACCION
ADMINISTRACION
Reconquista 112.

LA CONSERVACION

Suscripcion
Pagadera adelantada
Por mes... 50 cts.
Nº suelto. 20 "

ORGANO DE LA SOCIEDAD DE COLOR

REDACTORES—Marcos Padin—Agustin Garcia—Andres Seco

Almanaque
Domingo 4—Sto. Domingo de Guzman fundador.

Ve la luz pública
Por establecimiento tipográfico La Republica.

Avisos y solicitudes
Con arreglo á la tarifa.

LA CONSERVACION
MONTEVIDEO, AGOSTO 4 DE 1872

Nuestras palabras
El que defiende sus derechos es considerado como el orador sagrado en sus asuntos organizados....

A. Seco
Así decía nuestro Co-Redactor en una discusion de una Sociedad, cuando rebatiendo sus ideas se presentaban varios testafierros, que despues de discutir acaloradamente, concluyeron por ceder á sus palabras: las cuales tomamos por tema.

Como hemos dicho, nuestros principios no han sido llevar nuestra "Sociedad" mas arriba de unos de aquellos puntos que se titulan limitados: pero si; penerlo en unos de aquellos grados que se encuentran á la vista de que no ha mucho tiempo nos consideraban como una débil luz amenazada de continuo por una fuerte rafaga de viento.

Tampoco venimos á la prensa á sostener caprichos de personas que basadas en uno ú otro punto de nuestro "Programa" quieran transformar nuestras doctrinas á ideas políticas. Solo venimos á presentar un bálsamo á aquellos débiles de corazón que fortalezca sus fibras debilitadas por la ignorancia ó el raciocinio.

FOLLETTIN

ROB-ROY

Novela escrita en inglés por
SIR WALTER SCOTT
Y traducida por D. E. de U. V.

CAPITULO I
Habeisme inducido, mi querido amigo, á aprovecharme del ocio que la Providencia se ha dignado conceder á mi vejez deliniando el cuadro de las vicisitudes que señalaron mi juventud. Tales lances, como vos los llamais, han degado en mi ánimo cierto memoria mezclada de placeres y dolor, á la cual se añade un vivísimo sentimiento de gratitud y de respeto al soberano Regulador de los destinos humanos, cuya benéfica mano

Varios habrá de nuestra misma "Sociedad" que al pasar la vista por estas líneas exclamaran llenos de asombro.

¿Quiénes son ellos para defender una justa causa de derechos?

A lo que nosotros enorgullecidos por nuestros principios y glorificándonos por nuestra tarea: contestaremos *La viña del Señor, dá fruto para todos.*

Habrán otros que llenos sus pensamientos de ideas distintas, aludirán á que nuestras doctrinas son subversivas que carecen de un purto social.

A lo que nosotros contestaremos como el hombre del Gólgota: *¡Perdonadlos Señor, no saben lo que hacen!*

¿Pero, á que sembrar tantos bienes cuando nacen tantos males?

Nosotros nos presentamos defendiendo un derecho justo, un derecho de principios, un derecho sagrado; tan sagrado como el que recibió Moises por orden de Dios la cumbre del monte Sinaí.

¿Pero; inútil será sembrar, cuando no se recoge el fruto!

Para nuestros pensamientos, que únicamente encierran la esperanza de formar en nuestra *Sociedad*, un círculo de unión, sin que en él se mire con indiferencia la ignorancia, y poca civilización, no falta uno de nuestra misma *Sociedad* que con otro pensamiento contradictorio al nuestro, conduzca por el camino de sus desca belladas ideas á los pobres de espíritu, y faltos de rol social, pintándoles un paraíso que mas tarde vendrá á convertirse en un abismo insondable, que solo pide victimas ignorantes, para levantarse en el venidero, como se levanta la conciencia del hombre sanguinario despues de haber sacrificado su víctima.

¿Y sabeis á lo que se levantarán?

A hacer frente á aquellos de que ha muguido mi juventud por medio de tantos riesgos y peligros, de modo que el contraste me da á conocer aun mas el precio del sociogio con que á coronado mi cenetud. Casi estoy por creer, como mil veces me habeis dicho, que la narracion de los acontecimientos que me han sobrevenido en medio de un pueblo, cuyos usos y costumbres se parecen todavía al estados primitivos de los hombres; ofrecerá algun interes á cualquiera que guste de oír narrar á un anciano de otro siglo.

Debeis sin embargo tener presente que la relacion que hace un amigo á otro amigo pierde la mitad de su gracia cuando se confía al papel; y que los acontecimientos que escuchais con interes, por referirlos quien en los mismos representaba un papel, á penas os parecerán dignos de atencion, retirados en vuestro gabinete. Pero vuestra vejez, mas verde que la mia, y vuestra robusta constitucion, os prometen, segun las probabilidades humanas, vida mas larga que la mia: destellad pues estas hojas á algun secreto cajon del

cho tiempo) trabajan por conducirlos por el camino de la civilización.

¡Oh! cuán grandiosa sería nuestra misión si llegáramos á curar á los que enfermos por el mal de la ignorancia, les causan nuestras palabras el efecto de las que pronuncia fuera de su razon.

¡Compasión! puede que con el tiempo se hallaban sumidos en perpetua ignorancia puedan ostentar el sol de la sabiduría.....

No crean que al hacer estas observaciones, se ha encerrado en nuestro corazón otras ideas que la de unión, porque sin la unión no hay principios y sin los principios no hay fin, ya que hemos empezado nuestras tareas por llevar el estan larte de Unión y por n rima, nuestros derechos faltariamos á un sagrado juramento sinola llevamos por lema.

—o—

Una ojeada sobre nuestra sociedad

Nuestra sociedad padece de una enfermedad endémica por la desunión de sus actos.

Y hoy que nos es dado empuñar en nuestras manos la pluma del periodista, vamos á pintar aunque á ligeras pinceladas nuestra situación como sociales, que si este bosquejo no se les parece en arte al menos; si como se semeja.

Hemos tenido ocasion de asistir la noche del 20 pasado á una de esas grandes expansiones de nuestra sociedad, en honor del Sr. Rodríguez, uno de los iniciadores de ese Club que se establece con el objeto de llevar á la Representación Nacional, un hombre que nos dignifique.

Y francamente, lo decimos de to lo corazón que nos sentimos envidiosos de orgullo, al ver que al fin, se levantó un hombre en nuestra sociedad de color, que hiciera oír su palabra en medio de una asamblea tan numerosa.

Nuestro bufete, hasta que nos hayamos separado uno de otro por un acasamiento que puede sobrevenir á todas horas, y que no tardará indefectiblemente mas que un corto número de años. Cuando nos hayamos adios en este mundo, para volvernos á ver, segun espero, en otro mejor, estoy o-erto de que amareis mas de lo que ella merece, la memoria de vuestro amigo, y en todos los portomenores que voy á traslalar, hallareis materia de melancolicas pero nada desagradables reflexiones.

Hay algunos que legan su retrato á los confidentes de sus corazones. Yo pongo en vuestras manos un fiel transunto de mis pensamientos. Ya turbios, y azarosos, ya tranquilos, de mis buenas prendas y de mis faltas y cuento que las ligerezas é inconsecuencias de mi juventud hallarán en vos la misma indulgencia que habeis á menudo manifestado para con los yerros de edad mas madura.

Otra ventajosa encuentro en dirijiros estas

FIGURA 1 - 1ª edição do jornal *La Conservación*Fonte: Jornal *La Conservación*, n. 01, año I, 4 de ago. de 1872, p. 1.

O Club Igualdad foi criado com o projeto de formar uma imprensa e biblioteca que servisse aos interesses da comunidade negra (GOLDMAN, 2015) e, de acordo com Oliveira Silva, tinha “caráter político institucional, mantido por associados e fundamentado em uma ideia de raça negra” (OLIVEIRA, 2019, p. 217). O clube foi fundado por Eulogio Alsina, José María Rodríguez, Timoteo Olivera, Manuel Aturaola, Manuel Gutiérrez, e nos permite entender

as visões de cidadania pensadas por esse grupo (Idem, 2019), bem como as iniciativas pensadas por eles para realizar mudanças sociais.

Outra associação fundada no mesmo período foi o Club Defensa. A organização, cujo nome fazia uma clara menção ao Gobierno de la Defensa de Rivera, no período da Guerra Grande, era vinculado ao Partido Colorado. Ele era formado por militares negros que, em sua maioria, haviam de fato participado da defesa de Montevideu e por alguns civis (GOLDMAN, 2016). Por mais que as associações demonstrassem interesses similares para a comunidade negra – alcançar a “cidadania plena”, melhoria cultural, educacional e econômica, representatividade política, etc. –, os grupos possuíam visões muito distintas de como esses objetivos deveriam ser alcançados. Isso causou alguns conflitos entre seus membros.

Uma das principais reivindicações trazidas pelo Club Igualdad, expressada em *La Conservación*, era eleger um candidato próprio da coletividade, uma pessoa que fosse capaz de entender as necessidades e que sentisse na pele as situações vivenciadas por aqueles indivíduos. Havia uma grande preocupação que a comunidade exercesse o direito ao voto. Na edição de setembro de 1872, o conselho diretivo do periódico convida a comunidade negra a votar, reforçando a luta de seus antepassados, a preocupação pelos descendentes e o perigo da indiferença política.

A indiferença política, é tão ou mais culpada do que ser membro de um partido sanguíneo. Os extremos se encontram: é uma verdade irrefutável, com nossa indiferença fazemos uma sessão dos sagrados direitos que nos correspondem e que tanto custaram aos nossos mais velhos, pois há chegado o caso de considerá-los os verdadeiros mártires da liberdade, tal é o verdadeiro sentido, do mote dado pelo povo à nossa raça ao chamá-la de *Carne de Canhão*. Então esse direito, adquirido às custas de nossos ancestrais se tornarem *Carne de Canhão*, devemos doá-lo? Devemos privar nossos descendentes disso? Não, mil vezes não. [...]. (A votar. *La Conservación*, n. 08, 1872, p. 1).³⁶

A partir disso, o periódico passa a defender a candidatura de José María Rodríguez, homem negro, diretor do Club Igualdad, secretário do Club Defensa e que havia conquistado uma carreira militar significativa dentro das possibilidades oferecidas à população negra – essa era, inclusive, uma das virtudes ressaltadas por *La Conservación*. Em 29 de setembro de 1872,

³⁶ El indiferentismo político, es tan culpable o mas que el ser miembro de un partido sanguíneo. Los extremos se tocan: es una verdad irrefutable, con nuestra indiferencia hacemos una seccion de los sagrados derechos que nos corresponden y que tan caros ha costado á nuestros mayores, pues há llegado el caso de considerarlos los verdaderos mártires de la libertad, tal es el verdadero sentido, del mote dado por el pueblo á nuestra raza al denominarla *Carne de Cañon*. Ahora bien ese derecho, adquirido á costas de haberse convertido en *Carne Cañon* nuestros acendientes ¿Debemos regalarlo? ¿Debemos privar de él a nuestros desendientes? No, mil veces no [...]. (A votar. *La Conservación*, n. 08, 1872, p. 1).

La Conservación anunciava, sob o título “Nuestro Candidato para los próximos comícios – D. José M. Rodríguez”, o apoio ao *conrazaneo*.³⁷

Não é homem nem cidadão quem não pratica os direitos sagrados que a liberdade lhe confia. Não há homem mais livre do que aquele que está disposto a se sacrificar por seus direitos. Neste sentido; cidadãos da nossa raça, o que mais podemos dizer senão que a prática da liberdade bem entendida, é o culto que devemos à sublime religião do país. Esta prática consiste principalmente em depositar o nosso voto nas Urnas Eleitorais para o homem que nos pareça apto para nos representar no Parlamento Nacional; voto nascido de nossa livre e espontânea liberdade. (*La Conservación*, n. 09, 1872, p. 1).³⁸

No mesmo jornal, outro trecho descreve José María Rodríguez como um homem ilustrado e intrépido para desempenhar esse posto, ou melhor, para “representar nossa raça”.³⁹ Esse mesmo título foi utilizado em todas as edições seguintes do jornal, apresentando Rodríguez e suas atribuições, de modo a enfatizar a importância de eleger um candidato próprio.

Todos nós que nos consideramos patriotas, temos a obrigação de votar no candidato apresentado; seja por um dever sagrado, seja porque é mais um passo em frente no caminho dos nossos direitos. [...]

Se queremos ver os nossos direitos livres dos excessos de pessoas egoístas, temos mais que fazer do que levantar a bandeira da União entre nós e elevar às bancadas representativas o Sr. Rodríguez, que certamente nos dará os nossos direitos que nos correspondem como filhos de uma nação civilizada, livre e republicana. (*La Conservación*, n. 10, 1872, p. 1).⁴⁰

A ideia de nação civilizada, republicana e livre, que ecoava nos projetos de construção da nação uruguaia apareciam nos discursos da comunidade intelectual negra: suas pautas estavam relacionadas aos discursos nacionais da época. No entanto, apesar dos muitos esforços do movimento, a candidatura de Rodríguez não seguiu adiante. De acordo com Gustavo Goldman (2015), a ideia era inseri-lo como parte da lista de candidatos do Partido Colorado à

³⁷ *Conrazaneos* é um termo sem tradução literal, utilizado por membros da comunidade negra do período de publicação da revista *Nuestra Raza* para se referirem uns aos outros. Para melhor explicitar, termos semelhantes seriam “hermanos de la raza”, “membros de la raza”, “congénere” ou “hermanos de color”, também usados pela coletividade.

³⁸ No es hombre ni ciudadano el que no practique los sagrados derechos que la libertad le confia. No hay hombre mas libre que aquel que está dispuesto a sacrificarse por sus derechos. En este sentido; ciudadanos de nuestra raza, que mas podemos decir sino que la practica de la libertad bien entendida, es el culto que debemos a la sublime religion de la patria. Esa practica consiste principalmente en depositar en las Urnas Electorales nuestro voto por el hombre que nos parece apto para representarnos en el Parlamento Nacional; voto nascido de nuestra libre y espontanea libertad. (*La Conservación*, n. 09, 1872, p. 1).

³⁹ Jornal *La Conservación*, n. 09, p. 1.

⁴⁰ “Todos los que nos consideramos patriotas, tenemos como obligación de votar por el candidato presentado; ya por un deber sagrado, o ya por ser un paso mas q’ avanza a la senda de nuestros derechos. [...] Si queremos ver nuestros derechos libres de los desmanes de los egoístas, tenemos mas que lebanantar entre nosotros la bandera de Unión, y elevar a las bancas representativas al Sr. Rodriguez, que de cierto nos dará nuestros derechos que nos coresponden como hijos de una nación civilizada, libre y republicana”. (*La Conservación*, n.10, 1872, p.1).

Câmara de Representantes, mas algumas desavenças internas, falta de habilidade no campo político e atitudes discriminatórias por parte de membros do Partido Colorado impediram essa candidatura. Além disso, para ser eleito, Rodríguez deveria abdicar de seus direitos adquiridos enquanto ex-militar, o que incluía sua aposentadoria e alguns outros benefícios. Quando foi declarado que o militar não iria se eleger, o Club Igualdad, por meio de *La Conservación*, publicou uma nota acusando o Club Defensa de não apoiar dignamente a candidatura de José María Rodríguez.⁴¹

Após o ocorrido, o setor de homens negros que participavam do Club Igualdad parece ter sofrido uma mudança ideológica. Sobre isso, Gustavo Goldman diz que

... a partir das colunas do jornal *La Conservación*, esse grupo começou a voltar seu olhar para os setores mais populares da população negra, combinando no contexto proposto uma reflexão que inclui aspectos tanto de raça quanto de classe: *Si no nos basta con enarbolar nuestra bandera en silencio para derrotar a nuestros enemigos políticos, recurramos a las manifestaciones populares donde asistan todos los hermanos de raza sin distinción de partido político.* (GOLDMAN. 2015, p. 192). [Traduzido do espanhol, exceto a citação da fonte].

La Conservación também passa a indicar que se o candidato membro da coletividade estivesse vinculado a um partido próprio, tudo seria diferente. A ideia plantada pelo periódico de um partido negro, especialmente dedicado a questões de classe, foi fundamental a partir do século XX. *La Conservación* é uma das mais importantes referências da “imprensa negra” uruguaia e já trouxe diversas questões fundamentais para a intelectualidade negra do século XX. A proposta de um candidato negro, em um partido voltado para a comunidade, não seria completamente abandonada pela intelectualidade negra uruguaia, como veremos mais adiante.

Gortázar (2006) lança a hipótese, e aqui concordamos com ela: o discurso de reconstrução da “raça negra” nas páginas desse periódico pioneiro, estava buscando uma ruptura radical com o passado escravista e tinha a necessidade de se preparar para os novos desafios que viriam, tais como o desejo de igualdade real, união da comunidade e a necessidade de ampliação da comunidade letrada (2006, p. 110). As primeiras manifestações da comunidade negra no mundo dos escritos foram marcadas pela luta contra os estereótipos e os preconceitos, além disso, pela luta por autorrepresentação. Em *La Conservación* vemos, pela primeira vez, esses sujeitos falarem de candidatos negros para a disputa de cargos eleitorais. Eles abriram as portas para que outros jornais e revistas pudessem, a partir dessa experiência, dialogar especialmente com a comunidade intelectual negra do país.

⁴¹ Jornal *La Conservación*, n. 15, p. 1.

Além de *La Conservación*, durante fins do século XIX e início do XX, apareceram muitas outras publicações da imprensa negra, como *El Progresista* (1873), *La Regeneración* (1884-1885) e *La Propaganda* (1893-1895). O último reapareceu em 1911, pouco antes da criação de *Nuestra Raza* (1917 e 1930-1948). A redação de *La Propaganda*, em sua segunda fase, contou com a participação de Marcelino Bottaro,⁴² destacado intelectual da comunidade negra e que também foi uma força importante na agrupação *Nuestra Raza*.

Os editoriais de Bottaro em *La Propaganda* falavam sobre o desemprego, os baixos salários da coletividade, as várias formas pelas quais o racismo se mostrava, a falta de apoio à cultura e às ideias políticas, por parte da população negra, às iniciativas fomentadas por esse grupo de intelectuais. Proclamavam que a união da coletividade negra deveria ser a principal pauta. Esse argumento, ponto chave desde as páginas de *La Conservación*, atravessou o movimento intelectual negro uruguaio através dos anos. Somente a união da comunidade poderia ocasionar mudanças estruturais na sociedade. *La propaganda* anunciava em 10 de outubro de 1911:

E este desiratum [desideratum] só pode ser alcançado, não pregando aos quatro pontos cardeais, que é necessária a UNIÃO; ele é alcançado, unindo os esforços de todos, que será o único apoio, que nos fará realizar a grande obra, onde cada elemento será uma coluna firme, que sustentará a cúpula, do nosso templo, que será o sacrário das almas e terá como eucarística as ideias daqueles que, inspirando-se pelo bem de todos, prodigalizarão os seus esforços, na consolidação da obra. (*La Propaganda*, n. 16, 1911, p. 1).⁴³

Dos periódicos contemporâneos a segunda fase de *La Propaganda*, outro de igual relevância foi *La Verdad* (1911-1914), que tinha a frente de sua produção o intelectual Lino Suarez Peña.⁴⁴ Os dois foram os periódicos mais importantes do começo do século XX,

⁴² Marcelino Horácio Bottaro, que também assinava na imprensa como “Horário” ou “Petrônio”, foi um intelectual e escritor negro ativo, promotor do associativismo e da imprensa da coletividade durante a primeira metade do século XX. Conquistou um cargo no setor público, o que lhe permitiu certa estabilidade financeira para dedicar-se a atividades em periódicos, dentre outras atividades culturais e políticas. Foi redator do periódico *La Propaganda*, assíduo colaborador da revista *Nuestra Raza* e promoveu várias ações e organizações da comunidade negra, como o Comité Pro-Repatriación de los Restos de Ansina e a Agrupación Pro-Centro de la Raza, um projeto que veio a se materializar na criação da Casa de la Raza, em 1934. (RODRÍGUEZ, 2019).

⁴³ Y ha este desiratum solo se llega, no predicando á los cuatro puntos cardinales, que es necesaria la UNIÓN; á él se llega, uniendo el esfuerzo de todos, que será el único apoyo, que nos hará realizar la gran obra, donde cada elemento, será columna firme, que sostendrá la cúpula, de nuestro templo, que será el sacrario de las almas y tendrá por eaurística las ideas, de los que inspirandose en el bien de todos, prodigaran sus esfuerzos, en la consolidación de la obra. (*La Propaganda*, n. 16, 1911, p.1).

⁴⁴ Lino Suárez Peña foi um dos intelectuais negros mais destacados do período. Foi porteiro do *Ministerio de Instrucción Pública*, além de ter passado por outros cargos públicos semelhantes, o que lhe concedeu certa estabilidade econômica, tal como Marcelino Bottaro, algo não muito comum dentro da coletividade. Isso lhe permitiu desempenhar um trabalho importante como jornalista, foi responsável pelo periódico *La Verdad* e colaborou com outros, como *Nuestra Raza*, em sua segunda fase (RODRÍGUEZ, 2019). Em 1924, Suárez Peña escreveu o manuscrito “Apuntes y datos referentes a la raza negra en los comienzos de su vida en esta parte del

principalmente por introduzir certos indivíduos no mundo das publicações que viriam a ser fundamentais ao longo da história da imprensa feita por e para a comunidade negra uruguaia. Os artigos de Suárez Peña no jornal *La Verdad* corroboravam as ideias de Bottaro e reivindicavam o papel central dos negros no desenvolvimento e construção do país. Além disso, Bottaro recebia o apoio do *conrazaneio* em uma de suas propostas mais importantes: a fundação de uma “casa de la raza”, uma instituição que fosse responsável por contribuir para a melhoria cultural e material da coletividade, bem como possuir espaços recreativos, bibliotecas e que fosse capaz de financiar artistas negros.

Todas essas publicações citadas se deram na capital do país. A primeira grande experiência periodística da comunidade negra fora de Montevideú, foi a primeira fase da Revista *Nuestra Raza*, fundada na cidade de San Carlos, departamento de Maldonado, pelos irmãos Barrios; María Esperanza,⁴⁵ Ventura⁴⁶ e Pilar.⁴⁷ A publicação inicial da revista aconteceu no dia 10 de março de 1917 e, especialmente por razões financeiras, teve um período de vida muito curto, encerrando suas atividades em dezembro do mesmo ano. A experiência em San Carlos proporcionou aos irmãos Barrios uma rede com intelectuais de Montevideú, além de conhecimento sobre redação, administração e produção de publicações. Isso permitiu que *Nuestra Raza* voltasse a circular 16 anos depois, dessa vez em Montevideú, onde ocorriam

Plata”, e alguns anos mais tarde, em 1933, “La raza negra en el Uruguay. Novela histórica de su paso por la esclavitud”, anteriormente citados. De acordo com o pesquisador Alex Borucki, a relevância do ensaio de Suárez Peña reside no resgate da memória oral de idosos de origem africana na capital do país (2006, p.313). Provavelmente esse trabalho, descreve Borucki, foi o primeiro ensaio de reflexão histórica produzido por um negro uruguaio sobre a escravidão e a sociabilidade da comunidade.

⁴⁵ María Esperanza Barrios cresceu na cidade de San Carlos. Suas primeiras participações na imprensa foram no periódico de *La Verdad*, de Suárez Peña, e na primeira fase de *Nuestra Raza*, da qual foi uma das fundadoras. Suas principais reivindicações diziam respeito à infância e à educação de crianças negras (BUSTAMANTE, 2017). Morreu jovem, e sua memória é sempre relacionada à luta por educação e dignidade nas páginas da revista que ajudou a criar. Seus textos foram republicados diversas vezes durante a atuação da revista.

⁴⁶ Ventura L. Barrios nasceu em Rocha, mas cresceu em San Carlos. Mudou-se para Montevideú e trabalhou em diversos órgãos da imprensa, o que lhe garantia muito conhecimento na área. Escreveu diversos artigos nas mais variadas publicações da comunidade negra uruguaia. Era reconhecido como um grande intelectual.

⁴⁷ Pilar Eustaquio Barrios nasceu em Rocha, mas logo mudou-se para San Carlos, onde frequentou a escola por seis meses (BRITOS, 1950). Foi um dos mais importantes poetas negros do Uruguai. Possuía um contato direto com diversos escritores internacionais, o que lhe permitiu uma rede muito interessante e diversa. Sua poesia denunciava o racismo, falava de amor e companheirismo. Escreveu três livros além de vários folhetos e ensaios publicados em diversos periódicos: *Piel negra* (1947), *Mis cantos* (1949) y *Campo afuera* (1959). De acordo com Britos Serrat, esses livros foram publicados em um tomo único, nos anos 1970, por Graus Reprint, na Alemanha. Pilar Barrios foi a segunda pessoa negra a publicar um livro no Uruguai – a primeira foi Virgínia Brindis de Salas.

as principais manifestações políticas, sociais e culturais do país, circulando ininterruptamente por quinze anos, encerrando suas atividades, portanto, em 1948.⁴⁸

Em sua segunda fase, a revista viria a se tornar, como veremos detalhadamente mais adiante, a publicação mais duradoura, importante e principal porta-voz do movimento intelectual negro uruguaio do começo do século XX. Contou com os mais distintos intelectuais, artistas e periodistas negros do país, como Isabelino José Gares⁴⁹ e Salvador Beterbide,⁵⁰ que editaram na mesma época o periódico *La Vanguardia* (1928-1929), bem como uma vasta rede de intelectuais provenientes da diáspora africana internacionalmente. Foi responsável pela criação de diversas iniciativas políticas e culturais do movimento e nos permite visualizar as ações desse grupo seletivo que buscava mobilizar mudanças sociais.

As associações, clubes e círculos mais significativos quase sempre estavam ligados a revistas e jornais – sejam esses espaços dando origens aos periódicos ou, como no caso de *Nuestra Raza*, a própria revista gerando espaços demandados pelo grupo editorial. Esses periódicos tinham a intenção de ampliar a voz desse núcleo intelectual para outras camadas da comunidade negra do país e, em determinados casos, internacionalmente. Como visto anteriormente, a presença da população negra no Uruguai era intensa nas regiões de fronteira com o Brasil, uma vez que grande parte da escravidão e do tráfico ocorria ali. Não por acaso, um dos mais importantes clubes sociais criados no século XX pela comunidade negra foi fundado na cidade de Melo, no departamento de Cerro Largo.

O Centro Uruguay nasceu em 1923, e foi fundado por nomes como Pablo Alcántara, Manuel de los Santos, Juan C. Pérez, Juan Arévalo, Juan Netto, Juan Montiel e Armando Sosa,

⁴⁸ Em meados de 2014, houve por parte de um estimado membro da comunidade negra uruguaia, José Enrique Díaz, também membro de outras organizações do movimento negro, a tentativa de voltar com a revista de alguma forma. Sob o título *Nuestra Raza Hoy*, foi criada uma página nas redes sociais resgatando alguns poemas e trechos de *Nuestra Raza* em sua segunda fase, assim como informações ligadas a Asociación Cultural y Social Uruguay Negro (ACSUN), e outras notícias que envolvessem a população negra, tanto no Uruguai, quanto no exterior. Ainda não encontramos evidências de que a revista foi publicada de alguma forma, física ou digital, nessa que chamamos de terceira fase. O que se sabe é que desde o falecimento de Díaz, em janeiro de 2019, quem idealizou a volta da revista, a página teve pouquíssimas interações.

⁴⁹ Isabelino José Gares foi um dramaturgo reconhecido na comunidade negra uruguaia. Escreveu em diversos periódicos, especialmente na *Nuestra Raza* em sua segunda fase, onde assinava o pseudônimo Nagel. Seu teatro se caracterizava pelo conteúdo racial.

⁵⁰ Salvador Beterbide nasceu em Melo, Cerro Largo. Foi o primeiro advogado negro a integrar o Colegio de Abogados. Nasceu em uma família tradicionalmente vinculada ao Partido Nacional, mas por ser muito próximo de Julio César Grauert, com quem estudou, acabou se vinculando às ideias batllistas do Partido Colorado (BUSTAMANTE, 2017). Sua amizade com Grauert influenciou seu pensamento político, o que ficava claro em *La Vanguardia*. De acordo com uma entrevista dada em 2017 por Jorge Bustamante ao Museu Histórico Cabildo de Montevideo, foi ele quem cunhou o termo *conrazaneio*. A grafia de seu nome, por vezes, aparece Betervide. Optamos por utilizar a que aparecia com mais frequência na revista *Nuestra Raza*.

dentre outros, e funciona até os dias de hoje.⁵¹ Sua longa vida e forte atuação permitiu que o Centro Uruguay passasse, desde sua criação, por quase todos os periódicos da chamada imprensa negra da primeira metade do século XX – possuía uma relação particularmente estreita com a segunda fase da revista *Nuestra Raza*, que noticiava praticamente todas as iniciativas importantes do clube. A instituição contava com diversos comitês de atuação, fazia eventos mensais e apoiava iniciativas culturais da comunidade negra melense. Além disso, o Centro contou com publicações próprias, como os periódicos *Acción* (1934-1952) e *Orientación* (1941-1945).

O periódico *Acción* foi publicado em Melo durante quatro fases, entre aparições e desaparecimentos: a primeira entre 1934 e 1935, e as outras, entre os anos de 1944 a 1952. Segundo Oliveira Silva (2015), até o aparecimento de *Acción*, Montevidéu concentrava todas as revistas e jornais da imprensa negra ativos naquele momento.



FIGURA 2 - Anúncio do jornal *La Acción* feito em *Nuestra Raza*

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 11, año II, 23 de nov. de 1934, p. 7.

O objetivo principal do jornal *Acción* em sua primeira fase era a construção de um edifício próprio para ser a sede do clube. Mais do que um espaço simbólico, os associados precisavam de um espaço físico que sustentasse as reuniões, eventos e biblioteca. Diversas ações foram promovidas para arrecadar fundos para concretizar esse objetivo. Essas ações,

⁵¹ No ano de 2021, o clube comemorou em plena atividade os seus 98 anos existência. O site oficial da República Oriental do Uruguai publicou uma pequena nota parabenizando a instituição. Disponível em: <<https://www.gub.uy/intendencia-cerro-largo/comunicacion/noticias/98-anos-del-centro-uruguay-melo>>. Acesso em: 28 de dez. de 2021.

como piqueniques organizados pela comissão de damas⁵² do *Centro Uruguay*, bailes, festas, além de contribuir financeiramente com o interesse, eram espaços de sociabilidade e discussão. Os eventos associativos foram fundamentais para a construção de estratégias dentro do movimento, e as revistas e jornais, muitas vezes, eram capazes de expor esses pensamentos para a comunidade, tornando esse debate possível. Além disso, outra função do periódico era encontrar associados para o centro.



FIGURA 3 - Texto publicado no periódico *Acción* anunciando uma campanha para novos sócios no Centro Uruguay.

Fonte: *Acción*, n. 20, año II, 2ª época, 25 de abr. de 1946, p. 1.

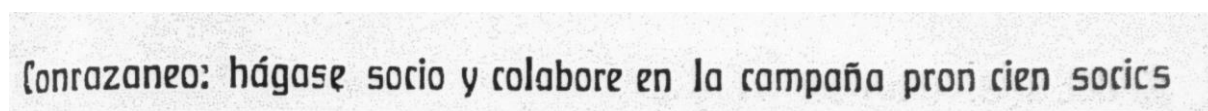


FIGURA 4 - Trecho distribuído nas páginas do periódico, convidando os *conrazaneos* a associar-se ao Centro e a trazer novos sócios

Fonte: *Acción*, n. 20, año II, 2ª época, 25 de abril de 1946, p. 3-4.

⁵² A participação feminina ocorreu desde o início do movimento intelectual negro e pode ser melhor visualizada a partir do começo do século XX, especialmente em figuras como María Esperanza Barrios, que, logo no início do século, funda e publica uma revista. Ao longo da dissertação, essa questão será melhor desenvolvida.

El deber de todo asociado al Centro, es hacer un nuevo socio

FIGURA 5 - Outro trecho convidando os *conrazaneos* a associar-se ao Centro e a trazer novos sócios

Fonte: *Acción*, n. 20, año II, 2ª época, 25 de abr. de 1946, p. 3-4.

Durante o século XX, muitos clubes foram fundados, mas nem sempre tinham uma longa vida. Outra exceção a essa regra, além do Centro Uruguay, de Melo, foi a Asociación Cultural y Social Uruguay (ACSU), fundada em 1941 e que, tal como o clube melense, segue ativa até os dias de hoje.⁵³ A duração do ACSU tem relação com o momento histórico de sua fundação, afinal, o clube nasce logo quando o Uruguai saía da “grande depressão” e entrava em seus “anos dourados”. Com a economia em expansão, e consequentemente, com melhores ofertas de emprego e salário, o sonho da comunidade negra de crescer socialmente e economicamente se tornou muito mais possível (ANDREWS, 2010). A instituição nasce com a intenção de concretizar essas aspirações. Foi fundada por Ignacio Suárez Peña, parente do conhecido membro do movimento intelectual negro Lino Suárez Peña, e focava suas forças no estímulo à educação, trabalho e nos bons modos. Para expressar suas demandas, o ACSU contava com uma revista de publicação mensal, denominada *Revista Uruguay*. A *Revista Uruguay* foi publicada entre 1945 e 1948.

⁵³ Atualmente, o nome da instituição é Asociación Cultural y Social Uruguay Negro (ACSUN).

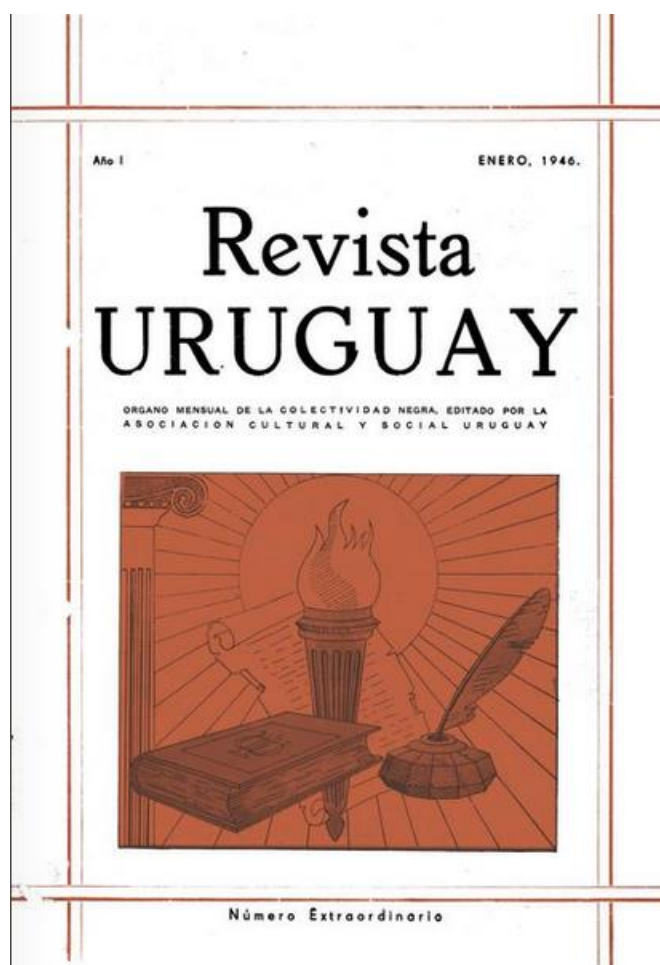


FIGURA 6 - Capa da *Revista Uruguay*

Fonte: *Revista Uruguay*, n. 12 año I, jan. de 1946.

Nas primeiras edições da revista, publicadas entre fevereiro de 1945 e julho de 1945, ela trazia o subtítulo “Organo de la raza negra. Editado por el Centro Cultural y Social Uruguay”. Na edição seguinte, publicada em outubro do mesmo ano, o subtítulo passou a ser “Organo mensual de la colectividad negra. Editado por la Asociación Cultural y Social Uruguay”. A própria revista apresentou a mudança, explicando que durante uma assembleia decidiram pela mudança da denominação.⁵⁴

Inicialmente, a postura da ACSU, observada pelas páginas da revista, era um pouco controversa, sobretudo em relação à questão racial, ponto fundamental para o movimento. Naquele período, o grupo envolvido na direção da instituição era de uma ala do movimento negro que pensava não haver muitos problemas raciais no Uruguai. Acreditavam que o Uruguai tinha fortes bases democráticas e que, portanto, trataria seus cidadãos igualmente. De acordo

⁵⁴ *Revista Uruguay*, n. 8, p. 4.

com Andrews (2010), o clube insistia em cuidar ao máximo do decoro, trabalho duro e certa sofisticação, o que poderia ser comprovado no próprio nome da revista, tomado do Club Uruguay, o clube social mais aristocrático de Montevideu, local que o ACSU aspirava ocupar dentro da comunidade negra.

O grupo tomou outro rumo a partir da década de 1950, quando as questões geracionais começaram a pesar, bem como as questões de gênero. George Andrews descreve que apesar de as mulheres serem ao menos a metade dos associados e de organizarem a maioria dos eventos, elas não estavam nas estruturas administrativas da ACSU, e ainda eram obrigadas a se sentar separadas dos homens. Foi em 1954 que um grupo de sócios jovens enfrenta Suárez Peña, solicitando prestação de contas e exigindo a partição das mulheres na comissão diretiva. Suárez Peña, então, foi substituído por uma nova administração e a ACSU começa a protestar ativamente sobre a questão racial no país e apontar locais excludentes da cidade.⁵⁵ O caso da ACSU nos permite refletir sobre a ideia de que o movimento negro, seja ele composto por intelectuais, artistas, periodistas, não é um grupo homogêneo. Dentre as reivindicações trazidas, existiam grupos de indivíduos que se identificavam politicamente e culturalmente com as mais distintas vertentes, e dali surgiam os mais diversos conflitos, afinidades e disputadas de narrativas.

No começo do século XX, a imprensa negra destacava a urgência da articulação de um movimento negro para transformar o imaginário nacional, incluindo a população proveniente da diáspora africana na memória da nação. Os periódicos do período sempre reforçavam o quão imprescindível era a criação desses centros culturais e demais associações, as quais, ao longo dos anos, como demonstrado anteriormente, foram fundamentais para que a comunidade negra discutisse formas de se integrar no debate nacional, além de criar espaços de sociabilidade, ajuda mútua, discussão política e cultural. Por mais fundamentais que tenham sido, a elite intelectual negra do Uruguai era uma minoria dentro da coletividade. Cientes disso, as formas associativas, bailes, festas, revistas e jornais buscavam ampliar os espaços e as atuações com a

⁵⁵ Avançando um pouco no período trabalhado, durante os anos 1980, dentre algumas disputas dentro da ACSU, um grupo liderado por Romero Rodríguez e Beatriz Ramírez se separa da associação e cria uma nova instituição, também muito importante e reconhecida até os dias de hoje: Organizaciones Mundo Afro (OMA) (ANDREWS, 2010). A nova instituição nasce com uma preocupação ainda maior com o reconhecimento e recuperação da origem da população na diáspora africana. Na década de 1990, a OMA se transforma na organização da comunidade negra mais influente do país. A história da ACSU/ACSUN e da OMA é muito importante e nos permitiria um capítulo próprio, mas infelizmente ultrapassa o nosso objeto.

sociedade, para atingir os indivíduos da coletividade que não faziam parte daquele núcleo. Os clubes sociais, revistas e associações funcionavam como estratégias de inclusão.

Por meio das muitas formas associativas, dos jornais e das revistas, podemos traçar quem eram os integrantes do nascente movimento de intelectuais negros que teve origem em meados do século XIX, e abriu as portas para várias iniciativas, como as muitas realizadas pela Agrupação Nuestra Raza. Nesse heterogêneo movimento, existia um largo histórico de lutas, demandas e reivindicações, que foram se aprimorando e modificando, conforme a sociedade caminhava, e que buscavam encontrar estratégias para incluir a comunidade negra culturalmente, politicamente, economicamente e, também, na memória nacional. Pensar nas origens do associativismo e da imprensa negra, passar por seus principais momentos e expoentes é, portanto, uma forma de analisar quem era essa comunidade dentro dessa nação, como buscavam se incluir não só politicamente e economicamente, mas também dentro da memória nacional.

1.3. A “nação branca” e a “população negra”

A tradição associativista negra no Uruguai e a nascente imprensa que aparece em meados do século XIX e se fortalece no começo do século XX é, também, uma resposta ao cenário histórico do país naquele período. Hugo Achugar (2006) expõe que durante o processo uruguaio de construção nacional, datado nos fins do século XIX, o lugar da memória era ocupado especialmente por chefes ou pais fundadores, descritos em livros e em monumentos. Ainda de acordo com o autor, índios, negros, mulheres, imigrantes, iletrados, dentre outras minorias, inicialmente não faziam parte dessa memória. O Uruguai, entretanto, não negava um grau de “mistura racial”: a questão era quem fazia parte dessa “mistura”. Um momento chave dessa consolidação nacional são as celebrações do Centenário da Nação, ocorridas entre 1925 e 1930. As comemorações ocorridas nesse período foram múltiplas: diversos monumentos foram inaugurados, livros publicados, peças, canções, eventos, concursos literários. Estavam abertas as disputas pelas narrativas nacionais. A construção do Uruguai como um país “branco” se consolidou especialmente durante esse período de comemorações.

Gerardo Caetano (2010) analisa que o mítico Centenário foi um período de extrema importância para a consolidação dos modelos de nação e cidadania, que até hoje podem ser vistos na sociedade uruguaia. De acordo com Rodríguez (2019), os anos do Centenário foram

momentos de síntese e celebração do imaginário nacional, um período de disputa do passado e reformulação da história nacional. Foi durante essa reconstrução da identidade que o Uruguai passa a ser visto como um país “excepcional” dentre os demais países da América, ganha a alcunha até hoje utilizada de “Suíça das Américas”, uma nação otimista, cosmopolita e de futuro promissor. O Uruguai seria uma terra de igualdade entre todos os cidadãos, exemplo de democracia, um país moderno, eurocêntrico e com fortes bases republicanas. Um dos critérios utilizados para reforçar essa suposta superioridade uruguaia e todo o sucesso da nação, era a formação racial do território: o país era, afinal, composto por uma população “branca”.

No começo do século XX, os discursos nacionais insistiam na noção de “crisol” étnico (termo utilizado na época e resgatado por Gerardo Caetano, 2010), em que entendiam que o Uruguai seria composto por uma mistura de diversas “raças” – brancas e europeias, em sua maioria. Nesse sentido, podemos vislumbrar isso no exemplo de *El libro del Centenario del Uruguay*, uma obra patrocinada pelo Ministerio de Instrucción Pública, de múltiplos autores, publicada e vendida entre 1925 e 1930. O livro era o reflexo de como os uruguaios se pensavam – e como queriam ser pensados – enquanto nação. Seu conteúdo tratava das riquezas naturais, história, demografia, economia, educação primária e superior, literatura, música, instituições, cidadania, comércio, política, dentre outros assuntos. De acordo com o livro, o “tipo nacional” era – entre adjetivos como “nobre”, “inteligente”, “valente” – de raça branca em quase sua totalidade, e, portanto, superior aos demais países da América do Sul.

Além do livro, outro exemplo são os manuais escolares do período nos quais, inicialmente, a presença dos negros era praticamente obliterada até mesmo na parte que dizia respeito ao carnaval, ao exército, ou mesmo ao se tratar de Pedro Figari⁵⁶ (ANDREWS, 2010). A única parte em que a população proveniente da diáspora africana realmente aparecia nos manuais e livros escolares, produzidos na primeira metade do século XX, era ao se tratar da abolição da escravidão. Isso apenas reforçava que no caso uruguaio, ela teria sido abolida muito antes da maioria das demais nações americanas. Ou seja: mesmo a mínima participação, ainda tinha a intenção de engrandecer a democracia e superioridade do país. Ao declarar-se branco no início do século XX, o Uruguai declarava ao mundo que estava completamente “civilizado”: não existiam mais pendências com a “barbárie”. A tentativa de ignorar as comunidades negra e

⁵⁶ Pedro Figari Solari foi um pintor, escritor, advogado e jornalista uruguaio. O artista ficou conhecido por retratar a população negra de seu país em suas obras, especialmente através de cenas da vida cotidiana, revelando o modo de vida desses sujeitos e também algumas festas e costumes. Figari expôs suas obras em diversas galerias pelo mundo, em particular na Europa, onde morou por um tempo.

indígenas de sua história, cultura e política, foi uma forma de reorganizar sua composição racial e aproximar-se cada vez mais da Europa ocidental, “superior”, “civilizada”, “moderna” e “conquistadora”.

A relação de civilização *versus* barbárie, discurso que circula desde os primeiros choques de povos e civilizações, é reforçado especialmente pelas “teorias raciais”, “racialistas”⁵⁷ ou “doutrinas das raças”, surgidas entre os séculos XVIII e XIX, na Europa. Elas geraram grande influência na América Latina, em um momento muito delicado de sua história: um período de consolidação das identidades nacionais. De acordo com Lilia Schwarcz (1993), no contexto intelectual do século XVIII, vemos nascer um debate acerca da natureza humana. De um lado, uma visão humanista, monogenista, herdada da Revolução Francesa, em especial do pensamento de Rousseau, que naturalizava a igualdade humana. De outro, uma reflexão ainda inicial sobre teorias que lidavam com a poligenia, ou seja, acerca das diferenças básicas entre os homens. Ainda de acordo com a autora, a partir do século XIX, essa segunda visão se tornou mais influente. Esse discurso era utilizado não só para justificar o colonialismo e imperialismo, mas também para ressaltar a suposta superioridade de nações brancas.

Apesar da exclusão por maior parte dos pensadores orientais, um intelectual uruguaio se destacou não só por tratar sobre o tema da população negra em seu país, mas em toda a América: Ildefonso Pereda Valdés. Já na primeira metade do século XX, Pereda Valdés havia se tornado o principal estudioso da diáspora africana no Uruguai. Poeta vanguardista e da negritude, tal como indica Myers, recebeu elogios de Jorge Luis Borges, e foi lido por Nicolás Guillén, Emilio Ballagas, Alejo Carpentier, além de ter tido contato com os círculos artísticos de vanguarda em Paris dos anos 1930, aproximando-se, inclusive, de Nancy Cunard (MYERS, 2022), do qual trataremos mais adiante. Pereda Valdés, ainda na esteira de Myers, “concebeu sua interpretação de América, na qual a ‘africanidade’ deveria ser um componente central” (Idem, 2022, p. 123). Pereda Valdés, com sua arte e militância, tal como veremos, foi peça chave dentro da rede intelectual negra uruguaia, nacional e internacionalmente.

Apesar de tentar encontrar um discurso plural em relação à composição racial, o discurso do racismo científico, a sombra de um passado escravista e as consequências do colonialismo,

⁵⁷ *Racialismo* é um termo utilizado por Tzvetan Todorov (1993) para se referir às doutrinas sobre as “raças”, doutrinas essas que buscavam argumentos científicos para estabelecer diferenças entre os seres humanos: uma “raça” seria superior ou inferior à outra independente de características individuais. A leitura de Todorov sugere uma diferenciação entre o racialismo e o racismo. O racista comum não seria capaz de justificar seu comportamento com uma teoria. Já o ideólogo racialista, na leitura da obra, não seria necessariamente um racista. Nesse ponto, discordamos de Todorov: o racialista é essencialmente racista.

pesavam na formulação das narrativas no Uruguai.⁵⁸ A construção acerca de um passado que escravizou indivíduos provenientes da diáspora africana, que os descrevia como “poucos”, ou que teriam sido escravizados apenas na fronteira com o Brasil, é uma forma de diminuir os impactos causados por um sistema tão atroz. Criar um discurso pacificador, tanto em relação à população negra, quanto em relação à população indígena, é uma estratégia para silenciar o genocídio dos povos originários e sofrimento da população de origem africana.

A exemplo disso, podemos pensar novamente no texto de Hugo Achugar (2006) sobre o monumento *Los últimos Charrúas*. Apesar de o Uruguai utilizar a memória construída dos Charrúas para se afirmar como um país guerreiro, que luta contra gigantes, esta também é a imagem de um genocídio. O monumento pode ser visto como um “local de memória”, mas pode ser, também, um local de “distorção da memória”.

O monumento em questão foi inaugurado nas comemorações do Centenário. Em 1930, o governo estabelecia uma Comissão Nacional do Centenário. A Comissão ansiava, demonstra Achugar (2006), fomentar todas as manifestações de ordem cultural do país. Dessa forma, encomendou esculturas que buscassem representar certos grupos excluídos, como os aborígenes, negros, operários, imigrantes, peões. A intenção era passar um recado para a nação: desde que se esforçassem, haveria lugar para todos. É claro que na prática não funcionou dessa forma. Ainda de acordo com Achugar, a Comissão buscava dar imagens, rostos de um Uruguai feliz. Apesar de relatar o passado heterogêneo, o que as narrativas escreviam tratavam disso: do passado. Um país sem populações indígenas, com poucos peões, e que recebeu alguns africanos para estabelecer a escravidão – e atribuem sempre essa escravidão como algo feito pelos espanhóis, nunca por uruguaios. Como diz o próprio *Libro del Centenario*:

É, por outro lado, a única nação da América que pode fazer a afirmação categórica de que dentro de seus limites territoriais não contém um único núcleo que lembre sua população indígena. Os últimos Charrúas desapareceram como tribo, sem deixar vestígios duradouros, na esquina do Yacaré Curucú, no ano de 1832 e desde aquela época distante, quase um século, permaneceu a terra uruguaia em posse absoluta da raça europeia e seus descendentes. Homens trabalhadores de todas as nacionalidades povoam o país e contribuem para o desenvolvimento de sua considerável riqueza. (*El libro del Centenario del Uruguay*, 1925, p. 6).⁵⁹

⁵⁸ Além disso, no caso uruguaio também cabe considerar o impacto do positivismo, primordialmente em sua variante evolucionista spenceriana, na formação do imaginário nacional. (TRIGO, 2000).

⁵⁹ Es, por otra parte, la única nación de América que puede hacer la afirmación categórica de que dentro de sus límites territoriales no contiene un sólo núcleo que recuerde su población aborígen. Los últimos charrúas desaparecieron como tribu, sin dejar vestigios perdurables, en el rincón de Yacaré Curucú, en el año de 1832 y desde aquel lejano entonces, casi una centuria, quedó la tierra uruguaya en posesión absoluta de la raza europea u

E mais adiante, no parágrafo que abre o título “Demografía”:

O Uruguai é povoado pela raça branca, em sua totalidade de origem europeia. A raça indígena que habitava esta região da América no descobrimento e na conquista, já não existe, sendo o único país do continente que não conta com em toda a extensão de seu território com tribos indígenas, nem em estado selvagem, nem em estado de domesticidade. Misturando o seu sangue com o da raça conquistadora, tende a perder os ligeiros vestígios ancestrais que ainda conserva, devido ao contínuo cruzamento e transfusão continuada da raça europeia. A pequena proporção da raça etíope introduzida no país pelos conquistadores espanhóis, vindos do continente africano, para estabelecer a escravidão nessas terras, diminui visivelmente a ponto de constituir uma porcentagem insignificante da população total. Por outro lado, suas características originais sofreram, devido ao clima, às circunstâncias ambientais e à mistura de sangue europeu, modificações fundamentais. (*El libro del Centenario del Uruguay*, 1925, p. 43).⁶⁰

Especialmente no segundo trecho, é possível ver a forte influência do racismo científico: o suposto estado de selvageria, a mescla de sangue que seria capaz de melhorar e modificar uma “raça” e a própria noção de superioridade. Não se quer necessariamente apagar da história, do passado, a existência desses sujeitos, mas sim do presente e, especialmente, do futuro.

Dentro dessas disputas narrativas entre passado e presente, a comunidade intelectual negra do Uruguai buscava encontrar suas brechas. Os intelectuais negros de fins do século XIX buscavam romper com a tradição escravista e reafirmar o direito à cidadania. Já os da primeira metade do século XX, herdeiros diretos de pensamentos, tradições, intenções desse primeiro movimento e imprensa, buscavam explicar a dualidade entre ser negro e, portanto, não ter as mesmas oportunidades e privilégios do branco, tendo que lidar com um passado que escravizou seu povo e, ao mesmo tempo, ser uruguaio, nacionalista e se orgulhar do país que ajudou a construir. O não reconhecimento de pertencimento e o preconceito racial complicavam ainda mais essa relação conflituosa. A comunidade negra podia acompanhar e participar do progresso da nação, mas era apenas uma porcentagem mínima, e não contemplavam o projeto de modernidade construído no período.

de sus descendientes. Hombres laboriosos de todas as nacionalidades pueblan el país y contribuyen al desarrollo de sus riquezas cuantiosas. (*El libro del Centenario del Uruguay*, 1925, p. 6).

⁶⁰ Puebla el Uruguay la raza blanca, en su totalidad de origen europeo. La raza indígena que habitaba esta región de América cuando el descubrimiento y la conquista, ya no existe, siendo el único país del continente que no cuenta en toda la extensión de su territorio tribus de indios, ni en estado salvaje, ni en estado de domesticidad. Mezclada su sangre con la de la raza conquistadora, tiende a perder los leves vestigios ancestrales que aún conserva, por el cruzamiento y la transfusión continuada de la raza Europea. La pequeña proporción de raza etiópica introducida al país por los conquistadores españoles, procedente del continente africano, a fin de establecer la esclavitud en estas tierras, disminuye visiblemente hasta el punto de constituir un porcentaje insignificanete en la totalidad de la población. Por otra parte, sus características originales ha sufrido, por el clima, ciscunstancias de medio ambiente, y por mezcla de la sangre europea, modificaciones fundamentales. (*El libro del Centenario del Uruguay*, 1925, p. 43).

Todo o processo cultural e de construção da identidade negra no Uruguai, assim como em outras partes do mundo, são fenômenos indissociáveis dos processos de colonização e da escravidão moderna. Esses sujeitos estão inseridos em um espaço que o sociólogo britânico Paul Gilroy chamou de “Atlântico Negro”. O *Atlântico Negro* é um conceito que cria um espaço de construção cultural transnacional. Essa cultura seria definida pelo seu caráter híbrido, e não seria reduzida apenas às fronteiras étnicas e nacionais: a cultura não poderia ser identificada como americana ou africana, por exemplo, mas as duas, ou mais, concomitantemente. Ao pensar nisso e na ideia de diáspora, juntamente com o conceito de dupla consciência⁶¹, elaborado por W. E. B. Du Bois⁶² e amplamente discutido por Gilroy, é possível perceber como é complexa e conflituosa a ideia de ser ver, ao mesmo tempo, negro e uruguaio. Especialmente essa dualidade de consciência, pensada inicialmente por Du Bois e trabalhada por diversos autores, nos é fundamental para compreender o lugar desses sujeitos.

Os integrantes do movimento intelectual negro desse período, buscavam reforçar a identidade uruguaia, se reconheciam enquanto herdeiros de tradições rio-platenses e reproduziam a narrativa nacionalista muito comum no período. Ao mesmo tempo, não podiam ignorar o fato de seu país ter obliterado a história e participação da população negra da construção nacional, nem os muitos preconceitos raciais reproduzidos em razão do processo da escravidão e suas consequências. Não poderiam e nem buscavam ser africanos, pois eram uruguaio, mas os uruguaio eram “brancos”. Manuela Ribeiro Sanches, ao dedicar um capítulo de seu livro *Malhas que os impérios tecem* ao pensamento de Du Bois, explicita o quão complexa é a dupla consciência:

Sente-se sempre esta dualidade – um Americano, um Negro; duas almas, dois pensamentos, dois anseios irreconciliáveis; dois ideais em contenda num corpo escuro que só não se desfaz devido à sua força tenaz. A história do Negro americano é a história deste conflito – deste anseio por atingir um estado adulto consciente de si, por fundir esta dupla consciência num ser melhor e mais verdadeiro. Não deseja que nenhuma das anteriores consciências se perca através desta fusão. Não pretende africanizar a América, pois a América tem muito a ensinar ao mundo e à África. Não

⁶¹ Nas palavras de Oliveira da Silva: “A complexidade do que é vivenciado pelo sujeito frente à percepção de um não lugar na sociedade, marcado pela cor de sua pele, que por seu turno fundamenta uma ideia de raça, é traduzido aqui na ideia de dupla consciência a qual interpreto como aproximada da ideia de autoconsciência desenvolvida por Frantz Fanon.” (OLIVEIRA, 2017, p. 50).

⁶² O conceito foi trazido por Du Bois especialmente na obra *As Almas da Gente Negra*, publicada originalmente em 1903, e que ganhou uma nova versão em português em 2021. Na obra, o autor, discorre sobre o racismo nos Estados Unidos, trazendo dois conceitos fundamentais, a *dupla consciência*, da qual falamos ao longo do texto, e o *véu*. Como apresenta Silvio de Almeida no prefácio à edição brasileira: “O véu é algo que impede que sejamos vistos como realmente somos, mas também nos impede de ver o mundo como ele realmente é. Nesse sentido, a metáfora de Du Bois diz respeito ao modo como as relações raciais nos Estados Unidos foram constituindo-se” (ALMEIDA, 2021, p.12). Pensando na lógica do *véu*, na concepção de Du Bois, negros e brancos vivem concomitantemente no mesmo mundo e em mundos diferentes.

pretende branquear a sua alma de Negro numa corrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Apenas deseja que um homem possa ser, ao mesmo tempo, negro e americano, sem ser amaldiçoado e humilhado pelos seus próximos, sem que as portas da oportunidade lhe sejam brutalmente fechadas na cara. (SANCHES, 2011, p. 51).

A dualidade de consciência trazida pela experiência da diáspora africana forçada, não deve ser vista apenas como uma questão a ser resolvida. Ela é, na verdade, um conceito importante para pensar na forma como esses sujeitos tentaram se posicionar na sociedade e lidaram com a experiência traumática da escravidão e das consequências trazidas por ela. Nesse sentido, é possível perceber o que Homi Bhabha (1994) chamou de “local da cultura”: um espaço de hibridização cultural, onde não cabem as relações binárias de poder, trazidas da Europa.

Uma das estratégias adotadas por esse grupo para tentar lidar com essa dualidade foi mostrar que a história dos negros não estava desassociada da construção e do imaginário simbólico da nação. Isso pode ser visualizado pelas reivindicações históricas feitas pelo movimento intelectual negro ao longo dos anos. Uma delas é a participação da comunidade negra nas lutas por liberdade e independência, ponto fundamental e excluído das narrativas nacionais. Isso pode ser visualizado, por exemplo, na figura de Ansina. *El Negro Ansina*, como ficou conhecido, foi um militar e poeta companheiro de José Artigas, a quem seguiu durante toda a vida e esteve presente, inclusive, no leito de morte do general em seu exílio no Paraguai. Ansina é sempre lembrado como um herói, patriota e representante da honra da coletividade negra, tendo dado nome a diversas instituições, associações, conferências e até a uma revista.⁶³ Há uma discussão acerca da identidade de Ansina ou se ele realmente existiu. Por muito tempo, a imagem de Ansina era creditada a Manuel Antonio Ledesma. Mais tarde, foi reconhecido que Ansina era, na verdade, Joaquín Lenzina.

⁶³ A *Revista Ansina* foi um periódico especial dirigido por I. Casas Pereyra e criado para divulgar a organização acerca da repatriação dos restos mortais do soldado e a construção de um monumento em sua homenagem. A revista foi publicada uma vez por ano entre 1939 e 1942, e contava com o apoio de vários clubes e entidades da comunidade negra do país.

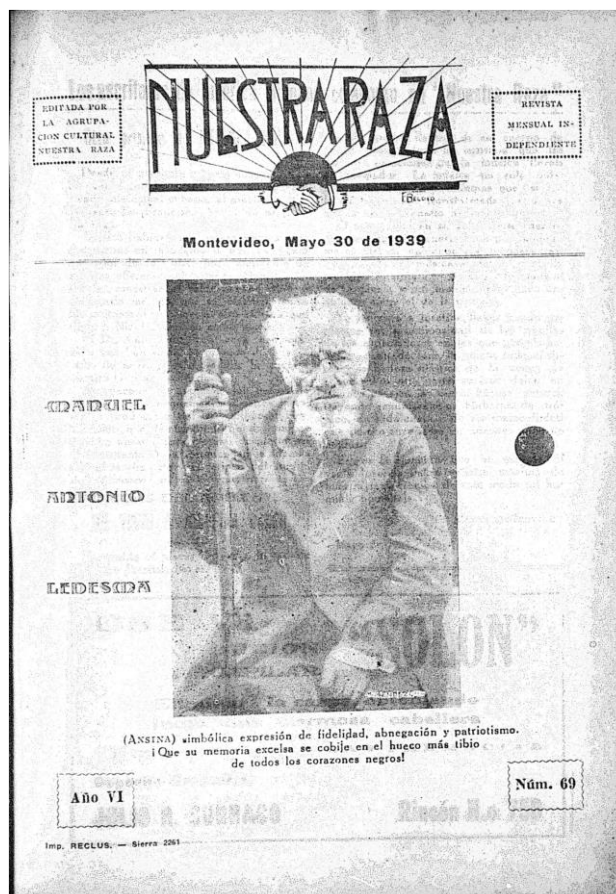


FIGURA 7 - Capa da revista *Nuestra Raza*, com uma imagem simbolizando Ansina e o reconhecendo como Manuel Antonio Ledesma

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 69, año VI, mai. de 1939.

Alejandro Gortázar (2014) assinala quatro marcos importantes acerca das versões possíveis para a história de Ansina. O primeiro seria a origem desse personagem, que teria aparecido pela primeira vez no ensaio “Vida del Brigadier General D. José Gervasio Artigas, fundador de la nacionalidad oriental” (1860) de Isidoro de María. Posteriormente, o trecho em que o fiel acompanhante de Artigas teria aparecido, seria reproduzido em vários outros ensaios, sempre enfatizando a relação de “bom amo” e “bom escravo”. O segundo, foi a repatriação dos restos de Manuel Antonio Ledesma e sua colocação no Panteão Nacional, na década de 1930, coordenada pelo inspetor do exército Mario Petillo, quem assegurava que os restos mortais de Ledesma eram de Ansina. Sobre a repatriação, como veremos mais adiante na dissertação, houve grande comoção por parte da comunidade negra, que acabou excluída das comemorações – apesar de ter um comitê organizado especialmente para isso e por ter, diversas vezes, solicitado a repatriação.

O terceiro marco observado por Gortázar foi a inauguração da estátua a Ledesma-Ansina, em Montevideu. O Estado optou por incluir o nome de Ledesma gravado no

monumento criado pelo escultor José Belloni (1862-1965). O quarto e último marco apresentado pelo autor seria em 1951, quando Daniel Hammerly Dupuy e Victor Hammerly Peverini apresentaram uma nova versão de Ansina, que questionava a história, até então, oficial: os autores publicaram textos que seriam atribuídos a Joaquín Lenzina, a quem apresentaram ser o verdadeiro Ansina. Dentro desses marcos, a história de Ansina foi reescrita e reinterpretada ao longo dos anos, especialmente por parte do movimento negro.

Pensando nos marcos trazidos por Gortázar e na construção da imagem de Ansina, é interessante pensar em como a sociedade negra, ou mais precisamente, como o grupo *Nuestra Raza* reagiu a alguns desses momentos pontuados pelo autor como essenciais. Essa integração entre a comunidade e os atos governamentais são fundamentais para pensarmos na “comunidade negra” dentro da “nação branca”. Quando se noticiou que os restos mortais do soldado artiguista seriam repatriados, já existia um movimento próprio dentro da comunidade intelectual negra, exigindo tal ato. Encabeçado por Marcelino Bottaro, o que a revista *Nuestra Raza* chamou de “movimiento ansinista”, foram diversas ações promovidas por intelectuais negros, na tentativa de recuperar a memória do soldado dentro do discurso nacional, reconhecendo sua importância e a presença negra no país, mas não somente na forma da escravidão, e sim da luta por liberdade. Bottaro foi responsável por solicitar à Comisión de Nomenclatura de Montevideo uma rua com nome de Ansina, no ano de 1917, sendo atendido em tal pedido.⁶⁴

Ainda que o movimento *ansinista* estivesse envolvido na luta para repatriar o soldado negro, o ato solene foi feito sem a presença de ninguém da comunidade negra. *Nuestra Raza* escreve sobre a repatriação das cinzas do soldado:

A notícia da repatriação das cinzas do soldado da liberdade americano foi anunciada por um jornal vespertino horas antes de iniciar a viagem de volta de Assunção, a referida embaixada. Se fomos surpreendidos pela notícia da repatriação, fomos duplamente surpreendidos pelo isolamento deliberado, que desde as esferas oficiais e as instituições privadas foi feito aos elementos e instituições da raça Ansina, isolamento que obedece a um propósito deliberado, pois tanto nas esferas oficiais como na Asociación Patriótica, não se pode desconsiderar a contribuição do elemento negro neste nobre sentido. Sabemos que nenhuma pessoa, nem instituição, nem a Asociación ‘Ansina’, cuja fundação data de dezembro de 1922 – ainda não dissolvida – recebeu qualquer comunicação oficial, e com muita razão, no momento da chegada dos restos mortais de Ansina, sua raça que o sente símbolo de sua contribuição no ato libertador, esteve ausente da relevante cerimônia de repatriamento. (*Nuestra Raza*, n. 63, 1938, p. 1).⁶⁵

⁶⁴ *Nuestra Raza*, n. 82, p. 11.

⁶⁵ La noticia de la reimpatriación de las cenizas del soldado de la libertad americana, fué anunciada por un diario vespertino horas antes de iniciar el viaje de regreso desde Asunción, la mencionada embajada. Si nos causó sorpresa

A comunidade negra poderia fazer parte do passado uruguaio, estava autorizada a assistir e celebrar os avanços da nação, mas não era lembrada no presente. Apesar de não ter feito parte desse momento crucial, alguns anos mais tarde, a inauguração do monumento a Ansina, contou com a participação da comunidade. A cerimônia contou com o presidente da República, que presidiu o evento, com altas personalidades do corpo diplomático, militares, civis e religiosos. Iniciou-se com uma oratória do presidente do Comité Pro Monumento a Ansina e seguiu com os demais convidados.⁶⁶ *Nuestra Raza* descreveu que estimados membros da comunidade intelectual negra, tanto de Montevideu, quanto do interior, prestigiaram o ato patriótico.

Alguns anos antes ocorreu outro ato simbólico em relação à memória de Ansina, que cabe ser lembrado: na cidade de Rocha, um comitê foi organizado por intelectuais negros locais, com a participação de colegas de outras cidades, para organizar a inauguração de uma placa dedicada ao soldado na cidade. O evento foi prestigiado e noticiado pela revista *Nuestra Raza*. Em outubro de 1940 já organizavam o ato com todos os detalhes. O comitê organizador contava com a participação dos diretores da revista.⁶⁷ A placa foi inaugurada em 03 de novembro do mesmo ano, e sua imagem foi estampada na capa da revista *Nuestra Raza* do mesmo mês.

A importância da figura de Ansina na memória nacional também se dá pelo fato de que sua imagem foi responsável pelo reconhecimento estatal em relação à contribuição da comunidade de origem africana no país. Uma das ações que nos permite ver, são as leis nº 9814 e nº 9822 (GORTÁZAR, 2003). A primeira, promulgada em março de 1939, autorizava o poder executivo a velar nos pés do *Monumento de Artigas*, os restos mortais do soldado Manuel Antonio Ledesma.⁶⁸ Já a segunda, promulgada em maio do mesmo ano, assegura o direito de

la noticia de la reimpatriación, hubo de causarnos doble sorpresa el deliberado aislamiento, que desde las esferas oficiales y desde las instituciones privadas se hicieron a los elementos e instituciones de la raza de Ansina, aislamiento que obedece a un propósito deliberado, pues tanto en las esferas oficiales como la Asociación Patriótica, no puede desconocerse la contribución del elemento negro en ese noble sentido. Sabemos que ninguna persona, ni institución, ni la Asociación 'Ansina', cuya fundación data de Diciembre de 1922 – aún no disuelta – recibió ninguna comunicación oficial, y muy justificadamente, en el momento de la llegada de los restos de Ansina, su raza que lo siente símbolo de su contribución en la gesta libertadora, estuvo ausente en la tocante ceremonia del reípatio. (*Nuestra Raza*, n.63, 1938, p.1).

⁶⁶ *Nuestra Raza*, n.117, p. 2.

⁶⁷ *Nuestra Raza*, n. 86, p. 5.

⁶⁸ República Oriental del Uruguay. *Ley nº 9.814* de 24 de marzo de 1939.

que os restos mortais do soldado artiguista fossem depositados junto às cinzas do Padre de la Patria, don José Artigas.⁶⁹

Como afirma Oliveira da Silva (2015), e aqui concordamos com essa argumentação, sendo comprovada ou não a sua existência, a imagem de Ansina simboliza diversos outros soldados negros que participaram ativamente das guerras de independência e que tiveram as suas histórias apagadas da memória nacional. Além disso, Ansina representou para a comunidade negra da primeira metade do século XX, especialmente a intelectual, uma imagem de cordialidade, força, cultura, ação e, particularmente, fidelidade a Artigas e a Nação. Acima de tudo, a mensagem que a figura de Ansina passa é que a comunidade negra sempre esteve presente e atuante no processo de construção do país. Descreditar sua imagem é, também, uma forma de tentar apagar parte da memória da população negra uruguaia.

Além do monumento a Ansina, nas comemorações do Centenário, um outro monumento inaugurado em maio de 1932, em homenagem à “raça negra” foi o monumento *El Aguatero*. Trata-se de uma obra de bronze, também feita pelo artista José Belloni, que retratou um homem negro seminu carregando um balde de água na cabeça. O monumento em questão está localizado na praça Feliciano Viera, em Montevideu. Em outubro de 1942, o grupo responsável pela revista *Nuestra Raza* escreve um editorial rechaçando a estátua. Nele, afirmavam que todo o elemento negro do país, em defesa da cultura do povo e em defesa de seu pertencimento à sociedade deveria prezar pela “verdade histórica” e exigir a retirada da estátua. Dos muitos motivos, fundamentalmente defendiam que a obra exibia o lado negativo da cultura; e diziam isso respaldados por intelectuais como Edmundo Bianchi, Vicente Rossi e Ildefonso Pereda Valdés. Os autores afirmam os esforços da comissão do Centenário para reconhecer a presença negra e indígena no país, mas, diferente da obra dedicada a Ansina, rejeitam o Aguatero:

A Comissão Nacional que citamos reconhecia e pensava deixar às gerações futuras a memória das correntes étnicas que contribuíram para a formação social e política do país. O escultor Belloni, com um falso conceito estético e um inconcebível desconhecimento dos costumes da época, capturou esse adelesiano em bronze, simbolizando o negro em um ofício que, embora realizasse, não havia motivo para perpetuá-lo em bronze. Esqueceu que o negro, como condição ao alinhamento das liberdades e dos direitos dos outros, sem pedir ou receber nada, nem mesmo o tempo necessário para viver! Empreender um movimento sério tendente a remover da plazuela Viera aquela estátua que ultraja a dignidade de uma raça e a cultura do povo montevideu, é um trabalho de inegável justiça e implica, de fato, diminuir uma mentira histórica grosseira. (*Nuestra Raza*, n. 110, 1942, p. 1-2.)⁷⁰

⁶⁹ República Oriental del Uruguay. Ley n° 9.822 de 12 de mayo de 1939.

⁷⁰ La Comisión Nacional que citamos reconocía y pensaba dejar a las generaciones venideras, el recuerdo de las corrientes étnicas que contribuyeron a la formación social y política del país. El escultor Belloni, con un falso

Diferente da estátua dedicada a Ansina, que relembra as árduas lutas do povo negro pela liberdade da nação a qual pertenciam e celebrava o desejo de igualdade e integração, o *Aguatero* remetia a um passado de escravidão e sofrimento. O monumento, enquanto um lugar de memória, não contemplava a forma com que esse grupo construía a memória da população negra no Uruguai. Enquanto Ansina era um soldado, pertencente a nação, o *Aguatero* reforçava o trabalho forçado, braçal, muito distante da produção intelectual a qual esse movimento buscava se inserir. A obra em questão se encontra até o presente momento no mesmo lugar desde sua inauguração.

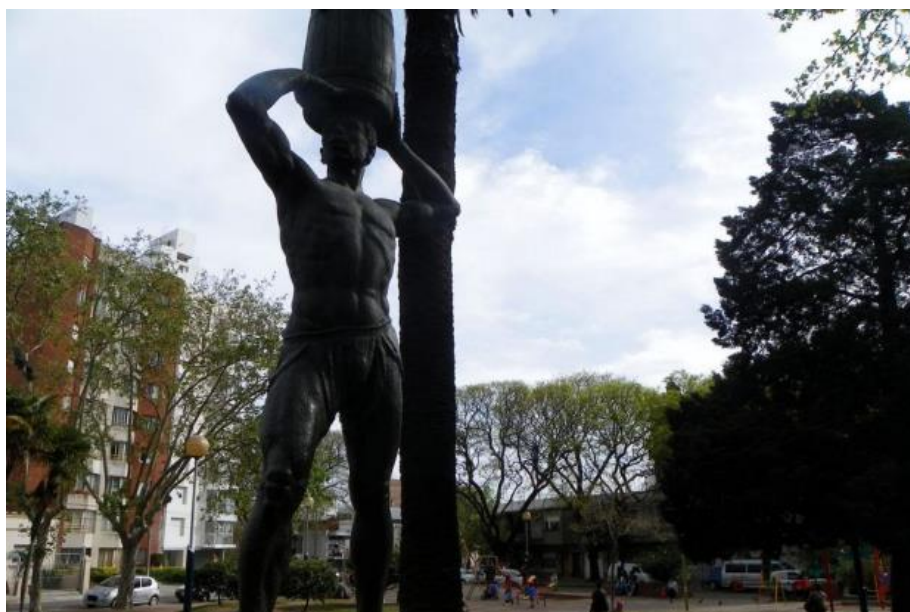


FIGURA 8 - Monumento al “Aguatero”

Fonte: Site da Intendencia de Montevideo.⁷¹

A consciência dual, a construção de uma identidade nacional e a forma de integração da comunidade negra no país, também podem ser observadas em dois elementos fundamentais: o candombe e o carnaval. Por mais que se confundam por vezes, são dois fenômenos culturais diferentes. Candombe é o nome genérico que se deu às diferentes danças de origem africanas no Uruguai. É um ritmo que se tornou nacional e peça central das festividades do Carnaval de

concepto estético y un inconcebible desconocimiento de las costumbres de la época, plasmo en el bronce ese adelesio, simbolizando al negro en un oficio que si bien realizó, no habia porque perpetualo en el bronce. Olvidó que el negro, como condición al alinzamiento de las libertades y los derechos de los demás, sin pedir ni recibir nada, ¡ni siquiera el tiempo necesario para vivir! Empezar un serio movimiento tendiente a hacer quitar de la plazoleta Viera esa estatua que ultraja la dignidad de una raza y la cultura del pueblo montevideano, es obra de inegale justicia e implica de hecho destrair una burda mentira histórica. (*Nuestra Raza*, n. 110, 1942, p. 1-2).

⁷¹ Disponível em: <<https://montevideo.gub.uy/areas-tematicas/personas-y-ciudadania/afrodescendientes/mapeo-afrodescendencia-resiliente/monumento-al-aguatero>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

Montevideu, desde meados dos anos 1800 (ANDREWS, 2007). O candombe cumpriu um papel na história da sociedade proveniente da diáspora africana fundamental: foi ponto de resistência, sociabilidade e lazer durante o período da escravidão e, posteriormente, tornou-se a ligação entre esses sujeitos uruguaios e sua ancestralidade com a África.

Inicialmente visto com maus olhos pela sociedade, o candombe, tal como o próprio carnaval e as comparsas negras, passou por um processo de nacionalização por parte do Estado. Ao fazê-lo, o Estado se apropriava de um passado negro para narrar uma história de como os costumes dessa comunidade foram pacificamente integrados na república. Isso aconteceu, também, porque cada vez mais a comunidade “branca” se integrava nas festividades e, conforme isso acontecia, o evento deveria se tornar “menos negro”. A história da coletividade negra no Uruguai não pode ser definida apenas pelo Candombe, mas é inegável como ele é uma expressão cultural interessante para pensar na origem africana somada à experiência de ser uruaio.

A imprensa negra foi um dos mais importantes espaços dos intelectuais negros uruguaios para lidar com a dualidade de consciência ou mesmo “romper” o véu. Permite-nos visualizar os anseios desses *conrazaneos*, as estratégias para integrar a Nação e, ao mesmo tempo, dar conta da ancestralidade africana. Muitas revistas, como citado, tornaram-se verdadeiros espaços de luta e resistência ao racismo e à exclusão política e social, bem como de discursos nacionais e integracionistas. A partir desses espaços, é possível vislumbrar os desafios encontrados pela sociedade de cumprir os fundamentos democráticos de igualdade para todos propostos nas comemorações do Centenário. As denúncias feitas por intelectuais negros relevam os limites da democracia no país. O principal veículo que expressava as reivindicações desses sujeitos e que se tornou um espaço de convergência de suas múltiplas ações, foi a revista *Nuestra Raza*.

II - *Nuestra Raza*: uma Revista Cultural, Política e Social

*Tristezas de negros
tu canto es dolor, silencio,
humildad.
No cruces los brazos;
los negros no deben cruzalos
jamás.*

Trecho de “Cien carceles de amor”, de **Virgínia Brindis de Salas**

Como apresentado no primeiro capítulo, a tradição associativista da coletividade está diretamente ligada ao nascimento de uma imprensa negra no Uruguai. Os espaços criados como estratégia de sociabilidade, luta política e social, sentiam a necessidade de expressar seus anseios, e as publicações periódicas eram o melhor caminho para tentar alcançar seus pares, expandir suas ideias e criar uma rede de contatos que fosse capaz de expressar as especificidades e consequências da diáspora africana forçada no país e no mundo. Essas publicações foram feitas por uma minoria, dentro da comunidade negra que buscava falar por todos os *conrazaneos*, na tentativa de promover mudanças significativas na forma de vida desses indivíduos.

Um dos momentos de maior fervor político e cultural do nascente movimento negro do Uruguai, foi durante a primeira metade do século XX, especialmente a partir da década de 1930. Diversos clubes, espaços, revistas, jornais, festividades e iniciativas políticas surgiram nesse período. Isso aconteceu por diversos fatores, sendo um deles o momento histórico. As comemorações do Centenário, momento chave de renegociação do passado e reformulação da identidade nacional, das quais os intelectuais negros participaram ativamente, apresentada no capítulo anterior, mobilizou toda a sociedade para uma nova forma de ver a cidadania. Além disso, o período conta com baixas taxas de mortalidade infantil e os maiores índices de alfabetização e de leitura em toda a América Afro-Latina (ANDREWS, 2010). A população negra, composta em sua maioria pelos setores mais humildes da sociedade, alcançavam minimamente o acesso à saúde e educação.

É durante esse período que veremos as atuações de um grupo de intelectuais negros que publicaram a revista de maior duração no período e uma das mais importantes dentro da história da comunidade negra uruguaia: a revista *Nuestra Raza*. A revista se converteu em um marco na historiografia referente ao movimento negro uruguaio. Fundada por três irmãos em San Carlos,

em 1917, e retomada em 1933 na cidade de Montevideu, a revista se converterá na principal porta-voz de um movimento político e cultural de intelectuais negros que chamaremos de Agrupação Nuestra Raza. O periódico aparece como um ponto de convergência de um grupo multifacetado, herdeiro de um histórico de lutas e que irá encontrar nas páginas da revista um espaço de ações e debates. A agrupação também estará em contato com outros membros do movimento intelectual negro uruguaio.

O presente capítulo tem a intenção de apresentar a revista e o grupo responsável por ela dentro de seu contexto histórico, bem como seus integrantes, tanto os próprios intelectuais uruguaio, quanto outros intelectuais da diáspora africana pelo mundo e, ademais, os temas principais e propostas. Nesse sentido, espera-se demonstrar o quão complexa era a publicação da revista, desde a seleção dos textos e correspondentes à própria elaboração visual. Demonstrar, também, como os membros da elite intelectual negra estavam envolvidos nas questões do país, na disputa pela narrativa e memória nacional, bem como, e principalmente, na luta pelo fim do preconceito racial e pela melhoria cultural, social e econômica da situação da comunidade negra no país. Mostrar, portanto, como a revista era o ponto nuclear do projeto de um movimento intelectual organizado.

2.1. “De la raza, por la raza y para la raza”. O nascimento da revista e seu contexto

O papel dos impressos na construção da vida política é inegável, especialmente em um período em que estes eram as principais formas de participar do social. As primeiras décadas do século XX na América Latina foram palco de uma série de transformações fundamentais para ler as mudanças nas formas de comunicação com e por meio da imprensa (Torres, 2019). Na cidade de San Carlos, departamento de Maldonado, três irmãos idealizam e fundam a revista *Nuestra Raza*, em 1917. Por trás da criação dessa revista, existem diversas questões sociais, políticas e culturais. Como anteriormente citado, o Uruguai do começo do século passava por um momento em que se alcançava boas taxas de alfabetização e que se vivia um processo de modernização que proporcionava melhorias para diversos setores da sociedade. Não era a “excepcionalidade das Américas”, como diziam os discursos nacionais, mas tinha condições de permitir que muitos cidadãos sonhassem com mudanças significativas, inclusive aqueles que estavam nos setores mais humildes da sociedade.

Nesse período o Uruguai vive um forte “impulso republicano” que marcou a democracia contemporânea do país (CAETANO, 2021). Esse impulso, tal como o processo de modernização, se deu entre fins do século XIX, momento no qual temos as primeiras publicações periódicas da comunidade negra, e a década de 1930.⁷² Um dos momentos chave que marcam as mudanças significativas na sociedade uruguaia foi a ascensão do colorado José Batlle y Ordóñez, brevemente citado no capítulo anterior. Desde fins do século anterior até os anos 1900, Batlle se convertia em um dos mais importantes políticos uruguaio, chegando a se tornar líder do Partido Colorado. Batlle governou o país por dois momentos. Em seu primeiro governo (1903-1907), focava no processo de união nacional e na manutenção da paz.⁷³ Já no segundo (1911-1915), Batlle impulsionou uma série de reformas trabalhistas, econômicas e sociais, que viriam a transformar o país, especialmente Montevideu.⁷⁴ Essa transformação social foi fundamental para que os membros da comunidade negra buscassem se organizar para reivindicar seus direitos.

A primeira edição da revista *Nuestra Raza*, em sua primeira época, circulou no dia 10 de março de 1917. O editorial anunciava:

Vindo ao estádio da imprensa o fizemos animados pelo melhor propósito, lutar tenazmente pelos interesses da raça de cor, e pela união, hoje mais necessária do que nunca, de nossos bons irmãos. Sabemos que nosso trabalho será extremamente árduo e que em nosso caminho encontraremos poderosos obstáculos; mas nada nos detém em nosso desejo de servir com dignidade a raça de nossos amores. (*Nuestra Raza*, n. 1, 1917, p. 1).⁷⁵

Mais adiante, na mesma edição, a equipe indicava quem poderia fazer parte das publicações:

Informamos a todas aquelas pessoas que pertençam a coletividade que as colunas desse periódico estarão a sua disposição. Todos os nossos irmãos de raça podem enviar colaborações quando quiserem, na certeza de que serão recebidas e publicadas com prazer, desde que enquadradas no padrão de conduta que nos propusemos seguir. Não aceitaremos qualquer colaboração que ofenda qualquer pessoa, seja ela quem for, e só publicaremos aquelas que forem educadas e criteriosas conforme exigido pelo

⁷² Em fins do século XIX, Montevideu via circular dezenas de jornais e revistas. Nesse período, se alguém queria, de alguma forma, fazer política, esse era um dos melhores caminhos.

⁷³ A preocupação com a paz se dava em razão da Guerra Civil de 1904 (ou Revolución de 1904), a última guerra civil uruguaia entre *blancos* e *colorados*, uma das mais violentas.

⁷⁴ Das reformas trazidas por Batlle, podemos destacar a criação de uma lei de tempo de trabalho, prevenção em caso de acidentes laborais, pensões, diversas estatizações importantes, secularização do estado, aumento da oferta de empregos públicos e a ampliação da educação laica e gratuita iniciada na Reforma Valeriana.

⁷⁵ “Al venir al estadio de la prensa lo hemos hecho animados del mejor propósito, de bregar tesoneramente por los intereses de la raza de color, y por la unión, hoy mas necesaria que nunca, de nuestros buenos hermanos. Sabemos que nuestra labor será por demás árdua y que en nuestra ruta tropezaremos con poderosos escollos; pero nada nos detiene en nuestro afán de servir dignamente a la raza de nuestros amores”. (*Nuestra Raza*, n. 1, 1917, p. 1).

bom nome da sociedade a que pertencemos. Fazemos este aviso, para que todos percebam plenamente, que ao fundar este jornal não o fizemos com o propósito, muito vil por sinal, de aprofundar ainda mais as distâncias que infelizmente existem entre nós, mas sim com o nobre propósito que a comunidade de cor de San Carlos tenha seu próprio jornal, no qual todos podem escrever para se estimular e se preparar para as lutas do futuro. (*Nuestra Raza*, n. 1, 1917, p. 2).⁷⁶

E assim aconteceu durante os dez meses de publicação do periódico em sua primeira fase. A revista chegou a ter 250 assinantes (PALERMO, 2019), um número considerável para a época, especialmente por se tratar de um periódico feito por e para uma comunidade relativamente pequena, e ainda mais importante, se pensarmos que a publicação circulava no interior do país.

Em sua primeira fase, *Nuestra Raza* conta com 30 exemplares produzidos e publicados entre março e dezembro de 1917. Nesse momento, a revista era publicada de dez em dez dias na cidade de San Carlos, e contava com três ou quatro páginas divididas entre o editorial, textos diversos, coluna social e poucas propagandas, sempre relacionadas a empreendimentos de membros da comunidade negra, ou oferta de serviços como o de passadeira ou costureira. A revista era administrada por Ventura Barrios, trazia Pilar Barrios como redator e María Esperanza Barrios como colaboradora. A inscrição para recebê-la era mensal. O periódico se anunciava como “Periodico social, noticioso – Órgano de la colectividad de color”, e vinha com o subtítulo “De la raza, por la raza y para la raza”. Trata-se de um material mais simples, apresentando apenas textos e, raramente, fotos ou imagens.⁷⁷

⁷⁶ “Participamos a todos aquellas personas que pertenezcan a la colectividad que las columnas de este periodico estarán a su disposición. Todos nuestros hermanos de raza pueden enviar colaboraciones siempre que quieran, en la seguridad de que serán recibidas y publicadas con placer, siempre que ellas estén encuadradas en la norma de conducta que nos hemos propuesto a seguir. No aceptaremos ninguna colaboración que encierre ofensa para ninguna persona sea quien sea, y solo publicaremos aquellas que sean cultas y criteriosas como lo exige el buen nombre de la sociedad a que pertenecemos. Hacemos esta advertencia, para que todos se den acabadada cuenta, que al fundar este periódico no lo hemos hecho con el fin, bien ruin por cierto, de ahondar más los distanciamientos que desgraciadamente existen entre nosotros, sino que lo hemos hecho con el noble propósito de que la colectividad de color de San Carlos tenga un periódico propio, en el que todos podrán escribir para estimularse e irse preparando para las luchas del futuro. (*Nuestra Raza*, n. 1, 1917, p. 2).

⁷⁷ A única imagem que aparece na primeira fase da revista é do Brasão de armas do Uruguai, publicado na edição de 30 de agosto de 1917, p. 1. A imagem aparecia sob um texto referente ao dia 25 de agosto, data em que se comemora a independência do país. As comemorações de independência são sempre muito caras à comunidade negra. O processo está diretamente ligado com a história da diáspora africana no país. Não por acaso, em sua segunda fase, *Nuestra Raza* começou a ser publicada em 25 de agosto de 1933.



FIGURA 9 - Página da edição número 01 da revista Nuestra Raza em sua primeira fase. Todas as edições de 1917 seguiram esse mesmo modelo

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, 1ª época, n. 11, año I, jun. de 1917.

Outro aspecto importante para se pensar sobre a revista é escolha do título. De acordo com Mónica García (2018a), em várias outras publicações desenvolvidas pela comunidade negra nesse período, a palavra “raza”, quase sempre associada à palavra “nuestra”, aparece como um ideal a se alcançar por um coletivo que incluísse a todos em um nível igualitário. Ainda de acordo com García, “raza”, apesar de ser uma identidade imposta socialmente, tem um sentido idealista que transcende o físico para entrar no mundo espiritual (GARCÍA, 2018a). Usar o termo “raza”, para a comunidade negra desse período, então, não está associado meramente a simpatias biológicas que rodeavam o pensamento da época e que visavam separar os indivíduos. Pelo contrário: está ligado ao campo social, cultural e a uma ideia de “irmandade”

entre essas pessoas (SANTOMAURO, 2019). Essa ideia de irmandade, união e orgulho colabora para que o título do periódico permaneça o mesmo, ainda que a postura e organização da revista mudem significativamente em sua segunda fase. Além disso, a revista carrega uma memória.

Os fundadores e integrantes de *Nuestra Raza* vivenciavam os impulsos de progresso e modernização, bem como a ampliação do acesso à educação no país. Mesmo com a dificuldade de acesso por parte da comunidade negra à educação, como vimos anteriormente, a expansão ampliou o setor de alfabetizados. A comunidade não tinha o acesso tão fácil à educação, e essa era uma das principais pautas trazidas na primeira fase da revista. Os editores e colaboradores já viam na educação a ferramenta necessária para mudar de vida, e isso podia ser visto especialmente na atuação de María Esperanza Barrios. María Barrios se tornou uma das grandes referências dentro da comunidade intelectual negra do país quando o assunto era instrução e educação de crianças. Muitos de seus artigos foram assinados com o pseudônimo de Magnor. Ela foi uma das primeiras a utilizar a linguagem inclusiva – falava para “los” e “las”, pessoas da coletividade (BUSTAMANTE, 2017). Na segunda edição publicada de *Nuestra Raza*, María Esperanza escreve:

É de notoriedade pública, o lamentável estado de atraso em que se encontra a comunidade de cor, por falta de instrução. Em nosso Departamento, é onde esse mal é mais comum, que vem diretamente do analfabetismo. Frequentemente, nos encontramos no triste caso de homens e mulheres maiores de idade, que nem sabem traçar o próprio nome em um pedaço de papel. Isso é constrangedor e neste ponto, chamamos a atenção de todos os nossos bons irmãos da raça, para que façam o que é humanamente possível, no sentido de penetrar em cada lar um raio dessa luz que se chama instrução tão necessária nestas décadas de progresso e civilização. (BARRIOS. *Nuestra Raza*, 1ª época, n. 02, 1917, p. 1).^{78 79}

Na sequência, María Esperanza responsabiliza os adultos não só pela educação das crianças, mas acerca da própria:

Os pais de família são obrigados a mandar os filhos pequenos para a escola, para que aprendam lá, o que por descuido, ou talvez por outras causas que os impediram, não puderam aprender. Os maiores de idade, também podem fazer algo útil em benefício da raça e do povo em que vivem, dedicando ainda que seja duas horas todas as noites, em aprender a ler e escrever, qualidades que toda pessoa deve possuir e que, no

⁷⁸ O artigo na revista citada não está assinado, porém, ele é publicado novamente na segunda fase de *Nuestra Raza*. Sua autoria é atribuída a María Esperanza Barrios.

⁷⁹ Es de pública notoriedad, el estado lamentable de atraso en que se encuentra la colectividad de color, debido a la falta de instrucción. En nuestro Departamento, es donde más se nova ese mal, que proviene directamente del analfabetismo. Con frecuencia, nos encontramos en el triste caso de hombres y mujeres mayores de edad, que no saben ni siquiera trazar en un papel su mismo nombre. Es esto bochornoso y sobre este punto, llamamos la atención de todos nuestros buenos hermanos de raza, para que hagan lo humanamente posible, en el sentido de que penetre en cada hogar un rayo de esa luz que se llama instrucción tan necesaria en estos lustros de progreso y civilización. (BARRIOS. *Nuestra Raza*, 1ª época, n. 02, 1917, p. 1).

entanto, muitos de nossos irmãos, por pura negligência, ignorou-os.” (BARRIOS, *Nuestra Raza*, 1ª época, n. 02, 1917, p. 1).⁸⁰

Como observado, a educação foi, nessa primeira fase, um dos principais temas trazidos pelos integrantes da revista – e isso irá se manter em sua segunda fase. Essa pauta se fez tão importante dentro do movimento intelectual negro naquele período, por estar em diálogo com as propostas colocadas pelo país naquele momento: a educação era, afinal, um projeto nacional. A rede criada desde San Carlos deu base para ideias que vão voltar em forma de diálogo e de ações em 1933. Muito se falava sobre a necessidade de agir, de unificar a “raça negra” para lutar por mudanças e sobre a importância da cultura para transformar a comunidade negra.

Dentro de seus discursos, as duas fases da revista encontram mais similaridades do que diferenças: além das pautas do trabalho, temos a de união da raça, luta contra o preconceito, melhoria cultural e educacional. Esses debates foram imensamente ampliados na segunda fase. Como pontos fundamentais de mudanças, vemos, entre outras, a intensa participação de intelectuais negros em sua produção – como demonstrado na sequência –, a internacionalização do periódico, que passa a ser lido e a receber a colaboração de intelectuais de diversas partes do mundo, além de ampliar sua pauta política, e abordar temas internacionais.

Em 25 de agosto de 1933, reaparece o título de *Nuestra Raza* em Montevideu, local onde se concentravam as principais manifestações políticas, sociais e culturais do país, onde circulou até 1948.⁸¹ O periódico foi retomado por Pilar e Ventura – María Esperanza havia falecido alguns anos antes –, anteriormente citados, e por Elemo Cabral.⁸² *Nuestra Raza* agora contava com um número expressivo de intelectuais negros envolvidos em suas publicações,

⁸⁰ Están en una obligación los padres de familia de mandar a sus pequeños hijos a la escuela, a que aprendan allí, lo que por descuido, o tal vez por qué otras causas se lo impidieron, no pudieron aprender ellos. Los mayores de edad, también pueden hacer algo útil en provecho de la raza y del pueblo en que viven, destinando aunque sea dos horas todas las noches, en aprender a leer y escribir cualidades esta que deve poseer toda persona y que sin embargo, muchos de nuestros hermanos, por pura negligencia, ha hecho caso omiso de ellas. (BARRIOS. *Nuestra Raza*, 1ª época, n. 02, 1917, p. 1).

⁸¹ É interessante observar como os membros da elite intelectual negra do país elegem o 25 de agosto, data da declaração de independência do Uruguai, para dar início a atividades diversas como clubes, associações ou periódicos. Isso acontece para reforçar as ideias nacionalistas, de pertencimento ao país, e também por sempre se orgulharem de terem lutado pela independência do Estado Oriental.

⁸² Elemo Cabral foi um dos ativos membros da imprensa negra em Montevideu. Trabalhou durante um grande período de sua vida no Museo Historico Nacional, onde era porteiro. Participou das ações mais importantes da comunidade intelectual negra. Publicou diversos ensaios e artigos, com destaque para o texto “The Negro Race in Uruguay”, publicado na antologia *Negro*, de Nancy Cunard, da qual falaremos mais adiante.

como Maruja Pereira,⁸³ Iris Cabral,⁸⁴ Virgínia Brindis de Salas,⁸⁵ Mario L. Montero,⁸⁶ outros nomes já citados como Isabelino Gares, Salvador Beterbide, Marcelino Bottaro, Lino Suárez Peña, dentre outros também se fazem presentes na revista. Além da comunidade negra, a segunda fase da revista também contou com colaboradores como Ildefonso Pereda-Valdés e Maurício Obelar, intelectuais respeitados pela comunidade letrada uruguaia foram figuras fundamentais para ampliar a rede de contatos do grupo *Nuestra Raza* com a diáspora africana pelo mundo. No primeiro editorial de 1933, Pilar Barrios anuncia:

Há alguns anos – não tantos que pudéssemos esquecer aqueles momentos mais ou menos felizes – estávamos borrando páginas para um pequeno jornal da coletividade, que era publicado em uma das cidades do Leste da República: San Carlos. Naquela época, a luta era árdua e tenaz, não tanto pelo que significava para nós embarcar nas tarefas do jornalismo, mas pelo meio em que teríamos de atuar, complicado e estreito e que, portanto, exigia duas vezes tanto esforço de vontade e conhecimento. – Lutamos, não obstante, com afinco e decisão pelo bem de nossa coletividade, vencendo os obstáculos que se cruzaram no caminho e seguimos adiante, com o otimismo de quem entra na luta de cumprir um dever, com os olhos fixos no além.

E se foi nessa época que experimentamos o gosto acre das primeiras decepções, foi também que recebemos vozes de alento de distintos setores que nos estimularam a seguir na imprensa e nos animaram – quando causas poderosas nos obrigaram a abandonar as tarefas jornalísticas, – a formular a promessa de voltar um dia ou outro para lutar pelo mesmo ideal.

Prometemos voltar e aqui estamos. E ainda que façamos de outro cenário e em momentos de exceção, difíceis, em que os valores morais crepitam no violento embate das paixões; em instantes em que de um confim ao outro do mundo, impera "a razão da força", em que a crise é profunda, agravada por problemas sociais complexos, levanta o clamor geral dos humildes, acreditamos ter chegado a hora propícia em que é necessária a colaboração de todos, para dar solução a estes problemas.

Voltamos, como dissemos mais acima, com os mesmos propósitos e os mesmos anseios, sempre prezando os altos ideais do engrandecimento de nossa coletividade, colocando nela pensamento e vontade, que hoje, como ontem, se mantém intangível em nós.

⁸³ Majura Pereira – por vezes a grafia de seu nome aparece como Pereyra – foi colaboradora da revista *Nuestra Raza* e esposa de Pilar Barrios (após o casamento assinava Majura Pereira de Barrios). Como veremos mais adiante, Pereira, em companhia de Iris Cabral, foi responsável por diversas ações que buscavam integrar e mobilizar as mulheres negras na sociedade uruguaia.

⁸⁴ Iris Cabral dirigia a coluna social da revista *Nuestra Raza*. Ao lado de Maruja Pereira, mobilizou diversas ações acerca dos direitos das mulheres, especialmente mulheres negras.

⁸⁵ Virginia Brindis de Salas foi uma poeta uruguaia, autora de dois livros importantes: *Marimorena* (1946) e *Cien carceles de amor* (1949). É considerada a primeira autora negra do Uruguai (Young, 2004), e a primeira pessoa negra do país a publicar um livro. Existe uma controvérsia em torno da autoria de suas obras, mas foi rejeitada pela maioria dos pesquisadores. Brindis de Salas teve uma relação próxima com a escritora chilena Gabriela Mistral.

⁸⁶ Mario Leguizamón Montero nasceu em Montevideu, foi escritor, periodista, dramaturgo e importante membro do movimento intelectual negro uruguaio. Sua atividade profissional começa em 1938, na revista *Nuestra Raza*. Foi integrante e diretor do Centro Social Juventud Unida. Em 1946 foi nomeado diretor da *Revista Uruguay* (BUSTAMANTE, 2017).

Confiamos – e não nos julgamos iludidos – que encontraremos em todos e cada um dos elementos de nossa coletividade, o mais determinado apoio moral e material, para que a semente frutifique e possa NUESTRA RAZA seguir aparecendo e, ao mesmo tempo, levando sua voz sincera, expondo ante todos o grau de capacidade alcalinizada pela coletividade de cor. (BARRIOS, *Nuestra Raza*, n. 1, 1933, p. 1).⁸⁷

Pensando no texto de apresentação de Pilar Barrios, podemos perceber que os pontos fundamentais permanecem entre uma fase e outra, como a união da “raça negra” para lutar por direitos, a busca por melhoria cultural, social e econômica, o apelo à educação e o fim do preconceito racial. A primeira fase nos serve como base para mostrar quais caminhos aquelas pessoas pretendiam seguir, seus anseios e o início de uma movimentação que irá prosperar na década de 1930. Nesse sentido, não é possível equipará-las devido a uma questão de tempo, local e momento de publicação, a questões financeiras e ao próprio envolvimento da comunidade no projeto da revista. É um projeto que nasce em 1917, mas teve, efetivamente, melhores condições de prosperar em 1933.

O que permitiu *Nuestra Raza* ter sido uma das “publicações negras” mais duradouras e complexas do período, foi exatamente a existência dessa agrupação cultural articulada por trás de sua produção. Composta por ativistas que identificavam as tensões sociais e a necessidade de mudança, estavam dispostos a promover ações na tentativa de transformar a sociedade em que viviam. Em sua segunda fase, mais do que uma revista cultural, *Nuestra Raza* funcionou

⁸⁷ Hace algunos años, – no tantos como para que pudiéramos olvidar aquellos momentos más o menos felices – borroneábamos carillas para un pequeño periódico de la colectividad, que viera la luz en uno de los pueblos del Este de la República: San Carlos. En aquel entonces, la lucha fué ardua y tenaz, no tanto por lo que significaba para nosotros el embarcarnos en las tareas del periodismo, sino por el medio en que habríamos de actuar, complicado y estrecho y que por lo mismo, requería el doble esfuerzo de voluntad y conocimientos. – Luchamos, no obstante, con ahínco y decisión por el bien de nuestra colectividad, orillando los obstáculos que se cruzaron en el camino y seguimos adelante, con el optimismo del que entra a la lucha a cumplir un deber, llevando siempre fija la vista en el más allá.

Y si fué en aquella época en que experimentamos el acre sabor de las primeras desazones, fué también que recibimos voas de aliento de distintos sectores que nos estimularon a seguir en la empresa y nos alentaron – cuando causas poderosas nos obligaron a abandonar las tareas periodísticas, – a formular la promesa de volver un día u otro a bregar por el mismo ideal.

Prometimos volver y aquí estamos. Y aunque lo hacemos desde otro escenario y en momentos de excepción, difíciles, en que los valores morales, crujen en el entrecchoque violento de las pasiones; en instantes en que de un confín a otro del mundo, impera «la razón de la fuerza», en que la honda crisis, agudizada por los complejos problemas sociales, levanta el clamor general de los humildes, creemos que llegamos en la hora propicia en que es necesaria la colaboración de todos, para dar solución a esos problemas.

Volvemos, como decimos más arriba, con los mismos propósitos y los mismos anhelos siempre acariciando los altos ideales de engrandecimiento de nuestra colectividad, poniendo en ello pensamiento y voluntad, que hoy como ayer se mantiene intangible en nosotros.

Confiamos – y no creemos pecar de ilusos – que encontraremos en todos y cada uno de los elementos de nuestra colectividad, el más decidido apoyo moral y material, para que la semilla frutifique y pueda NUESTRA RAZA seguir apareciendo y al par que levantando su voz sincera, exponiendo ante todos el grado de capacidad alcalizado por la colectividad de color. (BARRIOS. *Nuestra Raza*, n. 1, 1933, p. 1).

como um espaço de convergência de ideias que dava visibilidade para as muitas vertentes de pensamento e frentes de atuação de um grupo organizado de intelectuais negros uruguaios, possuidores de pautas políticas de cunho racial e social, as quais buscavam a inclusão da comunidade negra do Uruguai no imaginário nacional, na comunidade intelectual, bem como na agenda cultural e política do país, além do objetivo fundamental de lutar contra o racismo.

A segunda fase, conta com 181 números publicados quase ininterruptamente, entre agosto de 1933 e setembro de 1948, sendo dividida em XVI *años*.⁸⁸ O periódico, desde então, passou a ser mensal, saindo sempre no final do mês, dia 30, e o número de páginas variava entre 9 e 15 páginas. Ainda era possível fazer inscrições para recebê-la mensalmente, além disso, seus exemplares também eram vendidos na porta dos *convetillos*⁸⁹ e até em alguns quiosques da cidade. Diferente das edições anteriores, a partir dessa fase, vemos um modelo de revista que apresentava uma diagramação mais complexa e organização diferenciada. As páginas são compostas por fotografias, caricaturas, documentos, desenhos e, claro, textos, notícias nacionais e internacionais, convites, colunas sociais, colunas dedicadas aos clubes da coletividade, notícias do interior do país, informações sobre as instituições, contos, poemas, trechos de livros etc. (Ver anexos 01, 02 e 03). As capas se modificaram muito com o passar dos anos. Por alguns anos, durante a década de 1930, elas contaram com as caricaturas políticas feitas por Mario Rufino Méndez.⁹⁰

⁸⁸ É considerado pelo grupo o ano I, 1933. Em alguns momentos, a contagem de anos nas capas se confunde um pouco. A revista vai linearmente do ano I ao VIII. Em 30 de agosto de 1941, quando deveria iniciar o ano IX, a revista segue sendo publicada como ano VIII. Isso irá se corrigir em outubro do mesmo ano, voltando a acontecer em agosto de 1944, quando ao invés de mudar para ano XII, a revista mantém na capa a indicação de que seria ano XI até agosto de 1946, quando volta com a numeração correta.

⁸⁹ *Conventillo* é o mesmo que cortiço, são edifícios urbanos de condições simples onde moravam especialmente a população negra e outros imigrantes mais humildes. De acordo com Palermo (2019), os *convetillos* se transformaram em redutos culturais negros, gerando expressões musicais, como as comparsas. Foram espaços de resistência negra e de muita produção cultural ao longo do século XX. Na época da ditadura civil-militar uruguaia, na década de 1970, diversos desses espaços foram desapropriados e demolidos pelo regime. A comunidade considerou tais ações como uma forma de repressão aos movimentos negros do país, uma vez que historicamente estes sujeitos expressam suas reivindicações por meio das músicas no carnaval.

⁹⁰ Mario Rufino Méndez foi um importante escritor, caricaturista, periodista e político da comunidade negra uruguaia. Tinha vasta experiência com imprensa no geral e foi ativo membro da revista. Existe um estudo feito pela pesquisadora Burgueño (2015), que trabalha exclusivamente com a caricatura política de Méndez na revista *Nuestra Raza*.

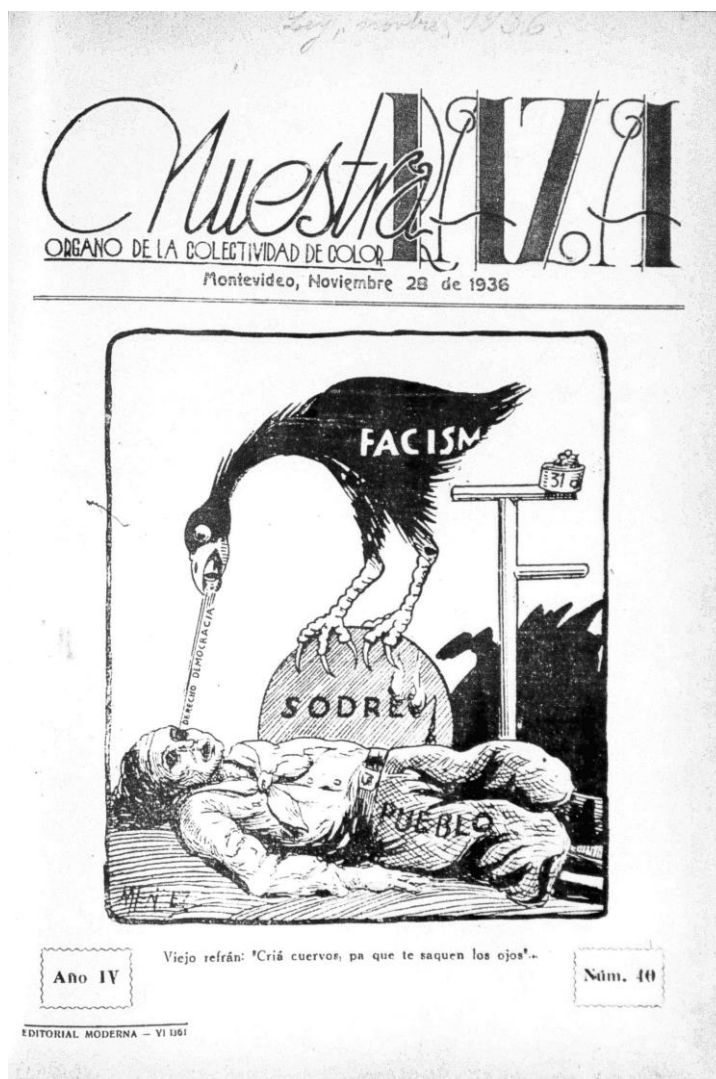


FIGURA 10 - Capa da revista *Nuestra Raza* com uma das caricaturas de Méndez
 Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 40, año IV, nov. de 1936.

A circulação de *Nuestra Raza* era pequena se comparada às revistas maiores, e, inicialmente, se dava especialmente entre os intelectuais negros do país, alguns poucos da Argentina e do Brasil. Aos poucos essa rede foi se ampliando. A intenção principal era dar visibilidade aos muitos espaços criados pela comunidade, conquistar a união da “raça negra” e lutar contra o racismo. Nos primeiros anos, entre 1933 e 1937, o periódico vinha com o subtítulo “Organo de la colectividad de color”, tal como a publicação de 1917, mas, assim como o conteúdo da revista, o subtítulo variou ao longo dos anos. Em 1938 aparecia como “Publicación mensual independiente editada por la Agrupación cultural NUESTRA RAZA”, e em 1940 “Prédica de reivindicación y difusión de la cultural negra”. A partir de 1942, o subtítulo perdeu a palavra *reivindicación*, e se manteve o mesmo até o fim da revista. A partir de 1944, na primeira página, logo abaixo do nome da revista, também foi incluída a frase “Miembro del

Círculo Periodístico Indoamericano y Conserjo de Prensa Libre del Uruguay”. Cada um desses subtítulos tem relação com o momento em que se encontrava a movimentação de intelectuais negros comprometidos com o projeto, e demonstram o caráter participativo do grupo na elaboração do periódico.

A escolha de textos era feita especialmente pelos editores, e a revista indicava que todos os cidadãos negros poderiam enviar seus textos, mas que não seriam publicados caso incentivassem preconceitos e rivalidades. Os textos da revista, quando não assinados, são atribuídos a Elemo Cabral, Ventura ou Pilar Barrios. A maioria dos colaboradores era recorrente.⁹¹ Os textos poderiam ser divididos em colunas ou não; não havia necessariamente um padrão, era de formatação simples e organizada. Com exceção das colunas sociais, não houve uma coluna específica que tenha aparecido em todas as edições do começo ao fim, mas cabe destacar que alguns temas sim, como por exemplo, sempre abrir um espaço dedicado para poemas, contos e para as ações de centros e clubes sociais. Algumas colunas também foram fixas por períodos específicos.

Das colunas ou sessões mais interessantes e que tiveram certa durabilidade, embora nem sempre aparecessem de forma linear, podemos destacar a “Libros y revistas”, inicialmente produzida por Elemo Cabral e depois por Alberto Britos. A coluna, que começa a ser publicada na década de 1940, traz dicas de leituras relacionadas à comunidade negra nacional e internacional. Além dessa, outra coluna que merece destaque é *Temas Raciales*, elaborada por Mario L. Montero, tendo sua estreia em novembro de 1938. A coluna de Montero trazia diversos temas voltados à questão da raça negra. O que não necessariamente era uma coluna, mas que aparecia com frequência, eram trechos de triunfos da comunidade negra. Quase sempre apresentavam alguma conquista ou qualidade de membros da coletividade, de forma a engrandecer essas pessoas. Trechos como esses e as colunas sociais traziam esses sujeitos para as páginas da revista. As colunas sociais, além disso, esboçavam a sociabilidade negra, trazendo vários aspectos da vida social e cultural da coletividade.

Essa vida social e cultural da comunidade ultrapassa a capital do país. *Nuestra Raza* foi uma revista feita por um grupo que sempre se preocupou em envolver a população negra do interior do Uruguai. Além de ter correspondentes em departamentos específicos, sempre dedicava uma parte de suas folhas, quase sempre nas últimas páginas, às notícias do interior – especialmente nas cidades de Melo e Rocha, nas quais o diálogo era maior em vários sentidos.

⁹¹ Sobre o grupo intelectual envolvido na revista, trabalharemos melhor na terceira parte desse capítulo.

Essas notícias iam de seus clubes e associações a festas, viagens, eventos, relatos de racismo, nascimentos. Além disso, *Nuestra Raza* estabeleceu um contato estreito com instituições importantes, como o *Centro Uruguay* e a publicação *Acción*, editada pelo centro, além de outros periódicos como *Rumbos* (1938-1945), de Rocha, a *Revista Uruguay* (1945-1948), de Montevideu e *Orientación* (1941-1943 e 1944-1945), de Melo, dentre outros.⁹²

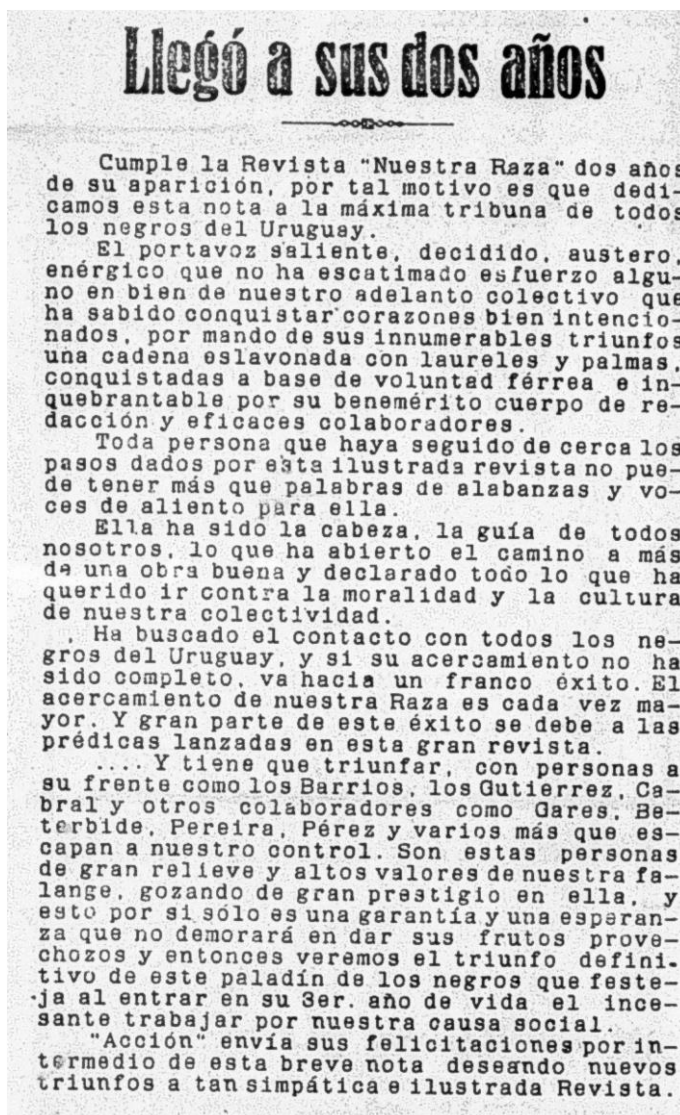


FIGURA 11 - Editorial do periódico *Acción* prestando uma homenagem aos dois anos da revista *Nuestra Raza*, descrita como a cabeça, guia do movimento

Fonte: *Acción*, n. 16, año I, 1ª época, 3 de set. de 1935.

⁹² No primeiro texto da primeira edição da *Revista Uruguay* já há um agradecimento especial às publicações anteriores, especialmente a *Nuestra Raza*, que tem "o recorde de estabilidade pelo forte esforço de seus diretores, os amigos Srs. Ventura Barrios e Elemo Cabral". (*Revista Uruguay*, n. 1, p. 2).

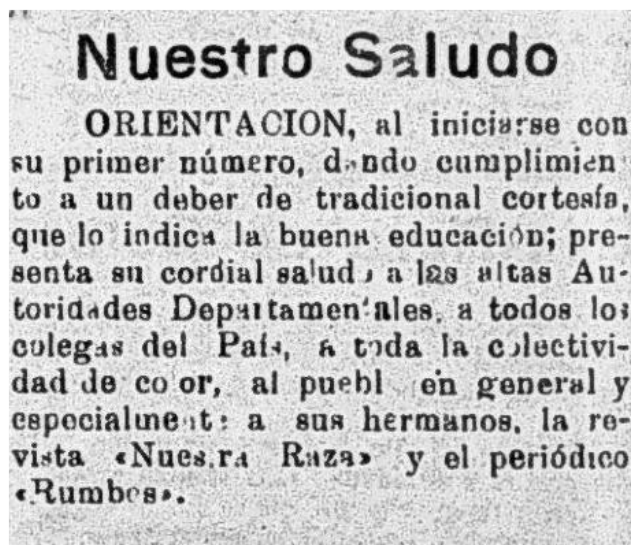


FIGURA 12 - Nota publicada na primeira edição do periódico *Orientación*, em que cumprimentam as autoridades, aos colegas, a coletividade “de cor” e especialmente as revistas “irmãs” *Nuestra Raza* e *Rumbos*

Fonte: *Orientación*, n.1, año I, 12 de out. de 1941.

Já em novembro de 1934, quando a segunda fase havia recém completado um ano, o editorial anunciava que a revista já chegava na maioria dos departamentos do país, e que seria justo atribuir esse feito a Elemo Cabral, que aproveitou dos passeios de uma exposição itinerante do Ministerio de Instrucción Pública, local onde trabalhava, para levar a diversos pontos do interior a “voz del órgano representativo en el periodismo de la raza negra”.⁹³ Em setembro de 1936, uma nota anuncia a ida de Elemo Cabral e Pilar Barrios a Melo com a finalidade de divulgar a revista. No mesmo trecho, o autor acrescenta que a intenção é visitar todos os departamentos do interior, estreitando vínculos com os *conrazaneos* e cumprindo, assim, um dos propósitos da redação. Nessa mesma ocasião, Cabral foi convidado para dar uma conferência no Centro Uruguay sobre o tema “La raza negra en Uruguay”.⁹⁴

Querer publicar um periódico e *poder* publicar são coisas totalmente distintas. Como se sabe, a produção desse tipo de material era muito custosa naquele período. A fabricação da revista era financiada com muita dificuldade por Elemo Cabral, Ventura e Pilar Barrios.⁹⁵ Nas palavras de María Burgueño:

⁹³ Revista *Nuestra Raza*, n. 16, p. 1.

⁹⁴ Revista *Nuestra Raza*, n. 38, p. 1.

⁹⁵ Os três principais produtores da revista se mantiveram ativos do começo ao fim. Normalmente, Elemo Cabral e Ventura Barrios apareciam como *Directores Responsables*, enquanto Pilar Barrios aparecia como *Administrador*. O corpo de redatores variou durante um tempo, mas de 1937 até o final da publicação da revista, o espaço foi creditado a Feliciano Barrios.

É preciso acrescentar que a esta generosidade espiritual se somava a generosidade econômica, como mostram os depoimentos coletados por Álvaro Gascue: “O pouco que meu pai ganhava no trabalho gastava na revista,” diz Gilberto Cabral, filho de Elemo; e à observação de Pilar Barrios ao irmão de que “estamos tirando o dinheiro de nós para sustentar a revista,” Ventura responde: “Mas se tivermos dignidade continuaremos”. (BURGUENO, 2015, p. 12). [Traduzido do espanhol.]

A condição material dos produtores de *Nuestra Raza* fazia toda a diferença. O financiamento da revista também contava com um colaborador importante: Mário Rufino Méndez. Além de ser um dos poucos membros da coletividade que possuía boas condições financeiras, ele era proprietário de um *taller de grabados*, oficina responsável pela impressão das primeiras revistas da segunda época.

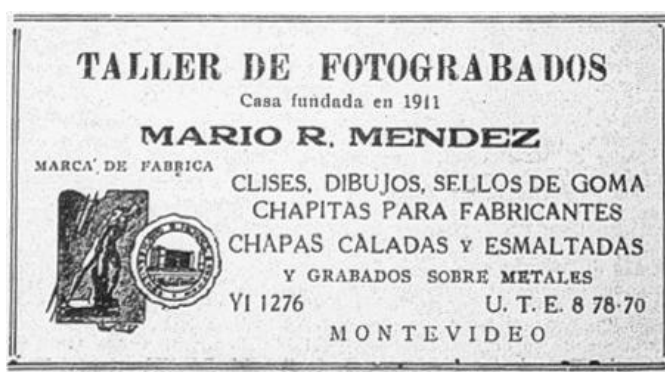


FIGURA 13 - Propaganda nas páginas de *Nuestra Raza* de um dos empreendimentos de Méndez

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 42, año IV, jan. de 1937, p. 12.

Maruja Pereira, esposa de Pilar Barrios, cita, em uma entrevista dada a Gascue (1988), que Méndez tinha um estilo de vida muito diferente dos demais membros da comunidade, o que causava estranhamento entre as muitas frentes envolvidas no grupo. Para além da contribuição dos próprios diretores e do apoio material de muitos colaboradores, a revista, como citado, era vendida por meio de assinaturas e em alguns pontos da cidade. As assinaturas, no entanto, sempre enfrentavam o problema da inadimplência.

Exhortamos

A todas las personas que estan atrasadas en la mensualidad de esta hoja, a que a la brevedad posible, se pongan al día con la Administración. De lo contrario, nos veríamos obligados, muy a pesar nuestro, a suprimirles el envío de la revista.

FIGURA 14 - Cobrança aos assinantes da revista *Nuestra Raza* que estavam inadimplentes.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 07, año I, jan. de 1934, p. 7.

Quase todas as propagandas encontradas nas páginas da revista eram referentes a um trabalho executado por algum membro da coletividade e, portanto, não geravam lucro para seus editores. As que não diziam respeito à comunidade negra diretamente, apareceram muito raramente e de forma espaçada, especialmente durante a década de 1940.



FIGURA 15- Propaganda de Sandálio de Puerto, colaborador de *Nuestra Raza*

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 106, año IX, jun. de 1942, p. 12.

Os indivíduos envolvidos com esse projeto faziam parte de um grupo de intelectuais compostos por artistas, periodistas e escritores que, tal como a geração anterior, de meados do século XIX, valorizavam a palavra escrita como ferramenta de representação fundamental para produzir discursos sobre si mesmos (RODRÍGUEZ, 2019). Pertenciam a uma tradicional imprensa negra e já possuíam certa experiência não só com a produção de periódicos, mas também com as mobilizações políticas por e para a comunidade.

Na década de 1930, *Nuestra Raza* encontra um contexto muito diferente em relação ao do começo do século. O país sofria as consequências da crise de 1929, ocasionada pela quebra

da bolsa de valores de Nova York. Os efeitos da crise econômica no Uruguai, que foram sentidos no país especialmente entre os anos 1930 e 1931, atingiram todos os níveis sociais, mas, em particular, as camadas mais simples da sociedade. A situação enfrentada pelo país naquele momento e as medidas econômicas encontradas para combatê-la causavam grande descontentamento por parte da população e de determinados setores políticos.

Um desses descontentes era Gabriel Terra, que assumiu a presidência do país em 1931. De acordo com as leis da Constituição de 1918, o *Consejo Nacional de Administración*, parte do poder executivo do país, era responsável por tudo que fosse referente às finanças e à economia do país. Isso limitava as decisões do presidente acerca desses temas, e, conseqüentemente, teria sido um forte pretexto para o Golpe de Estado dado pelo presidente em 31 de março de 1933, mesmo ano de reaparição da revista *Nuestra Raza* em Montevideu. O que de fato acontecia é que a crise econômica, em razão da crise internacional, acarretou um cenário político instável, que, somado ao crescente autoritarismo em várias partes da América, abriu espaço para o golpe de Terra.

No caso do Uruguai, o golpe teve o respaldo das direitas blancas (herreristas⁹⁶) e coloradas (riveristas⁹⁷), o apoio operativo da polícia e a concordância do exército (CAETANO, 2020). Após o golpe, Terra dissolveu o *Consejo Nacional de Administración*, e quase imediatamente convocou um plebiscito acerca de uma nova Constituição, na tentativa de legitimar mediante as eleições, as novas autoridades impostas. A maioria dos opositores à ditadura terrista reagiu com a abstenção eleitoral, no intuito de tirar a legitimidade do regime emergente (Idem, 2020). Terra, pouco mais de um ano do golpe, foi ratificado presidente da república, pela assembleia constituinte.

A ditadura imposta por Gabriel Terra perseguiu opositores e aprisionou vários adversários políticos, estudantes e jornalistas. Um dos forçados a se exilar durante essa ditadura, foi Pereda Valdés, que residiu por anos no Brasil (MYERS, 2022). Outro, foi Júlio César Grauert, um advogado e político membro do setor batllista do Partido Colorado, amigo próximo de Salvador Beterbide, a quem influenciou muito politicamente. Grauert foi perseguido e morto durante a ditadura de Gabriel Terra, que também era colorado, em 1933.⁹⁸ Após a morte de

⁹⁶ O *herrerismo* é uma corrente política dentro do Partido Nacional. É um conjunto de ideias políticas e filosóficas fundadas por Luis Alberto de Herrera, um dos principais caudilhos do partido.

⁹⁷ O *riverismo* é um setor do Partido Colorado que buscava dar continuidade às ideias políticas de Fructuoso Rivera. O movimento mudou muito durante os dois períodos batllista.

⁹⁸ A relação do advogado com o partido é mais complexa do que parece. Julio César Grauert foi um político vinculado ao setor batllista radical do Partido Colorado, no qual fundou a sua própria agrupação, *Avanzar*. Nas

Grauert, Beterbide deixou o Partido Colorado, no qual entrou por recomendação do colega, e foi um dos fundadores do primeiro partido feito por e para negros, como veremos mais adiante; Beterbide seguiu com os pensamentos do amigo para fundamentar o novo partido, particularmente no que diz respeito à relação entre o conceito de classe em relação a raça, para explicar a opressão sofrida pela comunidade negra (BURGUEÑO, 2015).

Nesse sentido, as questões do período influenciaram as ações dessa comunidade negra intelectual, inclusive nas próprias movimentações políticas do grupo. As primeiras edições de *Nuestra Raza* trazem um tom pessimista de um país que enfrenta uma crise política e econômica, ainda na ressaca da crise de 1929 e do período entre guerras, tenso e conflituoso. Podemos visualizar essa preocupação no último editorial de 1933, escrito por Ventura Barrios:

Se foi 1933. Ano pródigo, mundialmente, em incidentes extremamente dolorosos, sua memória só pode deixar em todos os espíritos, um sedimento [sentimiento?] de amargura. De um polo a outro, o ano que termina lança um trágico balanço para a humanidade: guerras, crises, misérias, valores morais subvertidos.

O Ocidente: a velha Europa nada mais é do que um vulcão em que as paixões mais amargas fervem em forma de lava.

Oriente: sobre a Ásia antig/a, a espada de Dâmocles pende constantemente, suspensa por um fio mais fraco do que o descrito na lenda bíblica.

América: a jovem América, que um dia acordou embalada pelo suave devaneio de Alonso Quijano, estremece em convulsões bélicas. Atrás do Chaco Boreal, o ódio se enfurece impulsionado por magnatas do petróleo.

1933 vai embora... Ano de crise, de miséria, de dor! (BARRIOS, *Nuestra Raza*, n. 5, 1933, p. 1).⁹⁹

Ainda que boa parte dos intelectuais envolvidos no projeto da revista possuíse uma condição mínima herdada dos melhores tempos de progresso, sabiam que seus *conrazaneos* não

palavras de Burgueño: “Esse nome era uma referência a necessidade de levar adiante e mais além das ideias de Batlle, buscando transcender o reformismo e incorporar novos conteúdos de caráter revolucionário (...) Suas ideias políticas tinham bases diferentes as do partido já que tomavam a terminologia marxista para a análise de classe, constituindo-se em um ‘discurso ideológico mais esquerdista que o dos antigos radicais do partido’, apontam Caetano y Rilla” (Burgueño, 2015, p.21). Sobre Grauert ver DIDIZIAN, Kurken. “Julio César Grauert discípulo de Batlle”. Montevideo: Editorial Avanzar, Comunidad del Sur, 1997.

⁹⁹ “Se va 1933. Año pródigo, mundialmente, en incidencias harto dolorosas, su recuerdo solo puede dejar en todos los espíritos, un sedimento [sentimiento?] de amargura. De un polo al otro, el año que fenece arroja para la humanidad un trágico balance: guerras, crisis, miseria, valores morales trastrocados.

Occidente: la vieja Europa no és más que un volcán en el cual bullen, en forma de lava, las más enconadas pasiones. Oriente: sobre la milenaria Ásia, pende constantemente, la espada de Damocles, suspendida por un hilo más débil que el que nos describe la bíblica leyenda.

América: la joven América, que un día despertada arrullada por el suave ensueño de Alonso Quijano, se estremece en convulsiones bélicas. Detrás de Chaco Boreal, ruge el odio acuciado por los magnates del pretóleo.

Se va 1933... Año de crisis, de miseria, del dolor!” (BARRIOS. *Nuestra Raza*, n. 5, 1933, p. 1).

estavam na mesma situação. Além disso, o cenário era desanimador, pela crise e ditadura, mas, também, pela expansão do fascismo pelo mundo. O grupo se posicionou desde o início, mesmo antes do estourar da Segunda Guerra Mundial, contra os avanços do nazifascismo pela Europa, particularmente no que diz respeito à Segunda Guerra Ítalo-Etíope, um conflito ocorrido entre 1935 e 1936,¹⁰⁰ em que Benito Mussolini invade a Abissínia (Etiópia).

Ao tomar posição em favor da Etiópia, o grupo envolvido na revista não só estabelecia suas preferências políticas, como também se identificava com sua ancestralidade. Em maio de 1935, um colaborador que assinava como Don Ramiro, escreveu uma coluna que buscava traçar um panorama da situação universal naquele momento. Abaixo do subtítulo “Buscando justificarse”, o autor resolve falar sobre a situação Ítalo-Etíope. Don Ramiro comenta sobre algumas alegações italianas para o conflito, em que utilizam de argumentos como “tribos selvagens” e “escravistas” para justificar as invasões em prol da “civilização”. Então, o autor apresenta suas exposições, que foram endossados diversas vezes na revista: a verdade seria a de que a Etiópia era uma parte do continente africano (e aqui, Ramiro descreve ser a única) que gozava de autonomia e que, portanto, para os fascistas italianos, seria necessário dominá-la.¹⁰¹

A preocupação com a Etiópia apareceria novamente na edição seguinte, mostrando como o conflito estava gerando preocupação em todos os países, especialmente entre as populações negras. Nas palavras de Miguel Ángel Bustamante:

A partir dessas mesmas colunas, tive a oportunidade de apresentar meu ponto de vista sobre a agressão da Itália contra o povo abissínio, aproveitando a generosa hospitalidade de NUESTRA RAZA. Hoje quero mostrar que a Abissínia não está sozinha na luta pela independência nacional. Em todos os países onde há negros, houve discussões, em suas organizações de massa, sobre a melhor forma de ajudar a Abissínia e quem são seus aliados. Nesse aspecto não há meio-termo, ou se está com as grandes massas do único império negro, ou se está com os invasores que querem trazer a "civilização" do chumbo e do fogo para a Abissínia. [...]

A união, a ação comum de todos os trabalhadores de todas as raças e tendências: essa é a força formidável, invencível, que se coloca ao lado de nossos irmãos abissínios. [...]” (BUSTAMANTE, *Nuestra Raza*, n. 23, 1935, p. 3).¹⁰²

¹⁰⁰ O conflito terminou em 1936, mas a Etiópia ficou ocupada por tropas italianas até 1941, e as consequências foram ainda mais anos a fio. A agrupação *Nuestra Raza* nunca parou de escrever sobre o assunto.

¹⁰¹ Revista *Nuestra Raza*, n. 22, p. 3.

¹⁰² Desde estas mismas columnas, tuve oportunidad de exponer mi punto de vista sobre la agresión de Italia al pueblo abisinio, aprovechando la generosa hospitalidad de NUESTRA RAZA. Hoy quiero demostrar que Abisinia no está sola en la lucha por su independencia nacional. En todos los países en que existen negros, ha habido discusiones, en sus organismos de masas, sobre la mejor manera de prestar ayuda a Abisinia y sobre quiénes son sus aliados. A este respecto no hay términos medios, o se está con las grandes masas del único imperio negro, o con los invasores que quieren llevar abisinia la "civilización" del plomo y el fuego. [...]

O texto de Bustamante nos permite perceber a discussão da diáspora africana pelo mundo em relação à invasão italiana, bem como o sentimento de pertencimento desses indivíduos e a preocupação com a dimensão coletiva. O conflito também era denunciado nas caricaturas de Mario R. Méndez, nas capas da revista.

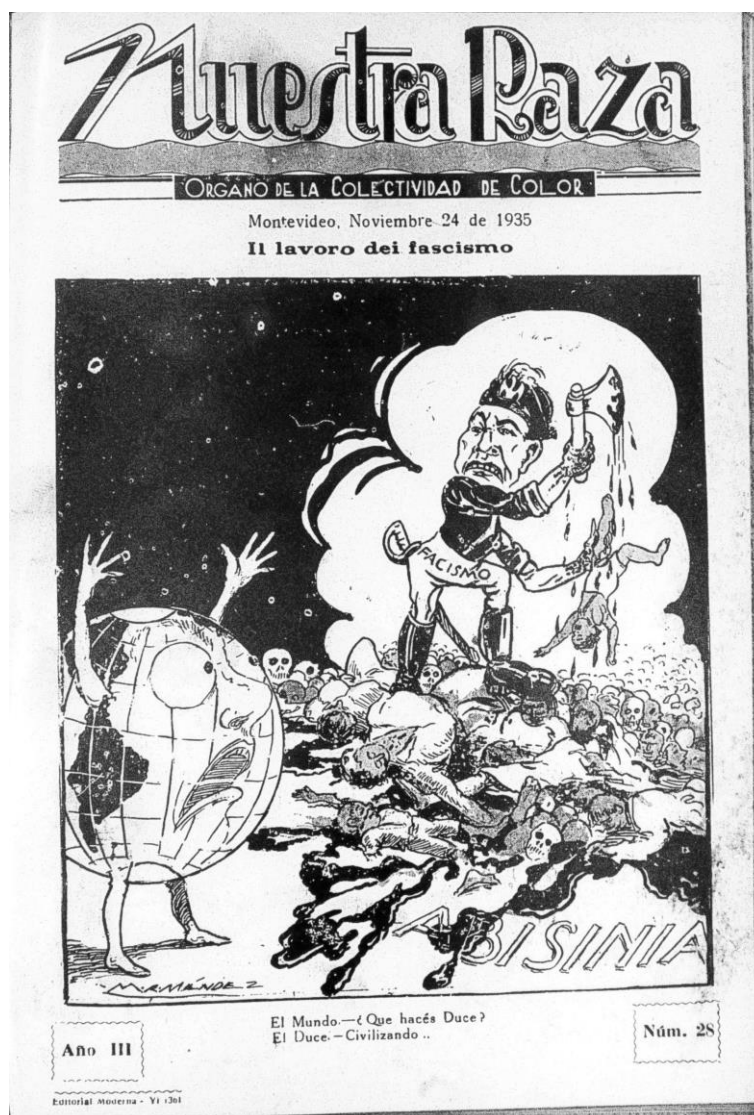


FIGURA 16 - Capa da revista *Nuestra Raza*, caricatura feita por Mario Rufino Méndez
 Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 28, año III, nov. de 1935; n. 33, año III, abril de 1936.

Mesmo com o fim da guerra ítalo-etíope, diversos textos acerca desse tema continuaram a ser publicados. A agrupação chegou a criar um comitê específico para tratar do assunto, como veremos mais adiante. O contexto da guerra trouxe diversas discussões ao grupo em temas muito fundamentais como a ideia de civilização, “raças” e generalizações sobre o continente

La unión, la acción común de todos los trabajadores de todas las razas y tendencias: he ahí la fuerza formidable, invencible, que se coloca del lado de nuestros hermanos abisinios. [...]. (BUSTAMANTE. *Nuestra Raza*, n. 23, 1935, p. 3).

africano e seus países; além de uma ferrenha crítica ao fascismo italiano de Mussolini e ao nazismo de Hitler. Em relação a isso, eram categóricos: o fascismo, que eles descreviam como ausência de intelectualidade e civilidade, era quem traria a nova escravidão, não dos negros, como no passado, mas de todos os proletariados.

O fascismo italiano, expoente da reação e da barbárie mais sangrenta que a humanidade já conheceu, braço armado das camarilhas imperialistas de traficantes de guerra; Depois de derramar o sangue do povo italiano em torrentes, de ter prendido nas masmorras de prisões milhares de combatentes antifascistas e reduzido a classe *obrero* a escravidão, destruindo as organizações sindicais e todas as liberdades do povo, amplia sua obra de barbárie arrastando o mundo a mais espantosa desgraça. Já não é suficiente o sangue do povo italiano, sua rede de sangue pede mais e rompe fronteiras e ameaça invadir o mundo para ceifar vidas e submergir a civilização. [...]

Sustentamos que a primeira vítima da aventura fascista, na África, é o povo italiano, porque fascismo para eles significa fome, miséria, dor e total falta de liberdades e a guerra, derramamento de sangue em holocausto ao capricho de um monstro que impõe a milhões sua soberana vontade. (*Nuestra Raza*, n. 28, 1935, p. 8.)¹⁰³

Nuestra Raza convocava toda a comunidade reunida em torno da revista para se manifestar contra a invasão da Etiópia e a expansão do fascismo. A luta contra o fascismo não era só pela Etiópia, mas por todos. O fracasso das forças populares poderia impulsionar ditaduras fascistas em qualquer país democrático. Outra vez, nas palavras de Bustamante:

Derrotar Mussolini na Abissínia, através de uma ação internacional ligada à valente luta da guerrilha etíope, é realizar a mais poderosa manifestação contra Hitler e todos os *fascios*. É por isso que lutando contra Mussolini, as massas lutam não só pela Etiópia, mas também pela paz da Europa. A questão da Abissínia levanta na arena internacional a luta entre o fascismo e a frente antifascista. Um fracasso das forças populares daria um impulso a toda/s as ditaduras fascistas nos países democráticos por sua política de opressão terrorista contra a classe trabalhadora. (BUSTAMANTE *Nuestra Raza*, n. 30, año III, 1936, p. 4).¹⁰⁴

¹⁰³ “El fascismo italiano expone;nte de la reacción y de la barbarie más sangrienta que haya conocido la humanidad, brazo armado de los imperialistas camarillas de traficantes de la guerra; después de verter a torrentes la sangre del pueblo italiano, de hacer encerrado en las mazmorras carcelarias a millares de luchadores antifascistas y reducido a la esclavitud a la clase obrera, destruído las organizaciones sindicales y todas las libertades del pueblo, amplía su obra de barbarie arrastando al mundo a la más espantosa desgracia. Ya no le es suficiente la sangre del pueblo italiano, su red de sangre pide más y rompe las fronteras y amenaza invadir el mundo para segar vidas y undir la civilización. [...]

Sostenemos que la primer víctima de la aventura fascista, en África, es el pueblo italiano, pues el fascismo para ellos significa hambre, miseria, dolor y carencia total de libertades y la guerra, derramamiento de sangre en holocausto al capricho de un monstruo que impone a millones su voluntad soberana”. (*Nuestra Raza*, n. 28, 1935, p. 8).

¹⁰⁴ “Derrotar a Mussolini en Abisinia, por medio de la acción intenacional ligada a la valiente lucha de los guerrilleros etíopes es realizar la más potente demostración contra Hitler y todos lods fascíos. Es por esto por lo que al luchar contra Mussolini, las masas luchan no solo por Etiopia, sino también por la paz de Europa. La cuestión de Absinia, plantea en la arena intenacional la lucha entre el fascismo y el frente antifascista. Un fracaso de las fuerzas populares, daría una impulsión a todas las dictaduras fascistas en los países democráticos para su política de opresión terrorista contra la clase obrera”. (BUSTAMANTE. *Nuestra Raza*, n. 30, año III, 1936, p. 4).

Os golpes à democracia, de fato, rondavam o país na primeira metade do século XX. A década de 1930 e parte da década de 1940 estiveram marcadas não por um Golpe de Estado, mas por dois: além do golpe liderado por Terra, teve o de seu sucessor, Alfredo Baldomir, que governou entre 1938 e 1942. O “golpe bueno”, de Baldomir, como ficou conhecido, conforme com Caetano (2020), serviu de ponto de partida para a restauração da democracia dos anos subsequentes, em razão da ditadura imposta por Terra. Os dois golpes foram seguidos de reformas constitucionais que diziam respeito à conjuntura política e ao interesse de quem estava governando. Ainda na esteira de Caetano, esse foi o primeiro ciclo ditatorial do século XX e, como tal, marcou o ciclo político dos partidos uruguaios, que saíram desse momento havendo experimentando mudanças significativas.

O governo de Baldomir, como vimos, no entanto, abriu um diálogo quase inédito com a comunidade negra do país. As leis anteriormente citadas em relação ao reconhecimento de Ansina, foram promulgadas durante seu governo. Além disso, em 1942, o então presidente impulsionou uma série de festividades para comemorar os 100 anos da abolição da escravidão no país – marcando a data, claro, com o ano de abolição decretado pelo colorado Rivera. Foi durante essas festividades que foi inaugurado o monumento dedicado a Ansina, do qual falamos no primeiro capítulo. Para mais, Baldomir apoiou economicamente, com a publicação *Negros esclavos y negros libres. Esquema de una sociedad esclavista y aporte del negro en nuestra formación nacional* (1941), de Ildefonso Pereda Valdés (GORTÁZAR, 2003), de quem solicitou, inclusive, um exemplar do livro quando publicado. (Ver Anexo 04).

A segunda fase de *Nuestra Raza* nasceu em meio a uma ditadura que modificou as formas de fazer política no Uruguai. Sua trajetória foi atravessada pela ameaça do fascismo, do nazismo, das guerras, de crises e diversas situações políticas e sociais importantes, bem como pelo racismo ainda forte e enraizado no país. A partir da experiência desses sujeitos envolvidos no projeto da pequena revista nascida em San Carlos, se expande e se internacionaliza ao chegar em Montevidéu: mobiliza intelectuais negros não só do Uruguai, mas de diversos países. Tornou-se, então, a vitrine de um movimento negro que carregava uma trajetória de lutas e que buscava transformações sociais. Nessa trajetória, alguns temas foram fundamentais e moveram as páginas e ações dessa elite intelectual negra. Esses temas foram utilizados para dialogar e convencer os seus leitores das urgências trazidas por esse grupo intelectual.

2.2. O que dizem essas páginas

A união da coletividade, a solidariedade racial, a melhoria cultural e a luta contra a injustiça social e o racismo foi, desde sua primeira fase, a principal preocupação da equipe envolvida com o projeto da revista *Nuestra Raza*. Nesse sentido, o grupo desenvolveu uma lógica discursiva baseada em temas fundamentais, debatidos ao longo dos anos por seus contribuintes na busca por mudanças. Esses temas são, além de tudo, pontos de partida para mobilizações políticas, sociais e culturais importantes, realizadas por essa elite intelectual negra. *Nuestra Raza* foi uma revista fundada na intenção de criar um espaço de diálogo entre os intelectuais negros uruguaios, seus pares e os demais membros da coletividade negra do país para, a partir desse diálogo, sair da “inércia” na qual se encontrava a comunidade – de acordo com eles mesmos. A partir disso, é importante pensarmos em quais foram os eixos principais dessa publicação. O movimento intelectual negro uruguaio tinha suas próprias pautas, mas elas estavam postas em diálogo com aquela sociedade sobre a qual, eles tinham a consciência de terem ajudado a construir e que reivindicavam o seu lugar de legitimidade.

2.2.1. Educação: a favor da instrução coletiva e contra o analfabetismo

Os pontos de partida da revista, desde seu nascimento em San Carlos, foram a preocupação com a melhoria cultural dos membros da comunidade negra, união e mobilização da raça para a realização de feitos significativos e a luta contra o preconceito racial. Dessas três chaves, podemos destrichar uma série de outras questões levantadas pela equipe editorial e pelos colaboradores da revista. Desde 1917 a revista já demonstrava sua preocupação com a educação e a crença de que apenas por meio dela, seriam capazes de alcançar mudanças significativas. Esse deveria ser, na leitura desse movimento, o primeiro passo para tornar possível uma melhoria cultural. A educação foi, como vimos anteriormente, uma das mais importantes pautas da república uruguaia. Posto isso, a escolha deste como um de seus temas principais, mostra que a coletividade negra buscava mudanças, utilizando do próprio repertório nacional. O racismo os deixava de fora, e essa era a principal reivindicação. A educação seria o primeiro passo para mudança.

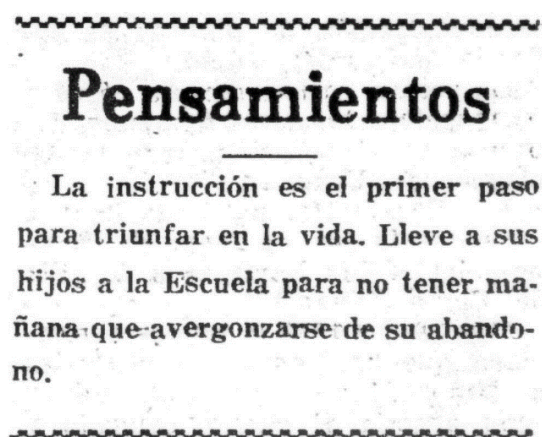


FIGURA 17 - Chamada entre um artigo e outro da revista

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n.151, año XII, março de 1946, p. 3.

Em 1937, Isabelino Gares, que também assinava sob o pseudônimo Nagel, escreveu um texto para *Nuestra Raza* sobre o analfabetismo, um problema grave que assolava a coletividade. Para Gares, o problema deveria ser resolvido mandando as crianças à escola, e as instruindo com ofícios após a conclusão dos estudos. Além disso, o autor sugere que os adultos que ainda não pudessem ler, se inscrevessem na educação noturna para se alfabetizarem, e que professores ligados a ódios e preconceitos não mereciam tal profissão.¹⁰⁵ A colocação de Gares nesse sentido, diz respeito às experiências de preconceito vividas pela comunidade negra nos setores escolares.

Nem todas as escolas aceitavam alunos negros, ainda que as leis do país não compactuassem com tal ação. Diversos familiares tentavam matricular crianças e jovens e nem sempre encontravam vagas nas escolas. Embora elas existissem, frequentemente não eram disponibilizadas. Algumas vezes, mesmo quando encontravam vagas, eram em escolas localizadas muito longe de suas residências, impossibilitando que os alunos as frequentassem. Além disso, existiam diversas outras barreiras que dificultavam o acesso da população negra às escolas, como a questão financeira das famílias, já citada anteriormente: muitas vezes, o núcleo familiar preferia que esses jovens trabalhassem ao invés de estudar.

Alguns textos buscavam orientar que a educação seria, a longo prazo, mais vantajosa para a comunidade e para a própria família. Porém, a relação entre trabalho e escola era muito mais complexa do que parecia, e nem sempre os colaboradores estavam em concordância. Em

¹⁰⁵ Revista *Nuestra Raza*, n. 43, p. 3.

resposta ao texto citado de Nagel, Miguel Ángel Bustamante descreve que esse problema não pode ser resolvido apenas com a “boa vontade” de mandar os jovens à escola, como sugere Gares. Mesmo que os pais quisessem, algumas crianças e jovens precisavam trabalhar. Com isso, M. A. B., como costumava assinar, sugere que a origem do problema do analfabetismo era uma só: econômica. Para tanto, o autor apresenta dados de um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Trabajo sobre os custos de vida que uma família deveria ter, alegando, em seguida, que muitos da coletividade não conseguiam essa cifra. Por mais ideal que fosse, não era um problema individual de cada família. Bustamante conclui que:

Sem ter dito tudo o que precisa ser dito sobre esse grave problema, acho que provei que sua origem é econômica. Portanto, é um mal social em que a boa ou má vontade individual nada tem a ver com isso. Eles não vão corrigi-lo de forma alguma, pois, o remédio também deve ser social. (BUSTAMANTE. *Nuestra Raza*, n. 44, 1937, p. 4-5).¹⁰⁶

Cabia a todos, enquanto sociedade, conseguir transformar a realidade desses jovens negros. Ao mesmo tempo em que precisavam melhorar culturalmente, sobretudo por meio da educação, para alcançar melhorias almejadas, era necessário ter uma base econômica mínima, ou seja, ter o mínimo de condições de despender um tempo de seu dia para dedicar-se aos estudos.

Para ingressar na educação superior, a coletividade encontrava ainda mais desafios. O acesso da população negra ao ensino superior no país encontrava dificuldades desde o ingresso nas Universidades, poucas na época, à própria manutenção no curso tanto pelo alto custo dos livros e materiais, cursos que exigiam outros idiomas e especificações, quanto pelas aulas que ocupavam boa parte do dia, impossibilitando uma conciliação entre tempo de estudo e de trabalho. Qualquer aproximação da coletividade negra e da universidade era vista com bons olhos pela maior parte dos colaboradores da revista.

¹⁰⁶ Sin haber dicho todo lo que hay que decir sobre este serio problema, creo haber probado que su origen es el económico. Por lo tanto es un mal social en el cual nada tiene que ver la buena o mala voluntad individual. En nada lo corregirán, pues, el remedio deve ser también social. (BUSTAMENTE, *Nuestra Raza*, n. 44, 1937, p. 4-5).



FIGURA 18 - Texto exaltando um conrazaneio por seu triunfo educacional.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n.43, año IV, fev. de 1937, p. 9.

Os poucos negros que conseguiam alcançar o feito de se formar, eram referenciados e tidos como exemplos, tal como Salvador Beterbide, advogado que dedicava muitas de suas causas à própria comunidade negra. Para tentar solucionar esse problema da falta de acesso ao ensino superior, o grupo *Nuestra Raza* cogitou a criação de uma *Universidad Popular de la Raza Negra*.¹⁰⁷ A criação de uma Universidade Popular ou uma Universidade voltada para a comunidade negra não era algo impossível. Como exemplo concreto para pensar nisso, o grupo se espelhava na Tuskegee University,¹⁰⁸ especialmente no período que foi dirigida e reformulada pelo *conrazaneio* Booker Washington, pedagogo que se tornou referência para os intelectuais negros norte-americanos e para os membros da agrupação *Nuestra Raza*. O projeto de uma Universidade popular, no entanto, nunca saiu do papel.

¹⁰⁷ *Nuestra Raza*, n. 37, p. 1.

¹⁰⁸ A Tuskegee University, fundada no final do século XIX, é uma universidade privada, historicamente negra, que se localiza na cidade de mesmo nome, no estado do Alabama.



FIGURA 19 - Booker Washington estampando a capa da revista

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 42, año IV, jan. de 1937, p. 12.

Apesar da expansão da educação no país, realizada desde meados do século XIX, na Reforma Valeriana, seguida pelo Reformismo Batllista e a ampliação educacional do Terrismo, o acesso da maior parte de jovens negros era muito difícil, especialmente por razões materiais e sociais. Nessa interseção entre precisar trabalhar e estudar ao mesmo tempo, a Agrupação *Nuestra Raza* encontrou uma alternativa: estimular o ensino em instituições que permitissem aprender um ofício, tais como escolas industriais ou técnicas. Ao mesmo tempo em que se alfabetizavam, poderiam se profissionalizar para o trabalho. Isso estava em sintonia com o que estava acontecendo no Uruguai naquele período: havia um maior reconhecimento social e profissional dos trabalhos técnicos, especialmente pelo desenvolvimento industrial da época. A

exemplo disso, vemos na década de 1940 a transformação da Escuela Nacional de Artes y Oficios, fundada no final do século XIX, em Universidad del Trabajo del Uruguay. Em 1944, Marío L. Montero descreve:

Por isso, nós buscamos o estudo, sim, mas de acordo com as condições espirituais e materiais de cada um. Para que a juventude que desenvolve sua ação em um ambiente medíocre e extremamente pobre, se dirija em perfeita harmonia com seu intelecto e suas possibilidades econômicas, para um futuro digno e próximo: o industrialismo técnico. Queremos que aquele negrinho que vimos na oficina para coletar resíduos e limpar as máquinas conheça os motores de cor e seja amanhã, com orgulho, um especialista. [...] Caminho lento, mas seguro, para a elevação do nível cultural da raça negra oriental. (MONTERO. *Nuestra Raza*, n. 125, 1944, p. 8-9).¹⁰⁹

Montero argumenta durante o texto que o mesmo jovem o qual, por exemplo, leva pacotes do laboratório ou da farmácia ao seu destino, pode ser, também, um ótimo químico. Especializar-se no trabalho garantiria a melhoria educacional e econômica naquela família, além de ser mais possível do que uma Universidade. O autor reconheceu a situação da comunidade negra no país, e pensou em soluções que se encaixassem na realidade da coletividade. Em março do mesmo ano, Montero escreve:

Tivemos a honrosa satisfação de poder constatar que esta modesta, ainda que sincera, prédica que mantemos em favor de uma maior aproximação de nossa juventude indolente – leia-se infância –, em direção a uma educação mais adaptável ao *standard* da vida econômica negra, alcançou ampla e auspiciosa repercussão. Às publicações raciais, que com um critério elevado e altruísta se juntaram voluntariamente aos nossos altruístas propósitos de regeneração juvenil, juntam-se agora as vozes de estímulo de conhecidos *conrazaneos* e amigos queridos, que, compreendendo a importância do futuro do problema aqui abordado, não querem – nem poderão – permanecer insensíveis, alheios ou indiferentes. (MONTERO. *Nuestra Raza*, n. 127, 1944, p. 3-4).¹¹⁰

Ele reconhecia o esforço que a família deveria fazer para permitir o estudo desse jovem, mas que isso seria fundamental para ocasionar as tão sonhadas mudanças. Então prossegue:

¹⁰⁹ Por ello, nosotros bregamos por el estudio, sí, pero de acuerdo a las condiciones espirituales y materiales de cada uno. Para que la juventud que desenvuelve sua acción en un ambiente mediocre y paupérrimo, se dirija en consonancia perfecta con su intelecto y sus posibilidades económicas, hacia un futuro digno y próximo: el industrialismo técnico. Queremos que ese negrito que hemos visto en el taller para recoger desperdicios y limpiar las máquinas conozca motores al dedillo y sea mañana, con orgullo, un experto de ellos. [...] Camino lento, pero seguro, hacia el elevamiento del nivel cultural de la raza negra oriental. (MONTERO. *Nuestra Raza*, n. 125, 1944, p. 8-9).

¹¹⁰ Hemos tenido la honra satisfacción de poder constatar que esta modesta aunque sincera prédica, que mantenemos en favor de un mayor acercamiento de nuestra indolente juventud – léase niñez –, hacia una enseñanza más adaptable con el *standard* de la vida económico negro [económica negra], ha logrado una amplia como auspiciosa repercusión. A las publicaciones raciales, que con un criterio elevado y altruista se han unido voluntariamente [voluntariamente] a nuestros altruístas propósitos de regeneración juvenil, se agregan ahora voces de estímulo de caracterizados *conrazaneos* y dilectos amigos, quienes comprendiendo la importancia del futuro del problema aquí abordado, no quieren – ni podrán tampoco – permanecer insensibles, ajenos [ajenos] o indiferentes. (MONTERO, *Nuestra Raza*, n. 127, 1944, p. 3-4).

Para isso, então, insistimos em pedir que se faça um pequeno sacrifício mais. Por ele, procuramos interessar entidades sociais e culturais, publicações e congêneres capacitados e amigos para uma ação conjunta, coletiva, modesta, mas com projeções incalculáveis; pois amanhã serão eles os responsáveis por levar a raça negra por um caminho mais longo, sim, mas firme e seguro rumo à tão esperada libertação econômica e cultural. Por outro lado e com um argumento mais simplista, proporcionando à criança ou ao jovem uma educação industrial, um aperfeiçoamento comercial ou técnico, em consonância, evidentemente, com a situação econômica de cada família, que é o móvel [movimento?] que procuramos, devemos nos reafirmar com confiança naquele velho ditado popular: 'os filhos são a riqueza dos pais' ou naquele outro '... amparo na velhice. (MONTERO. *Nuestra Raza*, n. 127, 1944, p. 3-4).¹¹¹

O discurso de Montero se aproxima mais da mentalidade da comunidade que lia e produzia a revista. Ele não descartava a importância do estudo, o reconhece como ferramenta principal de ascensão social, cultural e econômica e ainda traz o mundo do trabalho.

2.2.2. O mundo do trabalho

O trabalho é outro tema relevante para a Agrupação *Nuestra Raza*. A educação seria o caminho ideal para um serviço especializado, que melhor remunerasse e reconhecesse o trabalhador que deveria, como vimos, ser uma pessoa adulta. O assunto irá aparecer especialmente em textos que denunciavam o racismo em espaços laborais e a dificuldade de encontrar emprego em razão da cor da pele. Em junho de 1936, escreveram:

Qualquer um de nós sabe perfeitamente que em mais de uma centena de casos, a ascensão de um empregado ou a nomeação de um funcionário, certamente não dependeu da maior ou menor idoneidade do candidato ou do motivo do aspirante à promoção, mas sim na maior ou menor pigmentação da pele de este ou aquele. (BETERBIDE *et al.* *Nuestra Raza*, n. 35, año III, p. 5).¹¹²

O preconceito racial no mundo do trabalho tornou-se, como veremos mais adiante, um dos argumentos políticos desse ativismo. O trabalho aparece, também, de forma positiva, como

¹¹¹ Por esto, pues, insistimos al pedir que se haga un pequeño sacrificio más. Por ello, tratamos interesar a entidades sociales y culturales, a publicaciones y a congéneres capacitados y amigos para una acción conjunta, colectiva, modesta, pero de proyecciones incalculables; puesto que ellos serán mañana los encargados de llevar a la raza negra por un camino más largo, si, pero firme y seguro hacia la ansiada liberación económica y cultural. Por otra parte y con un argumento más simplista, al facilitarle al niño o al joven, una enseñanza industrial, un perfeccionamiento comercial o técnico, en consonancia, claro, está con la situación económica de cada familia, que es el móvil que perseguimos, debemos reafirmarnos con confianza en aquel viejo adagio popular: 'los hijos son la riqueza de los padres' o en aquel otro "... el apoyo en la vejez". (MONTERO. *Nuestra Raza*, n. 127, 1944, p. 3-4.)

¹¹² "Cualquiera de nosotros sabe perfectamente que en más de cien casos, el ascenso de un empleado o el nombramiento de un funcionario, no ha dependido por cierto de la mayor o menor idoneidad del postulante o de la razón del que aspiraba al ascenso, sino de la mayor o menor pigmentación de la piel de aquel o este". (BETERBIDE *et al.* *Nuestra Raza*, n. 35, año III, p. 5).

quando algum *conrazaneo* conquistava um novo emprego ou algum tipo de promoção, de forma a parabenizar, estimular a comunidade e, especialmente, reconhecer o esforço e o sucesso do “congênera” – algo que muito comumente não era feito no próprio espaço laboral. Era ponto comum entre os colaboradores, que a melhoria cultural resultaria em um bom emprego, e, conseqüentemente, uma melhoria econômica significava.



FIGURA 20 - A imagem Lino Suárez Peña acompanhada de um texto o parabenizando por sua ascensão no trabalho.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 37, año IV, ago. de 1936, p. 7.

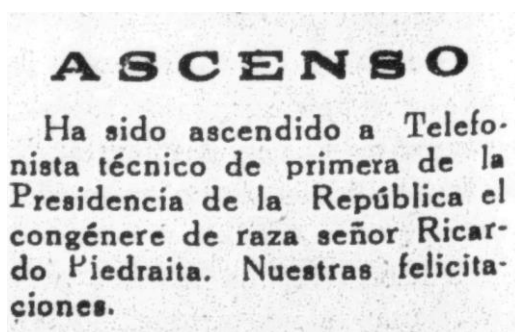


FIGURA 21 - Outro trecho apresentando a ascensão no trabalho por membros da coletividade.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 47, año IV, jun. de 1937, p. 10.

A integração da comunidade negra ao mundo trabalho tinha influência, ademais, com a própria inclinação filosófica e política da revista, especialmente no que se referia à emancipação do proletariado. Como trataremos mais adiante no texto, o “problema de raça” era, também, um problema de classe.

A própria construção da memória da diáspora africana no Uruguai sempre trazia a mensagem da comunidade negra como trabalhadora, forte e valente. Os negros, afinal, trabalharam muito, seja nos campos, nas cidades ou no exército, para que o país fosse livre, independente e igualitário.

2.2.3. A (re)construção da memória

Outro tema que ocupou as páginas da revista foi a questão da memória da população negra no país, bem como o debate para encontrar uma forma de reescrita da história que os incluísse no repertório nacional. Desde o começo da publicação, esse tema pode ser visualizado, especialmente pela figura de Ansina e pela tentativa de inclusão do soldado na história uruguaia. Já em 1933, Petrônio escreveu uma conferência sobre o tema. Ele descreve que a história nacional tem uma dívida com a raça negra, e que era necessária uma ação de reivindicação histórica. Petrônio ainda apresenta muito da construção de Ansina como herói símbolo da fidelidade de toda uma raça.¹¹³

Para além da imagem de Ansina, a memória e inserção do negro na história uruguaia passa especialmente pelo processo de independência do país. Em um texto de Gares, escrito em 1930 e publicado na revista *Nuestra Raza* em 1934, o autor apresenta um argumento muito comum nessas páginas: os negros teriam dado à liberdade das Américas todo o seu valor, seu sangue, sua força, grandeza e sentimentos. Compunham o exército dos Libertadores. E, continua Gares, após esse passado glorioso, de sacrifício moral e econômico, era hora de lutar pela verdadeira justiça social.¹¹⁴ Esse passado militarizado da população negra, tão contraditório, foi, de certa forma, repensado para encaixar esses indivíduos como agentes da

¹¹³ *Nuestra Raza*, n. 04, p. 6.

¹¹⁴ *Nuestra Raza*, n. 17, p. 2-4; 9.

liberdade da nação. Dentro do discurso acerca do passado escravista, a maioria dos textos de *Nuestra Raza* preferem atribuir essa violência à Espanha; era o país europeu que escravizava e explorava os uruguaios, brancos, negros e indígenas.

Ainda pensando nessa memória da população negra na região uruguaia, outro texto que pode exemplificar esse assunto foi escrito por Omar Olivera em 1939. No artigo em questão, Olivera conta a história do negro na região do Rio de la Plata, e como sua chegada foi um elemento diferenciador das culturas nacionais.¹¹⁵ Além disso, o autor descreve que deveria ser primordial exaltar a “raça negra”, sem aspirar ser branco, valorizando sua história, cultura, virtudes e tendo orgulho de ser negro. A população negra enquanto um dos pilares da fundação do Estado Oriental, era ponto comum na maioria dos textos.

Dentro dessa lógica de leitura do passado e da memória da diáspora africana no Uruguai, no ano em que se comemoraria o centenário da abolição da escravidão, *Nuestra Raza* fez edições comemorativas: as capas das revistas de maio de 1942 até setembro de 1942 vieram com imagens dos abolicionistas. Os citados foram: Alejandro Chucarro; Melchor Pacheco y Obes; Joaquín Suárez; Manuel Basilio Bustamante e Miguel Barreiro, todos, homens brancos. A data da abolição sempre era lembrada e, de alguma forma, homenageada. Na primeira edição da série que contaria com os abolicionistas na capa, Miguel Ángel Bustamante escreve que a abolição da escravidão não foi uma esmola dada a raça negra. Nas palavras de Bustamante:

Quando a discussão se generalizou dentro de nossa raça sobre o valor histórico do decreto da abolição da escravidão, por ocasião do centenário, há membros da comunidade que, desprezando tal fato, atribuem o acontecimento à generosidade de este ou aquele caudillo da época que, sentindo pena da dolorosa situação dos negros, fez o milagre de declara-los livres. Este é um grande erro, porque nenhum fato de valor histórico pode ser sustentado pela maldade ou bondade de um homem. As mudanças sociais só são contidas por uma virada da história, impulsionada pelo fator humano como um todo. (BUSTAMANTE. *Nuestra Raza*, n. 105, 1942, p. 3).¹¹⁶

O texto de M. A. Bustamante recebeu uma resposta na edição seguinte. Ela veio sob o título “Nuestra caratula”, em que, como já indica a própria designação, contava um pouco sobre quem ocupava a capa da revista. Essa coluna foi publicada em algumas edições da revista, trazendo a história de alguns abolicionistas uruguaios, os quais estamparam as capas

¹¹⁵ *Nuestra Raza*, n. 72, p. 4-5. “Nacionales”, no plural, pois ele se refere ao Uruguai e a Argentina.

¹¹⁶ Al generalizarse la discusión dentro de nuestra raza sobre el valor histórico del decreto de la abolición de la esclavitud, con motivo del centenario, hay miembros de la colectividad que menospreciando tal hecho atribuyen el acontecimiento a la generosidad de tal o cual caudillo de la época, que apiadado de la dolorosa situación de los negros, hizo el milagro de declararlos libres. Esto es un gran error, pues, ningún hecho de valor histórico puede estar respaldado en la maldad o bondad de un hombre. Los cambios sociales solo se coniben por un rodar de la historia, impulsada por el factor hombre en conjunto. (BUSTAMANTE. *Nuestra Raza*, n. 105, 1942, p. 3).

comemorativas próximo à data em que se comemora a abolição no país.¹¹⁷ O artigo não assinado falava sobre as capas com os abolicionistas, e que, apesar de reconhecê-los como importantes, concordava com a argumentação de Bustamante na edição anterior sobre a ideia de que um único homem não poderia ser responsável por um evento tão importante. Além disso, descrevia que a abolição da escravidão no Uruguai tinha raízes muito comuns no continente americano: os direitos dos homens, princípios universais.¹¹⁸ O que mais mobilizou o processo de abolição no país foi especialmente a necessidade de homens que lutassem pela pátria, como a própria lei, analisada no primeiro capítulo, indica.

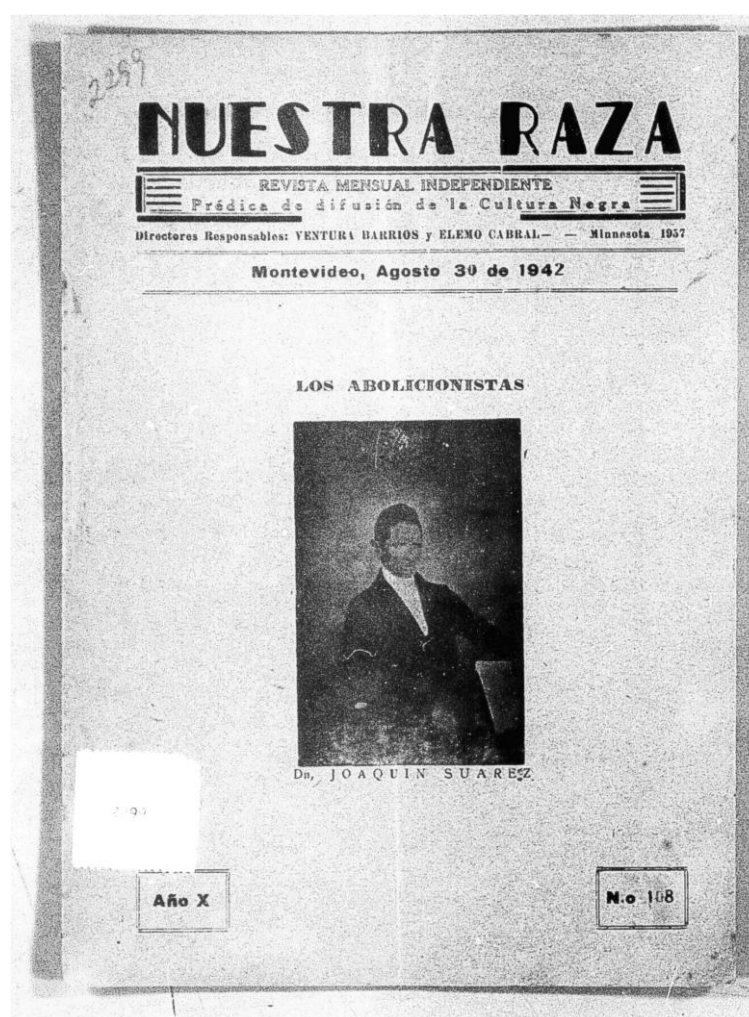


FIGURA 22 - Capa da revista *Nuestra Raza*, parte da série “los abolicionistas”

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 108, año X, ago. de 1942.

¹¹⁷ A primeira revista dessa série sobre os abolicionistas, foi a edição número 105, publicada em 30 de maio de 1942, e a última a edição número 109, em setembro do mesmo ano. Os personagens históricos que receberam a capa comemorativa e a pequena biografia na coluna “Nuestra caratula” foram, em ordem: Manuel Basilio Bustamante, Gral. Melchor Pacheco y Obes, Dn. Alejandro Chucarro, Don. Joaquin Suarez e Miguel Barreiro.

¹¹⁸ *Nuestra Raza*, n. 106, p. 2-3.

2.2.4. A cultura intelectual, as artes e a participação política

Mas, apesar de envolver as questões materiais, a melhoria cultural não deveria apenas visar lucros e melhorias econômicas. Ela deveria elevar intelectualmente a comunidade negra. Para tanto, a revista buscou de todas as formas estimular e valorizar as produções culturais dos integrantes da coletividade, especialmente poemas, peças de teatro e livros produzidos. Anunciavam lançamentos, publicavam trechos e dispunham propagandas das produções entre um texto e outro. Além disso, a revista possuía uma biblioteca própria, divulgando e indicando, sempre que possível, as leituras feitas pelo grupo. A proposta de cultura estava quase sempre vinculada à instrução, à leitura e à produção intelectual.

Na revista *Nuestra Raza* nº. 58, publicada em junho de 1938, logo na primeira página, no espaço ocupado pelo editorial e em posição de destaque do periódico, sob o título “El esfuerzo en la obra de uno de nuestros colaboradores”, o grupo anuncia a obra de I. Casas Pereyra.

Felicitemos o nosso jovem amigo Casas Pereyra, nele aplaudimos o sucesso de seu esforço, e o exortamos a continuar promovendo a educação cultural do povo, cuja missão não pode ser reduzida apenas aos ‘intelectuais’ da ‘elite’, no pedestal de sua vaidade. (PEREYRA. *Nuestra Raza*, n. 58, 1938, p. 1).¹¹⁹

A crítica do autor aos intelectuais que não fossem capazes de se comunicar com o público geral, era comum. O mesmo tipo de anúncio, elogioso, que buscava falar um pouco da obra e da importância de sua realização, foi feito com livros de outros *conrazaneos*, por exemplo, com as obras de Pilar Barrios e o livro de Virgínia Brindis de Salas, *Pregon de Marimorena*, publicado originalmente em 1946.¹²⁰ No caso da autora, apresentavam:

[...] Virginia Brindis de Salas é nossa primeira e única poetisa negra, talvez de todas essas regiões, e ela se apresenta com um livro cheio de beleza, rebeldia e consciência revelada, alerta, captando sua posição de luta como a de todas as consciências conscientes, com o perdão da redundância. (BRITOS. *Nuestra Raza*, n. 153, p. 9).¹²¹

Na mesma coluna em que anunciavam o livro da autora, foi também divulgado a importante novela histórica *La raza negra en el Uruguay*, de Lino Suárez Peña, lido e comentado, na ocasião, por Elemo Cabral. A coluna “Libros y Revistas”, que já foi brevemente

¹¹⁹ Felicitemos al joven amigo Casas Pereyra, aplaudimos en él el triundo del esfuerzo, y la exhortamos a continuar propendiendo a la educación cultural del pueblo, cuya misión no puede reducirse solamente a los ‘intelectuales’ de la ‘elite’, enarcados en el elplinto de su vanidad. (PEREYRA. *Nuestra Raza*, n. 58, 1938, p. 1).

¹²⁰ A obra teve uma reedição em 1952.

¹²¹ [...] Virginia Brindis de Salas es nuestra primera y unica poetisa negra quizás de todas estas rigiones y se presenta con un libro lleno de hermosura, rebeldías y conciencia revelada, alerta, captando su posición de lucha como la de todas as consciencias conscientes válgame la redundancia. (BRITOS. *Nuestra Raza*, n. 153, p. 9).

citada, buscava reunir não só as publicações feitas por intelectuais negros, mas, também, publicações de autores que tratassem da temática da raça – ainda que a prioridade fosse os *conrazaneos*. Foi uma coluna importante de discussões literárias e teóricas, indicando e comentando diversas obras. O tema da raça sempre abriu as portas para diversos autores, sejam estes negros ou não, em diversos momentos de *Nuestra Raza*. A presença de Pereda Valdés, que será melhor explorada no próximo item deste capítulo, é um dos casos mais claros de autores “brancos” envolvidos com o movimento intelectual negro.

As artes ocupavam um lugar fundamental na revista. Como brevemente citado no começo do capítulo, ainda que a coluna variasse, sempre haviam páginas dedicadas a crônicas, contas e poemas. Esse era um tema importante do periódico, uma vez que era por ali que a agrupação recebia uma boa quantidade de textos feitos por indivíduos da diáspora africana pelo mundo. Também recebiam diversos textos literários e poemas de intelectuais “brancos”. Mais de uma vez, escritores criavam uma ponte entre os membros de *Nuestra Raza* e intelectuais pelo mundo por meio de suas poesias. Diversos nomes relacionados à *Nuestra Raza* ficaram conhecidos internacionalmente em razão de sua produção cultural. A literatura foi uma das principais portas de abertura para o que viria a ser um dos grandes diferenciais da revista: a rede intelectual envolvida em seu projeto.

Além da necessidade de melhorar culturalmente e economicamente, existia uma grande demanda do grupo exposta nas páginas da revista: a inserção política da coletividade, algo desejado desde meados do século XIX. O grupo *Nuestra Raza* não se absteve de escrever e se movimentar para inserir a comunidade negra na vida política do Uruguai. Isso foi feito por meio de textos que estimulavam os cidadãos da coletividade a votar, se instruir sobre as instituições do país, e também pela própria iniciativa de criar um partido político próprio com candidatos negros. O que os intelectuais envolvidos no projeto da revista faziam ao criar um periódico aos moldes de *Nuestra Raza* naquele período, por si só, já era uma forte ação política. Dentro dessa temática, o grupo manteve discursos anti-imperialistas, críticos ao capitalismo e à exploração no continente africano.¹²²

¹²² O tema da política será melhor explorado no capítulo 3, onde trataremos do partido criado por esse movimento de intelectuais negros. No entanto, nos parece fundamental, ao tratar das temáticas, incluir essa que era tão fundamental a esse movimento, desde antes da primeira fase da revista *Nuestra Raza*.

2.2.5. Aquilo que é fundamental: a “raça”

A visão política e social marxista foi a que mais marcou a revista (Burgueño, 2015), e isso pode ser visto tanto em seus textos, quanto na influência de seus colaboradores externos.¹²³ De acordo com George Andrews, a situação social da comunidade negra no país também influenciava essa visão. Muitos eram operários e participavam de movimentos sindicais. Além disso, a rede intelectual formada ao redor da agrupação, assunto que veremos mais à frente, mantinha principalmente essa corrente de pensamento. Em agosto de 1935, o colaborador Pereda Valdés escreve o artigo “Ni Clases, ni razas, ni color”. Nele, o autor utilizou um argumento que permeou as mais diversas correntes de ideias dentro da revista: seria a luta de classes a responsável pela separação dos homens. Nas palavras de Valdés “es, pues, la burguesía la que provoca y estimula el odio de razas, entre blancos y negros y entre arios y judíos, para dividir a los trabajadores de todas las razas y colores”.¹²⁴

A questão racial, como já frisado, é o tema principal da revista e tudo gira em torno dele. “Raça” é uma categoria de análise que só existe em razão de uma construção social. Nesse sentido, a ideia de raças só existe porque os sistemas provocaram diferenciações entre indivíduos para justificar o racismo, o colonialismo e o imperialismo. É imprescindível repetir que raças biológicas não existem, mas é igualmente fundamental pensar que socialmente, sim. Do contrário, corre-se o risco de cair na ideia de que essa diferenciação criada ao longo dos anos não impacta em nada na vida social de pessoas “não brancas”.

É preciso, além disso, pensar que sempre quando se trata da ideia de raça, automaticamente ela é associada a povos negros, indígenas ou asiáticos, por exemplo. No entanto, o “branco” também compõe uma “raça”, raça que foi responsável pela escravização da maioria dos povos e pela criação de teorias raciais. Ao não racializar o branco, sempre que se toca no assunto raça, se passa a ideia de estar falando do *outro*. Pensar no branco enquanto raça, permite analisar as relações de poder que se perpetuam a partir dessa diferenciação social.¹²⁵ Pensando, então, em raças com o sentido anteriormente explicado, sabemos que, tal qual em

¹²³ O que chamamos de “colaboradores externos” são indivíduos fora da Agrupación Nuestra Raza, ou seja, colaboradores que não produzem, financiam ou são responsáveis pela revista, mas que participavam ativamente.

¹²⁴ Revista *Nuestra Raza*, n. 25, p. 8.

¹²⁵ Nas palavras do pesquisador Lourenço Cardoso: “Ser branco significa mais do que ocupar os espaços de poder. Significa a própria geografia existencial do poder. O branco é aquele que se coloca como o mais inteligente, o único humano ou mais humano. Para mais, significa obter vantagens econômicas, jurídicas, e se apropriar de territórios dos Outros. A identidade branca é a estética, a corporeidade mais bela. Aquele que possui a História e a sua perspectiva”. (CARDOSO, 2014, p. 17)

boa parte do mundo, no Uruguai, a raça branca é a que sempre manteve um sistema de privilégios e acessos a bens materiais, sociais, culturais e que compõe a história e memória nacional. A partir disso, ao falar de raça, os ativistas envolvidos na Agrupación Nuestra Raza buscavam reverter essa lógica, permitindo que a “raça negra” alcançasse os mesmos direitos que a “raça branca”.

O discurso de Nuestra Raza era profundamente integracionista nesse sentido. Identificavam, até certo ponto, que as raças poderiam até ser diferentes, mas que eram igualmente capazes de quaisquer feitos. A apropriação desse conceito imposto socialmente variou ao longo dos anos. A primeira versão da revista, em 1917, ainda carregava a ideia da inferioridade das raças, mas que não é tão dura quanto as teorias do século XIX: ali, acreditava-se que, apesar da inferioridade, seria possível alcançar uma melhoria social e cultural, especialmente por meio da educação. A partir de 1933 é possível identificar uma mudança na postura do grupo envolvido na revista em relação à ideia de raça. Apesar de ainda identificar que existiam diferenças entre “as raças humanas”, já não se acreditava mais na suposta inferioridade ou superioridade, como podemos ver no texto publicado em junho de 1935:

Um negro vale o mesmo que um branco na minha opinião, porque é anatomicamente constituído pelo mesmo número de vértebras e costelas. Há apenas uma pequena diferença e é por isso que 'eles' acreditaram e acreditam que são superiores: a cor. Os plutocratas do norte têm a obssecada ilusão de superioridade racial e educaram seu povo nessa crença insípida, errônea e falsa, ignorando que a aplicação de noções biológicas nas ciências sociais é comumente uma única frase, e outra que está cientificamente comprovado que entre as três grandes raças que povoam o Universo, tal superioridade não existe. (SUÁREZ. *Nuestra Raza*, n. 23, 1935, p. 4).¹²⁶

Também já não sustentavam mais o discurso científico que deu base a essa suposta hierarquização racial em séculos anteriores, como mostra esse outro texto de setembro de 1938:

A raça branca – que ainda hoje, para vergonha da Humanidade – persiste em sustentar pela boca dos seus “homens de ciência” sua superioridade, em uma espécie de estérno e narcisismo doentio, recorrendo a dramáticos e rebuscadas apreciações anatomo-cranianos, desconsiderando cinicamente dos valores e virtudes do ser humano. (CARDOZO. *Nuestra Raza*, n. 61, 1938, p. 4).¹²⁷

¹²⁶ “Un negro vale lo mismo que un blanco en mi concepto, por estar anatómicamente constituído de igual número de vértebras y costillas. Solo hay una leve diferencia y es esta por la cual 'ellos' se ha creído y creen que son superiores: el color. Los plutócratas del norte tienen la obcecada ilusión de la superioridad racial y han educado a su pueblo en esa insípida, errónea y falsa creencia, ignorando que la aplicación de las nociones biológicas en las ciencias sociales es comunmente una frase una, y otra que está científicamente comprobado que entre las tres grandes razas que pueblan el Universo, tal superioridad no existe”. (SUÁREZ. *Nuestra Raza*, n. 23, 1935, p. 4).

¹²⁷ “La raza blanca – que aún en nuestros días, para vergüenza de la Humanidad – persiste en sostener por boca de sus “hombres de ciencia” su superioridad, en una especie de estebtório y enfermizo narcisismo, recurriendo a efectistas y antejadizas apreciaciones anatomo-cranianas, despreocupándose cínicamente por los valores virtudes del ser humano”. (CARDOZO. *Nuestra Raza*, n. 61, 1938, p. 4).

O texto de C.C.F. traz uma referência direta aos estudos craniológicos realizados no século XIX, tal como aos realizados por Paul Broca, Paul Topinard e Johan Gall, membros da “Escola Craniológica Francesa”, ou aos referentes à “natureza biológica do comportamento criminoso”, a “antropologia criminal”, de Cesare Lombroso (SCHWARCZ, 1993). Estes e outros estudiosos, dedicaram anos de pesquisas na tentativa de criar justificativas biológicas e antropológicas de superioridade e inferioridade entre as supostas raças.

A “raça negra” inicialmente é, na concepção de muitos que publicavam na revista, diferente, mas não inferior, e é parte importante da história do país. Logo na primeira edição de *Nuestra Raza*, em 1933, Marcelino Bottaro defende que foi a raça negra uma das grandes responsáveis pela libertação da Nação. Ele se refere às lutas pela independência, que contaram com a participação da população negra do país. Mais do que isso, a população negra é responsável, juntamente com as “demais raças” que habitam o território, como elemento de formação de uma “nova raça”.¹²⁸ Ao falar de uma nova raça, especialmente em meados dos anos 1940, em diálogo com autores como o sociólogo francês Roger Bastide, a mescla de raças não era vista apenas como algo no sangue: era cultural.¹²⁹

O debate sobre as “raças” também vai aparecer na revista em forma de denúncias e na tentativa de união e engrandecimento da comunidade. A valorização do que é produzido ou realizado pela coletividade negra é central para os colaboradores da revista. Isso acontece desde publicações, livros e poesias, como anteriormente assimilado, mas também quando anunciam que uma aluna ganhou boas notas, entrou ou concluiu algum curso ou que algum elemento conseguiu um bom emprego ou promoção, como abordado anteriormente.

Los que triunfan

Con la muy halagadora nota de sobresaliente, acaba de rendir examen de primer año de Derecho en la Universidad de Mujeres, nuestra congénere de raza, la Srta. Elena Cardozo Ferreira. Nuestras felicitaciones.

FIGURA 23 - Valorização por parte da revista *Nuestra Raza* ao *conrazaneo* que triunfa nos estudos.

¹²⁸ *Nuestra Raza*, n. 01, año I, p. 13.

¹²⁹ *Nuestra Raza*, n. 150, año XII, p. 1-2.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 64, año VI, dez. de 1938, p. 12.

As páginas sociais também refletiam essa preocupação em valorizar a *raça negra*. Ali, se relacionam com a coletividade negra de outras partes do país, dão notícias de casamentos, festas, mudanças, óbitos. Além disso, era um momento para falar dos vários espaços sociais dedicados à comunidade. Ter um espaço dedicado à *raça negra* foi uma das grandes ambições da Agrupação *Nuestra Raza*, uma vez que nem sempre os espaços tradicionais da cidade recebiam bem a comunidade negra. Pensando nesse tema fundamental, a “*raça negra*”, a melhoria social, cultural e econômica da mesma, bem como a luta contra o preconceito foi o eixo central desse grupo, analisado por meio das páginas da revista.

2.3. Caminhos letrados: um pequeno mapa dessa rede intelectual

A ideia de “*raça negra*” enquanto conceito imposto e apropriado pela coletividade, foi ressignificada no sentido de irmandade, união, e foi utilizada como fio condutor da luta do grupo intelectual envolvido no projeto *Nuestra Raza*. Essa ressignificação do conceito “*raça*” permitiu, além disso, que as pessoas se identificassem umas com as outras independente da origem, mas sim pelo fato de serem filhos da diáspora africana pelo mundo. Em entrevista para Porzecanski & Silva (2006),¹³⁰ Angelica descreve:

Somos altamente internacionais. Estamos aqui porque os navios vieram para cá, mas poderíamos estar em qualquer outra parte da América. Entendemos que era extremamente necessário nos relacionarmos com os demais grupos negros da América Latina. (Angélica in PORZECANSKI; SANTOS. 2006, p. 93). [Traduzido do espanhol.]

A revista *Nuestra Raza*, como vimos até aqui, se caracterizou e se destacou por ter um grupo intelectual grande, internacional e diverso atuante em suas páginas e espaços. Nesse sentido, é preciso analisar os fios que trouxeram os diversos sujeitos a participarem de um projeto como a revista. Os estudos acerca de redes e revistas tem sido cada vez mais frequentes e nos permite observar a atuação intelectual de um grupo específico. O ato de criar uma revista é feito, de acordo com Beatriz Sarlo (1992), quando um grupo decide que é preciso abrir um

¹³⁰ O livro de Porzecanski e Silva, publicado em 2006, é um trabalho que reúne entrevistas com diversas figuras da coletividade negra uruguaia: membros fundadores e participantes de associações importantes ao longo dos anos, integrantes (ou familiares desses sujeitos) das revistas mais conhecidas do começo do século XX, dentre outros. A obra nos traz diversos detalhes dos “bastidores” de instituições, bem como a experiência dessas pessoas com as vivências no país. Infelizmente, o nome completo dos entrevistados não aparece; apenas o primeiro nome. Em alguns casos, é possível identificar os sobrenomes, em outros, não. Mas isso não diminui a relevância e importância da obra e das descrições feitas.

espaço de debate. Elas são subordinadas ao tempo presente, uma vez que têm a intenção de modificar de alguma forma a realidade de quem as produz. As revistas, ademais, permitem visualizar as principais tensões do campo cultural de um determinado período, situando-se na interseção entre projetos individuais e coletivos, que podem exibir preocupações políticas e identitárias (PITA & GRILLO, 2012).

A publicação de uma revista não implica na existência de uma rede prévia, mas, no caso de *Nuestra Raza*, a rede já existia desde a primeira tentativa da revista na cidade de San Carlos. Ao optar por manter o mesmo nome quando reapareceram em Montevideu, o grupo carregou a história e a memória da publicação, assim como os contatos estabelecidos através dela. Entendemos que essa rede já estava estabelecida uma vez que já havia uma circulação de bens imateriais, como ideais e discussões, além de textos que eram publicados em diversas revistas da comunidade negra. A Agrupación Nuestra Raza recriou a revista para convergir em suas páginas, discussões e ações que já estavam em movimento entre esses sujeitos.

A equipe editorial da revista foi formada pelo conjunto de ativistas intelectuais negros envolvidas no projeto Nuestra Raza. Esse projeto inclui a publicação e diversas ações que vão aparecendo ao longo dos anos e que, quase sempre, foram pensadas, discutidas e expostas nas páginas de *Nuestra Raza*. A revista mostrou-se porta-voz de um movimento intelectual e racial que carregava um histórico de lutas e reivindicações. Da composição da equipe editorial, além dos irmãos Barrios e Elemo Cabral, o periódico teve a colaboração de um grupo de intelectuais negros que historicamente fazem parte de publicações dentro da comunidade negra. Apesar de ser um grupo minoritário dentro da coletividade, eram reconhecidos por seus esforços. Nas palavras de Carlos Cardozo Ferreira:¹³¹

A vocês, companheiros, cujos esforços, sonhos, desejos eu conheço, a vocês companheiros, dirijo-me com o respeito carinhoso e cordial de quem vos aprecia e valoriza, porque sois espíritos seletos em nossa raça; os peço que retornem mais uma vez por ela, pela pobre coletividade estagnada e órfã de concreções do progresso; voltem, companheiros, mais uma vez. Eu os conheço nobres, eu os conheço esforçados; eu os identifico, pela pequena chama do Ideal do mais puro que levam eternamente acesa em seus peitos! (FERREIRA. *Nuestra Raza*, n. 01, 1933, p. 11).¹³²

¹³¹ Carlos Cardoso Ferreira foi poeta e escritor colaborador de *Nuestra Raza* durante toda a sua segunda fase, em Montevideu. Foi um trabalhador gráfico, chegando a trabalhar na Imprenta Nacional (BRITOS, 1990). Além de *Nuestra Raza*, trabalhou no jornal *Vanguardia*.

¹³² A vosotros, compañeros, de quienes conozco esfuerzos, ensueños, afanes, a vosotros compañeros, me dirijo con el respeto cariñoso y cordial de quien os aprecia y os valora, porque sois selectos espíritus en nuestra raza; os pido que volváis una vez más por ella, por la pobre colectividad anquilosada y huérfana de concreciones de progreso; volved, compañeros, una vez más. Yo os conozco nobles, yo os conozco esforzados; yo os identifico,

A revista *Nuestra Raza* foi uma das mais importantes no que diz respeito à imprensa negra no país, sendo, inclusive, uma referência para a história da imprensa nacional, de um modo geral. O tempo de publicação, a pluralidade de pensamentos e as múltiplas ações destacam o periódico dentro da história da diáspora africana no Uruguai. Sustentamos que isso se deu, também, em razão do grupo intelectual articulado e envolvido em seu projeto. Alguns nomes já foram apresentados ao longo do texto. Interessa-nos pensar de que maneira circulavam as informações e intercâmbios culturais.

Para além do grupo de intelectuais negros do país, dos mais diversos departamentos, a revista contava com o apoio de intelectuais uruguaios de fora da coletividade negra, em especial do professor, pesquisador e escritor Ildefonso Pereda Valdés¹³³ e do jornalista Maurício Obelar.¹³⁴ Esses contatos externos ao coletivo negro participaram ativamente da revista e foram fundamentais para a expansão da rede que envolvia o projeto *Nuestra Raza*, apresentando aos editores outros intelectuais provenientes da diáspora africana pelo mundo, bem como outros pesquisadores e interessados no tema da “raça negra”. Pereda Valdés era doutor em Direito e foi pioneiro em realizar um estudo sistemático acerca da raça negra no Uruguai. Suas primeiras pesquisas se iniciaram na década de 1920 e, já no final da década, publicou o primeiro livro acerca do tema “Raza Negra”, em 1929, editado pelo “periódico negro” *La Vanguardia*. A obra em questão se trata de um livro de poesia, e, na década seguinte, o autor começou suas pesquisas históricas.

A aproximação de Pereda Valdés à agrupação *Nuestra Raza* partiu do interesse do próprio pesquisador. Antes mesmo da revista ser publicada, ele já fazia parte do círculo de intelectuais que viabilizaram o projeto *Nuestra Raza*. O autor uruaio era visto pela revista como um “hermano de la raza negra”, aliado que contribuía para a história e memória da comunidade – mas nunca era esquecido o fato de ele ser “branco”. No editorial de julho de 1936, a equipe, ao receber exemplares de uma antologia da poesia negra americana escrita por Valdés, o descreve como “el poeta blanco que canta los motivos de la raza negra con verdadero

por la llamita de Ideal del más puro que lleváis eternamente encendida en vuestros pechos! (FERREIRA. *Nuestra Raza*, n. 01, 1933, p. 11).

¹³³ De acordo com Viqueira (2016), Pereda Valdés foi um importante representante local da tendência primitivista ou *negrista*, que foi iniciada pelas vanguardas artísticas parisienses no começo do século XX. Já na década de 1920, era um autor reconhecido no campo literário montevidense, com vários livros publicados e participações em jornais e revistas literárias.

¹³⁴ Maurício G. Obelar foi um escritor e periodista uruaio. Foi um dos responsáveis pelo periódico *El Íris*.

realismo sin tener sangre negra en tus venas”.¹³⁵ Participante assíduo da publicação e dos movimentos realizados pelo grupo, Pereda Valdés foi intermediador de contatos e escreveu textos desde a retomada do periódico em 1933.

As obras, eventos e palestras de Valdés são constantemente lidas, elogiadas e até criticadas nas páginas da revista. Em 1936, o escritor fez uma exposição de “Cultura Negra” na livraria La Feria del Libro, em Montevideu, e foi criticado por não ter levado exemplares de *Nuestra Raza* na ocasião. Na edição seguinte, no entanto, Pereda Valdés esclareceu que havia sim exibido a revista no evento em questão, mas as deixou com o responsável do local para que ele as colocasse onde julgasse melhor.¹³⁶ O pequeno episódio nos permite visualizar como o grupo também esperava reconhecimento de seus esforços por parte do escritor. O autor sempre doava suas obras recém lançadas à biblioteca particular da *Nuestra Raza*. O grupo convidava a coletividade a ler o que ele produzia:

Ildefonso Pereda Valdés é um notável escritor da nossa terra, especialista em literatura negra. Muito poucos, com sua autoridade, tratam os temas mais palpitantes de nossa raça. Este escritor, que necessariamente deve ser bem divulgado, une sua capacidade científica com uma bela boa-fé para tudo o que nos diz respeito. Deveria ser obrigatório ler e comentar em cada lar negro as obras desse querido autor da raça branca que nos conhece tão profundamente. [...] insisto que este escritor deve ser bem comentado pelos leitores e escritores atentos de nossa comunidade. Há centros sociais nos Departamentos cujos dirigentes são pessoas cultas e cheias de méritos, que bem poderiam já em encontros literário-sociais ou conferências de divulgação dar a conhecer a grande obra deste escritor tão inspirado que tanto nos beneficia da melhor forma: na cultura. (FERREIRA. *Nuestra Raza*, n. 71, 1939, p. 4).¹³⁷

A presença de Pereda Valdés nessa rede intelectual foi, como descrito, peça fundamental para intermediar relações importantes. Uma delas foi a ativista britânica Nancy Cunard, que em 1934 publicou o livro *Negro*, uma antologia que reuniu um compilado de artigos sobre a situação da população negra em diferentes locais do mundo (Rodríguez, 2019). Fizeram parte dessa obra os artigos do diretor de *Nuestra Raza*, Elemo Cabral, intitulado “The Negro Race in Uruguay”, e também do colaborador Marcelino Bottaro, com “Rituals and ‘Candombes’”.

¹³⁵ Revista *Nuestra Raza*, n. 36, p. 1.

¹³⁶ Revista *Nuestra Raza*, n. 41, p. 10.

¹³⁷ Ildefonso Pereda Valdés es un notable escritor de nuestra tierra, especialista en literatura negra. Muy pocos, con su autoridad, tratan los temas más palpitantes de nuestra raza. Este escritor que necesariamente debe ser bien divulgado, une a su capacidad científica una hermosa buena fé para todo lo que nos atañe. Debería ser obligatorio hacer leer y comentar en cada hogar negro las obras de este querido autor de la raza blanca que tan profundamente nos conoce. [...] insisto en que este escritor debe ser bien comentado por los lectores y escritores atentos de nuestra colectividad. Hay centros sociales en los Departamentos cuyos dirigentes son personas cultas y llenas de merecimientos, que bien podían ya en tertulias literario-sociales o conferencias de divulgación hacer conocer la gran obra de este bien inspirado escritor que tanto nos beneficia en la mejor de las formas: en la cultura. (FERREIRA. *Nuestra Raza*, n. 71, 1939, p. 4).

Pereda Valdés também contribuiu com o artigo “Los negros en el Brasil” na antologia de Cunard. Os textos de Cabral e Bottato na obra, organizada pela britânica, são um marco na historiografia referente à comunidade negra uruguaia internacionalmente, em particular, por terem sido escritos pela própria comunidade.

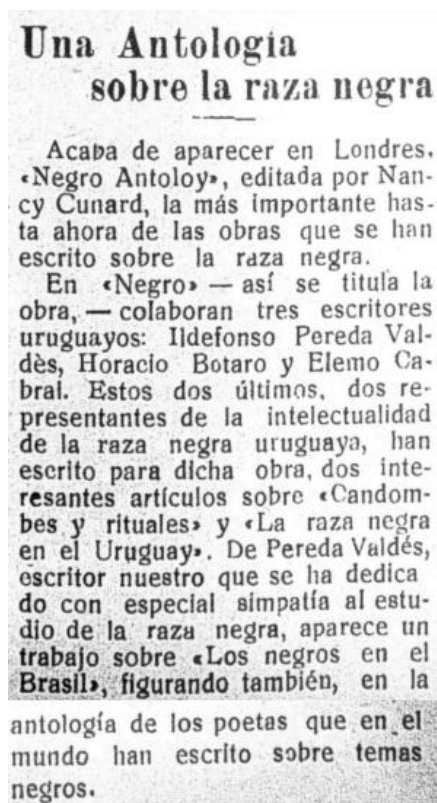


FIGURA 24 - Anúncio do lançamento da antologia de Nancy Cunard

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 10, año I, mai. de 1934, p. 3.

A relação do grupo *Nuestra Raza* e Cunard não terminou com a publicação do livro. *Nuestra Raza* contou com a publicação de textos inéditos da autora britânica por intermédio de Pereda Valdés.

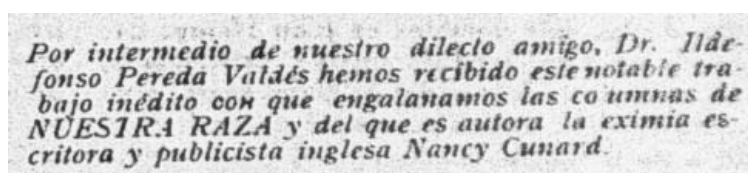


FIGURA 25 - Trecho antes da transcrição do texto de Nancy Cunard

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 56, año V, abr. de 1934, p. 5

O contato e a colaboração de Pereda Valdés e Nancy Cunard, tal como indica Myers, “foi um marco para a consolidação do uruguaio como intelectual ligado ao antirracismo, ao

partido comunista internacional e à história cultural do africano nas Américas” (MYERS, 2022, p. 113).

Além de Nancy Cunard, Valdés foi responsável por intermediar a relação dessa rede de intelectuais negros com outros importantes intelectuais: o norte-americano Langston Hughes e o cubano Nicolás Guillén. Hughes foi um dos principais expoentes do movimento cultural *Harlem Renaissance*, e desempenhou múltiplas funções como historiador, ensaísta, tradutor, dramaturgo, letrista, editor, além de ter fundado um grupo de teatro (Brown, 2006). Ele publicava com frequência nos principais jornais literários e raciais de seu tempo, incluindo na revista *Nuestra Raza*. O autor estabeleceu importante contato com os envolvidos no projeto da revista, tendo recebido um poema como homenagem de Pilar Barrios, publicado em 1938.

O *Harlem Renaissance*, ou Renascimento do Harlem, foi um movimento cultural negro ocorrido na primeira metade do século XX, que deixou um importante legado no campo intelectual, artístico, filosófico e até nos movimentos de direitos civis nos Estados Unidos. O movimento nasceu no bairro Harlem de Manhattan, em Nova York, mas logo se espalhou por todo país e em diversos lugares no mundo. Também era conhecido como New Black Movement ou New Negro, em referência a antologia *The New Negro*, escrita por Alain Locke.¹³⁸ O pesquisador George Andrews (2010) aponta que a revista *Nuestra Raza* foi a principal manifestação desse movimento no Uruguai. Indo além do que descreve Andrews, não foi apenas *Nuestra Raza* a principal representante do movimento, e sim o grupo de sujeitos que ocupavam esse espaço da revista.

É através das páginas da revista que observamos a rede de intelectuais criadas a partir da influência de Pereda Valdés. Na revista de janeiro de 1935, publicam um trecho de uma carta do norte-americano Hughes ao professor uruguaio, que diz respeito exatamente ao livro de Nancy Cunard:

Querido Pereda Valdés (...) Você não acha que “Negro” de Nancy Conrad [Cunrad] é um excelente trabalho? Congratulações de minha parte a Elemo Cabral pela excelência de seu artigo. E adiante sua boa obra. (HUGHES. *Nuestra Raza*, n. 18, 1935, p. 2).¹³⁹

¹³⁸ Alain Locke, estudioso, professor e escritor, é proclamado como o “reitor” do Renascimento do Harlem. Exerceu considerável influência sobre o movimento e suas propostas (BROWN, 2006).

¹³⁹ Querido Pereda Valdés (...) No piensa Ud. que “Negro” de Nancy Conrad [Cunrad] es una excelente obra? Contratulaciones a Elemo Cabral de mi parte por la excelencia de su artículo. Y adelante vuestra buena obra. (HUGHES. *Nuestra Raza*, n. 18, 1935, p. 2).

O intercâmbio de ideias visualizados a partir da rede em torno de Nuestra Raza nos permite identificar como esses elementos estavam em constante diálogo e buscavam reconstruir as vivências e histórias das comunidades negras ao redor do mundo. A noção do que era “ser negro” estava em constante transformação naquele período, e movimentos como o Renascimento do Harlem demonstravam isso. Filhos da diáspora, esses sujeitos se identificavam com um passado em comum e com o peso do racismo, bem como teriam que encontrar lugar nas sociedades que os marginalizavam. Na esteira de Mónica García:

A rede em seu aspecto afrodescendente pode ser entendida como o que o filósofo camaronês Achille Mbembe chama de comunidade racial – consequência da diáspora africana – que funciona como forma de resgatar as identidades ancestrais que foram negadas aos milhões de sequestrados das centenas de etnias do continente africano e seus descendentes, inaugurando em seu lugar uma espécie de grande irmandade em que a ideia de raça os une não como imposição biopolítica, mas como matriz de laços identitários. (GARCÍA, 2019, p. 209). [Traduzido do espanhol.]

Hughes não foi o único intelectual negro que foi apresentado ao grupo Nuestra Raza por Pereda Valdés. Outro nome tão importante e que teve igual recepção foi o cubano Nicolás Guillén – Hughes e Guillén possuíam entre eles, inclusive, um importante diálogo. Guillén foi um poeta, periodista e ativista político, grande expoente do *negrismo* cubano. O autor reivindicava a cultura negra dentro dos processos de miscigenação e transculturação, o que chamou de *color cubana*: não seria negra ou branca, mas mestiça, traço distintivo que, segundo sua proposta, pode ser aplicado a toda América Latina (VALENZUELA, 2012). Em fevereiro de 1947, *Nuestra Raza* dedica um número inteiro para homenagear o cubano descrito como “poeta social”. Ademais, tanto Hughes, quanto Guillén, já ocuparam, mais de uma vez, a capa da revista ao longo dos anos.



FIGURA 26 - Capas com a imagem de Guillén, à esquerda e de Hughes, à direita.

Fonte: Revistas *Nuestra Raza*, n.70, año VI, junho de 1939; n. 81, año VII, mai. de 1940).

A influência política e cultural desses autores ficou evidente nas poesias e nos textos publicados na revista. Observando essa relação, compreendemos que a revista pode ser vista, como indica Claudio Maíz (2018), como uma estratégia de internacionalização de ideias e um espaço fundamental para estreitar vínculos entre seus colaboradores. Guillén foi recebido e homenageado, além de conhecer pessoalmente os integrantes da revista na década de 1940, quando visitou o Uruguai.

Além do norte-americano e o cubano, outros intelectuais internacionais participaram ativamente da publicação. Uma dessas pessoas foi Nora Tavares, escritora negra brasileira, que denunciava o fascismo no Brasil durante o período do Estado Novo de Vargas. Tavares, que inicialmente publicava poemas na revista, passou a escrever textos críticos nos quais sugeria uma união racial latino-americana para lutar contra o autoritarismo e os preconceitos raciais, cada vez mais crescentes na América. A poesia e a literatura foram a porta de entrada para muitos intelectuais na revista. Foram elas que abriram as portas para José Villegas Recinos, poeta branco de El Salvador, que começou a enviar seus poemas em julho de 1941. O autor conheceu *Nuestra Raza* em um centro social. Inicialmente, tal como Tavares, Villegas Recinos contribuía com sua obra literária, mas logo passa a contribuir com outros textos.

Foi a partir da presença de Villegas Recinos que chegou à rede intelectual de *Nuestra Raza* o sociólogo e radialista haitiano Pierre Moravia Morpeau. A primeira aparição de

Morpeau na revista foi em novembro de 1942, quando o haitiano enviou uma carta endereçada aos diretores. Na ocasião, o sociólogo informou que o periódico foi apresentado a ele por Villegas Recinos. Além de *Nuestra Raza*, Morpeau também descreveu apoiar o periódico melense *Orientación*, que lutava para colocar o nome de Ansina em uma das ruas da cidade. De acordo com García (2019), Moravia Morpeau recebia a revista em Porto Príncipe, e por sua emissora de rádio difundia informações sobre *Nuestra Raza* aos ouvintes locais. Ainda de acordo com a autora, foi a partir do radialista que alguns núcleos do Haiti conheceram o trabalho da coletividade negra uruguaia, bem como suas publicações e ações.

Além de Morpeau, outro haitiano, Jean Price Mars, dessa vez por intermediação de Pereda Valdés, também fez parte dessa rede. Prince Mars era escritor, médico e etnógrafo, e, junto com Jacques Roumain, se tornou um dos principais nomes associados ao indigenismo, não somente por meio de textos, mas por seu ativismo político que demandava o fim da intervenção estrangeira; buscava por liberdade e valorização da cultural popular haitiana (MARQUES & KOSBY, 2020). Em uma carta destinada a Pereda-Valdés e publicada em *Nuestra Raza*, Prince Mars conta que antes de ler os livros de Valdés, *El negro rioplatense* e *Línea de color*, não sabia se havia negros no Uruguai, tampouco as condições em que viviam.¹⁴⁰

A presença de Maurício Obelar, periodista uruguaio, também influenciou positivamente na ampliação dos contatos da equipe com intelectuais pelo mundo. Em maio de 1939, a revista passa a contar com a colaboração do intelectual cubano Dr. Francisco V. Vallhonrat y Villalonga, periodista e poeta negro. A primeira contribuição de Villalonga é o poema “Africa habla”, que o autor dedica “fraternalmente a *Nuestra Raza*, la revista de los hermanos negros del Uruguay”.¹⁴¹ Maurício Obelar era diretor do periódico *El Íris* e assíduo colaborador de *Nuestra Raza*. Seus textos denunciavam o racismo, fascismo, criticavam o capitalismo e propunham uma maior participação da raça “branca” na luta da coletividade negra.

¹⁴⁰ Revista *Nuestra Raza*, n. 58, p. 2.

¹⁴¹ Revista *Nuestra Raza*, n. 69, p. 5.

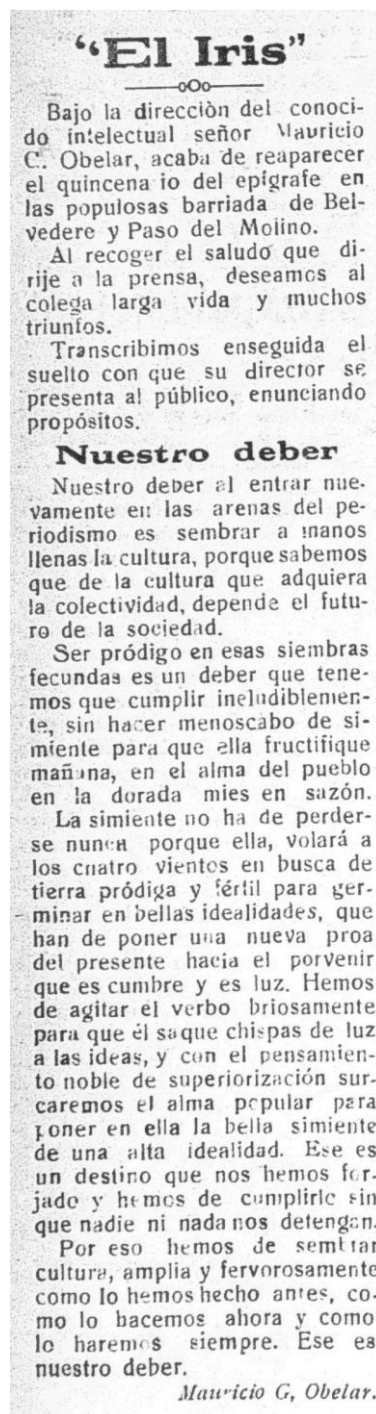


FIGURA 27 - Trecho anunciando o retorno de El Iris, de Maurício Obelar. Na sequência, transcreveram um texto publicado no periódico

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 37, año IV, ago. de 1936, p. 4.

Outra forma de visualizar a rede nacional e internacional que participava do grupo *Nuestra Raza* é seguir o rastro do “Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros” (C.I.A.P.E.N.). O C.I.A.P.E.N. foi criado na busca pela melhoria cultural da raça negra e na tentativa de divulgar e colaborar com os intelectuais e artistas da comunidade. Foi uma ação impulsionada e apoiada pelo grupo *Nuestra Raza*. Sustentamos que a grande inspiração do

C.I.A.P.E.N. foi a “Agrupación de Intelectuales, artistas, periodistas e escritores” (A.I.A.P.E.) do Uruguai.¹⁴² O A.I.A.P.E foi uma orientação geral entre intelectuais de vários países em defesa da cultura. A agrupação possuía seu próprio órgão de notícias que começou a ser publicado em novembro de 1936. Alguns desses artigos, quando diziam respeito à comunidade negra do país, eram transcritos na revista *Nuestra Raza*. Em agosto de 1944, é transcrito na revista o artigo “El Hombre Negro y la Cultura”, considerado pela equipe editorial como um assunto de interesse coletivo dos *conrazaneos*. No texto em questão, o autor, Anselmo Ismael García, descreve que o negro deve se fazer presente em todos os centros de cultura e que é necessário se desprender de preconceitos; eles só servem para restringir os movimentos.¹⁴³

O C.I.A.P.E.N. foi uma das grandes frentes da Agrupación Nuestra Raza. A primeira menção ao nome da instituição foi na revista n.º 151, publicada em março de 1946, e aconteceu em uma pequena coluna que tinha a intenção de trazer comentários gerais sobre os eventos mais importantes ocorridos na comunidade negra nos dias próximos à publicação. A ideia era ser um texto rápido, com informações simples e sem muitos detalhes. O próprio nome da coluna, “Comentarios Sinteticos”, já indicava isso. Nela, anunciavam: foi criado o Círculo de Intelectuales, Escritores, Artistas e Periodistas da “raça negra”. O anúncio oficial, no entanto, aparece na edição seguinte:

Como já havíamos anunciado, acaba de ser criado o Círculo de Intelectuales, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N.), vale dizer, a instituição com maior hierarquia criada até hoje, pois nela, sem dúvida, estarão presentes as capacidades mais autênticas de intelecto, arte e jornalismo. O seu extenso programa a desenvolver estará baseado na realização de atos culturais, artísticos, patrióticos, popularização e valorização de todos os valores que possui nossa raça, seja através da publicação de livros, revistas, jornais e da fundação de um Conjunto Artístico Conjunto e coral com caráter estável. Sem dúvida, C.I.A.P.E.N. Será uma agrupación capaz de grandes triunfos e avanços em prol do futuro cultural da raça negra uruguiaia, se os mais capazes se orientarem para o aperfeiçoamento coletivo. (*Nuestra Raza*, n. 152, 1946, p. 1).¹⁴⁴

¹⁴² Oliveira Silva (2017) sustenta algo nesse mesmo sentido, em que também supõe que os negros uruguaios viam no A.I.A.P.E. um modelo para colocar suas expressões intelectuais.

¹⁴³ Revista *Nuestra Raza*, n. 132, p. 4-5.

¹⁴⁴ Como ya habíamos anunciado, acaba de crearse el Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N.), vale decir, la institución de más jerarquía creada hasta el momento, pues en ella, a no dudar, estarán presentes las capacidades más auténticas del intelecto, el arte y el periodismo. Su extenso programa a desarrollar estará basado en la realización de actos culturales, artísticos, patrióticos, popularización y valorización de todos los valores que posee nuestra raza, ya sea por intermedio de la publicación de libros, revistas, periódicos y la fundación de un Conjunto Artístico y coral con carácter estable. A no dudar, C.I.A.P.E.N. será una agrupación capaz de grandes triunfos y adelantos en favor del futuro cultural de la raza negra uruguaya, si los más capaces están orientados en pro de la superación colectiva. (*Nuestra Raza*, n. 152, 1946, p. 1).

Outros órgãos da imprensa negra do país anunciaram o nascimento do círculo. A *Revista Uruguay*, órgão oficial da ACSU, também anunciou a criação do C.I.A.P.E.N.:

Como é de domínio público, por iniciativa do jornalista rochense, senhor César A. Techera, foi constituído o Círculo de Intelectuales, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N.), instituição que se dedicará a um vasto programa de ação como: a aproximação dos artistas, jornalistas, profissionais e escritores. Orientar o movimento intelectual. Intecâmbio cultural, popularização e valorização de todos os valores negros. Criação de um Conjunto Artístico e Coral de carácter estável. (...) Conforme fomos informados, a referida instituição tem como missão específica a de colaborar com todas as entidades raciais em sua campanha de intensificação cultural. É desejar que instituições desta índole, encontrem o mais sincero apoio e colaboração de toda a nossa coletividade, para poder levar a bom termo uma ideologia tão salutar. (*Revista Uruguay*, n. 15, 1946, p. 12).¹⁴⁵

Composto pelos mais conhecidos artistas da coletividade, como Pilar e Ventura Barrios, Virgínia Brindis de Salas, Anselmo I. García e Roberto Cisneros,¹⁴⁶ todos estes citados, parte da agrupação *Nuestra Raza*, a instituição se propunha a ser um programa de ação. Além de orientar o movimento e o intercâmbio cultural, visava popularizar e valorizar as produções da comunidade negra. Praticamente todo o rastro do C.I.A.P.E.N. é seguido a partir da revista *Nuestra Raza* e da *Revista Uruguay*. *Nuestra Raza* possuía colunas específicas para indicar as atividades artísticas do C.I.A.P.E.N., seus eventos e homenagens. Foi por intermediação dos envolvidos na revista, que a instituição estabeleceu contato com importantes intelectuais provenientes da diáspora africana forçada ao redor do mundo. Quando Nicolás Guillén visitou o país, o C.I.A.P.E.N. organizou uma festa de recepção para o cubano. *Nuestra Raza*, a essa altura, já tinha estabelecido uma rede internacional extensa e ativa, e, por isso, foi uma das grandes responsáveis pelo reconhecimento internacional do C.I.A.P.E.N.

Na mesma ocasião que o C.I.A.P.E.N. celebrou a presença de Guillén, também comemorou os 15 anos da revista *Nuestra Raza*. A ideia era fazer uma homenagem aos produtores da revista e seus principais colaboradores e colaboradoras. Em todas as listas, é impossível não pensar na forte presença feminina, tal como no próprio C.I.A.P.E.N., que contou com a presença de muitas mulheres. Se o processo de invisibilidade de homens negros foi intenso no Uruguai, com as mulheres negras isso pesou ainda mais. As mulheres

¹⁴⁵ Como es del dominio público, por iniciativa del periodista rochense señor César A. Techera, se ha constituído el Círculo de Intelectuales, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N.), institución que estará abocada a un vasto programa de acción como ser: el acercamiento de los artistas, periodistas, profesionales y escritores. Orientar el movimiento intelectual. Intercambio cultural, popularización y valorización de todos los valores negros. Creación de un Conjunto Artístico y Coral con carácter estable. (...) Según se nos ha informado, la citada institución tiene como misión específica la colaboración con todas las entidades raciales en su campaña de intensificación cultural. Es desear que instituciones de esta índoles, encuentren el más sincero apoyo y colaboración de toda nuestra colectividad, para así poder llevar a feliz término tan sano ideario. (*Revista Uruguay*, n.15, 1946, p.12).

¹⁴⁶ *Revista Uruguay*, n. 15, p.1 2.

desempenharam papéis fundamentais na comunidade, trabalhando fora, para o sustento da família, além de serem responsáveis pelo cuidado com as crianças e os lares. Citando novamente Angelina em entrevista para Porzecanski & Silva (2006),

Nossas famílias são fundamentalmente matrifocais. A figura da mulher é a figura que, ancestralmente por razões econômicas e de tradição, continua a ser, como na África, a figura base da família. Sabemos que nossas avós e tias-avós eram as chefes da família. Eles decidiam. Minha avó era a chefe da minha casa. E agora, na minha casa, sou eu. (Angelica in PORZECANSKI; SANTOS, 2006, p. 95-96). [Traduzido do espanhol.]

Nas produções periódicas, essa presença feminina tornou-se ainda mais evidente. As mulheres negras sempre estiveram presentes em praticamente todas as publicações da imprensa negra do país, direta ou indiretamente, em particular nas colunas sociais e na arrecadação de fundos para fins específicos. Em *Nuestra Raza*, não foi diferente – algo que pode ser visualizado desde seu nascimento em San Carlos, com a figura de María Esperanza Barrios, uma das idealizadoras da revista. Pensar nas ações dessas mulheres e nomeá-las é o primeiro passo para superar a invisibilidade.

Nem sempre é fácil identificar a participação das mulheres nessa rede, uma vez que poucas vezes os seus nomes apareciam como parte da equipe editorial, ainda que desempenhassem esse papel. É possível encontrá-las, então, como secretárias, autoras de alguns textos e, especialmente, em comitês femininos, ou de damas, de espaços específicos. Dentro da revista *Nuestra Raza*, além de María Esperanza Barrios, na primeira fase, o primeiro texto supostamente assinado por uma mulher, a colaboradora Chichita, surgiu logo na primeira edição de 1933.¹⁴⁷ O que chama a atenção não é só o texto ter sido escrito por uma mulher, mas o seu conteúdo ser direcionado a outras mulheres, especificamente. Chichita escrevia como estava satisfeita em finalmente ter um periódico exclusivamente para a “nossa raça, de nós para nós mesmos”.

Ainda que Chichita seja uma personagem oculta, o seu texto gerou algumas respostas e comentários. Um deles foi o de Elena María Bridgurater:

¹⁴⁷ O texto em questão é “De nuestra colaboradora Chichita. Para la mujer de nuestra raza”. (*Nuestra Raza*, n.1, p.10.). Não localizamos outros textos que assinassem sob o mesmo nome e nada que indique quem foi a responsável por sua escrita. Ser assinado por um nome feminino não significa que tenha sido escrito por uma mulher. Apesar de não termos encontrado em *Nuestra Raza* outros textos de autoria de Chichita, na Revista Uruguay número 18, publicada em julho de 1946, divulgaram alguns nomes das *Cédulos de San Juan*. Um desses nomes é Chichita Garés-Ernesto Otero (*Revista Uruguay*, n.18, p.12). Acreditamos se tratar da mesma pessoa.

Simpática Chichita:

É você que a que lança a primeira pedra. Nosso dever é secundá-la [sic] em sua tarefa, você é veterana nesses assuntos, desculpará a noviça que sair a seus passos. Como a maioria dos colaboradores, pobres são as minhas palavras para expressar os pensamentos múltiplos que desejaria escrever, mas conto com sua benevolência. Suas palavras terão o eco que responda as suas aspirações, que também são minhas, de retomar aquele vínculo de união tantas vezes feito e desfeito novamente. (BRIDGURATER. *Nuestra Raza*, n. 2, 1933, p. 11-12).¹⁴⁸

Outra dessas respostas veio de uma das principais colaboradoras da revista, Íris Cabral, alguns números a frente.

Algum tempo após a publicação da revista *Nuestra Raza*, tive o prazer de conhecer os méritos literários que ela contém, o que mais uma vez me prova a inteligência e a cultura de nossa raça. Depois de ler artigos de personalidades masculinas, procurei algo feminino; e aqui está o artigo de Chichita. Ao lê-lo, tive a impressão de ler algo nosso, algo muito familiar e esse algo é o grito de inteligência da mulher negra, esse grito que repercutia em nossos ouvidos ao ler artigos de mulheres de outra raça. Hoje aparece na luz talvez um pouco tímido, mas ressoará com seu eco nobre e sincero em todos os corações de nossa raça. Não gosto dessa conversa que caracteriza os jovens de hoje, mas com meu pouco alcance intelectual, também quero jogar meu grão de areia; por isso peço aos simpáticos colaboradores desta revista que não desistam, porque para chegar ao cume é preciso superar obstáculos. (CABRAL. *Nuestra Raza*, n. 6, 1934, p. 10).¹⁴⁹

Na mesma coluna em que está o artigo completo do trecho destacado, há também um texto de Maruja Pereira, outra colaboradora importante. Cabral e Pereira vão ser figuras femininas muito importantes dentro do movimento intelectual negro uruguaio. As autoras sempre convocam as mulheres a se instruir, a ler, colaborar em periódicos e a escrever livros. Nas palavras de Cabral, em um texto comemorando os dois anos da revista:

No curso de vinte e quatro meses colaboram nela [a revista *Nuestra Raza*] valores cujos méritos datam de muito tempo e também novos valores que, respaldados no apoio da coletividade e compreensão social, podem dar muito à nossa sociedade. Nossas mulheres também colaboraram neste trabalho, muito pouco sim, pois preferem viver na ignorância de sua capacidade intelectual. Por que nossa mulher deve sentir e

¹⁴⁸ Simpática Chichita:

Es usted la que lanza la primera piedra. Nuestro deber es secundarla en su tarea, usted veterana en estas lides, disculpará a la novicia que sale a su paso. Como la mayoría de los colaboradores, pobres son mis palabras, para expresar los pensamientos múltiples que desearia escribir, pero cuento con vuestra benevolencia. Sus palabras tendrán el eco que responda a sus aspiraciones que también son las mías, de reanudar ese lazo de unión tantas veces hecho, y vuelto a deshacer. (BRIDGURATER. *Nuestra Raza*, n. 2, 1933, p. 11-12).

¹⁴⁹ Después de un tiempo de haber sido publicada la revista *Nuestra Raza*, tuve el placer de enterarme de los méritos literarios que encierra, lo que me prueba una vez más la inteligencia y cultura de nuestra raza. Después de leer artículos de personalidades masculinas, he buscado algo femenino; y he aquí el artículo de Chichita. Al leerlo, he tenido la impresión de leer algo nuestro, algo muy familiar y ese algo es el grito de inteligencia de la mujer negra, ese grito que repercutía en nuestro oído al leer artículos de mujeres de otra raza. Hoy se asoma a la luz tal vez algo tímido, pero que sonará con su eco noble y sincero en todos los corazones de nuestra raza. No gozo de esa charla que caracteriza a los jóvenes de hoy, pero con mi poco alcance intelectual, quiero arrojar también mi grano de arena; por eso pido a los simpáticos colaboradores de esta revista que no decaigan, que para llegar a la cumbre hay que salvar escollos. (CABRAL. *Nuestra Raza*, n. 4, 1933, p. 10).

não expressar claramente um pensamento elevado que a enaltece diante de nós e diante de todas as raças do mundo? Por que nossa mulher vive rebaixada diante das mulheres de outra raça? São poucos os casos em que a inteligência da mulher negra ultrapassa a soleira de sua casa. Hoje que os direitos são distribuídos igualmente a homens e mulheres, que o caminho para o estudo é livre; por que não se preocupar um pouco mais com a cultura? (...) Faça, mulher negra, e teremos dado mais um passo em direção à cultura. (CABRAL. *Nuestra Raza*, n. 25, 1935, p. 2-3).¹⁵⁰

No ano seguinte à publicação do texto do qual foi retirado o trecho acima, 1936, ocorreu em Montevideu o Primer Congreso Nacional de Mujeres del Uruguay. Representaram a “Raça Negra”, termo da época, as delegadas Iris Cabral e Maruja Pereira (GARCÍA, 2018). O motivo principal do congresso, segundo García, era

... expressar o repúdio à guerra e encontrar uma concordância entre as mulheres sobre esta moção. No entanto, seria, ao mesmo tempo, uma excelente oportunidade para abordar outras questões importantes no âmbito local, que tinham a ver com suas situações particulares e, ao mesmo tempo, expor alguns pontos da agenda feminista. Assim, cada delegada expressou e denunciou problemas relacionados a situações em seus meios de comunicação. Assim, questões trabalhistas, falta de proteção governamental, problemas na educação, a importância da democracia, a rejeição da guerra, a especificação de certos direitos necessários para as mulheres, etc. (GARCÍA, 2018, p. 5). [Traduzido do espanhol.].

A participação de Cabral e Pereira no evento foi noticiada pela revista *Nuestra Raza*. Em abril de 1936, o editorial “*La mujer negra en la acción*” descreve que a mulher negra, que vivia isolada, desconhecida do ambiente nacional, juntou-se a companheiras “brancas” para debater as dores do mal que é a guerra.¹⁵¹ O texto também fala sobre a mulher negra integrar o Comité de la Raza Negra contra la guerra y el fascismo, frente de ação mobilizada pelo grupo *Nuestra Raza* em repúdio à guerra. Em diversos comitês e organizações existiam setores específicos de mulheres, como, por exemplo, o Comité de Damas Melenses, constituído na capital com o objetivo de reunir fundos para o edifício do Centro Uruguay, da cidade de Melo. O dito comitê organizava eventos para arrecadar fundos, como piqueniques, bailes e outras festividades.

Selva Escalada também foi uma presença feminina importante em *Nuestra Raza*. Em 1933, aparecia na capa da revista como cronista social, e dirigia a coluna social, que

¹⁵⁰ En el transcurso de veinticuatro meses colaboraron en ella [a revista *Nuestra Raza*] valores cuyos méritos datan de mucho tiempo y también valores nuevos que, respaldados en el apoyo de la colectividad y comprensión social, pueden dar mucho a nuestra sociedad. Nuestra mujer también ha cooperado en esa obra, muy poco sí, ya que prefieren vivir en la ignorancia de su capacidad intelectual. ¿Por qué nuestra mujer ha de sentir y no expresar claramente un pensamiento elevado que la enaltezca ante nosotros y ante todas las razas del mundo? ¿Por qué nuestra mujer vive rebajada ante las mujeres de otra raza? Son contados los casos en que la inteligencia de la mujer negra pasa los umbrales de su casa. Hoy que los derechos se reparten por igual para el hombre que para la mujer, que el camino para el estudio es libre; ¿por qué no preocuparse un poco más de la cultura? (...) Hazlo, mujer negra, y habremos dado un paso más hacia la cultura. (CABRAL. *Nuestra Raza*, n. 25, 1935, p. 2-3).

¹⁵¹ Revista *Nuestra Raza*, n. 33, p. 1.

posteriormente foi dirigida por Cabral. Mais adiante, também encontramos Escalada em reuniões do C.I.A.P.E.N. As colunas sociais eram as principais páginas onde encontramos mulheres, mas nem todas estavam de acordo com elas. Uma importante integrante da Agrupação Nuestra Raza, María Felina Díaz, que contribuía com a revista e que foi participante ativa do partido negro criado por essa rede, escreve em 1938 que as páginas sociais serviam para manter vaidade e que não cabia em uma revista como *Nuestra Raza* manter tais colunas. Apesar da opinião de Díaz, a coluna permaneceu até o fim da publicação.

Outro nome importante foi Clementina Gómez Fernández, que escreveu o artigo “A las mujeres de nuestra colectividad”, em 1937, no qual demonstrava que os direitos civis e políticos nunca deveriam ter sido baseados em “sexo”, e sim em capacidade.¹⁵² Gómez Fernández ainda discorria sobre a importância de se instruir e trabalhar. Uma outra parte da revista em que era possível identificar a forte presença feminina eram nas colunas referentes a poesias, literatura e teatro. Um desses nomes foi Virgínia Brindis de Salas, integrante do C.I.A.P.E.N., e que, por meio dessa rede, desenvolveu grande amizade com o poeta Nicolás Guillén. Brindis também possuía, como já assinalamos, uma relação de contato com a chilena Gabriela Mistral. Por parte dos homens, a presença feminina era quase sempre vista com bons olhos. Em mais de uma ocasião, autores dedicaram textos para tratar da questão das “mulheres da raça” negra e incentivarem que elas participassem do movimento.

Além da rede de homens e mulheres diretamente ligados à produção da revista, nas páginas de *Nuestra Raza* também podemos perceber figuras intelectuais que estiveram indiretamente vinculadas ao periódico. Esses indivíduos, de alguma forma, conheceram a equipe de Nuestra Raza e seus textos foram divulgados para a comunidade intelectual negra leitora. Uma dessas figuras foi Gilberto Freyre, do qual a equipe publicou fragmentos de *Casa Grande e Senzala* na coluna “Raza y Cultura”. Ao iniciar a publicação de trechos da obra, a equipe anunciava:

Em nosso número anterior prometemos uma série de artigos sobre a influência da raça negra na civilização americana a partir da obra ‘Casa Grande e Senzala’, (...) do ilustre professor brasileiro Gilberto Freyre. Cremos, ainda, que o tema exposto tem muita relevância para uma revista nos moldes da nossa: e nos limitaremos, então, à adaptação de pequenos trechos de capítulos da obra citada, um complexo estudo de etnologia americana, recentemente publicado no Brasil, e cuja divulgação constitui, sem dúvida, um valioso furo para NUESTRA RAZA. Após os primeiros conceitos, seleccionados em sínteses, nos deteremos em um estudo mais detalhado da raça negra

¹⁵² Revista *Nuestra Raza*, n. 44, p. 2.

do Brasil, cuja descendência em nosso país é considerável. (*Nuestra Raza*, n. 70, 1939, p. 2).¹⁵³

Na mesma coluna, “*Raza y Cultura*”, algum tempo depois, outro nome foi Arthur Ramos, do qual transcreveram trechos de *As culturas negras no Novo Mundo*. A revista mostrava como a obra de Ramos havia sido reconhecida pela crítica como uma das maiores contribuições científicas aos estudos africanistas contemporâneos da época – sendo colocado, inclusive, ao lado de nomes como Price-Mars e Fernando Ortiz. Sobre Ramos, a equipe ainda complementava que

[...] “As culturas negras no Novo Mundo” – trabalho que apresentamos como uma prévia a nossos leitores, em peças selecionadas, tal como já fizemos com justo prazer, da obra de ‘Casa Grande e Senzala’, de Gilberto Freyre – é o terceiro volume de uma substancial série que enriquece a vasta Biblioteca de estudos de Antropologia e História dirigida pelo sábio professor, e cuja a valiosa bibliografia – já comparável ao ‘Negro Year Book’, do Instituto Tuskegee, nos EUA – contribui dia a dia para a mais justa defesa do negro na América contra todos os preconceitos da ciência e da sociedade. (*Nuestra Raza*, n. 83, 1940, p. 3).¹⁵⁴

Além de Freyre e Ramos, a revista também publicou, a partir de setembro de 1939, fragmentos do romance “Jubiabá”, de Jorge Amado. O livro ainda foi discutido no ano seguinte em um encontro em um clube social na cidade de Rocha e contou com a participação de Miguel A. Bustamante, integrante do movimento intelectual de *Nuestra Raza*.

¹⁵³ “En nuestro número anterior prometimos una serie de artículos sobre la influencia de la raza negra en la civilización americana con la base de la obra ‘Casa Grande e Senzala’, (...) del ilustre profesor brasileño Gilberto Freyre. Creemos, no obstante, que el tema enunciado tiene demasiada amplitud para una revista de los models de la nuestra: y nos ceñiremos, entonces, a la adaptación de pequeños trozos de capítulos de la obra citada, complejo estudio de etnología americana, recientemente publicano en Brasil, y cuya divulgación constituye, sin duda, primicia valiosa para NUESTRA RAZA. Después de los primeros conceptos, entresacados en síntesis, nos detendremos en un estudio más detallado de la raza negra de Brasil, cuya descendencia en nuestro país es considerable”. (*Nuestra Raza*, n. 70, 1939, p. 2).

¹⁵⁴ ... “As culturas negras no Novo Mundo” – trabajo que presentamos como primicia a nuestros lectores, en trozos seleccionados, tal como ya hicimos con justos plácemes, de la obra ‘Casa Grande e Senzala’, de Gilberto Freyre – es el tercer volumen de una substanciosa serie que ha enriquecido la vasta Biblioteca de estudios de antropología e historia que dirige el sabio profesor, y cuya valiosa Bibliografía – ya comparable al ‘Negro Year Book’, de Tuskegee Institute de EE. UU. – contribuye día a día a la más justa reivindicación del negro de América contra todos los prejuicios de la ciencia y de la sociedad. (*Nuestra Raza*, n. 83, 1940, p. 3).

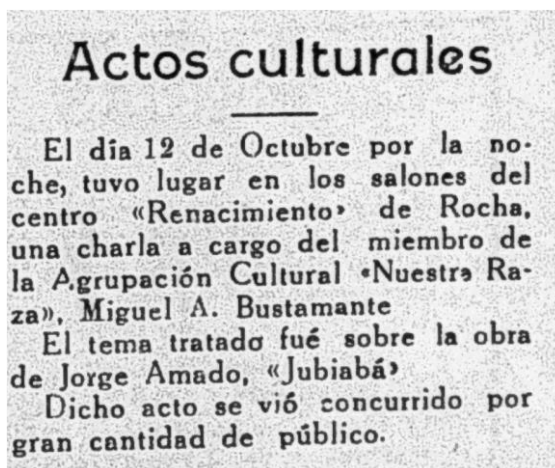


FIGURA 28 - Ato cultural envolvendo a obra de Jorge Amado.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 86, año VIII, out. de 1940, p. 3.

No caso de Amado, a revista ainda teve um intercâmbio maior. Em visita ao país em 1946, o autor esteve com Anselmo García, com quem falou sobre a revista *Nuestra Raza*. Em fevereiro desse ano, é publicado o artigo “Jorge Amado habla para los lectores de *Nuestra Raza*”, onde García descreve a passagem do brasileiro por Montevideú, faz algumas perguntas e passa uma mensagem do escritor para os leitores da revista. Nela, Amado teria desejado que *Nuestra Raza* conseguisse a tão sonhada unidade incondicional, bem como que deveriam ser firmes na luta, pois, somente assim, poderia esperar uma grande vitória que não estaria tão distante.¹⁵⁵ Também foi por intermediação de Anselmo I. García que chega à *Nuestra Raza* um artigo inédito de Rene Maran, poeta e romancista negro nascido na Martinica.

¹⁵⁵ Revista *Nuestra Raza*, n. 150, p. 4-5.



FIGURA 29 - Capa com a imagem e pequena biografia de Rene Maran

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 149, año XII, jan. de 1946.

Ao pensar nos caminhos que ligavam esses intelectuais, a relação de *Nuestra Raza* com outros periódicos da época, também é uma forma de visualizar esse mapa. Desde seu início, o grupo já demonstrava a importância de se comunicar com outros jornais e revistas produzidos pela comunidade negra, fossem uruguaios ou não. Já em janeiro de 1934, por exemplo, o grupo anunciou a reaparição de *La Verdad*, além de apresentar o novo semanário negro de Buenos Aires *Voces*. Conforme as publicações da revista foram sendo feitas, a relação com outros periódicos ficou mais estreita. Um exemplo é o jornal *Acción*, de Melo. Em setembro de 1935, o jornal publica um texto em homenagem aos dois anos da revista, que é republicado nas páginas de *Nuestra Raza*. O texto em questão descreve *Nuestra Raza* como a máxima tribuna de todos os negros do Uruguai, a cabeça, a guia de todos que abre os caminhos.¹⁵⁶ O periódico *Acción* foi fundado por Juan Jacinto Ferrán, membro e presidente do Centro Uruguay

¹⁵⁶ Revista *Nuestra Raza*, n. 26, p. 4.

(OLIVEIRA, 2017).¹⁵⁷ Ferrán possuía uma relação próxima à revista, tendo sido representante, em Melo, de *Nuestra Raza*.¹⁵⁸ O periodista é descrito como um dos mais firmes, pontuais e eficientes da sociedade.

Ferrán nunca deixou de colaborar com textos para *Nuestra Raza*. Em agosto de 1942, escreve um texto acerca do aniversário da revista e também do periódico *Rumbos*, publicado em Rocha. Ele conta toda a trajetória de *Nuestra Raza*, desde San Carlos, e descreve a revista como “voz de la raza”, além de apresentar que *Nuestra Raza* realiza uma obra construtiva e que colabora de maneira eficaz com a elevação do nível cultural e social da raça negra, logrando um ótimo resultado.¹⁵⁹ No mesmo texto, o autor fala de *Rumbos*, que também teria seus próprios méritos e estaria cumprindo seu 4º aniversário – na ocasião. *Nuestra Raza* completava o seu 9º ano de vida, ambos com a mesma data de fundação, 25 de agosto. *Rumbos*, dirigida por Cesar Techera, foi uma publicação da cidade de Rocha que também contou com grande diálogo com a revista *Nuestra Raza*.

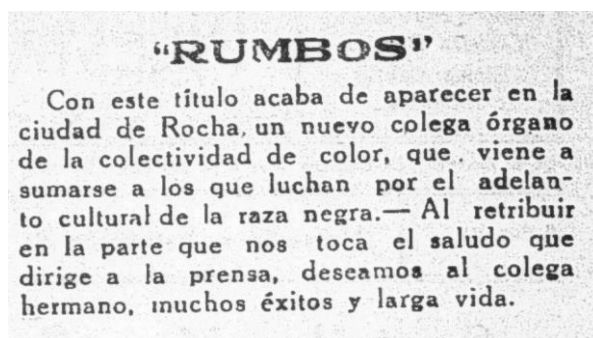


FIGURA 30 - Anúncio de quando a revista *Rumbos* começa a circular

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 61, año VI, set. de 1938, p. 2.

Os colaboradores recorrentes de *Nuestra Raza* frequentemente publicavam também em outras revistas. Como se tratava de um grupo minoritário, era possível encontrar esses sujeitos dialogando em publicações feitas por várias partes do país. A revista *Nuestra Raza* era, de um modo geral, vista com bons olhos dentro das demais publicações negras, e quase sempre era lida como a principal representante da coletividade negra na imprensa.¹⁶⁰ A exemplo, Pilar Barrio foi um dos colaboradores do periódico *Acción*, que também contou com a participação

¹⁵⁷ Oliveira Silva (2017) divide o jornal em três épocas: 1934-1935; 1944-1946 e 1947-1950.

¹⁵⁸ Revista *Nuestra Raza*, n. 61, p. 1.

¹⁵⁹ Revista *Nuestra Raza*, n.1 08, p. 4.

¹⁶⁰ Dentro do tempo que coube a essa pesquisa, não foi possível avaliar todas as publicações periódicas produzidas pela comunidade negra do país naquele período. Essa afirmação se dá baseada nas publicações que foram analisadas, além de ser sustentada pela produção bibliográfica que trabalha com o assunto.

de Cabral em praticamente todas as fases. Além disso, era comum que as poesias de Barrios fossem apresentadas nas revistas da imprensa da coletividade.



FIGURA 31 - Anúncio de Pilar Barrios como colaborador do periódico *Acción*.

Fonte: *Acción*, n. 9, año I, 1ª época, 15 de fev. de 1935, p. 1.

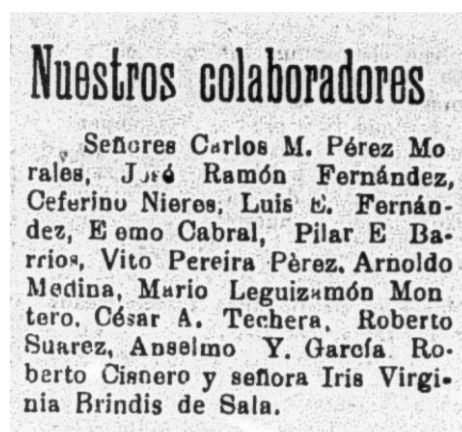


FIGURA 32 - Nota com alguns dos colaboradores do periódico *Acción* em 1947. Destaque para os nomes de Elemo Cabral, Pilar Barrios, Mario Montero (que também foi diretor da Revista Uruguay), Anselmo García e Virgínia Brindis, todos também colaboradores da revista *Nuestra Raza*. Os demais nomes, em sua maioria, também colaboraram em pelo menos um texto a revista.

Fonte: *Acción*, n. 1, año I, 3ª época, 30 de ago. de 1947, p. 11.

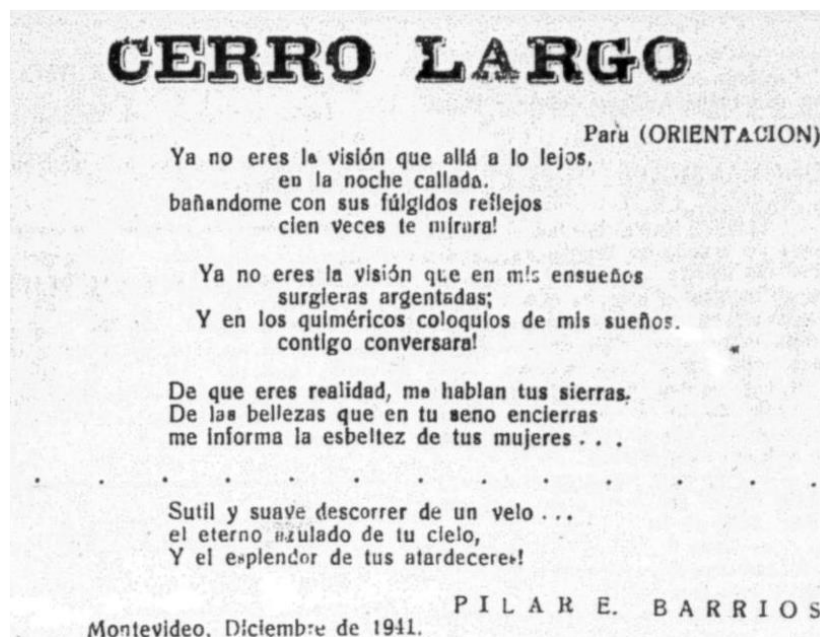


FIGURA 33 - Poema de Pilar Barrios para o periódico *Orientación*

Fonte: *Orientación*, n. 5, año I, 15 de dez. de 1941).

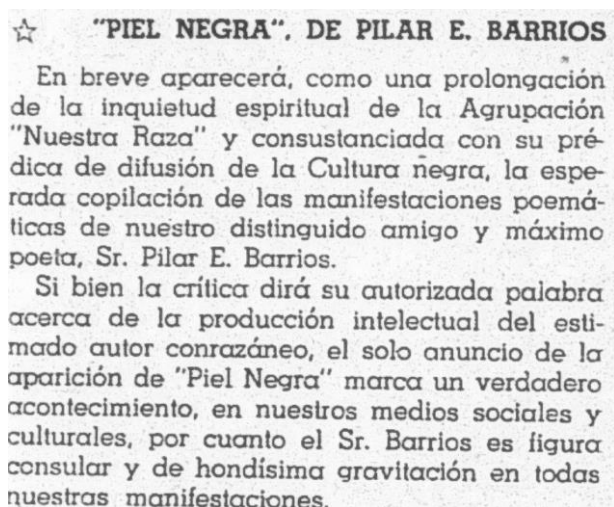


FIGURA 34 - Anúncio do lançamento do livro *Piel Negra*, de Pilar Barrios¹⁶¹

Fonte: *Revista Uruguay*, n. 31 año III, ago. de 1947, p. 8.

Mulheres e homens estabeleceram uma relação que ultrapassou fronteiras nacionais, baseada na luta contra o preconceito racial, melhoria cultural e material das comunidades negras ao redor do mundo e união da “raça negra”. Esse grupo amplo e diverso pode ser visualizado

¹⁶¹ O livro de Pilar Barrios foi editado pela Agrupación Nuestra Raza. Em entrevista concedida a Ceferino Nieres na *Revista Uruguay*, ao ser perguntado sobre quais os meios o autor se valeu para publicar um livro, Barrios responde que nesse aspecto “seriam meus companheiros do ‘Grupo Nuestra Raza’ quem poderia ilustrar com maior clareza, pois eles fizeram tudo, depois de entregar-lhes os originais do meu livro”. (*Revista Uruguay*, n. 36, año III, jan.-mar. de 1948, p. 2-3). | No original: “Serian mis compañeros del ‘Grupo Nuestra Raza’ quienes podrían ilustrarlo con mayor claridad, ya que ellos lo hicieron todo, luego de entregarles los originales para mi libro”.

através das páginas de *Nuestra Raza*, que se tornou um ponto fundamental para compreender essas relações. *Nuestra Raza* congrega uma série de correntes de pensamento provenientes da diáspora africana, como o Renascimento do Harlem, por Hughes, ou o *negrismo* cubano, por Guillén. Congrega, ademais, um grupo de ativistas que, por meio da revista, começam a estabelecer relações e criar laços com a comunidade internacional. Foi a partir desses laços que diversas frentes políticas serão formadas.

III – ATIVISMO EM MOVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DIVERSOS

*La historia de América ha de ser más buena.
Negros!
Un día, por fin, hemos de ser dueños de nuestros derechos
de humanos!*

Trecho do “Poema a los negros de la vanguardia, de **I. Casas Pereyra**.

Como destacado no capítulo anterior, as páginas da revista nos revelam uma série de temas e lutas já presentes historicamente dentro comunidade negra do Uruguai, que dialogavam com as pautas colocadas na construção da república uruguaia – questões estas que foram apresentadas desde o capítulo um. Ao identificar as tensões, essa rede intelectual envolvida no projeto organizou, para além da escrita, uma série de movimentações na busca por mudanças reais dentro da sociedade. *Nuestra Raza* aparece, então, como principal expoente da construção de uma pauta política racial que unisse a comunidade e alcançasse não só a inserção política, mas social, histórica e além da melhoria cultural e econômica da coletividade negra. Dentro desse espaço-revista, é possível identificar linhas de atuações desse grupo.

A agenda cultural foi uma das estratégias escolhidas pelo grupo *Nuestra Raza* para encontrar lugar nesse imaginário simbólico da nação, que estava em disputa desde o começo do século XX. Dar visibilidade para essa agenda e o projeto cultural desses intelectuais foi uma das mais importantes ações da revista. Essa agenda pode ser visualizada na criação de espaços como a Casa de la Raza, pensada desde o começo do século, ou de clubes sociais e associações culturais que promoviam eventos e financiavam produções da comunidade negra nacional e internacional. Eram ações fundamentais de valorização da história e memória das comunidades provenientes da diáspora africana. Nas palavras do editorial de agosto de 1938, o que valoriza o discurso da revista é exatamente a sua intervenção em todos os movimentos em favor da paz, da liberdade e da cultura dos povos oprimidos.¹⁶²

Para além das manifestações culturais, *Nuestra Raza* também foi vitrine de uma manifestação política até então praticamente inédita nas sociedades americanas: a criação de um partido político feito por e para negros. O nascimento do Partido Autóctono Negro (PAN) é um marco na história da população afrodescendente da América e foi *Nuestra Raza* a porta-voz de suas ações e comícios.

¹⁶² Revista *Nuestra Raza*, n. 60, p. 1.

Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo apresentar as muitas frentes de atuação dessa rede envolvida no projeto *Nuestra Raza*. Elas podem ser visualizadas por meio das páginas do periódico, que se tornaria um espaço de convergência dessa atuação. Pretende-se mostrar, ademais, que a revista é resultado de escolhas políticas de um grupo heterogêneo – que lutava arduamente pelo fim do preconceito racial –, cujo principal objetivo era o reconhecimento de seus direitos. Em vista disso, tratamos aqui da dimensão política: quando as reivindicações se tornam não só ações, mas mobilizações políticas e partidárias.

3.1. Uma “Casa” para toda “la raza”

A herança de um tradicional associativismo do século XIX, somado à necessidade cada vez maior da comunidade negra de ter os seus próprios espaços de sociabilidade, fez com que a ideia de ter um clube ou associação fosse uma pauta fundamental para a coletividade intelectual negra, destacadamente para a equipe de *Nuestra Raza*. Em diversos momentos são escritos textos discorrendo acerca da necessidade de fundar um espaço que fosse além das páginas da revista.¹⁶³ Esse espaço seria fundamental para bailes, eventos, reuniões e também para receber eventuais visitas de *conrazaneos* de outras regiões. Deveria ser um espaço, ademais, que pudesse comportar uma biblioteca ampla e espaço para atividades culturais. Poderia ser realizado em forma de um clube social, uma associação ou um centro. Alberto Mendez sugere a criação de um clube:

Conrazaneos: Nesta primeira conferência dissertarei sobre por que acho necessário em nossa classe, a fundação de um clube: Um clube, repito, onde se possa desenvolver uma livre associação cultural. Uma “livre associação cultural”. Essa é uma frase que deveriam pensar e realizar por todos aqueles conrazaneos (homens e mulheres) que têm um nível de ilustração superior ao meu (pelo menos). (...) Para a criação deste clube, é preciso avançar com liberdade e cultura.” (MENDEZ. *Nuestra Raza*, n. 08, 1934, p. 8-9). [Destaques feitos pelo autor.]¹⁶⁴

Apesar de Alberto Mendez ser um autor cujo os textos expressavam ideias meritocráticas e, em certo nível, elitistas – o que difere dos textos normalmente publicados pela

¹⁶³ A Revista *Nuestra Raza* possuía um endereço fixo, que mudou algumas vezes, para administração e direção, e que tinha até uma pequena biblioteca pessoal, mas não era um espaço amplo para receber muitas pessoas.

¹⁶⁴ *Conrazaneos*: En esta primer conferencia disertaré sobre el por qué creo que es necesario en nuestra clase, la fundación de un club: Un club, repito, donde se pueda desarrollar una libre asociación cultural. Una “libre asociación de cultural”. He ahí una frase sobre la que devieran pensar y realizar todos aquellos conrazaneos (hombres y mujeres) que tienen un nivel de ilustración más elevado que el mio (por lo menos). (...) Para la creación de este club, es preciso proceder con libertad y cultura. (MENDEZ. *Nuestra Raza*, n. 08, 1934, p. 8-9). [Destaques feitos pelo autor.]

equipe editorial da revista – ele não foi o único que expressou esse desejo de ter um espaço próprio.

A criação de centros culturais, com as respectivas bibliotecas – para as quais não faltariam doadores de bons livros – serviria de locais de lazer, onde sem dúvida, frequentaria nossa a juventude; a organização de conversas ou conferências, com o valioso contributo dos nossos elementos mais destacados, traria como consequência, um intercâmbio de ideias, que hoje é necessário mais do que nunca. (*Nuestra Raza*, n. 7, 1934, p. 1).¹⁶⁵

Das frentes de atuação desse grupo, uma das primeiras a ser efetivada foi a *Casa de la Raza*. Em abril de 1934, um mês depois da conferência de Alberto Mendez destacada acima, Marcelino Bottaro escreve “Casa de la Raza”, um texto que trazia notas e informações sobre a organização necessária para a criação da instituição e, além disso, revelava a intenção de criar uma sede, biblioteca própria e organização de ciclos culturais. O objetivo era claro: acelerar a melhoria cultural da coletividade, tal como ele já havia anunciado outrora em *La Propaganda*, em 1911. O subtítulo informava que o documento produzido pelo *conrazaneo* havia sido recebido pelos membros da agrupação *Nuestra Raza* para que pudessem estudar as possibilidades. Bottaro havia organizado não só os objetivos, mas toda a parte burocrática da *Casa*.¹⁶⁶ Existiam classes de associados: eles poderiam ser *activos*, *suscriptores* ou *cooperadores*. Cada um deles pagaria uma cota diferente ao se associar. O valor não seria superior a um peso uruguaio. A *Casa*, ademais, permitia que pessoas de fora da coletividade negra, “simpatizantes”, se filiassem.

A organização seria composta por um Conselho Diretivo, cuja eleição seria feita a partir da votação dos membros e teria o mandato de um ano, comissões e subcomissões. Para alcançar o objetivo principal, deveriam arrendar um local para ser sede, que seria financiado pelos associados, organizar uma Biblioteca Popular, cujo o material bibliográfico seria adquirido com doações e aquisições da própria instituição à medida que a *Casa* fosse crescendo e os recursos fossem arrecadados. Além disso, a instituição contaria com a organização de ciclos culturais científicos, artísticos, literários e audições musicais.¹⁶⁷ Dois meses depois da publicação desse texto, em junho de 1934, a revista anuncia a criação da *Casa de Raza*:

¹⁶⁵ La creación de centros culturales, con sus correspondientes bibliotecas – para las cuales no faltarían donantes de buenos libros – servirían de lugares de esparcimiento, a donde indudablemente, concurriría nuestra juventud; la organización de conversaciones o conferencias, con el aporte valioso de nuestros más destacados elementos, traería como consecuencia, un intercambio de ideas, que hoy más que nunca se hace necesario. (*Nuestra Raza*, n. 7, 1934, p. 1).

¹⁶⁶ Revista *Nuestra Raza*, n. 9, p. 2-5.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

La casa de la raza é algo mais do que uma incontestável e velha aspiração de nossa coletividade (...) A partir de hoje, nossa revista pela própria determinação dos integrantes da agrupação “Nuestra Raza”, se propõe em manter e defender os sadios propósitos da criação dessa nova instituição, que refletirá honra em toda nossa coletividade, esperando que todos os elementos de nossa raça bem inspirados, também devem prestar o seu mais caloroso apoio, superando a toda envereda indiferença. (...) Avante, *conrazeanos!*. (*Nuestra Raza*, n. 11, 1934, p. 1). [Destaques feitos pelo autor].¹⁶⁸

A instituição foi fundada oficialmente na redação da revista *Nuestra Raza*, em 09 de junho de 1934. O evento contou com uma seção presidida por Ventura Barrios e um discurso feito por Pilar Barrios em nome da revista.¹⁶⁹ No mesmo dia, foi realizada a eleição para o conselho diretivo e informado um valor para contribuir com a organização. Ainda na mesma edição, anunciaram que Mario Rufino Méndez havia sido eleito o primeiro presidente da recém fundada instituição.

¹⁶⁸ *La casa de la raza* es algo más que una incontestable y vieja aspiración de nuestra colectividad (...) Desde hoy, nuestra revista por la propia determinación de los integrantes de la agrupación ‘Nuestra Raza’ se propone en mantener y defender los sanos propósitos de la creación de esa nueva institución, que reflejará honor sobre toda nuestra colectividad, esperando que todos los elementos de nuestra raza bien inspirados, también han de prestarle su más cálido apoyo, sobreponiéndose a toda inveterada indiferencia (...) Arriba *conrazeanos!* (*Nuestra Raza*, n. 11, 1934, p. 1). [Destaques feitos pelo autor].

¹⁶⁹ Revista *Nuestra Raza*, n. 11, p. 2.



FIGURA 35 - Anúncio de que Mario Méndez havia sido eleito o primeiro presidente da Casa de la Raza

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 11, año I, jun. de 1934, p. 3.

A ideia da *Casa de la Raza* traz uma série de questões. A primeira, sobre a própria ideia de raça, já discutida ao longo do texto. A instituição fez questão de manter um nome pensado desde o surgimento da ideia, no começo do século XX. “Raça”, por si só, nesse sentido, já deixava subentendido que se tratava da comunidade negra. A identidade imposta é apropriada e utilizada para gerar laços entre esse grupo social. Além disso, podemos pensar na própria ideia de “casa”. Ao nomear dessa forma, a mensagem que se passa é que a Casa seria um lugar da “família negra”, de “irmãos de cor”, na qual todos seriam bem vindos. O projeto da Casa de la Raza já era pensado desde anos antes de sua fundação. Bottaro defendeu essa ideia diversas vezes, e foi nas páginas de *Nuestra Raza*, com o apoio dessa rede, que ele finalmente pôde tirar o projeto do papel.

Desde a criação da instituição e durante toda a sua existência, a revista se propôs a defender e divulgar seus propósitos. A organização contou com uma coluna na qual dava o resumo oficial das seções do conselho diretivo, diversos textos manifestando apoio e possibilidades para o futuro da Casa. Os textos convocavam a população negra para colaborar com o aumento da cultura da coletividade: a ascensão social e econômica, na perspectiva da

desses sujeitos, viria por meio da cultura e da educação e, como anteriormente citado, lutar por esses direitos eram questões fundamentais para o movimento de intelectuais negros do país.

Em setembro de 1934, no artigo não assinado “Un joven que quiere aprender a leer”,¹⁷⁰ o autor descreve que ao andar na rua, acidentalmente encontra uma pessoa da “raça branca” assinante da revista *Nuestra Raza*. Esse assinante não nomeado, perguntou sobre o funcionamento da Casa de la Raza e em seguida contou que havia um funcionário negro de 21 anos, analfabeto, que gostaria de aprender a ler e escrever. Quando o autor questionou sobre os cursos noturnos, o homem revelou que o jovem tinha vergonha de acompanhar as aulas com pessoas muito mais jovens. No desfecho desse diálogo, o autor descreve a importância da Casa, e que, com o devido apoio, poderia ser ela, no futuro, a responsável por auxiliar a alfabetizar *conrazaneos* na mesma situação do jovem citado. Novamente aparece uma das mais importantes culturas políticas republicanas uruguiaia: a instrução pública.

No entanto, mesmo com todos os esforços feitos por parte do grupo de editores e colaboradores, a Casa de la Raza, um ano depois de sua fundação, encerrou suas atividades em fevereiro de 1935. Pilar Barrios descreve o sentimento de frustração pela falta de participação da comunidade negra na iniciativa, algo comumente criticado pela agrupação:

Por certo que não me surpreende a cessação do funcionamento da *Casa de la Raza*, inédita instituição nascida do calor e do esforço de uns poucos *conrazaneos* de pensar alto e sentir profundamente. E não me pegou de surpresa, como se poderia pensar, porque estava pessimista quanto ao seu andamento, mas porque tinha minhas dúvidas se seria possível realizar uma iniciativa tão bonita, dada aquela coisa estranha tão profundamente enraizada em nosso meio, de aplaudir e incentivar um movimento ou iniciativa para depois ignorá-lo e dar-lhe as costas, uma vez que esteja em processo de realização. E é precisamente, diga o que quiser, o que aconteceu desta vez, como em tantas outras, é doloroso dizer, mas infelizmente, é assim. Mas acredito que desta vez tenha ido mais longe, pois quando não se tratava de um simples projeto, mas de uma organização, em princípio, sim, mas com suas bases de regulamentação bem definidas cujo propósito alto e clara finalidade não se podia duvidar. (...). (BARRIOS. *Nuestra Raza*, n. 19, 1935, p. 3).¹⁷¹

¹⁷⁰ Revista *Nuestra Raza*, n. 14, p. 2.

¹⁷¹ Por cierto que no me toma de sorpresa el cese en su funcionamiento de la Casa de la Raza, novel institución nacida al calor y al esfuerzo de unos pocos *conrazaneos* de pensar alto y profundo sentir. Y no me ha tomado de sorpresa, como podría creerse, por que fuera pesimista sobre la marcha de la misma, sino por que tenía mis dudas de si sería posible llevar a cabo tan bella iniciativa, dado esa cosa rara tan arraigada en nuestro ambiente, de aplaudir y alentar un movimiento o iniciativa para hacerle luego el vacío y darle la espalda, una vez que esta entra en vías de realización. Y es precisamente, digase lo que se quiera, lo que ha ocurrido esta ocasión, como tantas otras, es doloroso decirlo, pero desgraciadamente, es así. Pero creo yo que esta vez se ha ido más lejos, por cuando no se trataba ya de un simple proyecto, sino de una organización, en principio si, pero con sus bases de reglamentación bien definidas de cuya alta y clara finalidad no se podía dudar. (BARRIOS. *Nuestra Raza*, n. 19, 1935, p. 3).

O motivo principal do fim da instituição foi algo já recorrente na coletividade negra: a falta de apoio material e de envolvimento da coletividade nas reuniões e organizações da instituição. Se a comunidade negra no Uruguai já era uma minoria, a comunidade intelectual dentro dela era ainda menor. Os grupos envolvidos em projetos culturais como revistas, clubes, associações, eram uma parcela mínima da sociedade e encontravam muita dificuldade de se aproximar das pessoas de fora desse círculo. Ao promover ações como a Casa de la Raza, a elite intelectual negra buscava romper com essa barreira, mas sem o apoio material necessário, era uma tarefa muito difícil.

Apesar da curta vida da Casa de la Raza, sua relevância não pode ser descartada. A instituição foi uma frente prática de luta, há muito tempo idealizada, e que demonstrou a capacidade de organização desses intelectuais para realizar projetos efetivos de mudança. Não por acaso, ela foi lembrada ao longo dos 15 anos da segunda fase da revista como uma das mais importantes iniciativas realizadas pelo movimento negro uruguaio. Em 1941, em um editorial que homenageava o já falecido Marcelino Bottaro, a revista lembra:

... aquele projeto magnífico de criação da Casa de la Raza, organização que tendia a solucionar os problemas negros e que matou o egoísmo e o interesse dos círculos, miasma social que infelizmente prevalece esmagadoramente em nosso meio ambiente. (*Nuestra Raza*, n. 93, año VIII, p. 1-2).¹⁷²

A crítica feita aos “círculos” no trecho destacado é muito relevante. Querer um espaço social e apoiar as ações da comunidade negra não significava que a Agrupación Nuestra Raza apoiava indiscriminadamente todas as formas associativas feitas por pessoas negras. Na verdade, eram extremamente críticos a clubes, instituições ou qualquer que fosse o espaço que existisse visando apenas lucros e que não apoiassem, de alguma forma, a melhoria cultural da comunidade negra. Carlos,¹⁷³ em entrevista a Porzecanski & Silva (2006), explicou que naquele período, floresceram associações e que, por um tempo, o negro que tivesse uma casa ou espaço criava um clube, mas, como a maioria não tinha nada além do desejo de lucrar, duravam muito pouco. A opinião de Nuestra Raza destinada a essas instituições se referiam a essa falta de propósito ao criar um desses espaços e que, em vez disso, deveriam usar dessa energia intelectual e financeira para apoiar as instituições como a Casa de la Raza e outras que pensassem no “bem geral” da coletividade negra.

¹⁷² “... aquel proyecto [proyecto] magnífico de creación de la Casa de la Raza, organización que tendia a solucionar los problemas negros y que mató el egoismo y el interés de los círculos, miasma social que por desgracia priman en forma avasallante en nuestro medio ambiente”. (*Nuestra Raza*, n. 93, año VIII, p. 1-2).

¹⁷³ Ver nota 130.

A necessidade de um espaço para a coletividade negra também se dava pela impossibilidade de frequentar livremente os espaços “brancos”. Não foram pontuais os casos de exclusão de cidadãos negros de clubes e eventos sociais. Em fevereiro de 1936, Salvador Beterbide, que também assinava sob o pseudônimo El del Paletó, narra um evento ocorrido durante o carnaval. A Sociedad Agrícola Italiana, cujo os salões há anos representavam para a comunidade um espaço para festejos, no ano em questão não estaria disponível.

Quem nos proporcionou esse informe nos disse: ‘Esses senhores que antes não desconsideravam o dinheiro que o elemento racial contribuía como pagamento pelo usufruto do imóvel que possuíam, hoje tomam uma medida extrema e intolerável e decidem não mais alugar o imóvel para negros, e é tão ridícula a decisão, que para adotar esta medida afirmaram seria feito por licitação, competencia em que os nossos Centros, por razones económicas fundamentales, não podem intervenir.’ (...) Existe alguma razão que justifique a medida? A não ser a razão da desrazão do preconceito de cor, não pode haver outra, pois, nosso elemento, com todas as suas falhas humanas, não é uma tropa de selvagens. (EL DEL PALETÓ. *Nuestra Raza*, n. 31, 1936, p. 1).¹⁷⁴

Beterbide argumentava que a sociedade seguiria com ações semelhantes a essa, e isso só iria mudar se a coletividade negra se organizasse e se tornasse uma força social positiva, capaz de fazer valer seus direitos de cidadãos, evitando prosseguir com esse sistema odioso. No final, concluiu que a organização se impunha e que haveria de “llegar a la adquisición del local propio, cueste lo que cueste”.¹⁷⁵ Almejar um local próprio não tinha a intenção de separar as pessoas por “raças”, e sim criar espaços seguros e acessíveis. Os discursos em torno da criação desses locais eram integracionistas, a Casa, por exemplo, aceitava associados sem distinção de “raças”, mas tinha como objetivo valorizar a cultura “negra”. Era um espaço de discussão e valorização, não de exclusão.

Era durante o carnaval, momento de celebração da ancestralidade negra, que casos como o narrado por Beterbide, ficavam mais evidentes. Em 1940, algo semelhante aconteceu na cidade de Melo. No carnaval daquele ano, foi proibida a entrada “a los negros” em alguns bailes populares da cidade. Para piorar, isso teria sido responsabilidade da Comisión Municipal de Fiestas de Melo. Obelar, quem descreveu o ocorrido, chamou de barbárie o ato, afirmando que no século da civilização e filosofia, atos como esses eram inaceitáveis. Descreveu, ademais,

¹⁷⁴ Quien nos proporcionó este informe nos dijo: ‘Estos señores que antes no despreciston el dinero que como pago del usufructo del local de su propiedad aportó el elemento racial, hoy toma una medida extrema e intolerable y resuelve no alquilar más el local a los negros, y es tan ridícula la decisión, que para adoptar esta medida afirmó que llegaron a la fórmula del llamado a licitación, competencia en la cual nuestros Centros, por fundamentales razones económicas, no pueden intevenir’. (...) Hay alguna razón que justifique la medida? A no ser la razón de la sin razón del prejuicio del color, no puede haber otra, pues, nuestro elemento, con todas sus humanas falas, no es una tropa de selvajes. (EL DEL PALETÓ. *Nuestra Raza*, n. 31, 1936, p. 1).

¹⁷⁵ Revista *Nuestra Raza*, n. 31, p. 1.

que tal Comissão parecia desconhecer as leis do país e os preceitos constitucionais que não faziam diferença entre classes ou raças. Concluiu dizendo que

...ser homem de pele negra não é delito e ninguém o estabeleceu. O negro, como o branco, tem os mesmos deveres e direitos dentro da ordem e da honestidade. Criar diferenças e ódio é algo que está dentro da barbárie. O negro por lei nacional, tem o direito de entrar, sair, ir e vir nos mesmos lugares por onde o branco vai e entra. Alimentar uma ideia contrária é ser selvagem e incivilizado. Por isso, diante da atitude reprovável da *Comisión Municipal de fiestas* de Melo, como homens brancos, levantamos nossa voz de protesto com a finalidade de que esses feitos lesivos a dignidade do homem não volte a se repetir. Negros e brancos, somos todos iguais. (OBELAR. *Nuestra Raza*, n. 78, 1940, p. 3-4).¹⁷⁶

O assunto voltou a ser tema na edição seguinte da revista, mas nenhuma resolução foi tomada por parte da *Municipalidad*. O caso ficou, aparentemente, sem solução, como acontecia na maior parte das vezes. Proibir a entrada de pessoas negras em uma festa popular como o carnaval, cujas raízes eram vinculadas à história da população de origem africana no país, e que, por muitos anos, foi criminalizada nas cidades, foi uma das formas de observar o processo de nacionalização dessa festa. Ao se tornar popular na sociedade uruguaia, o carnaval deveria se tornar “branco”.

A organização da população negra, a forma como se articulava na cidade, é o que chamamos de associativismo negro. A ideia de ser parte ativa na vida social, política e cultural cidadã se manifestava na organização desse tipo de associações que eram vistas desde o século XIX, tanto pela coletividade negra, quanto pela comunidade no geral, como forma de progresso e ilustração (GOLDMAN, 2015). *Nuestra Raza* não possuiu um espaço físico, mas, se tornou o espaço-revista de muitas dessas iniciativas que encontravam em suas páginas, o diálogo com o movimento intelectual negro, bem como com as autoridades. Ao ocupar um espaço na revista mais importante da comunidade negra, o centro, clube ou associação, se apresentavam para a coletividade intelectual e mostravam o seu valor, afinal, não era qualquer instituição que poderia estar ali. A comunidade negra precisava de referências de espaços recreativos, sociais e políticos. Destes últimos, talvez, o mais importante tenha sido a criação do primeiro e único partido político feito por e para negros no Uruguai.

¹⁷⁶ ... ser hombre de piel negra no es delito ni nadie lo ha establecido. El negro, como el blanco, tiene los mismos deberes y derechos dentro del orden y de la honradez. Crear diferencias y odios es algo que está dentro de la barbarie. El negro por ley nacional, tiene derecho de entrar, salir, ir y venir a los mismos lugares donde va y entra el blanco. Alimentar una idea contraria, es ser salvaje e un incivilizado. Es por esto que frente a la repudiable actitud de la Comisión Municipal de fiestas de Melo, como hombres blancos, levantamos nuestra voz de protesta a fin de que esos hechos lesivos a la dignidad del hombre no se vuelvan a repetir. Negros y blancos somos todos iguales. (OBELAR. *Nuestra Raza*, n. 78, 1940, p. 3-4).

3.2. Das páginas, para as urnas: o Partido Autóctono Negro

Como já discutido, “raça” não é um conceito biológico, é uma categoria que foi imposta na tentativa de hierarquização social e que foi apropriada, sendo transformada em identidades de grupos heterogêneos os quais, independentemente de onde fossem, tinham vivências e experiências em comum baseadas no fato de serem negros, amarelos ou indígenas. A “raça” pôde tornar-se, então, identidade e familiaridade. Pensando nisso, a necessidade de um setor político que fosse capaz de lidar com as demandas específicas da comunidade negra, em particular o racismo, era fundamental. O racismo nunca foi um problema da comunidade negra: ele se tornou um problema social porque a “raça branca” assim o fez. Pouco se via, no entanto, por parte da camada política do país, majoritariamente branca, uma tentativa de mudar esse cenário.

A maioria dos setores políticos dentro da comunidade negra estava alinhado com o Partido Colorado. No entanto, desde a experiência fracassada de tentar candidatar José María Rodríguez e a transformação política ocorrida após o golpe de Gabriel Terra, também colorado, perceberam que mais do que um candidato, a coletividade precisava de um partido alinhado com as reivindicações sociais daquele grupo específico. Isso se tornou uma demanda dentro do movimento intelectual negro, aparecendo em diversos periódicos. Em *Nuestra Raza*, não foi diferente. As primeiras menções sobre um grupo agitando ideias de um partido político próprio aconteceram em 1935:

Insistentemente, chegaram até nós rumores de que um grupo de conrazaneos, se aguçava a ideia de iniciar os trabalhos tendentes a levantar nas próximas eleições nacionais, a candidatura a deputado de um elemento de nossa raza. Postos em averiguação, pudemos comprobar que, efetivamente, tais rumores teriam indícios de veracidad. Já comecaram algunas conversas e finalizam detalles para chegar à formação de um Comité cujo encargo será o trabalho que deberá ser realizado para o caso. Como porta-vozes da coletividade na imprensa, somos obrigados a emitir opinião, firmando nosso posicionamento sobre o assunto, que, se concretizado, daria a pauta de um movimento sério canalizado em nossos caminos. Antes de tudo, devemos manifestar que ainda quando somos refratários a toda atividade política, neste caso – desde que o candidato que surja seja um autêntico representante da raza negra, saindo de suas filas – ele contaria não apenas com a adesão, mas também com o franco e determinado apoio da revista NUESTRA RAZA. (*Nuestra Raza*, n. 29, 1935, p. 1).¹⁷⁷

¹⁷⁷ “Con insistencia llegabam hasta nosotros los rumores de que entre un grupo de conrazaneos, se agitaba la idea de iniciar los trabajos tendientes a levantar en las venideras elecciones nacionales, la candidatura a diputado de un elemento de nuestra raza. Puestos en tren de averiguaciones, pudimos comprobar que, efectivamente, tales rumores tenían visos de veracidad. Se han iniciado ya algunas conversaciones y se ultiman detalles para arribar a la formación de un Comité a cuyo cargo estarán los trabajos que para el cado deberán realizarse. Como portavoces de la colectividad en la prensa, estamos obligados a emitir opinión, fijando nuestrea posición en este asunto, que de concretarse, daría la pauta de un movimineto serio encauzado por nuestras sendas. Ante todo debemos

Na edição seguinte, o tema foi assunto do editorial. Nele, o autor descreve que a intervenção da coletividade negra em campanhas eleitorais não era uma novidade, mas que um novo caminho seria seguido. A nova intervenção deveria ser de “espírito racial”, distante de toda filiação política.¹⁷⁸ O cunho racial deveria primar, vencendo o preconceito tradicional e evitando lados. Essa suposta neutralidade seria para evitar qualquer assunto que não se tratasse da melhoria cultural da comunidade negra. Apesar da proposta de unidade racial, a ideia de um partido gerou críticas na comunidade.

Em fevereiro de 1936, Cleanto Noir¹⁷⁹ publica na revista o texto “Amigos o Enemigos?”, no qual comenta que certas pessoas ditas amigas da Agrupación Nuestra Raza estariam criticando a ideia de um partido ou candidato. O autor, um dos colaboradores mais ativos da revista, então, afirma que *Nuestra Raza* coloca sua coluna à disposição de todos que cheguem a ela com um discurso cultural e honesto.¹⁸⁰ Na mesma edição, Cizne de Juncal, colaborador e participante da publicação desde sua primeira edição em 1917, também critica esse “velho mal” da coletividade negra em não apoiar iniciativas.

Existe aqui o inveterado e feio costume de fingir ridicularizar e até colocar obstáculos a todo o trabalho que seja feito em benefícios da raça. Tal aconteceu com a campanha eleitoral que iniciamos em prol de um candidato surgido de nossas filas. Se por um lado pessoas de estimula dentro de nosso meio apresentaram sinceramente parabenizações, incentivando-nos a continuar o trabalho empreendido pela ordem e promoção social da coletividade de cor, por outro lado recebemos vozes desfavoráveis, críticas brandas e propagandas contrárias a nossa prédica, emanadas do menor, dos quietistas, daqueles que nada fazem pela raça. (JUNCAL. *Nuestra Raza*, n. 31, 1936, p. 4).¹⁸¹

manifestar, que aun cuando somos refractarios a toda actividad política, en este caso – siempre que el candidato que surgiera fuera un auténtico representante de la raza negra, salido de sus filas – contaría no tal solo con ella adhesión sino también con el franco y decidido apoyo de la revista NUESTRA RAZA”. (*Nuestra Raza*, n. 29, 1935, p. 1).

¹⁷⁸ *Nuestra Raza*, n. 30, p. 1.

¹⁷⁹ Cleanto Noir foi o pseudônimo utilizado por Félix Sandálio del Puerto (BUSTAMANTE, 2017), um assíduo colaborador da revista em sua segunda fase, tendo textos publicados do começo ao fim do periódico. Sandalio del Puerto tinha uma empresa de construção – cuja a propaganda aparece nas páginas de a *Nuestra Raza* (p. 90 desta dissertação). Socialista, era um homem de ideias políticas bem definidas (GASCUE, 1988).

¹⁸⁰ *Nuestra Raza*, n. 31, p. 4.

¹⁸¹ “Existe aqui la inveterada y fea costumbre de pretender ridicularizar y hasta ponerle trabas a toda obra que se haga en beneficio de la raza. Tal nos ha pasado con la campaña electoral que iniciamos en pro de un candidato surgido de nuestras filas. Mientras que por un lado personas de estimación dentro de nuestro medio nos han presentado sinceramente sus plácemes alentándonos a continuar la obra emprendida por el orden y el adelanto social de la colectividad de color, por otro lado nos llegan voces desfavorables, criticas insulsas y propagandas contrarias a nuestra prédica, emanadas ellas de los menos, de los quietistas, de los que nada hacen por la raza”. (JUNCAL. *Nuestra Raza*, n. 31, 1936, p. 4).

A existência de uma comunidade negra organizada não pode pressupor que esta seja um grupo heterogêneo de pensamentos políticos, culturais e sociais. Muitos setores intelectuais negros do país ainda eram fortemente vinculados aos dois principais partidos políticos do país, os *Blancos* e os *Colorados*. Apesar disso, a equipe não cessou a campanha para a construção do partido. Em março de 1936, a equipe entrevista Salvador Beterbide, um dos intelectuais negros mais influentes e respeitados do período e principal impulsor da ideia. O tema principal da entrevista, como é de se supor, foi sobre a campanha eleitoral, na qual Beterbide sustentou que as portas estavam abertas para qualquer cidadão, sem distinção de classe e que a proposta era não se submeter a bandeiras ou a tradicionalismos. Nuestra Raza anunciava, ademais, que a revista, logo que surgiram os primeiros rumores de formação desse espaço, já apoiava a iniciativa.¹⁸²

Outro nome importante na comunidade negra que defendeu a iniciativa foi Mario Rufino Méndez, também entrevistado pela revista em abril de 1936. Na ocasião, Méndez afirma que todos os “congêneres” que estivessem aptos a defender os seus direitos de cidadãos deveriam se inscrever para votar nas próximas eleições. Além disso, o caricaturista criticou a apatia com a qual a raça vivia acerca dos próprios problemas e do apoio a iniciativas que almejavam mudanças. Ainda de acordo com Méndez, os políticos do país, de um modo geral, “esqueceram” dos negros e eles, enquanto comunidade, sabiam como viviam no presente e, portanto, deveriam se preocupar em viver melhor no futuro.¹⁸³ Méndez foi um dos políticos mais importantes do partido.

Após vários textos acerca da proposta de criação de um partido próprio e em resposta às críticas recebidas pela iniciativa, um primeiro passo foi dado: no dia 9 de maio de 1936 se realizou na Asosación Fraternidad o primeiro ato para a criação do partido, uma assembleia preliminar, convocada pelo Comité provisorio de la raza negra pro campaña electoral. No editorial da revista do mês em questão, afirmavam que, apesar das muitas circulares anunciando o evento, a ocasião não conseguiu reunir o número esperado de colaboradores.¹⁸⁴ Além disso, anunciavam que a próxima assembleia se realizaria no mesmo local e no dia 23 do mesmo mês. *Nuestra Raza* reforça o chamado:

Esta campanha de carácter eleitoral a que se pensa levar a raça como coletividade com ansios e sentimentos cidadãos está completamente despossuída de toda questão

¹⁸² *Nuestra Raza*, n. 32, p. 4.

¹⁸³ *Nuestra Raza*, n. 33, p. 3.

¹⁸⁴ *Nuestra Raza*, n. 34, p. 1.

partidária e filosófica. Portanto, nenhum dos nossos pode fugir da luta, especialmente nesta hora de indecisão e mal-estar universal. – Esperamos que o interesse inegável desta nova etapa na vida da coletividade tenha nesta nova assembleia a presença de um grande número e dê a justificação do primeiro passo. (*Nuestra Raza*, n. 34, 1936, p. 1).¹⁸⁵

As informações sobre a assembleia do dia 23 de maio foram dadas na edição de junho de *Nuestra Raza*. O segundo evento recebeu a presença de aproximadamente trinta pessoas; abriram a mesa Mario F. Méndez e Elemo Cabral. Para mais, a reunião contou com uma exposição de Salvador Beterbide. Na fala transcrita na revista, o grupo anunciava que a tentativa de levar ao Parlamento Nacional um representante da “raça negra” partiu de uma iniciativa do núcleo de intelectuais articulados que produziam a revista *Nuestra Raza*. As preocupações do grupo passavam especialmente pela melhoria cultural e material da “raça negra”, bem como pelo reconhecimento da colaboração da comunidade para a sociedade e o progresso. Além disso, falaram acerca da situação do fascismo no mundo e sobre a relação entre a cor da pele e o trabalho, seja para um emprego uma promoção. Ademais, expressaram alguns pontos básicos de orientação do futuro partido, apresentando que

... Lutaremos incansavelmente e interviremos inexoravelmente em todos os problemas sociais, nossa ação deve ser determinada em favor dos despossuídos contra os opulentos, em favor dos oprimidos contra os opressores, em favor da conquista de uma verdadeira justiça social de que a humanidade está ainda, infelizmente, longe de conseguir, mas que fatalmente tem que ser alcançado porque ela merece. E lutaremos, também, incansavelmente contra todas as mais ou menos novas correntes que sob os rótulos de fascios ou imperialistas guerreiras, ameaçam a existência da Democracia e do Direito. (*Nuestra Raza*, n. 35, 1936, p. 5-6.)¹⁸⁶

Apesar de tentar manter uma neutralidade, era possível perceber que os idealizadores do partido mantinham posicionamentos muito claros: buscavam políticas sociais para a melhoria da comunidade como um todo e eram contra o imperialismo e os regimes totalitários. Na mesma edição do trecho destacado, outro texto revela a criação de um novo comitê central executivo e, pela primeira vez, é citado o nome do Partido Autóctono Negro (PAN).

¹⁸⁵ Esta campaña de carácter electoral a que se piensa llevar a la raza como colectividad con anhelos y sentires ciudadanos está completamente desposeída de toda cuestión partidaria y filosófica. Por lo tanto ninguno de los nuestros puede rehuir la lucha, máxime en esta hora de indecisión y malestar universal. – Esperamos que el interés innegable de esta etapa nueva en la vida de la colectividad ha de contar en esta nueva asamblea con la presencia de un gran número y ha de dar la justificación del primer paso. (*Nuestra Raza*, n. 34, 1936, p.1).

¹⁸⁶ ... Lucharemos incansablemente e interviremos inexoravelmente en todos los problemas sociales, debiendo determinarse nuestra acción en favor de los desheredados contra los opulentos, en favor de los oprimidos contra los opresores, en favor de la conquista de una verdadera justicia social de la que la humanidad esta aún, desgraciadamente, algo lejos de conseguir, pero que fatalmente ha de conseguir porque la merece. Y lucharemos asimismo incansablemente contra todas las más o menos nuevas corrientes que bajo las etiquetas de fascios o imperialismos guerreros amenazan la existencia de la Democracia y el Derecho. (*Nuestra Raza*, n. 35, 1936, p. 5-6).

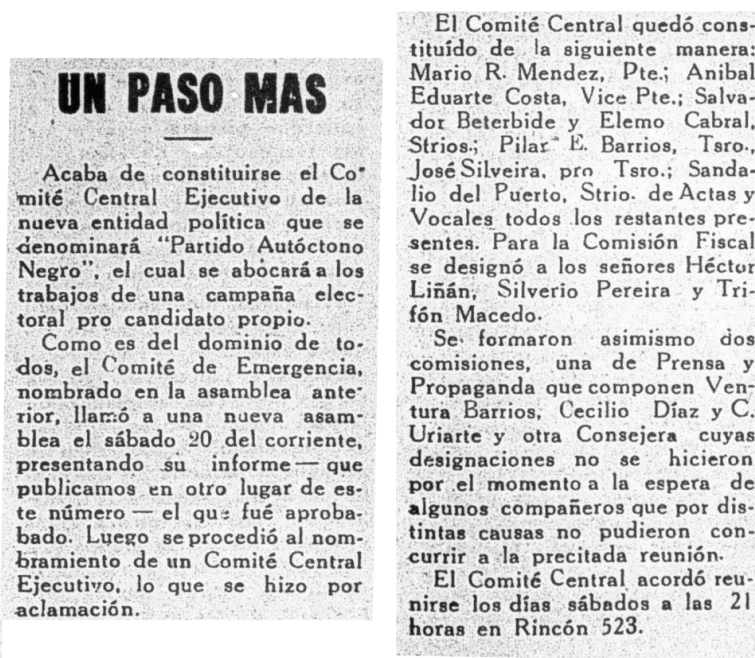


FIGURA 36 - Texto que anuncia o *Comité Central Ejecutivo* da nova entidade política: o Partido Autóctono Negro.

Fonte: *Nuestra Raza*, n. 35, año III, jun. de 1936, p. 11.

Em meio à discussão acerca da criação do partido e da participação política da coletividade negra, a questão do voto feminino também aparece. A maioria dos textos que convocava a população a votar e que incluía a presença das mulheres, quase sempre iam no sentido de convidá-las a se juntarem à causa. Maruja Pereira, entretanto, parecia preocupada com o voto obrigatório feminino. Pereira não era contra o voto feminino, pelo contrário: ela apenas acreditava que, como já havia dito em diversos momentos em seus textos, a mulher deveria se integrar e se instruir antes de exercer esse direito, uma vez que eleger um representante seria algo muito importante. Ao fim, Maruja Pereira convoca:

Mulher negra! Comece você a dar esse exemplo; estuda, se interesse por tudo que seja saber. Nestes momentos em que a raça negra necessariamente tem que se reivindicar, chegou o momento de termos um candidato para defender nossos direitos e nós não podemos permanecer indiferentes. (*Nuestra Raza*, n. 40, 1936, p. 9).¹⁸⁷

Em 9 de janeiro de 1937, em meio à ditadura de Gabriel Terra, a corte eleitoral aceita o registro do PAN com caráter permanente: a petição foi assinada pelos colaboradores Pilar Barrios, Aníbal Duarte, Carmelo Gentile, dentre outros membros da comunidade intelectual

¹⁸⁷ Mujer negra! Empieza tu por dar ese ejemplo; estudia, interesate por todo lo que sea saber. En estos momentos en que la raza negra forzosamente tiene que reivindicarse, ha llegado el momento de tener un candidato para defender nuestros derechos y nosotras no podemos permanecer indiferentes. (*Nuestra Raza*, n. 40, 1936, p. 9.)

negra. O editorial de *Nuestra Raza*, no dito mês, trazia uma imagem da circular de aceitação da corte eleitoral do PAN e anunciava:

Com a aceitação por parte da *Corte Electoral* do registro do *Partido Autóctono Negro*, [nos] salvamos [de] um grande obstáculo na luta empreendida em prol da obtenção de um representante da coletividade que interprete das cadeiras legislativas, as aspirações e sentimentos da raça negra. (...) A iniciativa de *Nuestra Raza*, que recolheu auspiciosamente um selete grupo de congêneres, é a primeira vez que surge nesse sentido dentro da vida institucional da nossa República, desde os alvares da independência. Em tempos não muito distantes, outros movimentos foram realizados na tentativa de levar um congênere à Câmara dos Deputados. Mas esses movimentos não puderam ser a expressão genuína do sentimento coletivo, pois o candidato ia especialmente apoiado com o lema de um dos partidos tradicionais. (*Nuestra Raza*, n. 42, 1937, p. 1). [Grifos do autor].¹⁸⁸

¹⁸⁸ Con la aceptación por parte de la *Corte Electoral* de la inscripción del *Partido Autóctono Negro*, hemos salvado un gran escollo en la lucha emprendida en pro de la obtención de un representante de la colectividad que interprete desde los escaños legislativos, las aspiraciones y sentires de la raza negra. (...) La iniciativa de *Nuestra Raza*, que recogiera auspiciosamente un grupo selecto de congéneres, es la primera vez que surge en tal sentido dentro de la vida institucional de nuestra República, desde los albores de la independencia. En épocas no muy lejanas, otros movimientos se han realizado tendientes a llevar un congénere a la Cámara de Representantes. Pero esos movimientos no pudieron ser nunca la genuina expresión del sentimiento colectivo, por cuando el candidato iba especialmente apoyado con el lema de uno de los partidos tradicionales. (*Nuestra Raza*, n. 42, 1937, p. 1).

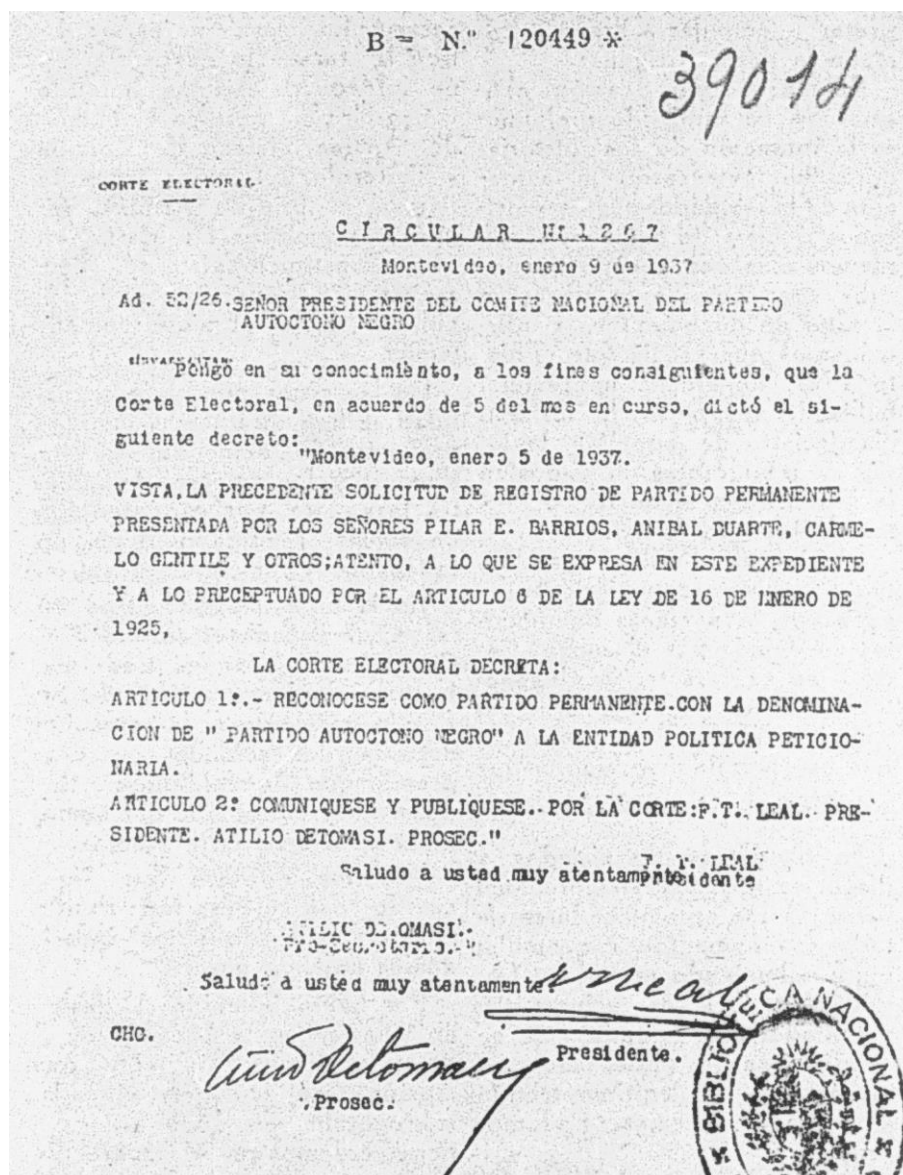


FIGURA 37 - Trecho da revista com a circular de aceitação do registro do PAN na Corte Eleitoral

Fonte: Revista Nuestra Raza, n. 42, año IV, jan. de 1937, p. 1.

Entre a primeira vez que o nome do partido aparece, em junho de 1936, e o seu registro oficial, em 1937, muitos textos trataram do assunto. Realizaram algumas reuniões, definiram pautas e organizaram toda a estrutura, elegendo os secretários, tesoureiros, representantes, candidatos. Nesse tempo, ainda, o grupo sofreu um forte baque: morre Salvador Betervide, idealizador do PAN e um dos intelectuais mais respeitados do período. Isso, como veremos mais adiante, impactou o futuro no partido. Como anteriormente demonstrado, em razão da heterogeneidade de pensamentos dos membros da coletividade envolvidos na ideia do partido, ele nunca chegou a formular um viés ideológico claro desde o início da sua organização, enfatizando seu discurso especialmente na identidade racial. Evocar a solidariedade entre

conrazaneos deveria ser, portanto, uma estratégia suficiente para convencer a população negra a votar.

A ideia de um partido próprio para a comunidade negra era algo inovador: o PAN foi, como citado anteriormente, um dos três primeiros partidos feitos por e para a coletividade negra na América. É interessante observar, ademais, que os dois primeiros partidos foram fundados em Cuba e no Brasil, países em que parte significativa da população era negra ou “não branca”. O Uruguai, ainda que possuísse uma porcentagem de negros muito menor do que os dois citados, ao criar um partido com intenções de lutar pela comunidade negra, demonstrava, portanto, a organização e movimentação política desses ativistas. A primeira experiência da qual se tem notícia é do cubano Partido Independiente de Color (PIC), fundado em 1908 e dissolvido em 1912. Já o segundo, a Frente Negra Brasileira (FNB), em 1936.

De acordo com a pesquisadora María Elena Oliva, o Partido Independiente de Color, em sua proposta, incluía os negros como oprimidos pela classe social e pela raça, e essa seria a razão pela qual procuraram representar seus interesses no parlamento (Oliva, 2022, p.498). A autora ainda apresenta que o PIC não só incomodou, mas que suas manifestações levaram a um massacre: o *masacre del doce* foi um levante ocorrido em Cuba, organizado e protagonizado pelo PIC, na tentativa de reivindicar por igualdade, e que acabou com a morte de mais de mil negros, ocasionada pelas forças do governo central. Oliva ainda acrescenta que o evento marcou a população negra em Cuba, tanto nas práticas organizacionais, sociais e políticas, quanto em seus discursos, ou mesmo na imprensa (Idem).

A Frente Negra Brasileira, por sua vez, foi uma entidade fundada em 1931, no estado de São Paulo, que tinha como objetivo principal defender os direitos civis dos negros brasileiros. Para colaborar com a divulgação de seus ideais, a entidade contava com a publicação *A Voz da Raça*. Em 1936, se organizaram como partido político, que durou pouco já que, no ano seguinte, Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional, outorgando uma nova Constituição. Foi iniciado o Estado Novo e, pouco tempo depois, um decreto aboliria todos os partidos políticos, obrigando a FNB a encerrar suas atividades (SOTERO, 2015). A dissolução do grupo viria, entretanto, no ano seguinte, principalmente em razão de conflitos internos: enquanto Arlindo Veiga dos Santos, um dos dirigentes, se achava ligado ao Movimento Patrianovista, de direita, o outro, José Correia Leite, se filiava ao pensamento socialista.¹⁸⁹ O

¹⁸⁹ Verbete Frente Negra Brasileira, CPDOC.

partido nunca chegou a participar de nenhuma eleição. Nem o Partido Independiente de Color e nem a FNB tiveram relações diretas com o PAN.

Segundo Álvaro Gascue, dos aspectos doutrinários do PAN, seu discurso girou ao redor de três eixos: a denúncia à discriminação ocupacional; a unidade de interesses comuns com os setores mais despossuídos e apoio às iniciativas que beneficiassem o país; e a obter representação parlamentar para a comunidade negra (GASCUE, 1988). De acordo com o *Manifiesto del P.A.N.*, publicado originalmente em 1937 e republicado na *Revista Ansina* em maio de 1940, qualquer cidadão do país poderia ser admitido, desde que gostasse das ideias e estivesse disposto a ajudar. O PAN também buscava elevar o nível social e cultural da raça negra, para que no futuro, os filhos fossem cada vez mais capazes e pudessem sair do lugar onde se encontravam. O manifesto propunha, ademais, a criação de bibliotecas, a organização de conferências culturais e manifestações artísticas.¹⁹⁰

Dentre as formas de campanha feita pela revista *Nuestra Raza* para o PAN, além de eventos e reuniões semanais, o grupo insistia que os cidadãos e cidadãs negros se inscrevessem para votar, afinal, muitos membros da comunidade negra ainda não haviam se registrado para participar das eleições – o que também mostra o isolamento da vida política. Ainda que tenham tentado estabelecer um periódico próprio para o partido,¹⁹¹ foi *Nuestra Raza* a principal portavoz do PAN, inclusive divulgando em suas páginas, que naturalmente possuíam um número mais expressivo de leitores, textos outrora publicados nas páginas do jornal oficial. O PAN ilustrou as páginas e as capas da revista *Nuestra Raza*.

¹⁹⁰ Revisa *Ansina*, n. 2, p. 20.

¹⁹¹ O Periódico “PAN” teve o seu primeiro número publicado em abril de 1937, sendo o redator responsável Sandalio del Puerto (GASCUE, 1988).



FIGURA 38 - Capa da revista *Nuestra Raza* número 44.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 44, año IV, mar. de 1937.

Em outubro de 1937, é publicado na revista um pequeno texto com algumas resoluções tomada pelo PAN em relação ao seu corpo diretivo. O Comitê Central havia estabelecido que Mario Rufino Méndez seria o presidente, Carmelo Gentile seria o secretário geral, bem como o redator responsável pelo órgão oficial. Elemo Cabral seria secretário e Pilar Barrios, tesoureiro. A formação gerou algumas controversas, especialmente em relação à presidência de Méndez.

O Partido também contou com subcomitês no interior do país. Em maio de 1937, o correspondente de *Nuestra Raza* em Rivera comunicou a proposta de constituição de um sub

comitê na cidade fronteiriça.¹⁹² Ademais, o mesmo texto informa que, conforme publicado no jornal oficial do partido, um comitê com o mesmo propósito estaria se formando em Cerro Largo. Precisamente em Cerro Largo e Rivera, bem como Artigas, Tacuarembó e Rocha, de acordo com o autor, foram centros que contaram com os núcleos mais fortes da raça negra, não só por números, mas pela homogeneidade dos centros sociais e organizações sólidas.¹⁹³ O Centro Uruguay, referência de organização negra no país, por exemplo, se localiza na cidade de Melo capital de Cerro Largo. O subcomitê de Rivera, Comité Departamental del Partido Autóctono Negro, foi constituído oficialmente em julho de 1937, tendo como presidente Alfonso Sosa. O dito comitê lançou a público um manifesto que é transcrito na íntegra, na revista daquele mês, juntamente com uma mensagem destinada a Pilar Barrios, presidente do Comité Ejecutivo del PAN.

Em novembro de 1937, o Comité Central del Partido anunciava que mandaria delegados para Cerro Largo e Rivera, com a intenção de divulgar e convidar a raça a embarcar no movimento eleitoral. De acordo com o editorial da revista, estes embaixadores enviados aos departamentos têm um saudável aspecto:

...preparar os nossos anfitriões para a próxima disputa eleitoral e reparar uma injustiça, unindo laços raciais, que, por motivos que não é o caso de especificar neste artigo, sua ligação foi negligenciada, talvez esquecendo, como na física, as moléculas dispersas não podem formar partículas e sem estas é impossível obter corpos. (*Nuestra Raza*, n. 53, 1937, p. 1).¹⁹⁴

A visita a Melo foi noticiada na revista n.º 54, em janeiro de 1938. O grupo, composto por Mario Méndez, Ventura Barrios e Elemo Cabral, foi recebido na cidade pelos dirigentes do Centro Uruguay. Realizaram uma conferência na qual falaram sobre o partido, objetivos, união da raça negra, e lembraram de Beterbide e suas ações. Após o evento, celebraram um baile nos salões da instituição em honra à delegação. Em linhas gerais, tentaram dialogar com um povo que consideraram democráticos, mas exageradamente tradicionalistas.¹⁹⁵ A integração com o interior é algo presente em *Nuestra Raza* e muito importante de se destacar, uma vez que o núcleo intelectual concentrado na capital nem sempre dava a devida atenção às questões dos

¹⁹² *Nuestra Raza*, n. 46, p. 1.

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ ...preparar nuestras huestes para la próxima contienda electoral y reparar una injusticia, uniendo vínculos raciales, que, por razones que no es del caso precisar en este artículo, se había descuidado su ligazór, olvidando quizás, como en física, las moléculas dispersas no pueden formar partículas y sin estas es imposible la obtención de cuerpos. (*Nuestra Raza*, n. 53, 1937, p. 1).

¹⁹⁵ *Nuestra Raza*, n. 54, p. 3-4.

negros no interior do país, que enfrentavam dificuldades próprias. Ao criar os subcomitês, esses indivíduos se integravam à vida política e colocavam em pauta suas questões com o movimento político da capital. O membro da “raça negra” eleito deveria, afinal, ter atenção de todos os negros uruguaios.

A primeira e única eleição geral que contaria com a participação do PAN, ocorreu em 27 de março de 1938. No dia 25 desse mês, apenas dois dias antes das eleições, *Nuestra Raza* publicou uma edição voltada ao partido, trazendo a lista de candidatos já na capa, além de diversos textos convidando a coletividade a votar.



FIGURA 39 - Capa da revista *Nuestra Raza* trazendo o folheto com os candidatos do PAN

Fonte: (Revista *Nuestra Raza*, n. 55, año V, mar. de 1938.)

No editorial da edição em questão, o grupo anunciava que pela primeira vez dentro da vida institucional da República, a comunidade negra dava um passo adiante, se juntado à

campanha eleitoral movida por impulsos próprios, esquivando-se de tradicionalismos e atenta aos diversos problemas há anos debatidos e enfrentados. Descrevem, ademais, que o êxito do PAN seria o êxito de toda a coletividade negra, que colheria seus frutos a longo prazo.¹⁹⁶ A edição aprendeu imagens dos candidatos, textos, artigos e chamadas convidando a coletividade a votar.

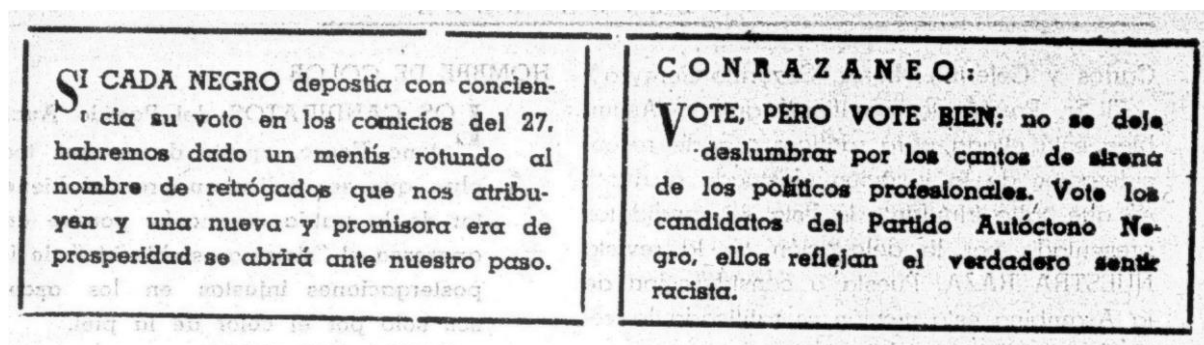


FIGURA 40 - Trechos convocando os leitores de Nuestra Raza a votar.

Fonte: Revista Nuestra Raza, n. 55, año V, mar. de 1938, p. 4.)

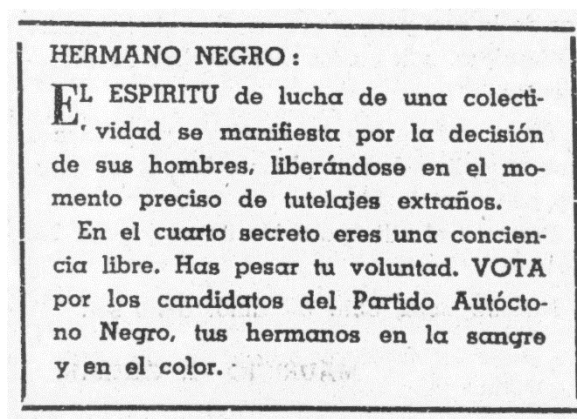


FIGURA 41 - Outro trecho estimulando os leitores da revista *Nuestra Raza* a votarem nos candidatos do PAN.

Revista *Nuestra Raza*, n. 55, año V, mar. de 1938, p. 12.

As eleições gerais de 1938, da qual o PAN participou, foi muito diversa. Além da presença do partido feito por e para a comunidade negra, o comício também contou com o Partido Independiente Demócrata Feminista, que mantinha uma lista unicamente feminina, encabeçada por Sara Rey Álvarez.¹⁹⁷ Foi, inclusive, a primeira eleição de âmbito nacional em

¹⁹⁶ *Nuestra Raza*, n. 55, p. 1.

¹⁹⁷ Clementina Gómez Fernández compôs para o Partido Democrata Feminista um hino, cuja partitura foi executada em uma de suas reuniões. Em razão disso, Gómez Fernández recebeu uma nota do comitê executivo do partido feminista em agradecimento, ressaltando a beleza de sua música e o anseio pela solidariedade feminina. A nota, assinada por Sara Rey e Leonor Tizón, foi publicada na revista *Nuestra Raza* em outubro de 1936.

que votaram as mulheres no país,¹⁹⁸ o Partido Comunista del Uruguay e Partido Socialista del Uruguay, além de outras instituições menores. Apesar disso, a maioria dos votos ficou concentrada nos partidos “tradicionais”: o Partido Nacional e o Partido Colorado, tendo o segundo conseguido o maior número de deputados, além de eleger o presidente, Alfredo Baldomir.

Apesar dos muitos esforços observados nas páginas da revista, o PAN obteve apenas 84 votos, todos referentes à cidade de Montevideu, cifra muito inferior ao necessário para conquistar uma cadeira. Na edição seguinte às eleições, um dos textos diz que a comunidade negra votante de Montevideu deveria ter pelo menos cinco mil elementos aptos para votar e nem metade disso optou por eleger os *conrazaneos*. As contas, na verdade, apontam que os negros votantes eram um número ainda maior. Palermo explica:

Para conquistar uma cadeira por Montevideu se necessitava de aproximadamente 2.100 votos, uma cifra possível de acordo com a quantidade estimada de afrodescendentes, uns 7% da população total. Dito de outra forma, se necessitava de 10% dos votantes da coletividade afro para obter um assento. (PALERMO, *Revista Práxis*, 2019, p. 21). [Traduzido do espanhol.]

O catastrófico resultado desanimou os integrantes do grupo. Cleanto Noir escreveu que a experiência com as eleições deixou, em geral, uma expressão de tristeza. O autor descreve que, mesmo que não ganhassem, esperava um número maior nas urnas, e que tal resultado faria muitos desistirem do movimento, mas que era necessário criar uma frente organizada e não ser derrotista.¹⁹⁹ O partido, apesar da derrota, se manteve em funcionamento, tendo, agora, *Nuestra Raza* como sua única porta-voz – o órgão oficial do PAN teve sua última publicação em dezembro de 1937.

Em entrevista a Gascue (1988), Maruja Pereira relewa que Pilar Barrios, seu esposo, se sentiu muito traído com o resultado. De acordo com a mulher, muitos membros da coletividade negra falavam com Ventura e Pilar que iriam votar nos membros do partido, mas isso não aconteceu. Pereira acrescenta que trabalhou muito na campanha do PAN, embora não pudesse comparecer a todos os eventos, uma vez que as mulheres não iam às reuniões políticas. Alberto Britos, também em entrevista a Gascue, conta que os atos eram muito simples, mas que os

¹⁹⁸ A mulher havia votado uma primeira vez em 3 de julho de 1927, mas em um plebiscito para decidir a jurisdição de Cerro Chato, uma região localizada na interseção entre os departamentos de Florida, Durazno e Treinta y Tres. Sobre a votação de Cerro Chato, mais informações podem ser encontradas no site do Parlamento Legislativo do Uruguai. Disponível em: <<https://parlamento.gub.uy/noticiasyevenos/noticias/node/94946>>. Acesso em: 1º de mar. de 2022.

¹⁹⁹ *Nuestra Raza*, n. 56, p. 2.

dirigentes do partido pensavam que poderiam convencer os membros da coletividade e seus familiares, mas, no fim das contas, esses sujeitos sempre preferiam votar nos *blancos* ou *colorados*, especialmente se esses políticos tivessem feito algo para ajudar suas famílias.

Ainda de acordo com Gascue, na década 1940, o partido passa por um racha: de um lado, um grupo liderado por Marío Rufino Méndez, então presidente do partido. De outro, um grupo impulsionado por Aníbal Duarte Costa, Ismael Arribio e Inácio Suarez Peña. Apesar de duas frentes genuínas, que buscavam os melhores interesses para a comunidade negra, a rivalidade sociocultural desses sujeitos não permitia um bom diálogo. A fração liderada por Duarte, Arribio e Suarez Peña acusava Méndez de não entender as mazelas vivenciadas pela maior parte da coletividade negra. Méndez, afirmavam, tinha uma oficina tipográfica, um carro, uma casa no bairro *Pocitos*,²⁰⁰ portanto, ele não sabia o que era de fato ser negro. Por outro lado, descartá-lo não seria algo tão simples: além da importante influência do caricaturista na comunidade, como vimos, ele foi grande financiador não só do partido, mas da própria revista. Além disso, Méndez tinha os seus próprios apoiadores.

A relação entre “raça” e “classe” se apresenta muito evidente, especialmente se pensarmos no racha do PAN. Os negros ocupavam, como já demonstrado, os setores mais humildes da sociedade. Por essa razão, na leitura desses intelectuais, o problema de “raça” não poderia deixar de ser, também, um problema de classe. A população negra sofria com o racismo e com as exclusões sociais e econômicas causadas pelo próprio sistema. Nessa leitura, para a ala do partido composta com Duarte, Arribio e Suárez Peña, Méndez seria incapaz de pensar os problemas de raça, uma vez que não sofria com os problemas de classe. Essa era uma argumentação que se aproximava com a de Pereda Valdés em seu livro *Línea de Color*:

A raça negra aspira no Uruguai elevar seu nível econômico e intelectual. Suas lutas e vicissitudes não são estranhas às ideias de emancipação do proletariado e é de se esperar que a comunidade de cor se aproxime cada vez mais dos ideais da luta dos trabalhadores negros nos Estados Unidos, que atualmente lidera o caminho da criação de um novo mundo onde os negros gozem de todos os direitos que correspondem aos brancos. Problema de classe e não de raça, repetimos. (PEREDA VALDÉS, 1938, p. 218). [Traduzido do espanhol].

Pereda Valdés não desacreditava na existência do preconceito racial, mas sim que ele existia especialmente em razão do sistema em que viviam.

²⁰⁰ O bairro de Pocitos é um bairro de classe média e classe média alta de Montevideú. É conhecido pela praia de mesmo, um dos locais mais visitados da cidade.

Apesar de o PAN aparecer com menos frequência, em razão das muitas questões internas, em janeiro de 1942 é publicado na revista uma nota do Comité Ejecutivo Nacional do partido. Nela, referiam-se especialmente às próximas eleições gerais, que seriam realizadas em março do mesmo ano. Ademais, o texto assinado pelo vice presidente e o secretário geral, descreve que o partido nasceu por uma inspiração clara de justiça e que o resultado adverso de 1938 não podia ser o motivo para permanecer indiferente nas eleições vindouras. A nota ainda informa que a instituição seguia sendo dirigida por cidadãos honestos como Mario R. Méndez e que, por tudo isso e por amor à raça negra, deveria renascer em todos a confiança para continuar com a luta pela melhoria cultural da coletividade e o triunfo do partido.²⁰¹

Os conflitos internos, no entanto, não permitiriam que o PAN participasse das eleições seguintes. Em fevereiro do mesmo ano, um mês antes das eleições, Mario R. Méndez enviou para *Nuestra Raza* uma carta aberta para publicação.²⁰² Na carta, Méndez agradece ao espaço sempre cedido pela revista e anunciava o último ocorrido: em agosto do ano anterior, o grupo de Aníbal Duarte e Ismael Arribio, que contava com Severino Pereira, Luis Mansilla e Juan F. Chagas, teria se apoderado de diversas coisas, móveis e úteis da sede do Comité Ejecutivo de Partido Autóctono Negro. Além disso, teriam pegado duas bandeiras, uma nacional e outra de Artigas, que eram do próprio Méndez. Os mesmos senhores, de acordo com Méndez, se dirigiram à *Corte Electoral* solicitando a retirada do presidente de seu cargo, mas a corte não aceitou tal pedido. Méndez teria solicitado a devolução dos itens e, na ausência de resposta, publicou a carta aberta para *Nuestra Raza*. Tal reclamação, no entanto, não obteve resposta nas páginas da mesma revista. Os conflitos internos só diminuiriam com a morte de Mario R. Méndez, em junho de 1942.

Logo após o falecimento de Méndez, ainda no ano de 1942, o partido, apesar de enfraquecido, passou por uma renovação em seu quadro de autoridades, e sua antiga base volta aos cargos principais. O novo Comité Ejecutivo contava com a presidência de José Silveira, sendo o vice presidente, Pilar Barrios. Os secretários gerais seriam Sandalio del Puerto e Carmelo Gentile, e os secretários de atas Elemo Cabral, Ventura Barrios e Pedro Correa.²⁰³ Em abril de 1944, o PAN fez sua última convocatória. Nela, chama os afiliados para uma assembleia geral que seria realizada em maio daquele ano para resolver assuntos concernentes à existência

²⁰¹ *Nuestra Raza*, n. 101, p. 9.

²⁰² *Nuestra Raza*, n. 102, p. 12.

²⁰³ *Nuestra Raza*, n. 110, p. 2.

do partido, e que isso seria resolvido independentemente da quantidade de afiliados que se apresentassem.

Como já anunciava o tom da última nota, em julho de 1944 o partido se dissolve e todos os seus poucos bens são doados para a revista *Nuestra Raza*. A ata levantada foi publicada na revista, com destaque para a fala de Elemo Cabral:

Tendo em vista o pouco clima obtido no movimento político por parte da coletividade, declara-se uma imposição nas atividades e doa-se a revista NUESTRA RAZA os objetos seguintes (...). Esta monção é ampliada pelo senhor José Silvera, no sentido de que foram doados a referida publicação racial todos os bens pertencentes ao Partido (*Nuestra Raza*, n. 131, 1944, p. 10).²⁰⁴

A notícia também foi divulgada em outros meios da imprensa negra uruguaia. Dois meses após a dissolução do partido, o periódico *Acción* transcreve em suas páginas o texto apresentado em *Nuestra Raza*.²⁰⁵

Apesar de não ter conquistado a tão sonhada representatividade política, o PAN nos mostra muitas conquistas importantes. A primeira delas é o marco histórico de ser o primeiro partido político voltado à população negra do país. Ter um partido “negro” em meio às eleições gerais, mostrava ao país a força e vivacidade de uma comunidade ignorada e excluída do repertório nacional. A organização política desses sujeitos também é algo significativo. Como citado, o grupo contava com apoio de cidades no interior do país, fez diversos eventos e levantou pautas fundamentais. O PAN também foi crucial para que esses sujeitos compreendessem a dinâmica da política nacional. O partido foi uma ideia que atravessou o século e se concretizou nas páginas de *Nuestra Raza*, sendo uma das frentes de atuação mais importantes desse grupo.

3.3. Comitês, clubes sociais, bailes e círculos culturais

Entre a Casa de la Raza e o PAN, e mesmo depois de ambos, muitas outras frentes de atuação importantes ganharam espaço nas páginas da revista. Por mais que fosse um grande objetivo, *Nuestra Raza* nunca teve um espaço cultural físico que levasse seu nome e que pudesse

²⁰⁴ En vista del poco ambiente obtenido en el movimiento político por parte de la colectividad declárase un impose en las actividades y dónase a la revista NUESTRA RAZA los objetos siguientes (...) Esta moción es ampliada por el señor José Silvera, en el sentido de que fueran donados a la refriada publicación racial todos los enseres pertenientes al Partido. (*Nuestra Raza*, n. 131, 1944, p. 10).

²⁰⁵ *Acción*, n. 4, II época, p. 4.

ter os elementos desejados. Para eles, isso era importante, uma vez que a agrupação sentia a necessidade de proporcionar para a comunidade espaços de lazer e discussão que permitissem os encontros, conversas e sociabilidade, bem como um lugar que fosse capaz de receber comícios e outras reuniões políticas. No entanto, apesar de isso não ter sido possível, o espaço que a revista acabou se tornando não foi físico. O periódico é um ponto central da atuação de um grupo de ativistas que não teve um, mas diversos espaços como clubes, associações, comitês, que vão encontrar em *Nuestra Raza* uma comunicação muito eficaz com a comunidade negra, capaz de tornar suas exigências, ações.

Como buscamos demonstrar até aqui, o grupo envolvido no projeto da revista e seus colaboradores era extremamente diverso em relação a pensamentos políticos e sociais. Por mais que desejassem o mesmo, a melhoria das condições dos negros no país e os caminhos para alcançá-lo, seriam múltiplos. Além de ser diverso, se tratava de um grupo minoritário muito específico dentro da comunidade negra. *Nuestra Raza* buscou dar visibilidade a projetos que julgava importantes socialmente. Dentro dessa lógica, existia uma seleção de atuações que eram apoiadas pela revista. Alguns desses movimentos partiriam de iniciativas do próprio grupo editorial, como a Casa e o PAN, e outros seriam criados por outros membros da coletividade e apoiados e divulgados pela agrupação *Nuestra Raza*.

Uma das formas de atuação política mais utilizada dentro da revista, normalmente elaborada pela própria equipe editorial, foi a criação de comitês. Esses comitês possuíam os mais distintos objetivos; lutar contra o fim da guerra, realizar uma festa, inaugurar um monumento, dentre outros. A exemplo, antes da formação do PAN, existiu um comitê específico para discutir a ideia de se ter um candidato e um partido próprios. Os comitês, pensando na teoria das decisões coletivas, tendem a ser um espaço em que sujeitos tomam decisões não singulares, ou seja, que pensam o que seria melhor para um coletivo ou grupo. Dentro dessa teoria, os grupos podem ser grandes ou pequenos (D'ALIMONTE, 1983). Os primeiros comitês feitos por essa articulação intelectual e, apresentados na revista, se formaram logo após as primeiras edições em Montevideu, em 1933.

Um dos primeiros comitês apoiados pela revista aparece em maio de 1934, o *Comité Scottsboro del Uruguay*. O dito comitê dizia respeito ao julgamento de *Scottsboro Boys*, ocorrido no estado do Alabama, nos Estados Unidos. O caso dizia a respeito à acusação de duas garotas brancas que teriam sido violentadas sexualmente em um trem por nove adolescentes negros em 1931. A acusação repercutiu muito na época, tendo a defesa dos nove jovens, que tinham entre 12 e 17 anos, denunciado que o preconceito racial foi fator decisivo nas

condenações. O julgamento se desenrolou por anos, com diversas decisões recorridas, gerando debates acerca da composição racial do setor jurídico norte-americano, bem como os linchamentos ocorridos nas comunidades negras, especialmente no sul do país. Tragicamente, ainda que não tenha sido comprovada a violência, e mesmo com as muitas contradições da acusação, os nove garotos foram condenados e executados.

O comitê Scottsboro era formado por Elemo Cabral, Pederá Valdés, Marcelino Bottaro, dentre outras pessoas. A revista aderiu e fez da causa algo justo, abraçando o comitê por solidariedade racial.²⁰⁶ Além de divulgar as ações do comitê, *Nuestra Raza* propôs diversos debates acerca do assunto. Tanto textos e poemas em defesa dos garotos de Scottsboro, quanto as críticas sobre a Lei de Lynch e a postura dos Estados Unidos em relação aos norte-americanos negros, se tornaram frequentes durante esse período. As páginas da revista ampliavam o debate proposto pelo comitê, além de trazerem à tona discussões sobre assuntos vinculados ao caso.

Além desse, muitos outros foram surgindo com o tempo. Outro comitê que trouxe mobilizações e discussões importantes foi o Comité de la Raza Negra contra la guerra y el fascismo. A delegação foi formada em defesa do povo da Etiópia durante a segunda guerra Ítalo-Etíope. Como já citado no capítulo dois, o comitê, de acordo com a revista, havia sido recebido com muita simpatia por todos e contava com subcomitês em Cerro Largo e Rocha. Na edição de novembro de 1935, sob o título “¡Por la defensa de Abisinia!”, a revista transcreve o manifesto do comitê lançado para explicar a opinião pública os motivos de sua constituição.²⁰⁷ Nele, sustentavam que a “raça negra” que havia, até então, permanecido apática, agora poderia embarcar nessa intensa campanha para defender “o último Estado negro independente”.²⁰⁸ Ademais, o grupo manifestava sua crítica ao fascismo italiano, e dizia que, após muitas reuniões, concluíram que era o dever de “nuestra raza” lutar contra a barbárie ocorrida no país.

No mês seguinte a sua criação, o comitê já realizava algumas atividades. Em 5 de dezembro do mesmo ano, realizaram uma conferência no salão de atos públicos de uma Universidade. O evento recebeu a presença de um professor italiano que falou dos perigos do fascismo. No dia 14 do mesmo mês, realizaram outro ato nos salões da Asociación Fraternid.²⁰⁹

²⁰⁶ *Nuestra Raza*, n. 10, p. 15.

²⁰⁷ *Nuestra Raza*, n. 28, p. 8. Um trecho do texto citado foi transcrito na página 90 desta dissertação.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ *Nuestra Raza*, n. 29, p. 12.

O segundo evento contou com a presença de Maruja Núñez de Varela, que falou em nome da mulher negra. Sobre isso, a revista descreve que

A presença de mulheres de nossa raça em atos desta natureza tem um alto significado, diz muito alto que as nossas mães, nossas irmãs, nossas companheiras, não são indiferentes ao problema que atualmente paira sobre a Etiópia e decididas se lançam luta contra a guerra que é desolação, miséria e contra o fascismo, regime social nefasto, que ataca o único Estado negro independente, sem outra justificativa válida que não seja o desejo de conquistar. (*Nuestra Raza*, n. 29, 1935, p. 12).²¹⁰

Além de Maruja Núñez de Varela, o comitê contou com a presença de Iris Cabral e Maruja Pereira; quando ambas foram ao Primer Congreso Nacional de Mujeres, citado no segundo capítulo, como representantes da coletividade e do dito comitê (García, 2018). As discussões acerca do fascismo e da invasão italiana à Etiópia, tiveram muita relevância para a agrupação e, por isso, ocuparam as páginas de *Nuestra Raza*, mesmo após o fim da guerra. O fascismo aparece não apenas como uma ameaça às bases democráticas do país, mas como uma nova forma de escravidão da população trabalhadora, sobretudo em uma parte da sociedade que há anos luta por emancipação social, política e cultura, como a população negra.

A memória e história de Ansina fez nascer muitos comitês apoiados pela revista *Nuestra Raza*. O primeiro citado, em 1934, foi o Comité Patriótico ‘Ansina’, delegação composta unicamente por pessoas negras e de iniciativa pessoal de Marcelino Bottaro.²¹¹ Já na década de 1940, outro comitê em nome do soldado é criado: Comité Pro Monumento a Manuel Antonio Ledesma ‘Ansina’, que era presidido por Juan Carlos Arismendi. Como o nome já indica, o motivo da delegação era ser erguido um monumento ao “herói máximo de nossa raza”.²¹² Para tanto, o grupo realizou alguns atos, como ocorrido em 6 de novembro de 1942, nos salões do *Club Banco República*. O comitê foi bem sucedido em seus objetivos: em 18 de maio de 1943, foi inaugurado o monumento a Ansina, que contou com a participação e a oratória do presidente da comissão.²¹³

²¹⁰ La presencia de la mujer de nuestra raza en actos de esta índole tiene alta significación, dice bien alto de que a nuestras madres, a nuestras hermanas a nuestras compañeras, no les es indiferente el problema que en estos momentos se cierne sobre Etiopia y decididas se lanzan a la lucha contra la guerra que es desolación, miseria y contra el fascismo, regimen social nefasto, que ataca al único estado independiente negro, sin otro justificativo valedero que su afán de conquista. (*Nuestra Raza*, n. 29, 1935, p. 12).

²¹¹ *Nuestra Raza*, n. 22, p. 1. O comitê foi criado antes da revista. Ainda assim cabe ser mencionado, uma vez que foi o primeiro comitê relacionado à *Ansina*, além de ser sempre mencionado pela revista.

²¹² *Nuestra Raza*, n. 110, p. 10.

²¹³ *Nuestra Raza*, n. 117, p. 2.

Na ocasião do centenário da abolição da escravidão, que seria comemorado em dezembro de 1942, dois importantes comitês sobre o tema foram fundados. O primeiro, Comité pro Gira de Confraternidad Racial y demonstración de sus valores, organizado pela própria revista, tinha a intenção de realizar um evento em comemoração à data. A ideia era reunir poetas, escritores, cantores e artistas da “raça negra”. Quando anunciado, além de expressar suas intenções, o comitê convidou a todas as entidades negras que se juntassem aos seus ideais.²¹⁴ Dois meses depois, os secretários da organização anunciam que o comitê contava com a adesão de distintas entidades culturais e sociais da coletividade negra como o Centro Social Uruguay, Centro Social Nueva Vida e do Comité Nacional Pro Monumento a Ansina, além da promessa de adesão de outras instituições.²¹⁵

O segundo comitê que vale destacar foi o Comité Nacional pro Conmemoración de ley de Abolición de la Esclavitud, organizado dentro de uma associação cultural. Ele contava com Rodolfo Bottaro, Alberto Méndez, Anselmo Ismael García e Mario Leguizamon Montero e, diferente do anterior, tinha como intenção principal que a data da abolição, marco na história do país, se tornasse uma comemoração de todo o Uruguai, não só de um grupo seletivo de pessoas.²¹⁶ O grupo queria, portanto, o reconhecimento histórico da comunidade negra na memória nacional. As comemorações do centenário da abolição, de um modo geral, foram um sucesso. Os eventos organizados reuniram diversos intelectuais negros e as festas ocuparam várias páginas da revista, como há muito não se via.

A reivindicação para que a data da abolição se tornasse um feriado pátrio não era uma novidade. Desde quando a revista foi retomada em 1933, o tema já era assunto. Em dezembro daquele ano, Elemo Cabral escreve um texto em comemoração aos 90 anos do ocorrido, onde culpabiliza a Espanha pela escravidão, enaltece a “raça negra” como heroica e reforça que dar importância à data é, também, dar conhecimento às futuras gerações do que se passou naquele 12 de dezembro de 1842.

Não há mais escravos no território da república, desde aquele dia, quando o governo da época reconheceu os afetos e afirmou, para o bem do próprio povo, a harmonia das diferentes raças que abrigava em seu território! Enquanto esperamos pelo dia em que este feriado nacional seja decretado, celebremos o nonagésimo primeiro aniversário

²¹⁴ *Nuestra Raza*, n. 104, p. 1-2.

²¹⁵ *Nuestra Raza*, n. 106, p. 3.

²¹⁶ *Nuestra Raza*, n. 108, p. 12.

do evento que a civilização ditou ao espírito patriótico! (*Nuestra Raza*, n. 5, 1933, p. 10.)²¹⁷

A revista, mantendo sua tradição e seu compromisso com as cidades do interior, apoiou comitês como o Comité Racial Democrático, fundado na cidade de Melo, em 1940. *Nuestra Raza* anuncia a sua fundação, sob a presidência de Juan Jacinto Ferran, e divulga o manifesto da delegação, que incluía lutar pela integridade da soberania nacional, defender os princípios emanados pela Revolução Francesa, a qual seria, de acordo com o texto, base fundamental da organização constitucional moderna e acabar com toda a política que significasse regressão, ódio e barbárie.²¹⁸ A cidade de Melo tradicionalmente reunia muitas iniciativas feitas por e para a comunidade negra. Em outubro do mesmo ano, o comitê citado realizou um ato cultural na sede do *Centro Juvenil*, que encontrou enorme êxito e também foi divulgado na revista.

Existiam, também, comitês exclusivamente femininos. A presença das mulheres na revista e na coletividade, de um modo geral, era muito marcante. Organizadas, quase sempre mantinham grupos com objetivos de organizar eventos e juntar recursos para os mais diversos fins. Um exemplo é o já citado Comité de Damas Melenses, um dos mais organizados e duradouros, cujo objetivo era apoiar a construção do edifício próprio do *Centro Uruguay*. Comitês formados dentro de clubes também eram comuns, especialmente femininos, uma vez que na maior parte das vezes as mulheres não podiam ocupar espaços nos centros. Esses comitês eram formas de mobilizar a agenda política feminina e buscar integração na sociedade intelectual.

Além dos clubes, comitês poderiam ser formados, em outras entidades. De dentro do C.I.A.P.E.N., por exemplo, foi criado o Comité de Entidades Negra del Uruguay (C.E.N.U.). A organização foi fundada após um grande ato realizado no Ateneo de Montevideo em comemoração ao 104º aniversário da abolição da escravidão. Esses e os outros muitos comitês, que não são possíveis de serem citados, são formas de organização e mobilização política que foram fundamentais para realizar eventos importantes e elaborar projetos como o PAN.

Como visto no começo do capítulo, a necessidade de um espaço físico para a revista foi uma demanda trazida desde o início, e tem origem na tradição associativista, trabalhada no

²¹⁷ No hay más esclavos en el territorio de la república, no desde ese día, en que el gobierno de la época reconoce los afetos y afirma, para bien del pueblo mismo, la armonía de las distintas razas que cobijó en su territorio! Mientras esperamos el día que se decrete esa fiesta Nacional, festejemos el noventa y un aniversario del acontecimiento que al espíritu patriótico dicto la civilización! (*Nuestra Raza*, n. 5, 1933, p. 10).

²¹⁸ Revista *Nuestra Raza*, n. 86, p. 10.

primeiro capítulo. Na falta disso, a alternativa encontrada pelo periódico foi ser um espaço-revista que convergia os múltiplos clubes e associações dentro da comunidade negra. Ali, dentro da “imprensa oficial da coletividade negra”, o *conrazaneio* teria acesso às muitas atividades culturais criadas por clubes e associações não só em Montevideu, mas no interior do país. Alguns clubes, entretanto, tiveram um lugar especial nas páginas do periódico. Isso se deu tanto pela familiaridade com o conselho editorial e os integrantes desses grupos, quanto pelo próprio prestígio do clube.

Centros sociais, clubes e associações foram muito importantes e apoiados pela Agrupación Nuestra Raza. Estes, muitas vezes, eram os únicos espaços que a população negra podia frequentar com tranquilidade, uma vez que em muitos outros não lhes era permitida nem a entrada. Um dos espaços mais prestigiados era o Centro Uruguay, de Melo, anteriormente citado. Mas, além dele, outros ficaram muito conhecidos, como o Centro Social ‘Nueva Vida’ e o *Club Social Renacimiento*, por exemplo. O Nueva Vida foi fundado em maio de 1941 e contou com colunas exclusivas na revista – às vezes em uma página inteira, às vezes em meia página –, de meados de 1941 até o começo de 1948, ano em que finda o periódico.

CENTRO S. 'NUEVA VIDA'
Fundado en mayo de 1941 Secretaria: Constituyente 1783

La Comisión Directiva tiene el honor de invitar a Vd. al baile a realizarse el sábado 7 de Junio, de 22 hasta las 4 horas, en los salones de la calle Cuñapirú 2174.
Esperamos vernos honrados con su presencia.
Omnibus: 161, 191 187 188.
Tranvías: 18 y 23.

Nuestra fecha
No fué posible realizar el día 18 de Mayo, fecha en que cumplió un nuevo año nuestra entidad, nuestro acostumbrado homenaje recordatorio,

debido a la enfermedad de la señora presidenta de la Comisión de Damas doña Felipa H. de Rodríguez y del joyen Omar de los Santos.

Pésames
La Comisión Directiva y el Comité de Damas de esta entidad envían sus condolencias por intermedio de esta página a la familia Ibáñez-Machado, con motivo de la irreparable pérdida de la señora madre de nuestra fundadora principal y ex presidenta señora Aurorá M. de Ibáñez.
La Comisión.

FIGURA 42 - Coluna dedicada ao Nueva Vida.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 165, año XIV, mai. de 1947, p. 10.

O centro social teve a colaboração de muitos membros da Agrupación Nuestra Raza, além de ter um comitê feminino que foi responsável por muitos dos eventos, sempre divulgados em sua coluna especial. Faziam bailes, comícios e outros eventos, sempre voltados para a população negra, mas nunca exclusivamente: todos eram bem vindos. O espaço dedicado ao

Nueva Vida foi um dos maiores ao longo da trajetória da revista, especialmente por se tratar de uma coluna fixa e exclusiva. Normalmente as divulgações dos centros sociais eram trazidas em uma mesma coluna.



FIGURA 43 - Exemplo de coluna dedicada a divulgações dos Centros Sociales

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 57, año V, p. 12.)

As experiências no interior também estavam incluídas na divulgação de *Nuestra Raza*. O Club Social Renacimiento, localizado em Rocha, foi muito elogiado pela equipe da revista,

especialmente após a construção de uma biblioteca própria em agosto de 1940. Segundo a revista, a criação da biblioteca foi uma admirável iniciativa complementar de um programa educacional.²¹⁹ Ademais, reforçaram: com prazer ampliariam a notícia em suas páginas. Em outubro do mesmo ano, em um editorial que buscava narrar os principais feitos do movimento racial naquele momento, o autor descreve que alguns dos acontecimentos que mais marcaram o período foi a fundação da dita biblioteca e do *Comité racial democrático*, de Melo, e que desde a *Casa de la Raza* e do PAN não contavam com algo tão importante.²²⁰

A importância dos clubes se dava, também, porque parte da estratégia da revista para garantir a união dos membros da coletividade negra era dar visibilidade para uma agenda cultural e de eventos feitos por e para a sociedade. Bailes, festas e reuniões eram espaços de sociabilidade que permitiam discussões e contato com outros *conrazaneos*. A revista sempre divulgava os bailes e eventos das instituições que apoiava, mas o apoio não era incondicional: caso ocorresse algo que fosse contrário os princípios da Agrupação, não hesitariam em fazer críticas. Isso aconteceu com uma festividade realizada pelo centro social Centenário. A festa foi feita em razão da comemoração pátria de 25 de agosto. Em agosto de 1940, é publicado em *Nuestra Raza* um texto narrando como foram as apresentações e o andar da noite. A crítica veio no editorial seguinte.

De acordo com o autor do editorial, o evento, que contava com um baile no final, devia se encerrar com o candombe e não com um minueto, como foi feito, uma vez que o candombe é uma expressão cultural, a qual carrega a ancestralidade da coletividade negra do país. Em suas palavras:

Em nossa opinião – e nosso pensamento corrobora o fato de que se celebrava uma data patriótica – deveria ter sido dançado o candombe, dança originária de nossos ancestrais, ao invés do minueto, o que lhe confere um toque aristocrático, que é necessário excluir de nosso meio, de concepção e ideação democrático, no qual, como costume, se revela uma completa contradição. Sobretudo neste momento em que todo o continente Indo-Americano luta arduamente para impor o que é genuinamente próprio. E o candombe, dança de origem genuinamente africana, é, junto com o tamboril, a única e mais típica manifestação daquela civilização que trouxeram a estas terras, os “convidados especiais”, e não deve se esquecer que o negro foi o terceiro elemento racial, que em número considerável, integrou a população da América e que dele nós descendemos. (*Nuestra Raza*, n. 85, 1940, p. 1-2).²²¹

²¹⁹ Revista *Nuestra Raza*, n. 84, p. 10.

²²⁰ Revista *Nuestra Raza*, n. 86, p. 1.

²²¹ A nuestro entender – y corrobora nuestro [nuestro] pensamiento el hecho de que se festejaba una fecha patriótica – debió bailarse el candombe, baile original de nuestros antepasados, en vez del minué, que le da eses dejo de aristocracia, que es necesario excluir de nuestro medio, de concepción e ideación democrática, en el que como costumbre resulta todo un contra sentido. Sobre todo en estos momentos en que en todo el continente Indo-

A realização desse baile e a reação da revista acerca dele, nos mostra muito sobre os posicionamentos do grupo. A começar pelo reconhecimento do candombe como algo de seus antepassados, o que não era tão comum no começo da publicação, e que expressa como as noções de ancestralidade e pertencimento vão mudando com o passar dos anos. O candombe, apesar de ser uma expressão cultural uruguaia atrelada ao passado negro, não é citado com frequência nas páginas do periódico. Supõe-se que essa ausência se dá para que a presença negra no país não seja atrelada unicamente à figura do candombe, ou mesmo do carnaval. Além disso, é interessante observar que não era a primeira vez que o grupo criticava membros da coletividade que tentavam mimetizar a aristocracia branca, especialmente a europeia.

Ao apontar os principais espaços que convergiam com a revista *Nuestra Raza*, é impossível não citar novamente, ainda que de maneira breve, o Círculo de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores Negros (C.I.A.P.E.N). O círculo previamente apresentado possuía um espaço específico nas páginas da revista *Nuestra Raza*, que divulgava suas ações, festas, encontros, aulas e outras manifestações artísticas. Luanga, filho de um dos diretores de *Nuestra Raza*, em entrevista para Porzecanski & Santos (2006), descreve que o Círculo funcionava em um sótão, e que ali estavam Ventura e Pilar Barrios, Ramón Pereira, Mario L. Montero, Méndez, dentre outros, e que o C.I.A.P.E.N. marcou certa filosofia do período. Luanga ainda descreve que este era um grupo de intelectuais que outrora também esteve Beterbide, e que

.... são os que marcaram uma época muito boa onde podemos reafirmar que aqueles que naquela época eram livres, porque depois surgiu Ignacio Suárez Penã da Asociación Uruguay, com diretrizes muito duras e uma filosofia anarquista, mas que, na verdade, era um líder. (Luanga in PORZECANSKI; SANTOS, 2006, p. 51-52).
[Traduzido do espanhol.]

A Asociación Cultural y Social Uruguay (ACSU) trouxe algumas controvérsias que foram citadas durante o capítulo 1, e que reforçam a ideia de que a coletividade negra não pode ser pensada como um grupo homogêneo de pensamentos e ações. Ainda assim, o ACSU possuía espaço para divulgar seus eventos e textos nas páginas de *Nuestra Raza*, mesmo que já possuíssem a *Revista Uruguay*, órgão oficial da associação. A *Revista Uruguay* também divulgava notícias referentes a *Nuestra Raza*, bem como de seus integrantes, como quando

Americano, se lucha esforzadamente por imponer lo genuinamente propio. Y el candombe, baile de procedencia genuinamente africana, es, junto con el tamboril, la única y más típica manifestación de aquella civilización que trajeron a estas tierras los “invitados especiales” y no debe olvidarse que el negro fué el tercer elemento racial, que en número considerable, integró la población de América y que de él descendemos nosotros. (*Nuestra Raza*, n. 85, 1940, p. 1-2).

entrevistou Pilar Barrios, em razão da publicação do seu livro *Piel Negra*, em março de 1948, além de ter divulgado a obra algumas vezes.

Mobilizar a agenda cultural de comitês, clubes sociais, círculos e associações, era uma forma de divulgar esses eventos e conselhos, mas também de se posicionar acerca do que era produzido e feito pela comunidade negra, selecionando aquilo que a Agrupação acreditava ser importante para a melhoria cultural, social e política da coletividade negra. Esses espaços eram múltiplos e encontraram em *Nuestra Raza* o apoio e a divulgação necessária dentro da comunidade. Em contrapartida, *Nuestra Raza* fazia de suas páginas um espaço-revista reconhecido nacional e internacionalmente, capaz de narrar um histórico de lutas e de apresentar à sociedade uma coletividade ativa, heterogênea e com intenso fervor cultural, o que durou até a sua última publicação.

Nada indicava que a edição n.º 181 da revista *Nuestra Raza* seria a última daquela época. No mês seguinte a essa última publicação, em outubro de 1948, o periódico *Acción* anunciou a interrupção inédita da publicação:

Em Montevideu, onde viu a luz de forma ininterrupta durante treze instros [sic], deixou de aparecer temporariamente nossa irmã mais velha, a prestigiosa revista 'Nuestra Raza', valente tribuna jornalística da raça negra nacional, cuja o bem orientado discurso de difusão da cultura negra e sua constante luta pela melhoria e unidade da nossa coletividade, a ela se deve o equilíbrio que esta tem a seu favor. (...). (*Acción*, n. 15-16-17, 3ª época, 1948, p. 5).²²²

A mensagem veio, no entanto, com a promessa de que voltariam. Na continuação da mesma nota, eles concluíam que

(...) Ao formular nossos fervorosos votos pela pronta reaparição de nossa colega irmã, tão necessária, apresentamos nossas saudações fraternas ao grupo de conrazaneos que a editava. (*Acción*, n. 15-16-17, 3ª época, 1948, p. 5).²²³

A revista, entretanto, não voltou a ser publicada. Não houve uma despedida oficial ou um texto que justificasse o seu fim para os leitores. Ao continuar uma pesquisa em outros impressos da comunidade intelectual negra do período, é possível notar a presença de integrantes da Agrupação *Nuestra Raza* em outras revistas, clubes e demais frentes políticas e

²²² En Montevideo, en donde vió la luz en forma innintirumpida durante trece instros, ha dejado de aparecer temporariamente nuestra hermana mayor, la prestigiosa revista *Nuestra Raza*, valiente tribuna periodística de la raza negra nacional, a cuya bien orientada prédica de difusión de la cultura negra y su constante bregar por el mejoramiento y la unidad de nuestra colectividad, se le debe el saldo que tiene a su favor la misma. (...). (*Acción*, n. 15-16-17, 3ª época, 1948, p. 5).

²²³ Al formular nuestros fervientes votos por la pronta reaparición del colega hermano que se hace tan necesaria, presentamos nuestro fraternal saludo al grupo de conrazaneos que la editaba. (*Acción*, n. 15-17, 3ª época, 1948, p. 5).

culturais voltadas para a comunidade, mas não da mesma forma que se agregava à revista. Junto com seu fim, perde-se o rastro de muitas ações e iniciativas da coletividade negra; *Nuestra Raza* congregava uma série de espaços que há muito eram demandas dentro da sociedade negra do país.

Através dessa revista, foi possível acompanhar a história se construindo; pelas escolhas de textos, lugares, a criação do partido político, as festas e o tipo de discurso, esses sujeitos nos apresentam uma nova forma de autoconsciência, em que são, ao mesmo tempo, negros e uruguaios, identidades que coexistem. Ainda que se saiba que se trata de um grupo minoritário de homens e mulheres dentro da coletividade negra do país, a luta pela representação e memória foi por toda a comunidade e trouxe consigo um histórico de reivindicações que existia desde o século XIX.

Nuestra Raza acabou por se tornar uma das mais importantes e longas revistas da chamada “imprensa negra” do Uruguai, tendo alcançando certo prestígio dentro da sociedade uruguaia. Isso pode ser visualizado, por exemplo, quando foi membro do Círculo Periodístico Indoamericano e do Consejo de Prensa Libre del Uruguay; ou quando recebeu um diploma de honra outorgado pela Biblioteca Pública Santiago Alvarez pela Exposición Internacional de Prensa Periódica, realizada em Cuba (ver Anexo 05); do mesmo modo também, ao fundar o primeiro e único partido feito por e para a comunidade negra do país e que chegou a participar de eleições importantes; ao ver seus integrantes participarem de produções internacionais como a de Nancy Cunard; e mesmo com os comitês, que se tornaram espaços políticas fundamentais.

Fora do país, foi lida e teve colaboradores norte-americanos, ingleses, haitianos, brasileiros, argentinos, salvadorenos, franceses, dentre outras nacionalidades. Formou ao redor de si uma rede internacional de intelectuais, composta por homens e mulheres, que mobilizou comitês, clubes e associações, além de ter criado um dos primeiros e únicos partidos políticos feito por e para negros na América Latina. Ao colocar candidatos negros nas eleições gerais do Uruguai em 1938, o que esse grupo fazia era mostrar que estava presente e atuante na vida política do país a qual pertenciam.

Considerações Finais – Não é sobre fins, é sobre começos

*Sabemos como hemos vivido hasta hoy;
debemos preocuparnos de vivir mejor mañana*

Mario Rufino Méndez em entrevista a *Nuestra Raza*.

Ildefonso Pereda Valdés, em seu livro *El negro en el Uruguay*, de 1965, traz um marcante texto publicado no periódico *Marcha*, iniciando uma discussão que nos parece muito relevante para trazermos ao modo de conclusão. *Marcha*, fechado durante a ditadura militar, foi um semanário publicado entre 1939 e 1974 e teve como diretor o advogado, político e periodista uruguaio Carlos Quijano.²²⁴ A descrição da publicação na BNU afirma que *Marcha* surge “na vida em momentos extraordinariamente graves” e que o semanário seria uma “trincheira contra o fascismo”.²²⁵ O artigo citado por Pereda Valdés (1965, p. 197), no qual nos aprofundamos, é o de Alicia Behrens, intitulado “¿Cual es la Situación de los Negros en el Uruguay?”, publicado na revista n.º 811, em 4 de maio de 1956.

Behrens, indagando-se sobre a discriminação racial em seu país, conversou com José Maria Cabral e Ignacio Suárez Peña. Seu interesse era saber se havia discriminação no Uruguai, bem como em qual situação estava os negros do país: onde estudavam, trabalhavam? Quantos eram? Como viviam? Uma das observações feitas pela escritora é que grande parte dos negros no país enfrentavam um problema de classe, uma vez que eram pobres, em sua maioria, mas, então, ela mesma se questionava em seu texto: e se fossem ricos, seriam admitidos nos lugares de luxo? E, se fossem médicos ou advogados, trabalhariam com uma clientela “branca”? Behrens ainda argumentava que não lhes faltava condições, mas que o próprio meio os negava as possibilidades:

O mal, onde está? O mal está na mentalidade das nossas classes abastadas, – a classe pobre é mais compreensiva e sem preconceitos –, e deslizou para os órgãos oficiais.

²²⁴ Tal como indica Mariana Villaça: “Durante seu longo período de existência, o semanário *Marcha* foi principalmente dirigido pelo político e intelectual Carlos Quijano (1900-1984), que conduzia o jornal imprimindo fortes traços de seu gosto pessoal e de suas preferências políticas à escolha das capas, pautas, reportagens e colaboradores. Dentre as bandeiras defendidas por Quijano que ecoaram ostensivamente no semanário, podemos encontrar o anti-imperialismo, acompanhado do desejo de debater – e incensar – a identidade latino-americana. São frequentes os artigos e as produções culturais apoiadas por *Marcha* que reiteram a relação entre identidade nacional e latino-americana, algumas vezes também fundida à bandeira terceiro-mundista. Assim, poderíamos afirmar que *Marcha* contribui substancialmente para um processo de redimensionamento da identidade nacional, até então muito marcada pela perspectiva otimista do ‘excepcionalismo’ uruguaio (...)” (2017, p. 260-261). Ainda sobre a revista, Reis escreve que ela desempenhou “um papel vital para a formação das novas gerações intelectuais uruguaios, a partir dos anos 30” (2008, p. 117).

²²⁵ Biblioteca Nacional de Uruguay.

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/163>>. Acesso em: 23 out. de 2022.

Nossos negros, a que podem aspirar? Dado o quão bem pagos são os empregos e as profissões fechadas, parece claro que eles não podem aspirar a melhorar seu padrão de vida. As leis deste país não são discriminatórias. No Uruguai, com uma Constituição que não distingue raças para os cidadãos, não há leis que os prejudiquem ou os favoreçam ou os protejam de uma possível segregação. Parece que o problema não existe. (BEHRENS. *Marcha* n. 811 Año XVII, 4 mai. de 1956, p. 10).²²⁶

O texto de Behrens recebeu diversas respostas nas próximas edições de *Marcha*. A primeira foi na edição seguinte, no mesmo mês, na coluna de cartas dos leitores, alguém que assinou como “Negro el once” comenta ter lido “com profunda tristeza” o artigo de Behrens. Ele cita o pintor Ramón Pereira e a escritora Virgínia Brindis de Salas como destaques e que, na atualidade em que escrevia, “a situação dos negros no Uruguai é que felizmente não existe nenhum problema discriminatório”.²²⁷ A discussão prosseguiu na semana seguinte, com a carta da leitora Alba Medina, que se descrevia como “mestiça, filha de negro e mulata, neta de negra e bisneta de escrava”. Dentre as muitas discussões feitas por Medina, a leitora reforça um dos argumentos de Behrens, ao descrever que “todos sabem muito bem que na burguesia não havia negros” e nas indústrias e sociedades anônimas “não existia capitais negros”.²²⁸

O debate ainda seguiu por alguns números, por vezes discordando da existência do preconceito racial no país, em outras, concordando com o artigo de Behrens. Assinando como *Blanco Indignado*, um leitor escreveu em defesa de Alicia Behrens, demonstrando ter ficado surpreso com tantas reações negativas de um assunto que ele esperava apoio.²²⁹ Mas, nessa mesma edição, talvez o texto mais interessante publicado, também na coluna das cartas dos leitores, foi o assinado por “Orestes”. O autor apresenta o caso de Adélia Silva de Sosa. George Andrews (2010) apresenta que Adelia Silva foi uma professora negra do departamento de Artigas que se mudou para Montevideu e que, após pular de escola em escola, acaba tendo que renunciar ao cargo. Como demonstra Andrews, o caso foi noticiado e comentado por alguns jornais da época. Em *Marcha*, Orestes se dirigiu aos que duvidaram do artigo de Behrens:

E este servidor, sem hesitar um momento, dirige-se agora àqueles que levantaram a voz para afirmar que não havia racismo no Uruguai (e ao mesmo tempo a todos aqueles que silenciosamente acreditam nisso), àqueles que rotularam o artigo da

²²⁶ El mal, ¿dónde está? El mal está en la mentalidad de nuestras clases acomodadas, – la clase pobre es más comprensiva y desprejuiciada –, y se ha deslizado hasta los órganos oficiales. Los negros nuestros, ¿a qué pueden aspirar? Teniendo como tienen los puestos bien remunerados y las profesiones cerradas, parece evidente que no puedan aspirar a mejorar su nivel de vida. Las leyes de este país no son discriminatorias. En el Uruguay, con una Constitución que no hace distinciones de razas para los ciudadanos, no existen leyes que los perjudiquen ni los favorezcan ni los protejan de una posible segregación. Parecería como si el problema no existiera. (BEHRENS. *Marcha*, n. 811, año XVII, 4 may. de 1956, p.10).

²²⁷ *Marcha*, n. 812, 1956, p. 2.

²²⁸ *Marcha*, n. 813, 1956, p. 3.

²²⁹ *Marcha*, n. 815, 1956, p. 2.

senhorita Behrens como 'corte de tablóide', ingênuo e 'extemporâneo'. Destina-se àquele leitor que afirmou que 'no campo da cultura, elementos negros ou descendentes de negros ocupam posições de inegável hierarquia', de modo que agora se deparam com a realidade triste e escancarada de um caso de discriminação, do qual acaba de ser vítima a educadora de cor Adélia Silva de Sosa; para que compare a prova dos factos com a sua sentença transcrita, traduzida na clara rejeição (não só das mesmas instituições de ensino a que concorreu para exercer seu magistério, mas também por parte dos pais dos alunos) a que tem sido submetido o referido professor. (ORESTES. *Marcha*, n. 815 Año XVII, 2 jun. de 1956, p. 2).²³⁰

Ele ainda questionou o motivo de um negro não poder desempenhar cargos como em farmácias, lojas, em escritórios, ou ser professor, cabelereiro. E, então, finaliza:

E que não haja, sobretudo, quem agora venha a agora a exaltar os valores da nossa democracia, pela ressonância que tem dado o caso da senhora Adélia Silva: também na América do Norte e em outros países as leis defendem a igualdade de raças; também em outras partes dizem uma coisa e fazem outras. (ORESTES. *Marcha*, n. 815 Año XVII, 2 jun. de 1956, p. 2).²³¹

Durante as décadas de 1940 e 1950, casos como o de Adélia eram comuns. Ainda nas publicações em *Marcha*, as críticas não impediram que Alicia Behrens escrevesse sobre o tema novamente, fazendo, inclusive, um levantamento de quantos negros e negras trabalham em diversas funções. Behrens, sobre a discriminação racial no Uruguai, afirma que

As opiniões estão divididas: enquanto para alguns o problema está superado, desde a abolição da escravatura, e os boatos que circulam não passam de fantasmas criados pela imprensa, para outros o problema existe. Em um ponto todos concordam: as leis uruguaias não são discriminatórias, então teoricamente o problema não poderia existir. As divergências começam, então, além das leis escritas". (BEHRENS. *Marcha* n. 817 Año XVII, 15 jun. de 1956, p. 9).²³²

O fato de não existir leis segregacionistas não era suficiente para impedir o racismo. Tampouco o fato de uma pessoa ou outra não identificar o racismo arraigado no Uruguai, não

²³⁰ Y este servidor, sin dudarle un instante, se dirige ahora a aquellos que levantaron su voz para afirmar que no había racismo en el Uruguay (y a la vez a todos los que lo creen en silencio), a los que tildaron el artículo de la señorita Behrens como 'corte sensacionalista', ingenuo y 'extemporáneo'. Se dirige a aquel lector que afirmó que 'en el campo de la cultura los elementos negros o de ascendencia negra ocupan cargos de innegable jerarquía', para que ahora se enfrente a la realidad triste y llana de un caso de discriminación, del que acaba de ser víctima la educacionista de color Adelia Silva de Sosa; para que coteje con su frase transcrita la evidencia de los hechos, reflejados en el claro rechazo (no sólo de las mismas instituciones docentes a las que concurrió para ejercer su magisterio, sino también por parte de los padres del alumnado) de que ha sido objeto la citada maestra. (ORESTES. *Marcha*, n. 815 año XVII, 2 jun. de 1956, p. 2).

²³¹ Y que no haya, sobre todo, quien ahora venga a exaltar los valores de nuestra democracia, por la resonancia que al caso de la Sra. Adelia Silva se le ha dado: también en Norteamérica y en otros países las leyes defienden la igualdad de razas; también en otras partes se postulan unas cosas y hacen otras. (ORESTES. *Marcha* n. 815, año XVII, 2 jun. de 1956, p. 2).

²³² Las opiniones están divididas: mientras para unos el problema se ha superado, desde la abolición de la esclavitud, y los rumores que corren no son más que fantasmas creados por la prensa, para otros el problema existe. En un solo punto todo el mundo concuerda: las leyes uruguayas no son discriminatorias, de modo que teoricamente el problema no podría existir. Las divergencias empiezan, pues, más allá de las leyes escritas. (BEHRENS. *Marcha*, n. 817, año XVII, 15 jun. de 1956, p. 9).

faz com que o preconceito racial deixe de existir. O Uruguai, como tentamos mostrar ao longo da dissertação, foi um país que apresentou, desde muito cedo, se comparado aos países vizinhos, leis muito progressistas e inclusivas para a época. No entanto, isso não é suficiente para afirmar que se trata de um país igualitário. Em entrevista para Porzecanski e Santos (2006), Luganda argumenta que

Dizem-me que no Uruguai não há discriminação, não há racismo. E eu me pergunto por que não há negros no Rotary, por que não há negros na Câmara de Comércio, ou me pergunto por que ao longo da *Dieciocho de Julio* há apenas quatro negros trabalhando, quando somos 6% da população. Essas são coisas sobre as quais me pergunto. (Luanga in PORZECANSKI; SANTOS, 2006, p. 51-52). [Traduzido do espanhol.]

A intelectualidade negra envolvida no periódico *Nuestra Raza* buscou, dentro das pautas do projeto republicano do país, se inserir social, política e culturalmente, e escolheu estratégias específicas por existirem leis que assim permitissem. Mas o que a discussão ocorrida em *Marcha* pouco depois do fim da revista e o caso de Adelia Silva de Sosa demonstram, é que para transformar a sociedade e mesmo as instituições, as leis são apenas um primeiro – ainda que muito importante – passo. O que o grupo de intelectuais negros articulados em *Nuestra Raza* fez, ao criar uma organização ativa de luta pelo fim do preconceito, foi tentar se inserir no debate político e cultural, e isso aconteceu por meio do reconhecimento internacional, como o de Nancy Cunard, Hughes, Nicolás Guillén, Prince Mars, por publicações como a do livro de Virgínia Brindis, pelos diversos comitês que, muitas vezes, atuavam junto a *Municipalidad* de cada região, pela criação de um partido político próprio de proposta pioneira em toda a América Latina.²³³

A árdua caminhada desses ativistas já demonstrava uma lacuna dentro da democracia uruguaia: a terra de igualdades, prometida no processo de independência e reforçada durante as comemorações do Centenário, precisava contemplar as comunidades provenientes da diáspora africana. Retomando o conceito de Du Bois, analisando as dimensões subjetivas e objetivas do racismo, a história dos negros no Uruguai, tal como o autor trabalha com a história dos negros nos Estados Unidos e que, nesse caso, se aplica ao país oriental, é a história

[...] “desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro”. A fusão depende,

²³³ A ideia de um partido político próprio nunca voltou a se repetir. Poucos políticos negros foram eleitos desde o PAN até a os dias atuais. Uma delas foi Alba Roballo Berón, advogada, escritora, poetisa, que foi senadora por vários mandatos entre os anos 1950 e 1970. Outro nome seria Edgardo Ortuño, eleito deputado no começo dos anos 2000 pela Frente Ampla; Ortuño foi, ademais, ministro de Industria, Energía y Minería durante o governo de José Mujica e um dos responsáveis pela criação do Día Nacional del Candombe, la Cultura Afrourugaya y la Equidad Racial. E, mais recentemente, a senadora pelo partido nacional, Gloria Rodríguez Santo.

portanto, da superação dessa dupla consciência, que não é somente um processo mental, mas é, sobretudo, um processo político em que a reconciliação consigo mesmo depende da retirada do véu que impede o negro de ver a si mesmo. Ultrapassar os limites entre os mundos impostos pelo racismo depende do ativismo político e da atividade intelectual. Essa “tomada de consciência de si” é o que se chamaria depois de “Consciência Negra”. (ALMEIDA, 2021, p. 13).

Ainda que seja difícil mensurar os impactos diretos das ações da Agrupação Nuestra Raza na história da diáspora africana no Uruguai, o ativismo desse grupo de intelectuais negros foi uma estratégia para lidar com o *não-lugar* causado por essa *dupla consciência*, oculto por esse véu. *Nuestra Raza*, reconhecida por praticamente todos os veículos de imprensa da coletividade negra da época como a principal porta-voz do movimento intelectual negro, foi peça chave para a tomada de consciência de si.

Ao longo da dissertação, buscamos passar pelo processo de abolição, construção da cidadania negra, associativismo e imprensa, na intenção não só de dar um histórico da comunidade negra no país, mas também de demonstrar como certas demandas que já existiam dentro da coletividade. Demandas estas que foram ser concretizadas no período da *Nuestra Raza*. Em seguida, ao passar pelo histórico de lutas desse movimento, mostramos onde e como nasce *Nuestra Raza*, seus temas e a rede de intelectuais envolvida no projeto. Por últimos, procuramos delimitar as muitas formas de atuação do grupo envolvido no projeto da revista, como o PAN e a Casa de la Raza. Ao fazer isso, procuramos mostrar que as demandas e lutas trazidas por esse movimento intelectual negro da primeira metade do século XX, lutava dentro das pautas postas pelo próprio republicanismo uruguaio.

Nas últimas décadas, como apresentado desde a introdução, houve um crescente interesse em pesquisas relacionadas ao passado e presente afrodescendente no Uruguai. Isso se dá principalmente pela existência de movimentos sociais e movimentos negros que lutam para afirmar a presença e identidade negra no país, o qual construiu seu repertório nacional como uma nação branca em quase sua totalidade, e que durante anos tentou ignorar a presença dos negros e indígenas das representações nacionais. Os negros naquele período, tal como os indígenas, para todos os fins, faziam parte do passado: nunca do presente e tampouco do futuro. Eram afastados do que se via como “civilização”. É correto afirmar que os estudos acerca da população proveniente da diáspora africana no país não são novidade – a exemplo, temos o caso de Pereda Valdés, que escreve sobre o assunto desde o começo do século XX. No entanto, dizer, em razão disso, que a população negra sempre foi lembrada é uma forma de suavizar o processo cruel do racismo e do apagamento.

A respeito da história dos negros do Uruguai, a historiografia brasileira ainda tem um vasto campo a aprender. A maioria dos poucos estudos acerca do tema se concentram na região sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul, em razão da proximidade com o país vizinho: há um vazio, nesse sentido, nas outras regiões do Brasil, e esperamos poder ter contribuído nesse sentido. Ademais, o estudo das comunidades negras no país vai muito além do estudo com jornais e revistas. É território fértil de diversas manifestações culturais, políticas e sociais.

A intenção desta dissertação, portanto, foi demonstrar como um grupo de intelectuais negros ativistas, fazendo parte de uma minoria política e populacional, buscou, através de um espaço-revista, lutar por sua coletividade dentro da história e da memória nacional, bem como conquistar melhoria cultural, econômica e social de um povo que sofreu, e ainda sofre, as consequências do horror que foi a escravidão. Não era só um movimento intelectual negro em torno de uma revista: nos foi fundamental entender como as propostas desses intelectuais, e suas pautas, buscavam reconhecimento dentro de um sistema do qual faziam parte e que não seria justo serem excluídos em razão da “raça”.

Ademais, foi intenção demonstrar que não se tratava de um grupo homogêneo, e traçar suas principais estratégias que podem ser visualizadas através das páginas da revista, ponto central do ativismo desse grupo. *Nuestra Raza* foi uma revista que mobilizou a sociedade intelectual negra, não só do Uruguai, mas de várias partes da diáspora africana pelo mundo. Em suas páginas, podemos visualizar as diferentes forças de atuação que nascem de um histórico de lutas do movimento, desde o século anterior à sua criação. Nos limites da nossa pesquisa, algumas dimensões mereceriam um aprofundamento ainda maior, a exemplo disso, temos a correlação de forças entre as ações do movimento intelectual negro e o Estado uruguaio, bem como a resposta da sociedade e do governo às múltiplas ações do ativismo negro das primeiras décadas do século XX, não só do grupo envolvido no projeto da revista aqui trabalhada, mas de outras iniciativas, no âmbito desse mesmo ativismo. Esta dissertação foi um primeiro debruçar sobre o tema, e esperamos que nos permita desenvolver essas e outras questões futuramente.

Quando conhecemos a revista *Nuestra Raza* e iniciamos um projeto sobre ela, tentávamos entender um grupo que dedicou toda a sua vida e vontade para a melhoria cultural e intelectual da comunidade negra em seu país, organizou uma série de ações mas que parecia que, a maioria delas, acabou não alcançando o objetivo almejado. A decepção com o fim da Casa de la Raza ou do PAN estampados na revista, por exemplo, nos faziam pensar no quanto eles insistiam no que acreditavam. Insistiam porque tinham que insistir; porque, para a comunidade negra, ao longo da história, nada veio sem muita insistência e luta. Depois de

mergulhar nas fontes e conhecer um pouco da história desses indivíduos, percebemos que tudo o que eles fizeram não só marcou uma época, mas foi o primeiro passo em direção às mudanças tão esperadas. Não é uma história de fins, mas de começos. Ao criar uma revista nos moldes de *Nuestra Raza*, com tamanha durabilidade, com reconhecimento internacional, com tantas frentes de atuação organizadas, o que esse grupo diz ao futuro é que é possível lutar e sonhar com mudanças e que cada vitória pode e deve ser celebrada. E ainda há muito caminho para percorrer na luta contra o racismo e discriminação, luta esta que deve ter o protagonismo da população negra, mas é uma obrigação de todos.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - Fontes consultadas

Periódicos

Acción, 1934-1935

Acción, 1944-1952

Ansina, 1939-1942

La Conservación, 1872

La Propaganda, 1911

Marcha, 1939-1974

Nuestra Raza, 1917

Nuestra Raza, 1933-1948

Orientación 1841-1945

Revista Uruguay, 1945-1948

Outras fontes

LOPEZ CAMPAÑA, Perfecto. (dir.); CASTELLS CARAFI, Raul. (editor). *El libro del centenario del Uruguay: 1825-1925*. Imprenta Latina Ucar Blanco Hnos, Montevideu, 1925.

REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Ley nº 242 de 12 de dezembro de 1842. Disponível em: <<http://www.impo.com.uy/armandugon/02/351?carfin=352>>. Acesso em: 02 de dez. de 2021, às 14:40.

REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Ley nº 9.814 de 24 de março de 1939. Disponível em: <<https://www.impo.com.uy/bases/leyes/9814-1939>>. Acesso em: 28 de dez. de 2021, às 23:37.

REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Ley nº 9.822 de 12 de mayo de 1939. Disponível em: <<https://www.impo.com.uy/bases/leyes/9822-1939>>. Acesso 28 de dez. de 2021, às 23:30.

II - Referências Bibliográficas

- ACHUGAR, Hugo. *Planeta sem boca*. Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Humanitas, Editora UFMG, 2006.
- ALMEIDA, Silvio de. Prefácio à edição brasileira. In: DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. Veneta; 1ª edição, 31 março 2021.
- ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales nacimiento y peripecia de un nombre. *Nueva Sociedad*, n. 245, 2013.
- ANDERSON, Benedict R. O'G. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDREWS, George Reid. *Afro-Latin America (1800-2000)*. New York: Oxford University Press, 2004.
- ANDREWS, George Reid. Recordando África al inventar Uruguay: sociedades de negros en el Carnaval de Montevideo, 1865-1930. *Revista de Estudios Sociales* n. 26, abril de 2007.
- ANDREWS, George Reid. *Blackness in the white nation*. A history of Afro-Uruguay. North Carolina: Chapel Hill, 2010.
- ANDREWS, George Reid y DE LA FUENTE, Alejandro. *Estudios Afrolatinoamericanos: Una introducción*. CLACSO. Afro Latin American Researcher Institute. Harvard University. Buenos Aires, 2018.
- ARAÚJO, George Felipe Zeidan Vilela. *O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio (1917-1921)*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, enero-marzo, 2003.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Editora UFMG, 1994.
- BORUCKI, Alex. *Entre el aporte a la identidad nacional y la reivindicación de las minorías*. Apuntes sobre los afrodescendientes y la esclavitud en la historiografía uruguaya. História Unisinos, 2006.

- BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Esclavitud y trabajo: estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya, 1835-1855*. Montevideo, Pulmón, Montevideo, 2009.
- BORUCKI, Alex. *Abolicionismo y tráfico de esclavos en Montevideo tras la fundación republicana (1829-1853)*. Biblioteca Nacional, Montevideu. Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2009.
- BORUCKI, Alex. Uruguay, Historia y Afrodescendientes: apuntes tras una larga invisibilidad. In: COLL, Magdalena; LÓPEZ, Laura Álvarez. *Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil*. Stockholm University Library, 2012a.
- BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. Uruguay. Huellas e Identidades: Sitios de Memoria Afrodescendientes en Uruguay, Argentina y Paraguay. In: UNESCO (org), Tomo I. Montevideo, p.110-153, 2012b.
- BRALICH, Jorge. José Pedro Varela y la gestación de la escuela uruguaya. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, vol. 13 n. 17. Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, RUDECOLOMBIA, SHELA- HISULA, 2011, p. 43-70.
- BRITOS SERRAT, Alberto (org). *Antología de poetas negros uruguayos*. Tomo I Montevideo: Mundo Afro, 1990.
- BRITOS SERRAT, Alberto (org). *Antología de poetas negros uruguayos*. Tomo II Montevideo: Mundo Afro, 1997.
- BROWN, Lois. *Encyclopedia of The Harlem Literary Renasissance*. Facts On File, Inc, EUA, 2006.
- BUCHELI, Marisa; PORZECANSKI, Rafael. Desigualdad salarial y discriminación por raza en el mercado de trabajo uruguayo. In: SOMMA SCURO, Lucía (org). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD, 2008.
- BURGUEÑO, María Cristina. Virginia Brindis de Salas: La Voz de un 'Yo' Afro. *Negritud*, v.1, n.1, 2007.
- BURGUEÑO, María Cristina. Mario Rufini Méndez y la caricatura política en Nuestra Raza. Estudio testimonial de una rica producción cultural de los afro-uruguayos (1933-1948). In Cuaderno de Historia, número 15, Montevideo: Biblioteca Nacioal de Uruguay, 2015.

- BUSTAMANTE, Jorge. Biografías. In: ORTUÑO, Edgardo. *Invisibilizados*. Pensamiento y Arte Afrouruguayo. Casa de la cultural afrouruguaya, 2017.
- CABELLA, Wanda. Panorama de la infancia y la adolescencia en la población afrouruguaya. In: SOMMA SCURO, Lucía (org). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD, 2008.
- CAÉ, Rachel da Silveira. *Escravidão e Liberdade na construção do Estado Oriental do Uruguai (1839-1860)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. In: *Cuadernos de CLAEH*. Montevideo, n. 49, p. 85-106, 1989.
- CAETANO, Gerardo, JACOB, Raúl. *El nacimiento del terrismo (1930-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991.
- CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *Historia contemporánea del Uruguay*. De la colonia al Mercosur. Editorial Fin de Siglo, Montevideo, 1994.
- CAETANO, Gerardo; GARCÉ Adolfo. Ideas, política y nación en Uruguay del siglo XX. In: TERÁN, Oscar (org). *Ideas en el siglo: intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano*. Siglo XXI - Editores Argentina, 2004.
- CAETANO, Gerardo. Ciudadanía y nación en el Uruguay del Centenario (1910-1930). La forja de una cultura estatista. In: *Iberoamericana X*, n. 29, Montevideo, 2010.
- CAETANO, Gerardo. La reconceptualización política de la voz “democracia” en Iberoamérica antes y después de las independencias. In: *Revista de Teoría Política*, n. 1, p. 93-114, 2011.
- CAETANO, Gerardo. Historia mínima de Uruguay. Colección Historias Mínimas, El Colegio de México. Ciudad de México, 2020.
- CAETANO, Gerardo. El “Impulso republicano” del Uruguay del 900. La reforma política del “primer batllismo” (1890-1930). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p.217-250, 2021.
- CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. Tese de Doutorado, UNESP, Araraquara, 2014.

CASTRO, Fernando Vale. Pensando um continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul. Rio de Janeiro: MAUAD, 2012.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Frente Negra Brasileira. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/frente-negra-brasileira>> último acesso 23 de junho de 2022, às 16:30.

CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (orgs). *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan, 2ª ed. revisada, 2015.

CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. Amos y esclavos en las fronteras del espacio rioplatense 1835-1862. Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2007.

CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia; BORUCKI, Alex. Uruguay. In UNESCO (org). *Huellas e Identidades: Sitios de Memoria Afrodescendientes en Uruguay, Argentina y Paraguay*, 2012.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p. 199-236.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Imprensa, História, Historiografia. Algumas observações. In FERREIRA, Antônio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina (org). *O Historiador e seu tempo*. Série Encontros com a História – ANPUH. São Paulo: UNESP, 2007.

D'ALIMONTE, Roberto. Teoria das Decisões Coletivas. In BOBBIO, Noreberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Editora Universidade de Brasília, 1983.

DELGADO CULTELLI, Martín. Tribuna abierta. El Movimiento Afro-uruguayo de los años 30. La Izquierda Diario, 25 de maio de 2018.

DE LUCA, Tania Regina. A Revista do Brasil (1916-1944): Notas de Pesquisa. In: FERREIRA, Antônio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina (org). *O Historiador e seu tempo*. Série Encontros com a História – ANPUH, São Paulo: Unesp, 2007.

- DE LUCA, Tania Regina; PINSKY, Carla Bassanezi. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- DEVES VALDÉS, Eduardo. *Redes Intelectuales en América Latina. Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Colección Idea, Instituto de Estudios Avanzados. Universidad Santiago de Chile, 2007.
- DEVES VALDÉS, Eduardo. Las redes de la intelectualidad periférica entre 1920 y 1940 intento de una cartografía y de un planteamiento teórico. *Cuadernos del CILHA*, vol. 12, n. 14, 2011, p. 92-108.
- DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. Veneta; 1ª edição, 31 março 2021.
- DUTRA, Eliana de Freitas. História e culturas políticas. Definições, usos, genealogias. In: *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, dez. 2002, n.28, p. 13-28. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b56a786db43e1a02f3d0b/1462458024090/01_Dutra%2C+Eliana+R+de+Freitas.pdf.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Editora ULISSEIA limitada, Lisboa, 1961.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008
- FELL, Eve-Marie. Primeras reformulaciones: del pensamiento racista al despertar de la conciencia revolucionaria. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, vol. 2 (Emancipação do Discurso), p.577-95.

- FERREIRA, Luis. *El Movimiento Negro en Uruguay (1988-1998)*. Una versión posible. Ediciones Etnicas - Mundo Afro, Montevideo. 2003
- FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. *Representações Sociais e Práticas Políticas do Movimento Negro Paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937)*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- FREGA, Ana; CHAGAS, Karla; MONTAÑO, Óscar; STALLA, Natalia. Breve historia de los afrodescendientes en el Uruguay. In: SOMMA SCURO, Lucía (org). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD, 2008.
- FREGA, Ana; KÜHN, Fábio; BRAVO, Maria Celia; PADOIN, Maria Medianeira (orgs.). *História, regiões e fronteiras*. FACOS – UFSM, 2012.
- FREGA, Ana (coord). *Los orientales en armas*. Estudios sobre la experiencia militar en la revolución artiguista. Biblioteca Plural, Universidad de la República Uruguay, 2013.
- GALLARDO, Javier. *Ciudadanía, política e identidad nacional en Uruguay: algunos bosquejos genealógicos*. Eunomía. Revista en Cultura de la Legalidad. Madrid, 2019.
- GARCÍA MARTINEZ, Mónica. *La identidad afrodescendiente en los periódicos de Montevideo y Buenos Aires a fines del siglo XIX*. (Dissertação de Mestrado) Universidad Nacional Autónoma de México, 2014.
- GARCÍA MARTINEZ, Mónica. Autodesignaciones de las y los afrouruguayos en su prensa (1872-1952). In: *Intellèctus*, Ano XVII, n. 1, 2018a.
- GARCÍA MARTINEZ, Mónica. Mujeres afrouruguayas en el contexto del Primer Congreso Nacional de Mujeres del Uruguay 1936. Corpus - Archivos virtuales de la alteridad americana, vol. 8, n.02, 2018b.
- GARCÍA MARTINEZ, Mónica. Red internacional de intelectuales en la prensa afrouruguaya 1933-1948. *Claves. Revista de Historia*, vol. 05, n. 09. Montevideo, 2019.
- GASCUE, Álvaro. Un intento de organización política de la raza negra en Uruguay. In: *Hoy es Historia*, n. 27: Montevideo, 1988.
- GILROY, Paul. *O Atlantico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, 2001.

- GLICK, Thomas. *Darwin y el darwinismo: en el Uruguay y en América Latina*. Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de Publicaciones, Montevideo, Uruguay, 1989.
- GOLDMAN, Gustavo. El espacio afro-rioplatense : clubes de afro-descendientes bonaerenses y montevidianos en el último tercio del siglo XIX. Tesis de Maestría. Universidad de la República (Uruguay). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2015.
- GONZÁLEZ LAURINO, Carolina. *La construcción de la identidad uruguaya*. Universidad Católica, Taurus, Montevideo, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Zahar, 2020.
- GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto; PUPO-WALKER, Enrique. Historia de la literatura hispanoamericana, II. El siglo XX. Madrid: Gredos, 2006.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016
- GORTÁZAR, Alejandro. Miradas cruzadas. La emergencia de los discursos sobre el aporte “afro” en Uruguay (1925–1945). Estudios sobre la cultura afro–rioplatense. Segunda entrega de las Actas del Seminario realizado en la FHCE los días 8,9 y 10 de octubre de 2003.
- GORTÁZAR, Alejandro. La “Sociedad de Color” en el papel La Conservación y El Progresista dos semanarios de los afro-uruguayos. In: *Revista Iberoamericana*, Vol. LXXII, n. 214, 2006, p. 109-123.
- GORTÁZAR, Alejandro. ¿De qué color es la literatura (blanca) uruguaya? In: *Revista de la Biblioteca Nacional*. Montevideo, 2012.
- GORTÁZAR, Alejandro. Versiones de Ansina en la ficción uruguaya contemporánea (1993-2001). Cuadernos LIRICO, 2014.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- HALL, Stuart. *The Fateful Triangle*. Race, Ethnicity, Nation. Cambridge (Mass.). Londres, Harvard University Press, 2017.

- HALPERÍN DONGHI, Túlio. Economía y sociedad. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: América Latina Independiente, 1820-1870*. Editorial Crítica, Barcelona, 2000.
- LAMBORGHINI, Eva. *Candombe afro-uruguayo en Buenos Aires*. Nuevas formas de sociabilidad, política y apropiación del espacio público. (Tese de doutorado) Universidad de Buenos Aires en Antropología, 2015.
- LANZARO, Jorge. Os Partidos Uruguaios a transição na transição. *Opinião Pública*, vol. 9, n. 02, Campinas, 2003.
- LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana S. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 11-20.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- LYNCH, John. Las repúblicas del Río de la Plata. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: América Latina Independiente, 1820-1870*. Editorial Crítica, Barcelona, 2000.
- MAÍZ, Claudio. Las re(d)vistas latinoamericanas y las tramas culturales. Cuadernos del CILHA, vol. 12, n. 14, 2011, p. 75-91.
- MARQUES, Pâmela Marconatto; KOSBY, Marília Flôor. ANTÉNOR FIRMIN, JEAN PRICE-MARS, JACQUES ROUMAIN: Antropólogos haitianos repovoando as narrativas históricas da Antropologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 103, vol.35, 2020.
- MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, São Paulo. vol.22, n.1, 2003, p.59-79.
- MATTOS & RIOS. O pós-abolição como problema histórico balanços e perspectivas. *Revista Topoi*, vol.5, n. 08, Rio de Janeiro, 2004.
- MITRE, Antonio. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.103-121.
- MOTTA, Rodrigo P. S. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: Motta, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, v, p. 13-37.

- MYERS, Jorge. “Eu também sou América”: música, história e transculturação na obra de Ildefonso Pereda Valdés e Fernando Ortiz. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MYERS, Jorge. *Continente por definir. As ideias de América no século XX*. Editora UFMG, 2022.
- NAVÁSCUES, Javier de. Las estrategias contrarrevolucionarias en la escritura de Jacinto V. de Molina. *Philologia Hispalensis*, n. 25, p. 133-146, 2011.
- ODDONE, Juan A. A formação do Uruguai moderno (1870-1930). In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, v.5, 2002.
- OLIVA, María Elena. Intelectuales afrodescendientes: apuntes para una genealogía en América Latina. *Tabula Rasa*. Colombia, n. 27, p. 45-65, 2017.
- OLIVA, María Elena. Solidaridad racial para la lucha colectiva. Los textos en prensa del intelectual afrouruguayo Isabelino José Gares. *Claves. Revista de Historia*, vol. 05, n. 09. Montevideo, 2019.
- OLIVA, María Elena. Más acá de la negritud: negrismo y negredumbre como categorías de reconocimiento en la primera mitad del siglo XX latinoamericano. *Revista CS*, n. 30, p. 47-72, 2020.
- OLIVA, María Elena. Para uma dimensão diaspórica dos contrapúblicos afrodescendentes. Nuestra Raza y Adelante no mapa da imprensa negra/afro na América Latina. *Revista de Literatura Chilena*. Versão online, n.105, mayo de 2022.
- OLIVEIRA DA SILVA, Fernanda. Os conrazeanos do Centro Uruguay: as estratégias políticas a partir da sociabilidade negra no pós-abolição uruguaio. *Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015.
- OLIVEIRA DA SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960)*. (Dissertação de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- OLIVEIRA DA SILVA, Fernanda Oliveira. Hombres de color e os significados da liberdade negra contribuições à história do pós-abolição no Uruguai. *Escravidão e Liberdade nas Américas*, vol. 32, n. 66, 2019.
- PACHECO, Roberto. Bibliografia afro-rioplatense (1999-2003): invisible, pero no olvidada. In: Goldman, Gustavo (Comp.). *Cultura y sociedad afro-rioplatense*. Montevideo: Perro Andaluz Ediciones, 2008. p. 11-45.

- PALERMO, Eduardo. *Terra brasiliensis: La región histórica del Norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX- 1850-1900*. (Tese de Doutorado) Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil, 2017.
- PALERMO, Eduardo. Prensa y política afro uruguaya: Nuestra Raza y el Partido Autóctono Negro – Primera mitad del siglo XX. *Revista Prâksis*, n. 1, p. 07–31, 2019.
- PEREDA VALDÉS, Ildefonso. El negro en el Uruguay. Pasado y presente. Montevideo: *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*, XXV, 1965.
- PIMENTA, João Paulo G. Província Oriental, Cisplatina, Uruguai: elementos para uma história da identidade oriental (1808-1828). In: MÄDER, Maria Elisa e PAMPLONA, Marco. A. (org). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PITA, Alexandra e GRILLO, María del Carmen. Revistas culturales y redes intelectuales: una aproximación metodológica. *Temas De Nuestra América. Revista De Estudios Latinoamericanos*, vol.29, n.54, p. 177-194, 2014.
- PITA GONZÁLES, Alexandra. Redes intelectuales transnacionales en América Latina durante la entreguerra. Colima: Universidad de Colima; Ciudad de México: Miguel Ángel Porruá, 2016. (Introducción, p. 5-23).
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PLANAS, Javier. *Libros, lectores y sociabilidad de lectura*. Una historia de los orígenes de las bibliotecas populares en la Argentina. Colección Scripta Manent, Buenos Aires, 2017.
- PORZECANSKI, Teresa; SANTOS, Beatriz. *Historias de exclusión*. Afrodescendientes en el Uruguay. Ediciones Linardi y Risso, Montevideú, 2006.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMA, Carlos Manuel. Los Afro-uruguayos. In: *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 11, 1968. p. 53-109.

- REIS, Mateus Fávaro. *Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- RÉMOND, René. Uma História presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.13-36.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanamérica*, año 33, n. 99, 2004, p. 3-19.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, (1ª. edição: 1900).
- RODÓ, José Enrique. Ibero-América. In: BELLOTTO, Manoel Lelo; CORRÊA, Anna Maria Martinez (orgs.). *América Latina de colonização espanhola: antologia de textos históricos*. São Paulo: Hucitec: EDUSP, 1979, p. 217-218.
- RODRÍGUEZ, Hernán. *Revolviendo los escombros del pasado*. Usos del pasado e identidad en el discurso de los letrados negros de Montevideo (1872-1901). Tesis de maestría. Universidad de la República (Uruguay). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2018.
- RODRÍGUEZ, Hernán. Memoria e identidad en el relato histórico de los intelectuales afrouuguayos del Centenario (1925-1930). *Claves. Revista de Historia*. Universidad de la República, Uruguay, 2019.
- RUDOLF, Susana; DIAZ, Amanda; RICARTE, Carolina; RORRA, Óscar. Las vivencias de la discriminación en la población afrodescendiente uruguaya. In: SOMMA SCURO, Lucía (org). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD, 2008.
- SAID, Edward W. Representações do intelectual. As Conferências Reiht de 1993, p. 19-36.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org). *Malhas que os impérios tecem*. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Edições 70, Lda, Lisboa, 2011.
- SANSÓN, Tomás. *La construcción de la nacionalidad oriental*. Estudios de historiografía colonial. Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 2006.

- SANTOMAURO, Jessica. Ciudadania, política e cultura afro-uruguaia: a revista Nuestra Raza. *Revista ANIMA*, Ano V, n.6, 2019.
- SANTOS, José Antônio. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una practica. *Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SECRETO, María Verónica. *Negros em Buenos Aires*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2013.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.231-270.
- SCURO SOMMA, Lucía (org). Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay. Montevideo: PNUD, 2008.
- SOTERO, Edilza Correia. *Representação Política Negra no Brasil Pós-Estado Novo*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP), 2015.
- TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Random House: New York, 1978.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TOLENTINO, Thiago Lenine Tito. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- TORRES, María Inés de. Discursos fundacionales: nación y ciudadanía. In: ACHUGAR, Hugo y MORAÑA, Mabel. *Uruguay: imaginários culturais. Desde las huellas indígenas a la modernidad*. Ediciones Trice, Uruguay, Montevideo, 2000.
- TORRES, María Inés de. Territorios en disputa: prensa, literatura y política en la modernidad rioplatense. Programa de Desarrollo Académico de la Información y la Comunicación (PRODIC) - Facultad de Información y Comunicación (FIC), Universidad de la República, 2017.

- TRIGO, Abril. *Caudillo, Estado, Nación*. Literatura, Historia e Ideología en el Uruguay. Ediciones Hispamérica, 1990.
- TRIGO, Abril. La república de los sentimientos: la sensibilidad romántica al servicio de la imaginación nacional. In: ACHUGAR, Hugo y MORAÑA, Mabel. *Uruguay: imaginários culturais*. Desde las huellas indígenas a la modernidad. Ediciones Trice, Uruguay, Montevideo, 2000.
- VALENZUELA, M. F. Negrismo y transculturación en la obra de Nicolás Guillén. VIII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria, 7 al 9 de mayo de 2012, La Plata.
- VIDAL COSTA, Adriane. Intelectuais, política e literatura na América Latina. Debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Marquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013.
- VIDAL COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio (orgs). Nas tramas da “cidade letrada”. Sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Editora Fino Traço, Brasil, 2018.
- VILLAÇA, Mariana. O semanário Marcha, Carlos Quijano e a configuração de um circuito cultural de resistência no Uruguai (anos 1960-70), Revista Hydra, vol. 2, n. 3, junho de 2017.
- VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho (orgs). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. Laboratório de Estudos de História das Américas (Leha). Programa de História Social - USP, 2015.
- VIQUEIRA, Rodrigo. Diálogos y tensiones entre negrismo y negritud: Ildefonso Pereda Valdés y los letrados afrouuguayos de La Vanguardia. In: Horizontes críticos sobre afrodescendencia en el Uruguay contemporáneo. Primera Jornada Académica sobre Afrodescendencia, Ministerio de Desarrollo Social, Montevideo, 2016, p. 127-137.
- WADE, Peter. *Raza y etnicidad en Latinomaérica*. Ediciones Abya-Yala, 2000.
- WADE, Peter. Población negra y la cuestión identitaria en América Latina. *Universitas Humanística*, n. 65, p.117-137, Colômbia, 2008.
- WILLIAMSON, Edwin. *História da América Latina*. Lisboa: Edições 70, 2012.

YOUNG, Caroll Mills. From Voicelessness to Voice: Womanist Writers of the Black Uruguayan Press. Afro-Hispanic Riview, Department of Spanish and Portuguese at Vanderbilt University in Nashville, Tennessee, 2004.

ZUM FELDE, Alberto. Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura. Montevideo: 1930

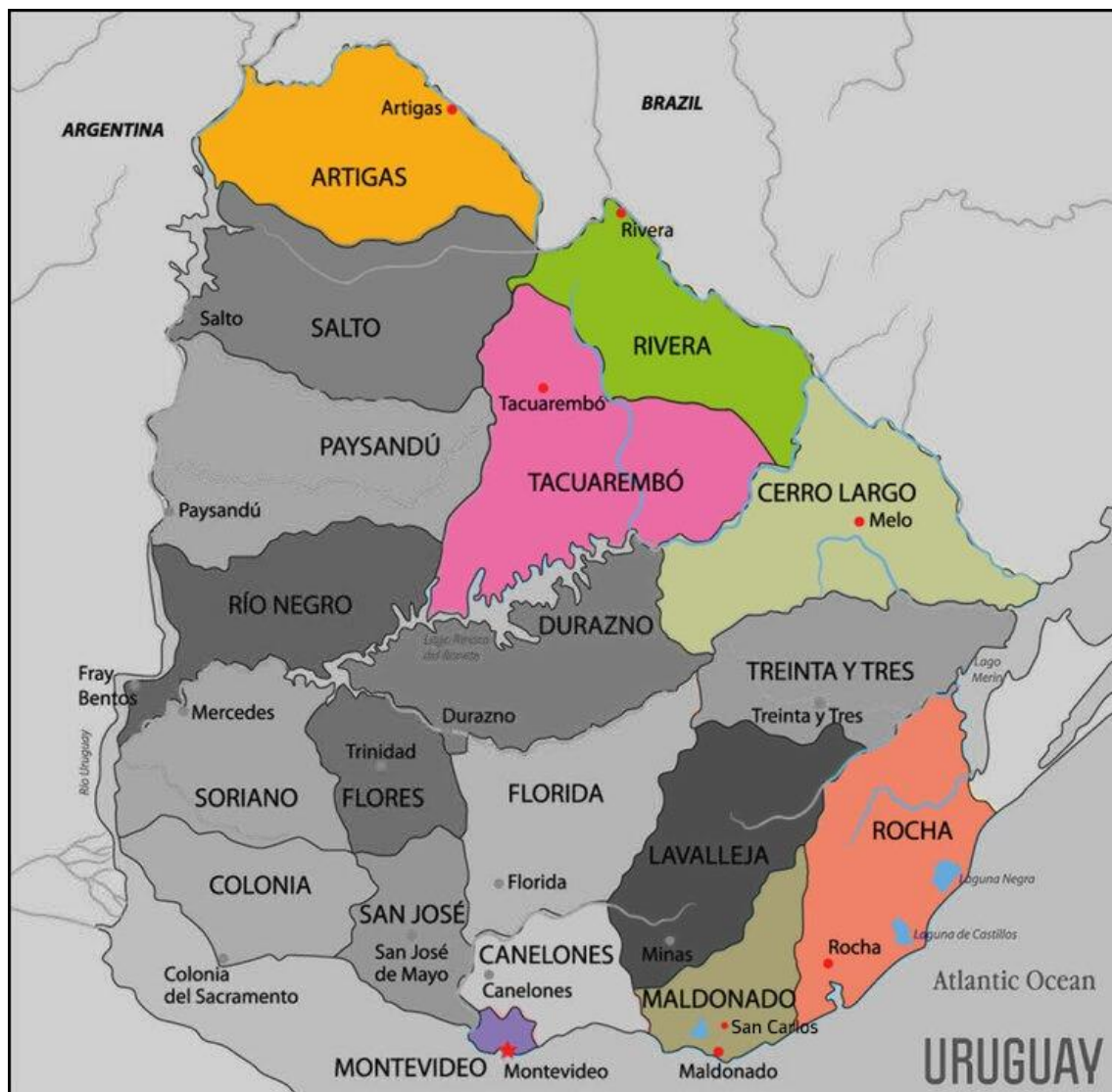
III. Outras referências

Entrevista de Jorge Bustamante ao Museo Histórico Cabildo de Montevideo, realizada entre maio e novembro de 2017, disponível em:

<<https://cabildo.montevideo.gub.uy/exposiciones/afrodescendientes-pasado-y-presente-de-la-comunidad-negra-en-uruguay-mayo-noviembre>>. Último acesso 02/02/22, às 18:30.

MAPA

Mapa 01



Mapa com destaque para as cidades que se comunicavam com o grupo envolvido com o projeto *Nuestra Raza* mais citadas ao longo da dissertação.

Fonte: Mapa retirado do site <www.uruguai.net/mapas> colorizado e adaptado pela autora.

ANEXOS

ANEXO 01

12 **NUESTRA RAZA**

NOTAS SOCIALES

por SELVA

Los bailes del 'Cervantes'

Cinco fueron los bailes realizados por el prestigioso centro social «Cervantes», que en estas carnestolendas ha batido un verdadero «record», cuyos esfuerzos se vieron premiados por una enorme afluencia de público que concurrió a todas las ailes con inusitado entusiasmo.

Entre las personas asistentes pudimos distinguir a las siguientes:

Sras: Esmeralda Olivera de Peña, Rafaela Suarez de Peña, Pocha Ocampo de Benavidez, Lorenza Barrios de Nuñez, Laura N. de Fernández, María Ester Martirena, Erilia A. de Beracochea, Isabel Silveira de Montero, Cruz A. de Larrauz, Mercedes S. de Coronel, Orfilia I. de Cabral, Rufina C. de Moran, Coribia Escalada, Juana P. de Chanozo, Carmen S. de Liñan, Vitalina P. de Leites, Felipa Rocha; Stas, Sasa Collado Aguirre, Isabelita Liñan, Iris Cabral, Marta Olivera, Maxima Barboza, Irma Silva, María Ester Balin, Paula Liñan, Berónica Sosa, Lucila Nuñez, Marta Sosa, Eugenia Silva, María E. Varela, Maruja Pereyra, María Fernández, María Luisa Larrauz, Delia Oliveira, Marieta Cabral, Araceli Martinez, Juana P. Pereira, Dora Beracochea.

Centro "Nobleza Gaucha"

Este centro social que hacía algún tiempo que permanecía inactivo, realizó el día sábado 16 una tertulia amiliar de disfras y particular, que como los del «Cervantes» constituyó un gran éxito de público. Una excelente orquesta amenizó el acto, bailándose con entusiasmo hasta las 12 del día siguiente.

REUNIONES

En el domicilio de los esposos Aguilar Silva se realizó el martes 17 de carnaval un recibo con motivo de un asalto de mascarar. Asistieron las señoras Venancia M. de Macueto, Tula L. de Barboza, María A. Tuala de Simonds, las señoritas Filomena y Clotilde Barboza, María

Esther Sanchez, Elsa Mosquera, María Josefina y María del Pilar Aguilar, Martita Andró, Gladys Simonds, y los jóvenes Manuel Ignacio García López, Rodolfo Golfarini Rondeau, Mario y Julio Arismendi y Carlos Pedro Simonds. La concurrencia fué agasajada por los esposos Silva Aguilar y sus señoritas hijas.

—El día 10 del corriente en su residencia de la calle Canelones la señorita Chichita Albin Pintos ofreció una comida en honor de los esposos Del Torrente, que resultó una lucida reunión.

Cumplió años, Maruja

Con motivo de ser el día 10 del corriente el onomástico de la interesante señorita Muruja Pereyra, un grupo de señoritas y caballeros, pasaron a felicitarla a su domicilio de la calle Minessota. Entre los asistentes vimos a las Sras, Vitalina P. de Leites, Eusebia P. de García Rondeau, Candelaria Fernández, Edelma Leites, Teresa R. de Suárez y Mercedes Olmedo; Stas. Ester García, Angélica Pardo, Aída Gómez, María Lagos Pereyra, María Salomé Lagos, Ester Cardozo, Estela García, Petrona y Clotilde Palacio, Marta Leites, Juana I. Silva, Maruja Pereira y Eugenia Silva; caballeros: Julián García Rondeau, José I. Gares, Elemo y Gilberto Cabral, Pilar, Feliciano y Ventura Barrios, Arnoldo Cardozo. Los concurrentes fueron finamente cumplimentados por la exquisita Maruja.

VIAJEROS

—Parte para la vecina orilla lugar de su residencia la señora Esther de Del Torrente a quien acompañará la señorita Chichita Albin Pintos.

—Regresó de Cerro Largo el joven José Carlos Sosa.

ENFERMOS

Con el más halagüeño de los éxitos fueron sometidos a una delicada intervención quirúrgica en la sala de Ginecología del H. P. Rosell, y Sanatorio Español respetivamente

la señora María Elena N. de Ocampo y el Sr. Felipe López.

—Desde hace algunos días se encuentra enferma de algún cuidado la señora Carmen S. de Ocampo. Hacemos votos por su pronta mejoría.

MALDONADO

RUMOR DE CUNA

Noticias que nos llegan de Punta del Este, nos hacen saber que el hogar de los esposos García ha sido alegrado con la llegada de un hermoso bebe, el 25 del mes pasado.

Nuestras felicitaciones.

VIAJEROS

Estuvo por la capital por razones de salud el Sr. Orosmán Monegal y su Sta. hermana Rosa Monegal.

—Procedente de Montevideo se encuentra en la playa «Las Delicias» el Sr. Arturo W. Rodríguez; del mismo punto estuvo en esta varios días la Sta. Amanda Santos.

—Por Montevideo estuvo la Sta. María Vicenta Rodríguez; Se encuentra en esta procedente de la Capital la Sta. Odulía Rocha. Del mismo punto estuvo en esta la Sta. Maruja Mileo. Estuvieron en Montevideo por razones de salud las Sras. G. de Mileo y María G. de Sanchez.

Corresponsal.

Maldonado 12 de Marzo de 1935.

MINAS

BAILES

Efectuase el día 2 del corriente en los salones «Altos del Mercado Gral. Lavalleja» cedidos gentilmente por el señor intendente Escribano Solano Amilivia, un baile de carácter social, con motivo de iniciarse las fiestas de Carnaval, organizado por un grupo entusiasta de señores de esta localidad, acto que cobró caracteres de gran brillantéz, bailándose con mucha animación lo mismo que se jugó con papeletos y serpentinas en gran cantidad; para robustecer lo expuesto basta solo decir que se bailó hasta pasadas las cinco de la madrugada, habiéndose hecho los honores a un bien servido bufet.

ONOMASTICOS

El 17 cumplió años la jovencita Lidia Trias Correa.

—El 1.º del corriente cumplió años la niña Nélida Eudoxia Acuña Barrera, motivo por el cual se vió rodeada de sus amiguitas que fueron a saludarla, recibiendo muchos regalos.

ENFERMOS

Mejorado el joven Oscar Amaral.

Corresponsal

Minas Marzo de 1935.

"Provisión Podestá" — DE —

Marcos Podestá

ARTICULOS DE CALIDAD- PRECIOS SIN COMPETENCIA

CARLOS DE LA VEGA 4161

Exemplo de coluna social. Detalhe para as notícias do interior do país, algo comum nessa coluna.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 20, año II, mar. de 1935, p. 12.

ANEXO 02

NUESTRA RAZA •

rios: Caballeros \$ 0.80. Damas 0.20.
Locomoción: Tranvías 18 y 23 Omnibus 187 y 188, en Garibaldi y Cusapirú, 102 y 191 dejan en la puerta.

L I C E N C I A S

Totalmente restablecida se ha reintegrado a la Comisión de Damas para ocupar su cargo de Presidenta la señora Eurora M. de Ibáñez.

—Se encuentra en uso de licencia nuestro Presidente señor Rosa de los Santos, desempeñando interinamente su puesto el señor Manuel Núñez.

V I A J E R O S

Luego de una breve estadía, regresaron de la ciudad de Melo el señor Rosa de los Santos y su esposa señora María V. de los Santos

La Directiva.

S O C I A L E S

LAS QUE TRIUNFAN

Han visto premiados sus constantes esfuerzos, obteniendo el Diploma de Profesoras de Corte y Confección las señoritas María Luz Santos Macedo y Glesy Díaz Santos.

—El 20 de Febrero rindió exámenes de Liceo, ascendiendo de 2.º a 3er. año la señorita María del C. Macedo. Nuestras felicitaciones.

BAILES DE CARNAVAL

Con el mejor de los éxitos clausuraron sus festivales bailables que en homenaje a Momo realizaron en la temporada, los centro «Uruguay», «18 de Mayo» y «Vanguardia».

VIAJEROS

Procedente de Rocha nos visitó días pasados el director de nuestro colega «La Democracia», señor Eusebio Villalba.

—Fué nuestro huésped procedente de Melo el señor Juan Carlos Martínez.

—Con motivo de la Semana de Turismo visitaran la ciudad de San José los señores Israel García y Anselmo I. García. — Por la ciudad de Melo los jóvenes Pedro Coles y Hugo Pérez.

V A R I A S

El 12 del corriente festejó su día onomástico la señorita María Esther Amaro.

—El 21 de Marzo cumplió años la señora Mariana C. de González.

—El 1.º del mes en curso fué bautizado el niño Eduardo Santos Macedo.

—Luego de someterse a una intervención quirúrgica, abandonó el H. Italiano reintegrándose a los suyos la señorita María del Pilar Barrios.

—Mejora sensiblemente de la dolencia que la aqueja la Sra. Felina Díaz.

AGRADECIMIENTO

Los deudos de Petrona Gutiérrez de González agradecen las manifestaciones de condolencias recibidas con motivo de su reciente duelo.

NECROLOGICAS

El 22 del corriente mes falleció la señora Vicenta Macedo de Silvera.

—En el Dpto de Rocha donde residía desde hace muchos años, falleció el señor Teodoro Rocha.

†

Carolina Alegre

(Q. E. P. D.)

Falleció el 12 de Febrero de 1942

Sus deudos invitan para a sus relaciones para la Misa que en sufragio del alma de dicha finada, se efectuará el día 12 de Abril a las 8 y 30 de la mañana en la Cripta de María Auxiliadora (Talleres Don Bosco).

Exemplo de coluna social. Detalhe para as notícias do interior do país.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 139, año XI, março de 1945, p. 11.

ANEXO 03

NUESTRA RAZA

Poética

Fue una estrella

Sobre los escaños de piedras grisáceas
Que el Hum, perezoso, a salpicar viniera;
Contemplando absortos la suave corriente:
Unidas las manos, la noche nos viera.

Tus manos temblaban en caricias prietas:
Mi ojos surcaban esperanzas nuevas.
Y al suave murmullo de la brisa inquieta
Fué a unirse el murmullo de un beso... ¿recuerdas?

Una estrella errante desgranó el rosario
De sus perlas blancas sobre el manto opaco
De su Melancólica Magestad la Noche.

Así fué tu beso: estrella perdida
Que quemó mis labios con el ansia viva
De vivir por siempre prendida en su broche.

IRICA B. PEREZ

Mercedes, Setiembre de 1939.

Madre Primavera

Has vuelto, Primavera, trayendo en sus alforjas
a más de una esperanza, cantos, luz y color,
y has estampado en todos los seres y las cosas
con materno cariño un gran beso de amor.

Has vuelto, Primavera, y a tu influjo el paisaje
cobra el máximo encanto de sus días de esplendor,
y la brisa transmite por doquier el mensaje
perfumado y bullente de la campiña en flor.

Y musitan los ríos, espigan los trigales
disminuyen los vientos sus locas carreras
y la verde alfombra de los pastizales
puebla las cuchillas, bajíos y laderas.

Desde el mar a la selva, del valle a las colinas,
fluctúa una sinfonía, deliciosa, sin par,
posan cielos y soles en las aguas tranquilas
y el espacio se inunda de un intenso vibrar.

Madre Primavera; a tu influjo la tierra,
se llena de cantos, de luces y color;
solo no has conseguido apagar de la guerra
que ensombrece el espíritu el trágico rumor.

P. E. B.

Montevideo, Nov. 1939.

Invitación a negrita

Ponte presto,
tu traje de colores, mi negrita/
Mi negrita,
tu sabes
que Momo es un viejo vesánico sensual
que tiene su corazón en ritmo de candombe
y que pide
y le dan
y nunca está contento.
Ponte presto,
tu traje de colores, mi negrita!
Tu debes reir, reirte mucho.
Me enerva el triunfo de tu cuerpo
estatua de carne
flor de vida!
Es inefable
la escala musical de tu risa.
Suenan el tam tam, mi negrita/
Ponte presto tu traje de colores,
jungla de tu pelo,
corazón de tus labios,
noche tropical de tus ojos
misteriosos y quemantes...
Cocos de tus senos!..
Quisiera un selvático escenario
y danzando gozar
en el triunfo de tu danza...!

CARLOS CARDOZO FERREIRA

Glosa a la Carreta

Dedicado a Luis Bousero

Para el duro transporte
te hicieron,
carreta;
por eso es tan ancha
tu caja,
y tan grande tu rueda

Para el rudo camino
de antaño;
por eso son tan rústicos
tus ejes;
y tan duras tus llantas

Para durar decenios
te forjaron;
por eso te encontramos
todavía,
como un pedazo noble
del pasado.

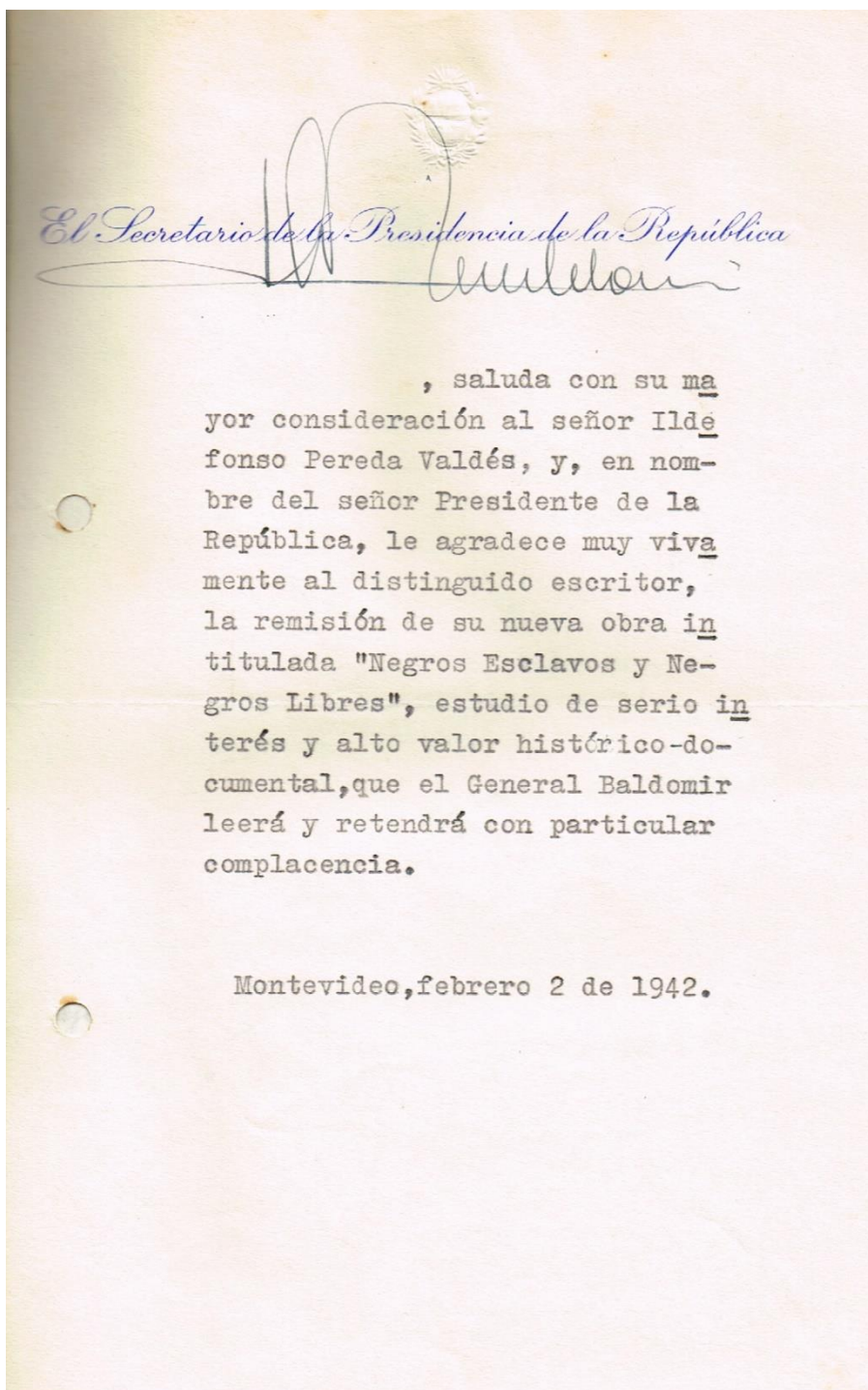
Para rodar larguísimos caminos
¡tan largos...!
que una vez se ahuecó el horizonte
para cederte paso!

MARCOS

Exemplo de trecho com os poemas. Mesmo que o formato não fosse sempre esse, a revista sempre dedicava um espaço para poemas, contos, crônicas, etc.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 75, año VII, nov. de 1939, p. 9.

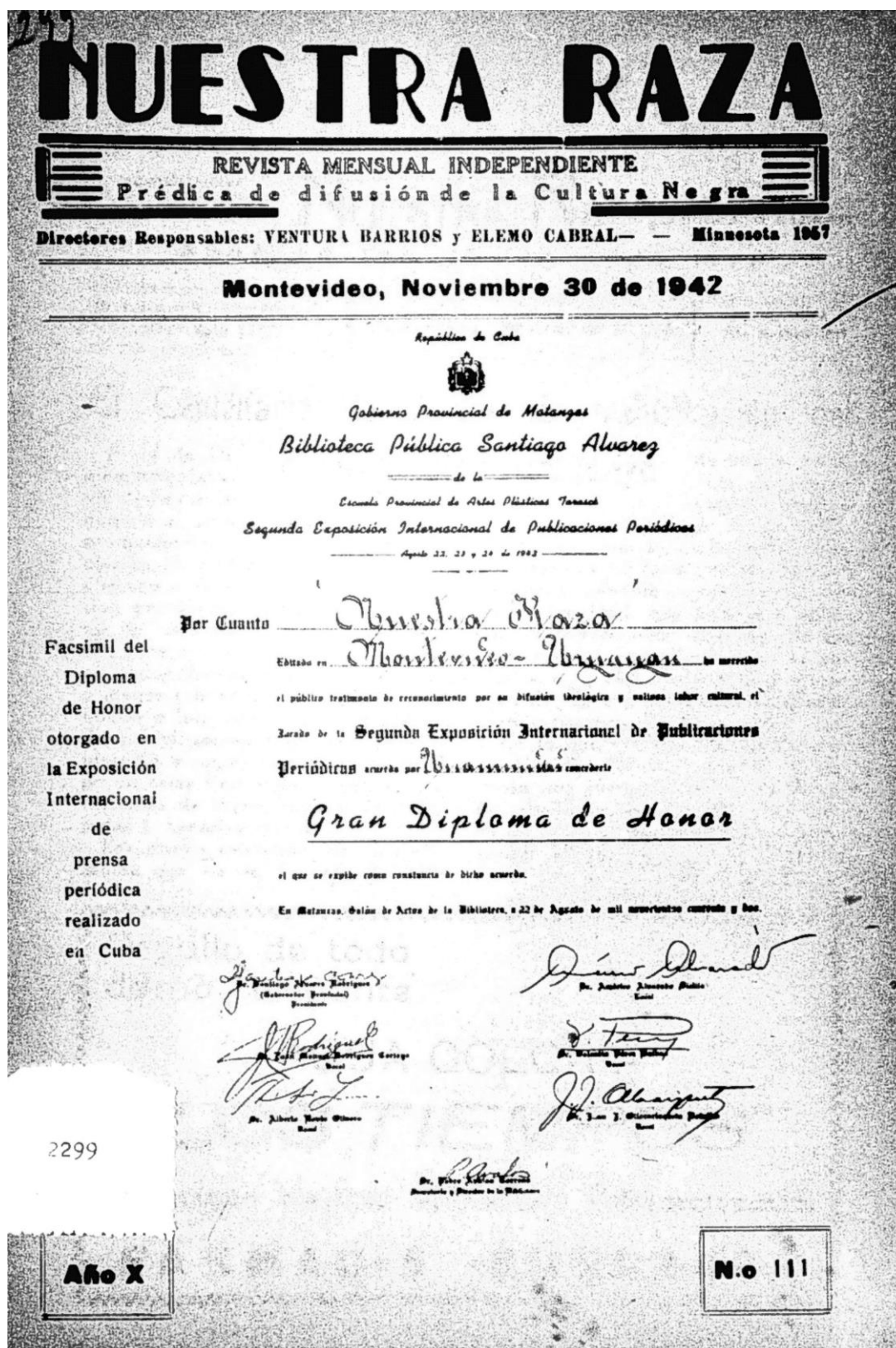
ANEXO 04



Carta do Secretário do Presidente da República solicitando um exemplar de “Negros esclavos y negros libres” para a leitura do então presidente Gral. Alfredo Baldomir. Montevideú, Uruguai.

Fonte: Site Anáforas. Facultad de Información y Comunicación – Instituto de Comunicación. BIBLIOTECA DIGITAL DE AUTORES URUGUAYOS: Pereda Valdés, Ildefonso.

ANEXO 05



Capa da revista *Nuestra Raza* exibindo o Diploma de Honra pela *Exposición Internacional de prensa periódica* realizada em Cuba, em 1942.

Fonte: Revista *Nuestra Raza*, n. 111, año X, novembro de 1942, capa.